



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LOURENÇO PASSERI LAVRADO DA SILVA MOREIRA

**A CORPORAÇÃO COSAN E A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO EM TORNO
DE SUA USINA DE ETANOL EM JATAÍ, GOIÁS (2007-2012)**

RIO DE JANEIRO
2013

LOURENÇO PASSERI LAVRADO DA SILVA MOREIRA

**A CORPORAÇÃO COSAN E A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO EM TORNO
DE SUA USINA DE ETANOL EM JATAÍ, GOIÁS (2007-2012)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Geografia

Orientadora: Júlia Adão Bernardes

RIO DE JANEIRO
2013

M838 Moreira, Lourenço Passeri L. da Silva.

A Corporação Cosan e a Conquista de um Território em Torno de sua Usina de Etanol em Jataí, Goiás (2007-2012) / Lourenço Passeri Lavrado da Silva Moreira. -- 2013.

204 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Geociências, Rio de Janeiro, 1988.

Orientadora: Julia Adão Bernardes

1. Corporação Cosan. 2. Conquista de território. 3. Geografia – Teses.

I. Bernardes, Júlia Adão (Orient.). II.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Geografia. III. Título.

CDD: 333.3

LOURENÇO PASSERI LAVRADO DA SILVA MOREIRA

**A CORPORAÇÃO COSAN E A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO EM TORNO
DE SUA USINA DE ETANOL EM JATAÍ, GOIÁS (2007-2012)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Geografia

Aprovada em: 08 de julho de 2013

Prof. Dra. Júlia Adão Bernardes
Geografia UFRJ

Prof. Dr. Dimas Moraes Peixinho
Geografia UFG – Jataí

Prof. Dr. Cláudio Antônio Gonçalves Egler
Geografia UFRJ

RIO DE JANEIRO
2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Marcos, pela insistência em me trazer para a terra mesmo nos momentos em que eu mais resistia. A ele devo boa parte do mérito dessa dissertação, e sem ele tudo isso seria bem mais difícil, mal escrito e desproporcionalmente abstrato.

À minha querida Nina, pela ajuda direta nesse meu trabalho, sobretudo no momento final de formatação – muito desesperador. Tenho a sorte de contar com sua companhia e com seu carinho.

Aos amigos da Universidade Federal de Goiás – UFG - Campus Jataí –, por me terem dado preciosas contribuições com toda a generosidade.

À minha orientadora, professora Júlia Adão, por me dar incentivo e liberdade na pesquisa, e por apostar em mim. Os recursos do laboratório de pesquisa NUCLAMB (Núcleo de Estudos Geoambientais) – coordenado pela professora Júlia – foram indispensáveis para que eu elaborasse os mapas que ora apresento. Além disso, sou membro do NUCLAMB desde 2009, e nesse laboratório participei de cursos, projetos de pesquisa, discussões e apresentações que me fizeram amadurecer como estudioso. Agradeço aos que passaram pelo NUCLAMB, e aos que o permanecem frequentando, por contribuírem de alguma forma para esse meu amadurecimento.

À Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que me foi concedida ao longo dos 2 anos do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ (PPGG – UFRJ), pela ajuda de custo para as pesquisas de campo em Jataí e vizinhança. Agradeço aos professores do PPGG que participaram de meu mestrado, e à Ana Beatriz, da secretaria, pelos esclarecimentos sobre os procedimentos formais que eu deveria seguir ao longo do curso.

RESUMO

MOREIRA, Lourenço Passeri Lavrado da Silva. A corporação Cosan e a conquista de um território em torno de sua usina de etanol em Jataí, Goiás (2007-2012). Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

No Brasil, a expansão de canaviais e usinas de transformação da cana já atravessou diversos períodos. Principalmente a partir de 2008, houve forte tendência de novas usinas se instalarem no Centro-Oeste, sobretudo no estado de Goiás. Os agentes que comandam esse processo de expansão são grandes corporações, entre as quais a Cosan é líder no setor sucroenergético. No início de 2007, a Cosan anunciou um projeto de construir três novas usinas no sudoeste de Goiás. Até março de 2013, porém, somente uma dessas usinas havia saído do papel, a filial de Jataí (GO) – que entrou em funcionamento em fins de 2009. Nesta dissertação, propus-me a entender como se estabeleceram as relações de poder necessárias à implantação e ao funcionamento da usina. Com esse fim, estudei as origens da Cosan e a expansão de seus negócios, e concluí que a companhia ocupa uma posição de alta hegemonia no setor. No último capítulo, eu me ative ao estudo das relações de poder em torno da usina em Jataí, incluindo: projeto e a seleção do local da usina; a implantação da usina; as relações de trabalho em três departamentos; a produção na usina; tipos de relações com proprietários de terra; as disputas pelo uso do solo com outros setores e com usinas concorrentes do mesmo setor; o discurso da Cosan diante de seus *stakeholders* para validar suas ações na região; e a gestão central dos circuitos lavouras-usina. Concluí que os circuitos em torno dessa usina configuravam verdadeiros territórios em rede em cujo centro estavam a usina e o usineiro, que controlava uma área de canaviais para abastecê-la. Portanto a conquista desse território somente foi possível graças a uma trama complexa de relações de poder.

Palavras-chave: corporação, Cosan, território, expansão, cana.

ABSTRACT

MOREIRA, Lourenço Passeri Lavrado da Silva. A corporação Cosan e a conquista de um território em torno de sua usina de etanol em Jataí, Goiás (2007-2012). Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

In Brazil, the expansion of sugar cane plantations and sugarcane processing plants has gone through several different periods. Mostly from 2008 on, there was a strong tendency to install new plants (*greenfields*) in the Midwest, especially in the State of Goiás. The agents which command this expansion process are big corporations, among which Cosan is leader in the sugar-energy sector. In early 2007, Cosan announced a project to build three new plants in southwestern Goiás. Until March 2013, however, only one of these plants had come out of the paper, the subsidiary of Jataí (Goiás) - which came into operation in late 2009. I set out to understand how the power relations necessary for the implantation and the working of the plant were established. To this end, I studied the origins of Cosan and the expansion of their business, and I concluded that the company occupies a high hegemony position in the sector. In the last chapter, I concentrated myself in the study of the power relations around the plant, including: project and site selection; settlement of the plant; labor relations in three departments; production at the plant; types of relationships with landowners; land-use disputes with other sectors and with competitors of the same industry; Cosan's reproduction of ideas expressed in its speech to its stakeholders in order to validate their actions in the region; and the central management of plantations-plant circuits. I concluded that the circuits around this power plant configured real network territory whose centre was the power plant and the plant manager, which controlled an area of plantations to supply it. Therefore the conquest of that territory was only possible thanks to a complex web of power relations.

Keywords: corporation, Cosan, territory, expansion, sugar cane.

LISTA DE FIGURAS

Figuras

1. Regiões com restrições à expansão canavieira, e indústrias por tipo de produção, no Brasil, em 2012	32
2. Variação da área plantada de cana por município, de 2003/04 a 2012/13, com destaque para o estado de Goiás e para o município de Jataí.....	34
3. Organograma genérico das principais companhias subsidiárias Grupo Cosan, em 18 de janeiro de 2013.....	56
4. Plataforma de operações da Rumo em São Paulo, em novembro de 2012	58
5. Esquema genérico das relações entre agentes na produção, distribuição, troca e consumo de etanol, açúcar e energia elétrica	70
6. Esquema da produção e distribuição de combustíveis pela Raízen, relativo à safra 2011/12	73
7. Situação dos três projetos da Cosan Centroeste e estradas de ligação entre os três	86
8. Técnica digital usada pela da Radar para avaliar o potencial de valorização de terras no Brasil	89
9. Mapa-síntese do ZAE Cana em Goiás com destaque para os municípios de Jataí e vizinhança	94
10. Fotografia aérea do parque industrial Cosan/Jataí em implantação	100
11. Usina Cosan/Raízen de Jataí em funcionamento.....	117
12. Lotes com canaviais controlados pela Cosan novembro de 2010, em Jataí.....	128
13. Terras controladas pela Cosan/Raízen em Jataí e vizinhança, em dezembro de 2012.....	138
14. Fábrica da Perdigão em Rio Verde e “região-satélite” de módulos aviários	141
15. Canaviais próximos à usina Raízen/Jataí, nas safras 2008/9 e 2012/13	144
16. Uso do solo em 2006 no entorno próximo à planta da usina em Jataí.....	148
17. Uso e ocupação do solo no círculo de 25 km da usina Cosan/Jataí, em maio de 2009.....	151
18. Propriedades controladas pela Cosan em novembro de 2010.....	157
19. Usinas que potencialmente competiam ou competiriam por terras para o cultivo de cana, com destaque para a usina Cosan/Jataí, findo o ano de 2009.....	162
20. <i>Outdoor</i> com <i>slogan</i> da Cosan, próximo à usina em Jataí, na época da implantação.....	172
21. Propagandas da Raízen publicadas na Folha do Sudoeste, em 28 mai. 2012, e em 22 out. 2012 (da esquerda para a direita).....	176
22. Centros de comando do território em torno da usina em Jataí, sob controle da Cosan/Raízen	183

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos

1. Variação da área colhida e do rendimento, dos canaviais, no Brasil: 1933-2011	23
2. Variação da área plantada de cana, no Brasil e em suas grandes regiões: 1990-2011	24
3. Variação da área plantada de cana, no Centro-Oeste: 1990-2012	25
4. Parcela de cana-de-açúcar destinada à produção de açúcar e de álcool, no Brasil: safras 2005/06 - 2012/13.....	26
5. Energia elétrica derivada do bagaço de cana exportada para a rede elétrica, no Brasil: 2005 - 2011 ..	26
6. Número de novos veículos automotivos licenciados, por tipo de combustível: 1979 - 2011	27
7. Produção de açúcar em 7 estados do Brasil: safras 2003/04 - 2011/12	28
8. Produção de etanol em 6 estados do Brasil: safras 2003/04 - 2011/12	28
9. Variação prevista da área plantada de produtos agrícolas, no Brasil: safras 2011/12 - 2021/22	29
10. Aumento previsto da área colhida de cana destinada ao açúcar e ao etanol, da área evitada e da produtividade dos canaviais, no Brasil: 2011- 2021	30
11. Comércio futuro, em potencial, de energia elétrica proveniente do bagaço de cana, no Brasil: 2012 - 2021	31
12. Aumento previsto da área plantada de cana em, 3 estados do Brasil : 2011/12 - 2021/22	33
13. Receita líquida da Cosan S.A. nos terceiros trimestres fiscais de 2012 e 2013	56
14. Maiores moagens do Centro-Sul, por empresas: safras 2004/5 e 2009/10	63
15. Participação de empresas na moagem de cana no Brasil: safra 2011/12	64
16. Participação de empresas controladas por acionistas estrangeiros na capacidade de processamento de cana do Brasil: 2008-2011, e estimativa para 2020	65
17. Variação da moagem da Cosan, real e prevista, entre os anos fiscais de 2001 e 2017	77
18. Previsão de investimentos e de moagem da Raízen Energia, até a safra 2016/17	84
19. Áreas de alta aptidão (A1), de média aptidão (Me) e inaptas (In), para a cana-de-açúcar, segundo o ZAC (2009), por escalas regionais	92
20. Distribuição das áreas aptas em Jataí e Vizinhança	93
21. Número de trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas empregados no setor sucroenergético em Jataí, de dezembro de 2010 a janeiro de 2013	110
22. Percentual das áreas de lavouras de grãos em relação ao total de áreas de lavouras em Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna, em 2007	142

LISTA DE TABELAS

Tabelas

1. Os maiores grupos usineiros paulistas, por número de usinas (N.U.s.) e percentual (%) na moagem de cana do Estado de São Paulo: 1946/7 - 1970/1.....	38
2. Os três principais grupos Ometto em números, por anos-safra	41
3. Grupos empresariais da família Ometto, em números: safra 1991/2	42
4. Participação dos dez principais grupos ou famílias com empresas sucroalcooleiras de São Paulo: safra 1996/7.....	43
5. Processamento de cana das usinas do grupo Cosan/ Bom Jesus: safras 1991/2 e 1997/8	44
6. Proposta de <i>Joint Venture</i> entre Cosan e Shell, em agosto de 2010	53
7. Estimativa de ampliação da capacidade de processamento de cana de oito usinas Raízen, de 2012 a 2015	78
8. Estimativa da Cosan, em agosto de 2007, para a futura capacidade processamento das três filiais Cosan Centroeste, entre os anos fiscais de 2009 e 2012.....	87
9. Número de empregados da unidade Jataí, por setores, de 2008 a 2012, segundo a Cosan	105
10. Número de trabalhadores empregados no setor sucroenergético e em outros setores, em Jataí, 2006 - 2011.....	108
11. Número de trabalhadores empregados no setor sucroenergético em Jataí, 2007-2011	109
12. Remuneração média mensal e frequência de trabalhadores (f.t.) nas quatro famílias ocupacionais de maior remuneração média e nas quatro famílias ocupacionais com maior número de admissões, entre 2007 e 2011, no setor sucroenergético, em Jataí.	113
13. Produção <i>esperada</i> da usina e área <i>esperada</i> de canaviais, segundo o EIA de 2007	118
14. Produção real da usina a partir da safra 2009/10.....	119
15. Área de cana controlada pela Cosan, de fornecimento e de arrendamento, em três momentos dos anos de 2011, 2012 e 2013	119
16. Grandeza dos 50 lotes com canaviais controlados pela Cosan em nov. de 2010 em Jataí	127
17. Raios de distância entre a usina em Jataí e as terras controladas pela Raízen em Jataí, Rio Verde, Montividiu, Paraúna e Serranópolis, em dezembro de 2012	135
18. Aumento da área plantada de cana em Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna, entre as safras 2008/9 e 2012/13.....	143
19. Coberturas do solo em 2006 nas áreas cobertas com cana em 2011, em Jataí e Rio Verde	149
20. Usinas da figura 19 , por capacidade de processamento, estágio, e início ou retomada do funcionamento, ao fim do ano de 2009	165

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. BREVE PANORAMA DA EXPANSÃO DE INDÚSTRIAS CANAVIEIRAS PELO BRASIL	19
2.1. RECENTES E FUTURAS TENDÊNCIAS DE EXPANSÃO	23
2.1.1. Tendências Recentes.....	23
2.1.2. Futuras tendências de expansão (2011/12 a 2021/22).....	29
3. SURGIMENTO E EXPANSÃO DO GRUPO COSAN	35
3.1. 1887- 1936.....	35
3.2. HISTÓRIA RECENTE: 1936-2000	37
3.3. CRONOLOGIA DA CONSAN, DE 2000 a 2012	45
3.4. COMPOSIÇÃO DA COSAN AO FIM DE 2012	55
3.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	60
4. A EXPANSÃO RECENTE.	63
4.1. COSAN: EXPANSÃO APÓS 2000 E SURGIMENTO DA RAÍZEN.....	63
4.2. O CIRCUITO DO ETANOL PRODUZIDO PELA RAÍZEN ENERGIA	69
4.3. ALGUMAS INSTÂNCIAS DE REGULAÇÃO E DE APOIO TECNOLÓGICO .	74
4.4. ESTRATÉGIAS DE EXPANSÃO.....	77
5. IMPLANTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA USINA EM JATAÍ	86
5.1. O PROJETO E A SELEÇÃO DO LOCAL.....	86
5.2. A IMPLANTAÇÃO	98
5.3. AS RELAÇÕES DE TRABALHO	103
5.4. A PRODUÇÃO	116
5.5. O CONTROLE SOBRE A TERRA	125
5.5.1. Estrutura de Propriedade de Terras	125
5.5.2. Arrendamento e Fornecimento	130
5.6. AS DISPUTAS NA REGIÃO COM OS AGENTES DA ECONOMIA	139
5.6.1. Conflitos pelo uso do solo	139
5.6.2. As usinas vizinhas, concorrentes	161

5.7. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM.....	172
5.8. A GESTÃO DO TERRITÓRIO	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS	192
ANEXOS	201

1. INTRODUÇÃO

O cultivo de cana-de-açúcar e o uso dessa matéria-prima em indústrias no Brasil vem acontecendo desde o início do século XVI, e já atravessou diversos períodos de expansão.

O marco inicial do mais recente desses períodos é o ano de 2003 – ano de lançamento no mercado brasileiro, em larga escala, de uma frota de automóveis com motores adaptados a utilizarem como combustíveis tanto etanol (derivado da cana), quanto gasolina.

O estado de Goiás se vem mostrando especialmente propício ao segmento sucroenergético da economia – isto é, à indústria responsável pela produção de açúcar, de etanol, e de energia elétrica, três mercadorias principais cuja matéria-prima é a cana.

Nessa tendência de expansão, as grandes corporações têm assumido um papel preponderante, principalmente a Cosan – uma enorme associação de empresas, uma corporação.

Entendo por *corporação* uma associação de empresas subsidiárias de uma *holding company* (companhia controladora) central. A *Cosan S.A. Indústria e Comércio* foi oficialmente instituída em 2000, quando já se constituía em uma corporação. Em 2007 foi criada a *Cosan Limited*, para controlar a *Cosan S.A.*. Assim, em janeiro de 2012, a corporação “Cosan” era um conglomerado de 80 empresas subsidiárias direta ou indiretamente controladas pela *holding* Cosan S.A. – por sua vez controlada pela Cosan Limited (que detinha cerca de 62% das ações da Cosan S.A.).

Pelo menos desde 2000/1, a Cosan foi a empresa responsável pela maior parte da utilização de cana no setor, no Brasil – na safra 2011/12 respondeu por 10,7% de toda a cana processada¹ em usinas do setor. (COSAN, 2012b)

Na organização societária da Cosan, a *Raízen Energia S.A.* é, desde julho de 2011, a companhia subsidiária responsável pela produção de açúcar, de etanol e de energia elétrica. Essa subsidiária é fruto de uma “*joint venture*” entre a Cosan e a *Royal Dutch Shell plc* (“Shell”), segundo acordo definitivo, de agosto de 2010.

¹ A cana que chega à usina passa por uma transformação – por um processamento. Quando me referir à “cana processada” pela usina, me estarei referindo à quantidade de cana que chegou à usina e teve seu caldo extraído para a produção de açúcar e/ou de álcool. O bagaço da cana é um “resto” dessa extração de caldo, e também pode ser aproveitado se queimado em caldeiras – essa combustão aquece a água e gera vapor; esse vapor pode ser usado como energia térmica ou mecânica, e, ainda, se pode transformar em energia elétrica (cujo excedente, não usado no próprio parque da usina, pode ser vendido).

Por isso, em minha dissertação, quando me referi ao período anterior a julho de 2011, usei apenas o termo “Cosan” para designar o ramo sucroenergético dessa empresa. E, de julho de 2011 em diante, passei a designar “Cosan/Raízen” esse ramo.

Analisarei a Cosan (ou a Cosan/Raízen) principalmente sob três aspectos.

O *primeiro* desses é o de *ofertante de produtos e serviços*. Os funcionários da Cosan buscam transformar e/ou transferir bens e/ou serviços a usuários ou consumidores (RICHERS, 1986, p.8-10). Nesse sentido, são necessários meios de produção – recursos materiais e instrumentos de trabalho –, força de trabalho e capital de investimento para haver a produção e a circulação de *mercadorias*.

Até finalmente chegar às mãos do consumidor, a mercadoria segue um trajeto ao longo do qual podemos distinguir algumas etapas gerais.



Os circuitos de mercadoria compreendem todas essas etapas a que é submetida uma mercadoria até chegar ao consumidor final, e a ligação entre essas etapas. Nesse processo, a mercadoria é transformada, valorizada, e segue um percurso, desde a produção inicial de matéria-prima, até o consumo final do produto acabado. Quando me referir aos circuitos de mercadorias, me estarei referindo a esses fluxos de mercadorias, do início ao fim. E a Cosan é responsável por comandar etapas e ligações de vários circuitos de mercadoria.

O *segundo* desses aspectos da Cosan é o de *grande tomadora de decisões*. Essas decisões definem as *metas* que os funcionários da Cosan buscarão atingir, e se converterão em efetivas ações. Assim, toda a produção e a circulação de mercadorias comandadas pela Cosan estão a serviço de estratégias e táticas, de planejamento e gestão. Portanto, não basta analisar os circuitos de mercadoria sob o comando da Cosan meramente como *fenômenos técnicos*, porém as intenções – ou os interesses – por trás desses circuitos; portanto, esses circuitos são também *fenômenos políticos*.

O *terceiro* desses aspectos – o mais importante para os fins de minha dissertação – é o de que a Cosan é um *agente investido de grande poder*. Para se utilizar de recursos materiais a fim de produzir mercadorias e as fazer circular, a Cosan precisa de *poder*. Esses recursos estarão sob seu *poder de disposição* quando a corporação puder contar com a possibilidade de empregá-los à vontade, sem interferência de terceiros, qualquer

que seja o fundamento dessa possibilidade. (WEBER, 2009 [1972], p.43, nota de rodapé)

No sentido político, o poder não é apenas uma capacidade de agir, mas uma capacidade de agir com o *consentimento* de outros. Assim, um sujeito “está no poder” apenas porque outros lhe dão licença, porque outros aceitam sua ação. Ainda que essa aceitação possa ser imposta – isto é, forçada por meios violentos – não deixa de ser *necessária* à manutenção desse poder – mesmo que haja certa instabilidade. Sem uma mínima aceitação de outros sujeitos não se pode dizer que algum sujeito “está no poder”. Portanto, no sentido político, o poder é um “investimento coletivo”, e um sujeito só se encontrará investido de poder se outros lhe investirem esse poder. O poder político, portanto, só ganha realidade nas relações sociais.

As ações de uma empresa podem tanto beneficiar quanto prejudicar certos indivíduos ou grupos, e tanto violar quanto respeitar os interesses dos mesmos. Em outros termos, as ações da corporação podem ter impactos nas ações de outros sujeitos sociais – esses, portanto, mostram algum interesse por essas ações. Os sujeitos de alguma maneira afetados pelas ações da corporação são chamados, no jargão da administração de empresas, de *stakeholders* – termo comumente traduzido como “partes interessadas”; os *stakeholders*, além de serem afetados pelas ações da corporação, as afetam. (FREEMAN, 1994)

São exemplos de *stakeholders* de uma empresa seus próprios funcionários – entre dirigentes com maior poder de deliberação e empregados subalternos –; os acionistas – que tem direto a parte dos lucros da empresa; – a comunidade – em especial a comunidade numa zona de influência em torno de empreendimentos que a companhia mantém (unidades de produção, armazenamento, varejo, etc.); os fornecedores de insumos – que fornecem o material os equipamentos e os serviços necessários à produção; os consumidores; entre outros.

Assim, para gozar de poder, a Cosan deve contar com o consentimento de seus diversos *stakeholders*, com os quais estabelece relações de poder.

Essas relações se manifestam num território, o território é *um espaço definido por relações de poder*, certas relações de poder se fazem sentir em certa parte da superfície terrestre. A pergunta central, portanto, quando estudamos um território é: *quem domina, governa, controla ou influencia quem, em certo espaço material?* (SOUZA, 2006)

A visão clássica do território é a da área de jurisdição do Estado Nacional, o “território nacional”. No entanto, existem outros limites de ação, espaços *descontínuos* de exercício de poder que definem outros tipos de território.

Souza (1995,82-99) propõe chamarmos de *territórios em rede* a territórios que, em certa escala de análise, apresentem a configuração de uma rede – de *nós* conectados por *linhas*. Esse autor faz a importante ressalva de que “[...] cada *território descontínuo* é, na realidade, uma rede a articular dois ou mais territórios contínuos.” (SOUZA, 1995, p.93).

As *linhas* da rede constituem-se em fluxos – de bens, pessoas e informação –, mas representam também o aparato estrutural físico que viabiliza esses fluxos – p.ex. estradas, cabos de fibra óptica e de telefone. Por sua vez, fábricas, armazéns, terminais de distribuição e de venda, etc., constituem os *nós* da rede.

Nessa dissertação, estudarei a *etapa agrícola* (os canaviais) articulada a uma *etapa industrial* (a usina) da Cosan/Raízen em Jataí (GO). Essas são duas etapas de circuitos particulares de produção de etanol e de energia elétrica, ambos produtos derivados da cana. A escolha dessas duas etapas me permite interpretar as relações de poder entre as áreas de canaviais e a usina. Para tanto, valer-me-ei de informações a que pretendo chegar com esse estudo de caso. A hipótese é a de que essas duas etapas, e as ligações entre as duas, podem ser vistas como um território em rede.

No estudo desses circuitos, vale analisar dois aspectos relacionados aos territórios em rede:

- a) A *territorialidade* de partes desses circuitos, ou dos circuitos como um todo: aquilo que faz de um território um território, o que o distingue, ou seja, as relações de poder e a base material onde essas relações se fazem sentir;
- b) O *territorialismo*: são as estratégias de um agente para o controle de certo(s) território(s) (SOUZA, 1995, p.98-9).

Meu *objetivo* é investigar as relações de poder que permitiram à Cosan explorar as etapas agrícola e industrial de circuitos de mercadorias na região de Jataí (GO) e vizinhança. A Cosan, portanto, é o protagonista dessa dissertação.

De acordo com esse objetivo, minha *questão central* é: *em consonância com as estratégias de expansão da Cosan no setor sucroenergético, quais relações de poder se estabeleceram para que a Cosan pudesse implantar e fazer funcionar um território ao redor de sua usina recém-inaugurada em Jataí (GO)?*

Antes de tudo, considero que os circuitos espaciais de mercadoria são relações de poder encarnadas, são a expressão material de certos poderes políticos, sem os quais não existiriam. Sob esse ponto de vista, o estudo desses circuitos revela territórios. E o território que analisarei estava sob o poder da Cosan.

Optei pelo estudo de uma usina – controlada pela Cosan/Raízen – em operação desde 2009 no município de Jataí, no sudoeste de Goiás.

Dentre as 24 usinas da Raízen, apenas a de Jataí foi construída pela empresa “tijolo por tijolo”, do início ao fim. Por conseguinte, essa usina, para além de ser um sinal da estratégia de expansão do Grupo Cosan, é muito apropriada ao estudo de como, sempre, e desde o início, se estabelecem certas relações de poder sem as quais novos circuitos de mercadoria jamais poderiam vingar.

É de grande importância para Geografia uma perspectiva centrada na dimensão de poder intrínseca a agentes econômicos particulares. Esses agentes geram mudanças sensíveis no espaço social. Os conceitos usados para entender a dimensão espacial do poder imanente à usina de Jataí colaboram para a pesquisa na intersecção da Geografia Política com a Geografia Econômica.

Na busca de interpretar a realidade social, a expansão territorial é um tema eminentemente geográfico. O estudo da expansão territorial do setor sucroenergético, em especial, é um terreno fértil, ainda muito aberto a explorações. Sendo as grandes corporações os agentes hegemônicos dessa expansão, não é possível entender suficientemente o fenômeno da expansão sem estudar essas corporações.

O estudo da usina de Jataí pode servir de parâmetro para posteriores interpretações das tendências de expansão canavieira em Goiás e, em vista de meu objetivo, justifica-se por inteiro.

A *metodologia* para elaborar esta dissertação, consistiu, basicamente, em fontes primárias e secundárias de informação, revisão teórica, procedimentos estatísticos e cartográficos, e interpretação de acordo com minha perspectiva conceitual.

Vali-me de alguns tipos de fontes primárias e secundárias de informação:

a) *Periódicos*.

Notícias em jornais e revistas mais ou menos “populares”. Nessas fontes, atualizadas com muita frequência, são divulgadas informações difíceis de se conseguir em outros meios – por exemplo, certos periódicos tem acesso privilegiado a informações concedidas diretamente pelas empresas. Ainda que não se possa confiar no rigor científico dessas informações, já oferecem algumas pistas. Ademais, apresentam

entrevistas com porta-vozes da Cosan – que nos ajudam a entender a ideologia do Grupo. Exemplos: jornal Valor Econômico, revista Exame, jornal Folha do Sudoeste, jornal O Popular, jornal o Estado de São Paulo, jornal Folha de São Paulo, revista IstoÉ Dinheiro.

b) *Instituições de divulgação regular de dados sistemáticos.*

As variáveis de interesse são acessíveis através de banco de dados ou boletins, anuários, etc. Exemplos: IBGE, CONAB, UNICA, MME, ANFAVEA, Projeto Canasat, Google Maps.

c) *Informações obtidas em bibliografia de cunho acadêmico ou oficial*, como artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, projetos de lei, publicações em diário oficial e outros. São informações que, sobretudo, me permitiram delinear um *contexto* de meu tema, e estabelecer *comparações*.

d) *Informações obtidas diretamente da empresa.*

Informações conseguidas, principalmente, na seção de “Relação com os investidores”, do *website* oficial da Cosan (<http://ri.cosan.com.br/>), como relatórios anuais, formulários de referência, apresentações institucionais e comunicados ao mercado; ou, também, em comunicação direta com representantes da Raízen, via e-mail; ou por entrevistas ou comunicação de terceiros com representantes da Raízen.

e) *Informações obtidas em entrevistas diretas “face a face”.*

Informações obtidas em entrevistas por ocasião de duas pesquisas de campo, realizadas, respectivamente, de 2 a 7 de maio de 2011 e de 24 a 31 de maio de 2012.

Busquei *fundamentos teóricos*, em especial, na obra de autores como SOUZA, WEBER, MARX, CASTILLO, CORREA e SANTOS. Adotei dois conceitos centrais: o de *território* e de *circuitos de mercadoria*.

Empreguei, ainda, alguns procedimentos estatísticos e cartográficos, especialmente através dos *softwares Excel e ArcGis*.

No *capítulo 2*, apresento e situo o contexto mais geral da temática da dissertação, a da expansão territorial no setor sucroenergético no Brasil.

No *capítulo 3*, apresento um pouco da história da Cosan, desde a vinda da família Ometto para o Brasil. Nesse capítulo procuro mostrar que o poder econômico de que goza atualmente a Cosan formou-se em um longo processo de conquista que remonta ao início do século 2. Assim, podemos ter uma ideia do alcance desse poder nos dias atuais, quando a Cosan aparece como uma imensa corporação.

No *capítulo 4*, analiso a expansão recente e muito intensa – após 2000 – das atividades da Cosan no setor de derivados de cana. Analiso, também, os circuitos de mercadoria desse setor, etapa por etapa, para termos uma visão global desses circuitos. Em seguida analiso a participação ou a influência da Cosan em certas instâncias de poder que regulam o setor e que oferecem apoio tecnológico ao mesmo. Analiso, por fim, as estratégias de expansão da Cosan dentro desse setor, e construo uma ponte que liga esse capítulo ao seguinte.

No *capítulo 5*, finalmente, interpreto uma situação particular, olhando para a qual posso enxergar a expansão da Cosan nesse setor, desde o projeto da usina até seu funcionamento. Assim, através do estudo da usina de Jataí, procuro enxergar as relações de poder necessárias à sua implantação e ao seu funcionamento inicial, relações a se manifestarem nas etapas agrícola e industrial de circuitos de derivados de cana. Todos os tópicos desse último capítulo caminham nesse sentido.

Nas *considerações finais* apresento uma síntese do que pude concluir ao longo de toda a dissertação, sobretudo ao longo do capítulo 5 – por ser esse o capítulo mais desenvolvido, e por estarem nesse capítulo minhas maiores contribuições. Apresento, ainda, duas breves sugestões de pesquisas que seriam valiosas e complementares a essa minha dissertação.

2. BREVE PANORAMA DA EXPANSÃO DE INDÚSTRIAS CANAVIEIRAS PELO BRASIL

Com a dominação e o povoamento do Brasil pelos portugueses – desde o século XVI – tem início a ocupação e o uso da terra em função da “indústria da cana-de-açúcar”.

Em 1502 chegaram ao Brasil as primeiras mudas de cana-de-açúcar, vindas da Ilha da Madeira. Em 1516 foi concedido o primeiro alvará para o plantio de cana, em Pernambuco. (CAMELINI, 2011, p.40)

No início, engenhos banguês espalhavam-se pelo litoral, produzindo açúcar sobretudo para outros países; enquanto no interior pontilhavam engenhocas, produzindo cachaça e rapadura para atender às necessidades locais (ANDRADE, 1994, p.35).

Eram basicamente esses dois tipos de indústrias e produtos da cana, até a década de 1870. A fase entre o início do século XVI e 1870 pode ser denominada “período de manufatura da cana”. (ANDRADE, 1994, p.36)

Os canaviais e os engenhos banguês que produziam açúcar concentravam-se na Zona da Mata nordestina, em terras úmidas e próximas ao litoral. O Nordeste do Brasil mostrava-se especialmente propício à economia açucareira. Pois situava-se mais próximo do mercado consumidor – Europa – do que o Sudeste e o Sul; as condições climáticas favoreciam o cultivo de cana; o regime de ventos facilitava a navegação comercial; diversos rios desembocavam no litoral, favoráveis ao transporte de cana desde usinas ribeirinhas - que também aproveitavam a correnteza dos rios em suas moendas. (SILVA, 2011, p.25; 33)

A partir de 1870, então, começa uma nova fase, com o surgimento das usinas e destilarias modernas de cana. O primeiro *engenho central* começou a funcionar em 1877. Doravante vive-se, propriamente, o período das modernas indústrias da cana (ANDRADE, 1994, p.36).

Em fins do século XIX e início do XX, unidades produziam açúcar, aguardente ou álcool hidratado. “O álcool era, então, um subproduto, mas muitos usineiros, já na década de 1920, procurando novas alternativas para as suas empresas, utilizavam-no como combustível. Só nos anos 1930 é que passariam a produzir álcool anidro”. (ANDRADE, 1994, p.38)

À época dos anos 1930, o abastecimento interno de açúcar no Brasil dependia, fundamentalmente, da produção nordestina, e os maiores centros consumidores

encontravam-se nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p. 59).

Em 1933, com a fundação do Instituto do Açúcar e Alcool (IAA), inicia-se um período de transição. Por um lado, o governo brasileiro impôs limites à produção – estabelecendo quotas de produção de açúcar e de álcool, por unidade industrial e por estado, e proibindo a instalação de novos engenhos e usinas; por outro lado, concedeu incentivos aos usineiros, instalou modernas destilarias de álcool de propriedade do IAA, financiou a implantação de outras, estimulou a irrigação das áreas menos úmidas, o uso de adubos, a introdução de novas variedades de cana – mais resistentes e mais produtivas. (ANDRADE, 1994, p. 39-40)

A produção de açúcar, então muito concentrada no Nordeste do Brasil, começou a se espalhar pelo Sudeste, especialmente por São Paulo (CAMELINI, 2011, p. 41). Durante as décadas de 1920 e 1930, houve grande expansão dos canaviais nesse estado, graças ao aumento da procura do mercado interno pelo açúcar, e também a uma iminente crise na produção de café – em função da diminuição da procura internacional e de uma produção excessiva dessa mercadoria (ANDRADE, 1994, p.56).

Desde fins do século XVIII, começara a se formar uma região produtora de açúcar no interior de São Paulo, no planalto, e a agricultura paulista da cana passou “[...] a representar alguma coisa no conjunto economia do país” (PRADO JR., 1961, *apud* CAMELINI, p.35). No entanto, enquanto o café teve mais valor de mercado do que o açúcar, em São Paulo concentraram-se esforços na produção do primeiro.

Durante a II Guerra Mundial (1939-1945) – sobretudo depois do torpedeamento de navios brasileiros em nossa costa (1942) –, tanto a exportação de açúcar para outros países, quanto à circulação do produto entre as regiões do território nacional – através da navegação de cabotagem – ficaram comprometidas. A guerra submarina, o constante risco de ataques, impedia que o açúcar produzido no Nordeste pudesse chegar ao Sudeste e ao Sul do país. (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p. 58-9)

A economia da cana-de-açúcar no Brasil dividiu-se: de um lado, havia excesso de produção de açúcar, no Nordeste; de outro, escassez de oferta, no Sudeste e no Sul.

Durante a II Guerra Mundial, os canaviais espraíram-se para o oeste de São Paulo, e ocuparam o lugar de cafezais, algodoads e pastagens. (ANDRADE, 1994, p.58). Tem origem, então, uma vigorosa transferência do eixo de produção canavieira para o Sudeste, processo que viria a se consumir na década de 1950 (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p. 59).

O governo tornou-se mais liberal em relação à instalação de novas usinas e destilarias. Por ser uma área de maiores povoamento e nível de renda, São Paulo passou a ser o maior provedor de açúcar, não só de seu próprio mercado em expansão, como também de estados vizinhos – acessíveis por meio de ferrovias e rodovias – como Goiás, Mato Grosso e Paraná. Assim, na década de 1950, São Paulo tornou-se o principal produtor de açúcar e de álcool entre as unidades da federação brasileira, derrubando a primazia de Pernambuco, que vingava desde o período colonial.

No Brasil, os primeiros ensaios experimentais para a utilização do etanol como combustível veicular haviam acontecido pouco tempo atrás, apenas no início do século XX. Em 1920 foi fundada a Estação Experimental de Combustíveis e Minérios (EECM) – futuro Instituto Nacional de Tecnologia – onde foram conduzidos testes e obtidos bons resultados em veículos movidos a “álcool-motor” (BNDES e CGEE, 2008, p.153).

O grande impulso para a produção brasileira de etanol, porém, viria somente em 15 de novembro de 1975, com a instituição do Proálcool (Programa Nacional do Álcool), através do Decreto nº 76.593. O discurso oficial dizia ser o programa uma resposta à crise internacional de abastecimento de petróleo, de 1973 – os combustíveis derivados de petróleo, importados, deveriam ser substituídos pelo etanol produzido no Brasil.

De acordo com SZMRECSÁNYI e MOREIRA (1991, p. 71), porém, o principal motivo para a instituição do Proálcool foi o de diminuir a capacidade ociosa das indústrias da cana; afinal, na busca de um substituto para o petróleo, havia várias alternativas de matéria-prima para a produção de combustíveis, tais como a mandioca, a madeira, o babaçú e a batata doce. Mesmo assim a cana-de-açúcar foi escolhida, um sinal do poder dos industriais da cana.

Mediante o mesmo decreto 76.593, o governo criou a Comissão Nacional do Álcool, e também linhas de créditos para instalação e a ampliação de destilarias *anexas*² e para a construção de *destilarias autônomas*. Destarte, a capacidade instalada das usinas sucroalcooleiras pôde ser não apenas melhor aproveitada, como também ampliada.

A produção de derivados de cana dos estados da região Centro-Sul, em conjunto, aumentou ainda mais com o Proálcool, tanto em valores absolutos, quanto relativamente

² Anexas às usinas de açúcar, produzem álcool derivado do melaço produzido nessas usinas. As destilarias *autônomas*, por seu turno, produzem álcool diretamente da cana-de-açúcar, sem dependerem para isso de outras usinas.

à produção do Nordeste. São Paulo, em particular, ampliou sua enorme liderança nessa produção: no início do Proálcool esse estado já respondia por metade da produção de açúcar do Brasil, e logo passou a responder, ademais, por dois terços da produção de álcool do país.

Nesse período, estados sem tradição canavieira viveram uma expansão de canaviais, cuja finalidade maior era a produção de álcool e não a de açúcar. Isso aconteceu, por exemplo, nos estados de Goiás, Paraná e Mato Grosso, onde essa prevalência ainda perdura (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p.71-2).

Em 1979 houve um segundo choque do mercado internacional do petróleo. Por conseguinte, as autoridades brasileiras lançaram o Proálcool em uma segunda fase, ainda mais ambiciosa do que a primeira. Os incentivos fiscais destinavam-se, principalmente, não mais à produção de álcool *anidro* – a ser adicionado à gasolina – porém à produção de álcool *hidratado* – a ser usado exclusivamente, substituindo a gasolina (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p.72)

“Nos primeiros dez anos de existência do Proálcool, a produção brasileira de álcool aumentou a uma taxa média de 35% ao ano, sem que o setor deixasse de produzir volumosas quantidades de açúcar, tanto para a exportação como para o mercado interno.” (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p.72).

Em 1986 o Proálcool atingiu seu ápice, quando houve uma sensível redução nos preços do petróleo no mundo.

A decadência do Proálcool deveu-se basicamente a duas causas: diminuição dos preços internacionais do petróleo; e aumento da suficiência do próprio Brasil para atender sua procura por petróleo (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991, p.73).

Houve no país, então, uma crise de abastecimento de etanol. Em 1990 o IAA foi extinto, através da Lei federal 8.029/90. Em substituição ao IAA, mas com funções diferentes, foram criados a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República e o Departamento de Assuntos Sucroalcooleiros (CAMELINI, 2011, p.39, nota de rodapé). Tem início um período de transição para outro mais liberal no que concerne à regulação do Estado brasileiro sobre o setor, transição essa plenamente concluída em 1999.³

O ano de 2003 marca a consolidação do mercado doméstico (brasileiro) de etanol, e a superação do açúcar pelo etanol. Em abril desse ano foram lançados em

³ A partir de março de 1996, o Ministério da Fazenda – através da portaria nº 94 – iniciou a liberação dos preços de cana, açúcar, álcool e mel residual – antes controlados pelo IAA. A vigência dessa liberação, inicialmente prevista para janeiro de 1997, foi prorrogada sucessivas vezes, até ser finalmente outorgada em fevereiro de 1999. (WATANABE, 2001, p.31)

grande escala no mercado veículos automotivos com motores adaptados para operarem com etanol e gasolina – os chamados veículos “*flex-fuel*” (VFF).

2.1. Recentes e futuras tendências de expansão

2.1.1. Tendências recentes

Desde a criação do IAA - em 1933 - até 2011, a área colhida de cana aumentou de 0,43 para 9,6 milhões de hectares, ou seja, cerca de 2.134%. E a quantidade média de cana colhida por hectare subiu de 36,1 para 76,4 toneladas por hectare – ou seja, houve um aumento de 111,6 % no rendimento da terra. Conseqüentemente, a quantidade colhida de cana no período cresceu 4.028,6%, ainda mais do que a área colhida. (IBGE, 2012; IBGE - SIDRA - PAM, 2012).

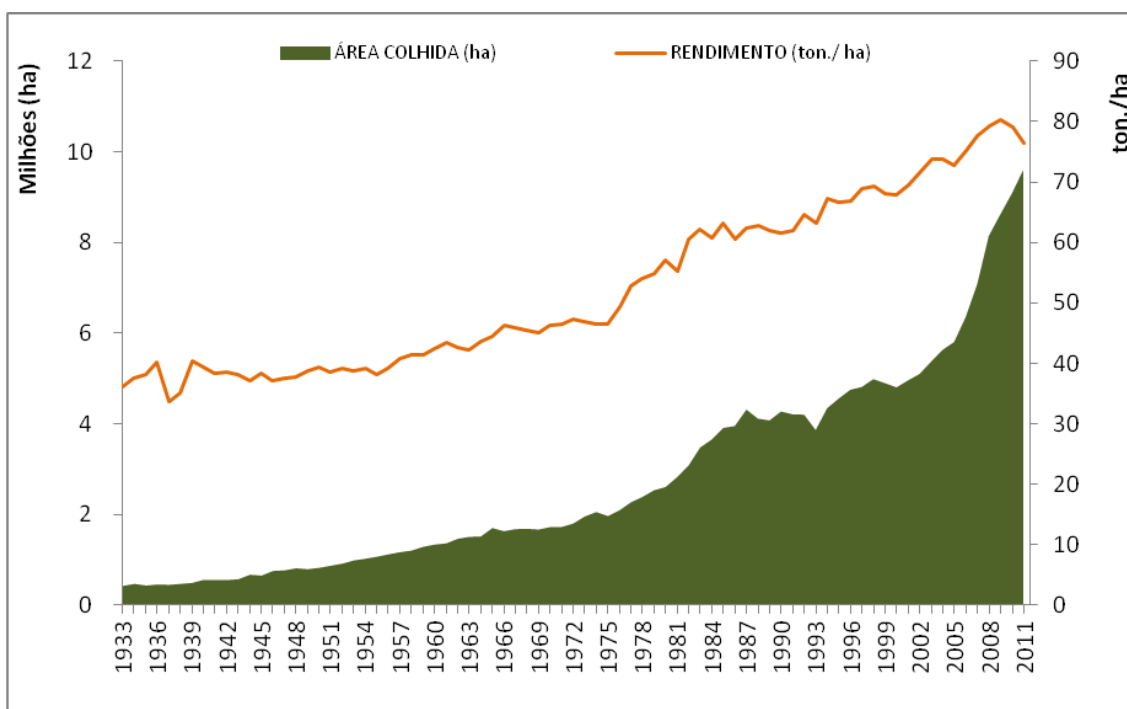


Gráfico 1: Variação da área colhida e do rendimento, dos canaviais, no Brasil: 1933-2011

Fontes: IBGE (2012); IBGE - SIDRA (2012). Elaboração: própria. Nota: Os dados da coluna de área colhida, no período de 1920 a 1965, se referem a áreas cultivadas.

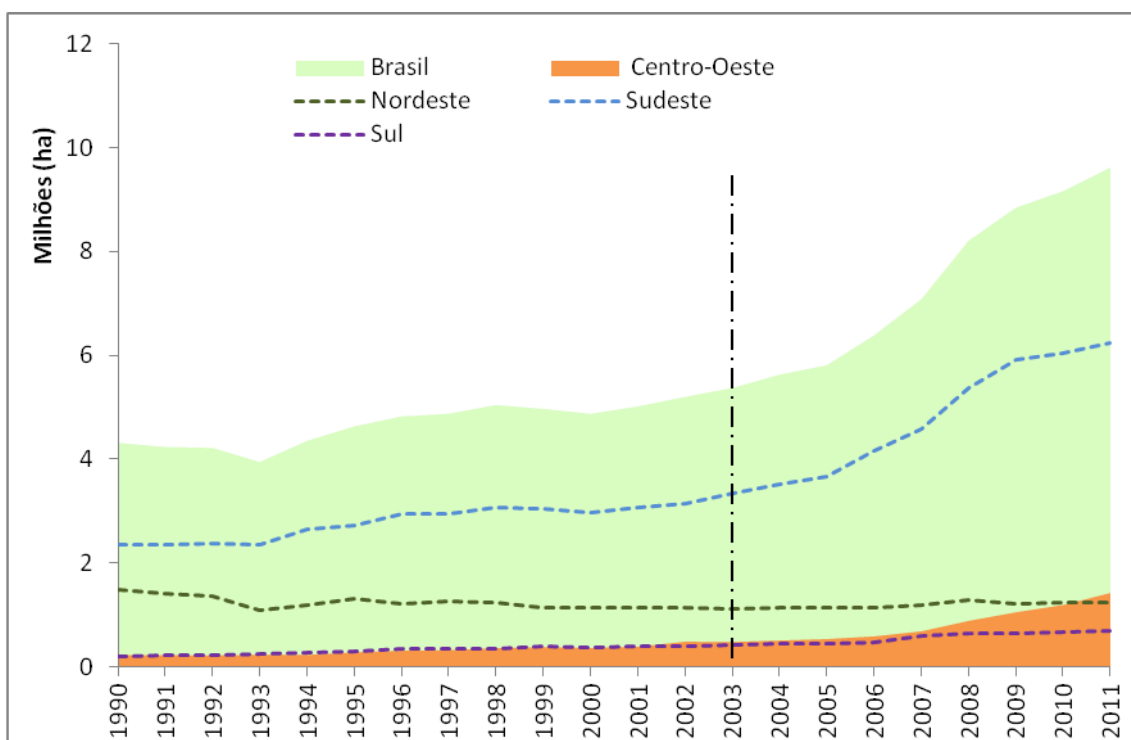


Gráfico 2: Variação da área plantada de cana, no Brasil e em suas grandes regiões: 1990-2011

Fonte: IBGE - SIDRA (2012). Elaboração: própria. Nota: As áreas dos canaviais da região Norte foram irrelevantes.

Após a extinção do IAA, os maiores aumentos de área plantada de cana no Brasil aconteceram entre 2003 e 2011, isto é, mais de 80% do aumento em todo período (1990-2011). De 2003 a 2011, o aumento da área de cana no Centro-Oeste representou 22% do aumento no Brasil, e o no Sudeste representou 68,1%.

Em relação à área de cana do Brasil inteiro, os números indicam uma maior participação da área de cana no CO, se comparo o ano de 2011 com o de 1990 – em 1990 era de 5,5%, e em 2011 de 14,7%.

Nesse período, ainda, a área plantada de cana nos três estados do Centro-Oeste, e no Distrito Federal, aumentou 5,9 vezes. Em valores absolutos houve crescimento de 253.110 hectares entre 1990-2002, e 935.668 hectares entre 2003 e 2011.

A partir de 2007, até 2011, nota-se um crescimento vertiginoso em GO (419.541 hectares) e no MS (304.244 hectares), enquanto no MT praticamente não houve aumento na área plantada.

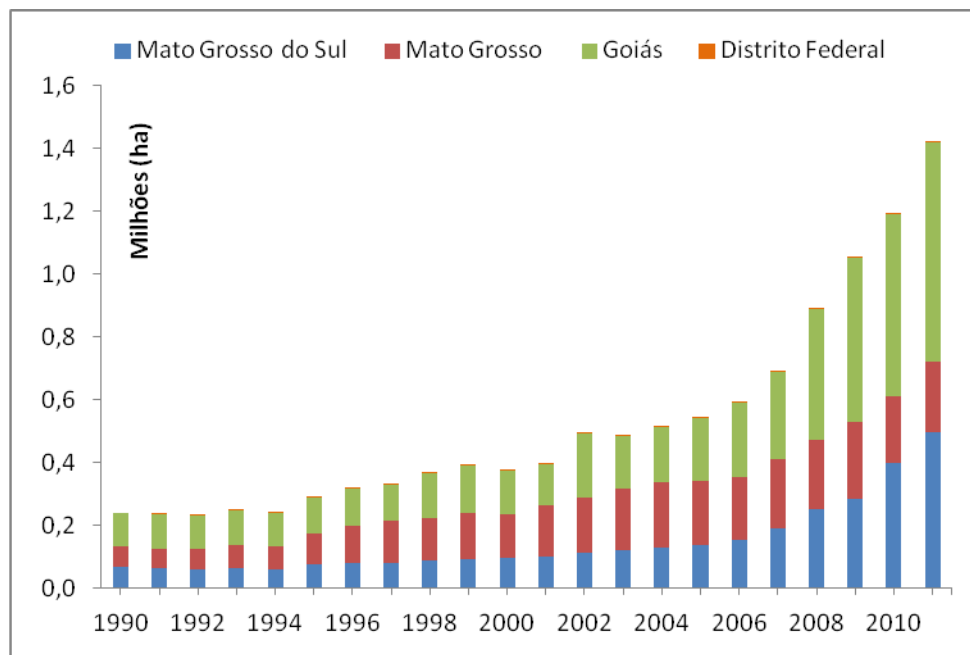


Gráfico 3: Variação da área plantada de cana, no Centro-Oeste: 1990-2012.

Fonte: IBGE – SIDRA, 2012. Elaboração: própria

A indústria canaveira tem como principal matéria-prima a cana-de-açúcar. Atualmente, no Brasil, os principais produtos derivados da cana são o açúcar, o etanol (álcool etílico), e a energia elétrica derivada do bagaço ou da palha de cana. Em uma mesma usina, pode-se produzir açúcar, etanol e energia elétrica – ou apenas um ou dois desses produtos.

Na safra 2007/08, por exemplo, a quantidade de cana de açúcar destinada a esses três produtos representava 86,39% (475,07 milhões de ton.), enquanto apenas 13,61% (74,83 milhões de ton.) da cana destinava-se a outros usos – como à fabricação de cachaça e à alimentação de animais. (CONAB, 2007, p.5)

No Brasil, convencionou-se chamar de *setor sucroenergético* à indústria responsável pela fabricação de açúcar, de álcool, e de energia elétrica, oriundos da cana.

As indústrias canaveiras devem estar próximas às lavouras de cana, necessariamente – essa distância não costuma ultrapassar os 50 km. Portanto, as usinas requerem uma periferia de plantações de cana ao seu redor. Em linhas gerais, assim se dá a expansão canaveira.

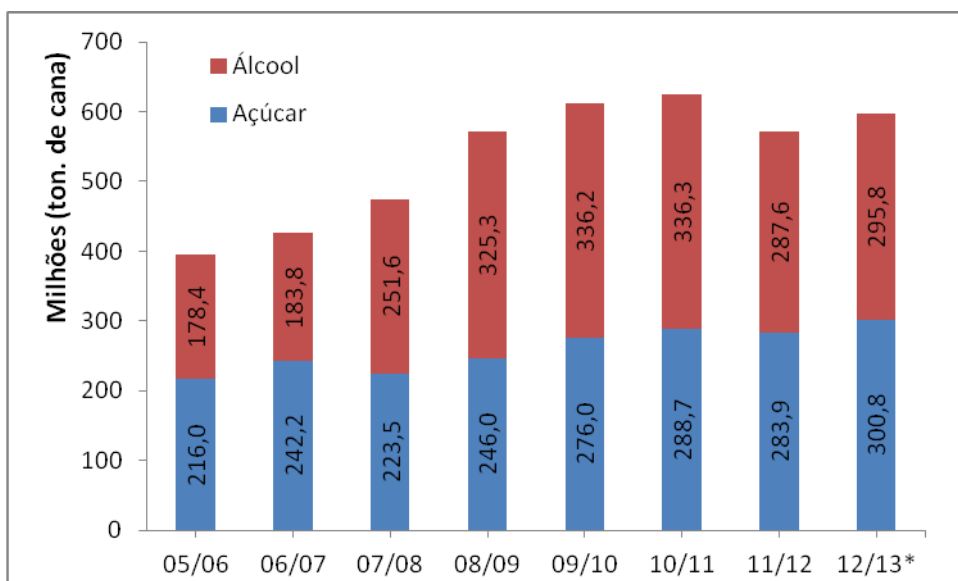


Gráfico 4: Parcela de cana-de-açúcar destinada à produção de açúcar e de álcool, no Brasil: safras 2005/06 – 2012/13.

Fonte: CONAB (2012). Elaboração: própria. Nota: (*) previsão

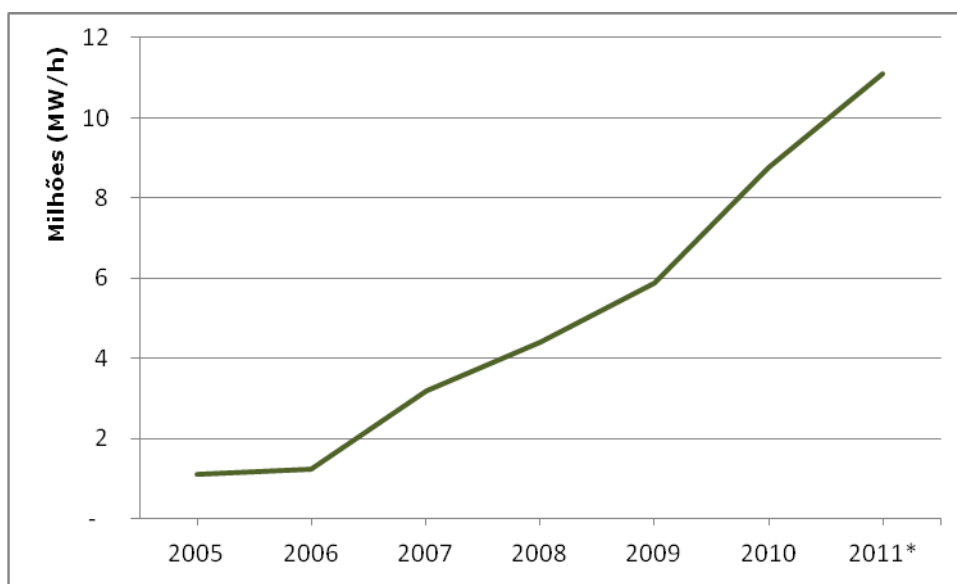


Gráfico 5: Energia elétrica derivada do bagaço de cana exportada para a rede elétrica, no Brasil: 2005-2011.

Fonte: UNICA (2012a). Elaboração: própria. Nota: (*) previsão

O **gráfico 4** mostra que, da safra 2005/06 até a 2012/13, as percentagens de cana destinada ou à produção de açúcar ou à de etanol estiveram próximas; o percentual foi, em média, de 51,38% para o etanol, e de 48,62% para o açúcar.

De 2003/04 a 2011/12, a produção de etanol no Brasil cresceu em 53,18%, enquanto a de açúcar em 44,14%. (UNICA, 2012b)

Um dos maiores fatores para o aumento na produção etanol foi o lançamento no mercado dos veículos *flex-fuel* (VFF), em 2003, conforme se pode observar no **gráfico 6**.

O **gráfico 5** revela que a venda à rede elétrica da energia elétrica derivada do bagaço, entre 2005 e 2011, aumentou em 906,3% (10.003.920 MW/h). O valor do bagaço da palha para as receitas dos usineiros da cana revela-se, pois, cada vez maior. O potencial de rendimento industrial da cana tende crescer, uma vez que quase a metade do peso da cana corresponde à soma do peso da palha e das pontas (20,4%) com o peso do bagaço (25%) (UNICA, 2012a).

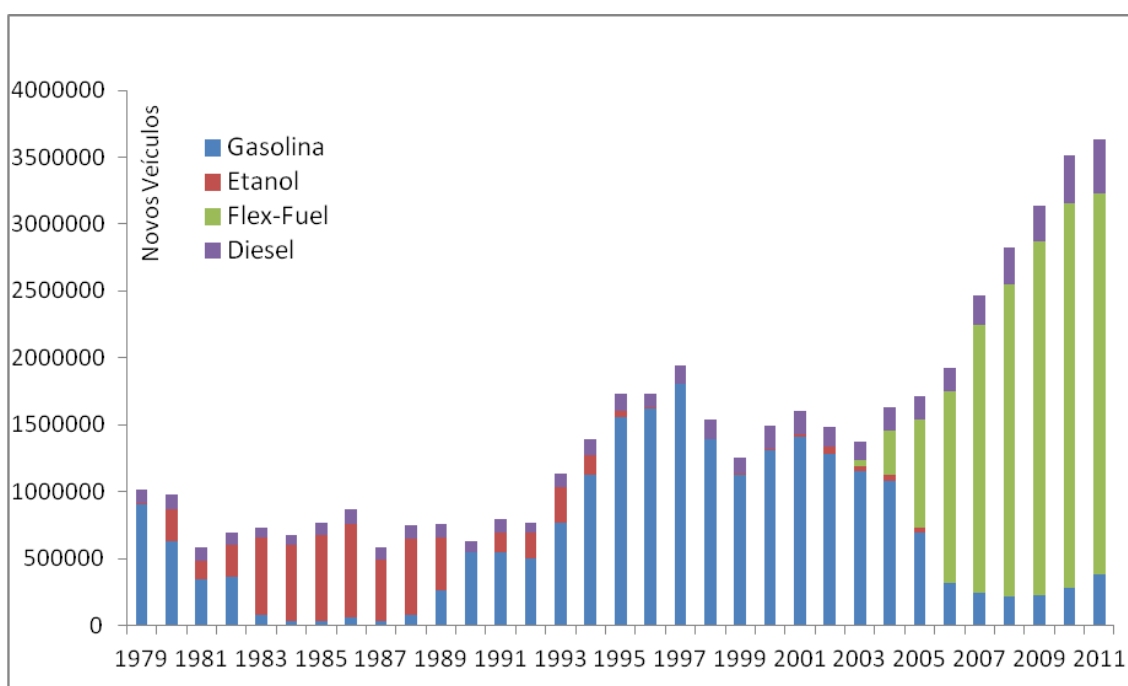


Gráfico 6: Número de novos veículos automotivos licenciados, por tipo de combustível: 1979-2011

Fonte: ANFAVEA (2012). Elaboração: própria. Obs.: os dados até 2004 se referem às vendas no atacado, e, a partir de 2005, se referem ao licenciamento de veículos novos (Detran/Renavam).

A seguir, os **gráficos 7 e 8** mostram, respectivamente, as maiores produções de açúcar e de etanol dentre os estados brasileiros – exclusive a produção de São Paulo; estado responsável por incríveis 58,6 % da produção brasileira de açúcar e 51,1% da de etanol, em 2011/12.

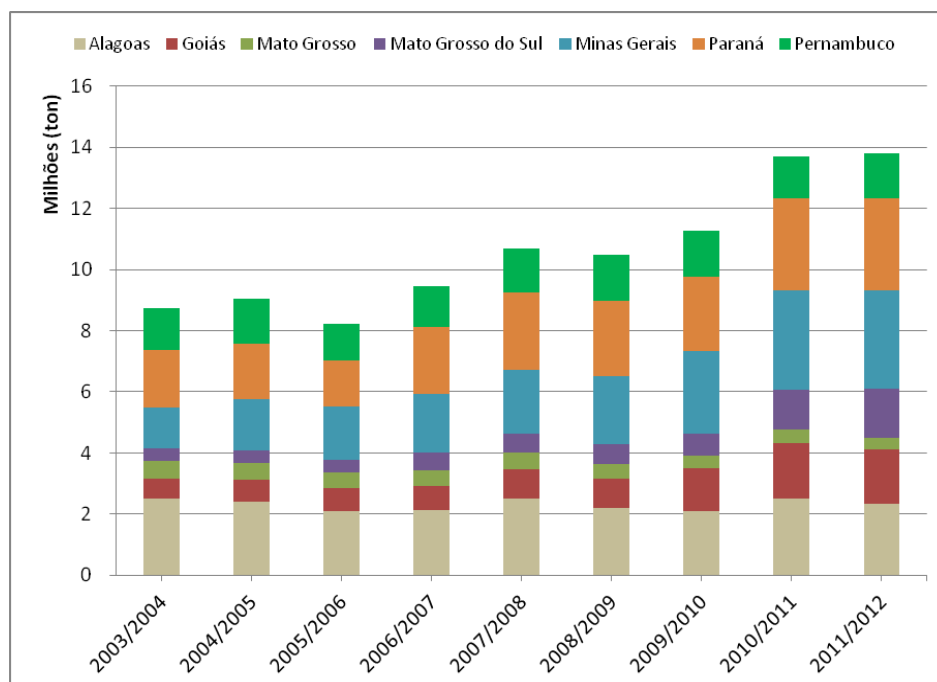


Gráfico 7: Produção de açúcar em 7 estados do Brasil: safras 2003/04 – 2011/12

Fonte: UNICA (2012b). Elaboração: própria.

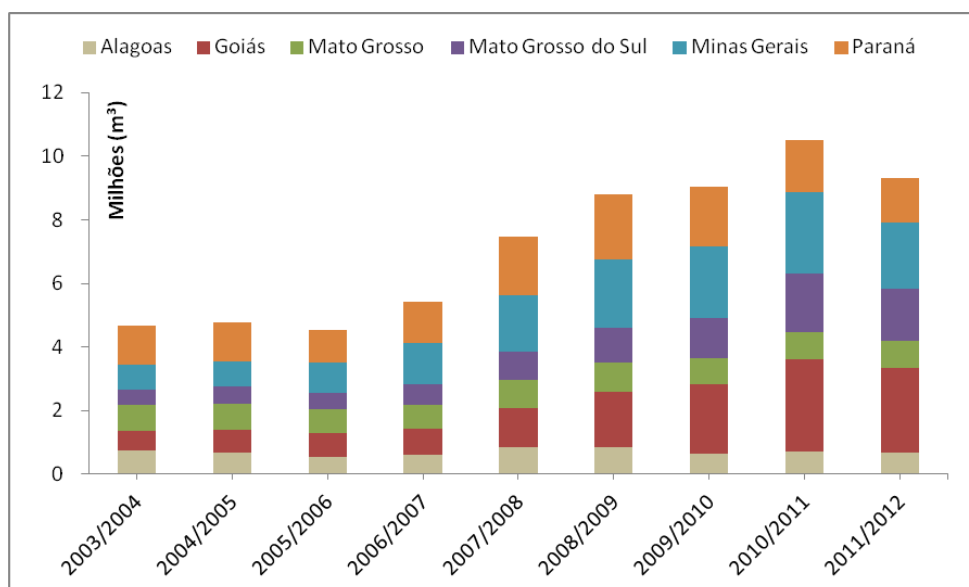


Gráfico 8: Produção de etanol em 6 estados do Brasil: safras 2003/04 – 2011/12

Fonte: UNICA (2012b). Elaboração: própria.

Particularmente em Goiás, na safra de 2005/06, a quantidade de cana destinada ao açúcar foi de 47,4%, e ao etanol de 52,6%; já em 2012/13, esses percentuais passaram, respectivamente, para 29,6% e 70,4% (CONAB, 2012). Na safra 2010/2011, a produção de etanol em Goiás já era a segunda maior do Brasil – 10,6%, 2.895 hectares – deixando a de Minas Gerais em terceiro – em 2003/04 Goiás era somente o 6°. Em

2012/13 a produção de açúcar era a 4ª maior do Brasil em Goiás – assim como em 2003/04.

Por sua vez, a geração de energia elétrica a bagaço de cana no estado representou 7,0% da geração do Brasil (3ª maior), e a venda dessa energia a 6,3% (também 3ª maior). (UNICADATA, 2010)

Assim, o setor sucroenergético no estado de Goiás – sobretudo a produção de etanol – vem, cada vez mais, se avolumando em relação ao contexto nacional do setor.

2.1.2. Futuras tendências de expansão (2011-2012 a 2021-2022)

Em 2011, a área plantada de cana-de-açúcar perfazia cerca de 9,6 milhões de hectares no Brasil - aproximadamente 1,13% da superfície do país. Em relação ao total de lavouras (temporárias e permanentes), essa área representava 14,1% - parcela menor, apenas, do que a de soja (35,25%) e a de milho (19,96%). (PAM – IBGE, 2012)

O **gráfico 9** apresenta a previsão de variação de área plantada - ou de área colhida -, entre as safras 2011/12 e 2021/22, de alguns dos maiores produtos da agricultura no Brasil – segundo o MAPA/AGE. Prevê-se um crescimento de 21,31% da área colhida de cana, a uma taxa de 1,9% ao ano, em média; esse crescimento seria inferior apenas ao da área plantada de soja.

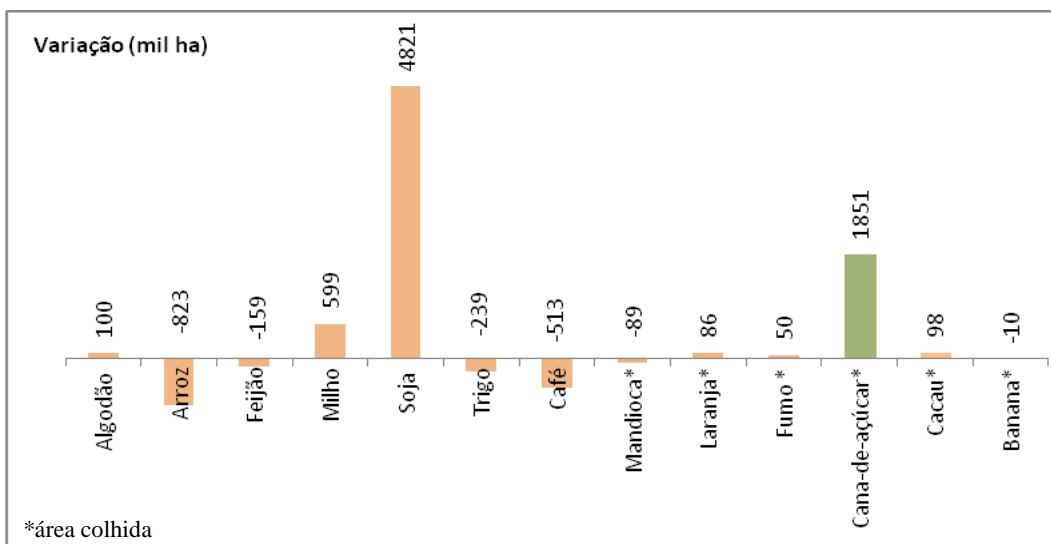


Gráfico 9: Variação prevista da área plantada de produtos agrícolas, no Brasil: safras 2011/12 - 2021/22

Fonte: MAPA/AGE (2012). Elaboração: própria. Nota: Nota: "Cana-de-açúcar" refere-se a cana destinada à produção de açúcar, de álcool, e a outros fins como forrageiras, cachaças, etc.

A seguir, o **gráfico 10** representa previsões de aumento em áreas de cana, entre os anos de 2011 e 2021 – segundo o Plano Decenal de Expansão de Energia, 2021, da MME/EPE (2012). Graças aos ganhos em produtividade dos canaviais (toneladas de cana por hectare), uma área adicional de 3,9 milhões de hectares poderá ser evitada – pois se produzirá mais em menos espaço. Mesmo assim, a área de cana colhida destinada à produção de etanol aumentará em 4,8 milhões de hectares, enquanto a destinada à produção de açúcar aumentará em 0,1 milhões de hectares.

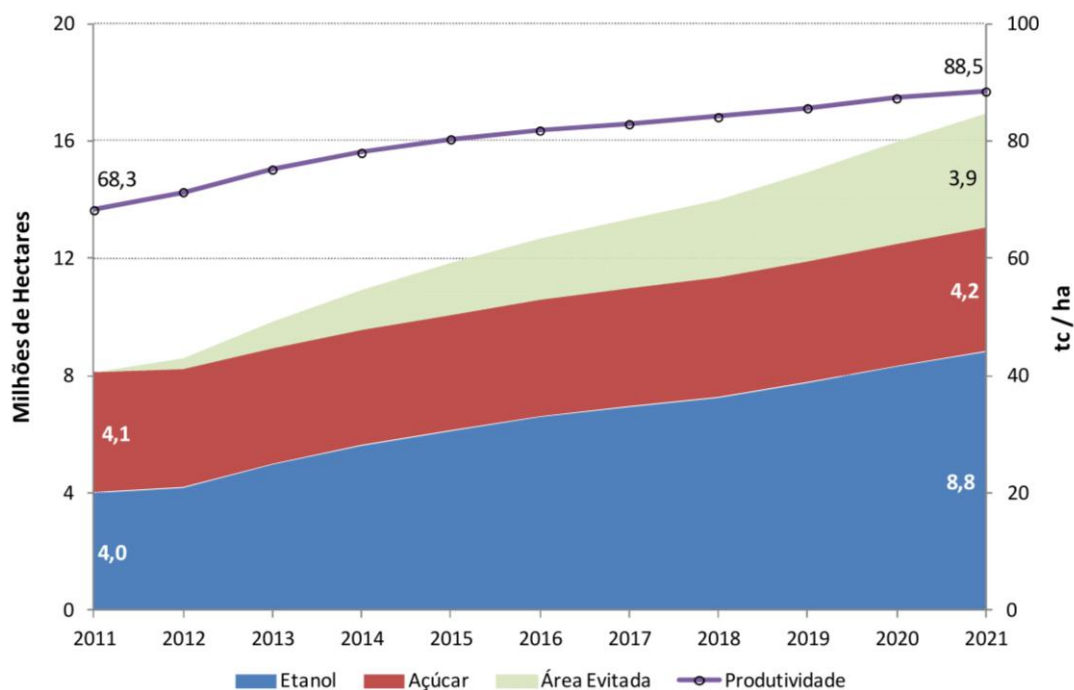


Gráfico 10: Aumento previsto da área colhida de cana destinada ao açúcar e ao etanol, da área evitada e da produtividade dos canaviais, no Brasil: 2011- 2021

Fonte e elaboração: MME/EPE (2012, p.282).

Em função do aumento da procura por etanol, a cana destinada à produção do mesmo prevalecerá sobre a destinada à produção de açúcar, passando de 51% em 2012 para 67,6% em 2021. Estima-se que a procura total por etanol – combustível ou não –, no mercado interno, passe de 26,2 bilhões de litros em 2012, para 68,5 bilhões de litros em 2021 – um aumento de 161,4%. Para suprir tal procura em 2021, deverão ser importados pelo Brasil 200 milhões de litros. (MME/EPE, p.276, 282, 284)

Prevê-se, também, um aumento do mercado em potencial para a produção de energia elétrica oriunda do bagaço de cana. O **gráfico 11** expressa as quantidades anuais máximas dessa energia que poderão ser exportadas das usinas para o SIN (Sistema

Interligado Nacional)⁴, entre 2012 e 2021, se houver um aproveitamento total do bagaço de cana produzido. Estima-se que a quantidade potencial de gigawatts médios exportados aumentará em 108,16% nesse período - mais de duas vezes. (EPE/MME, p.301-2)

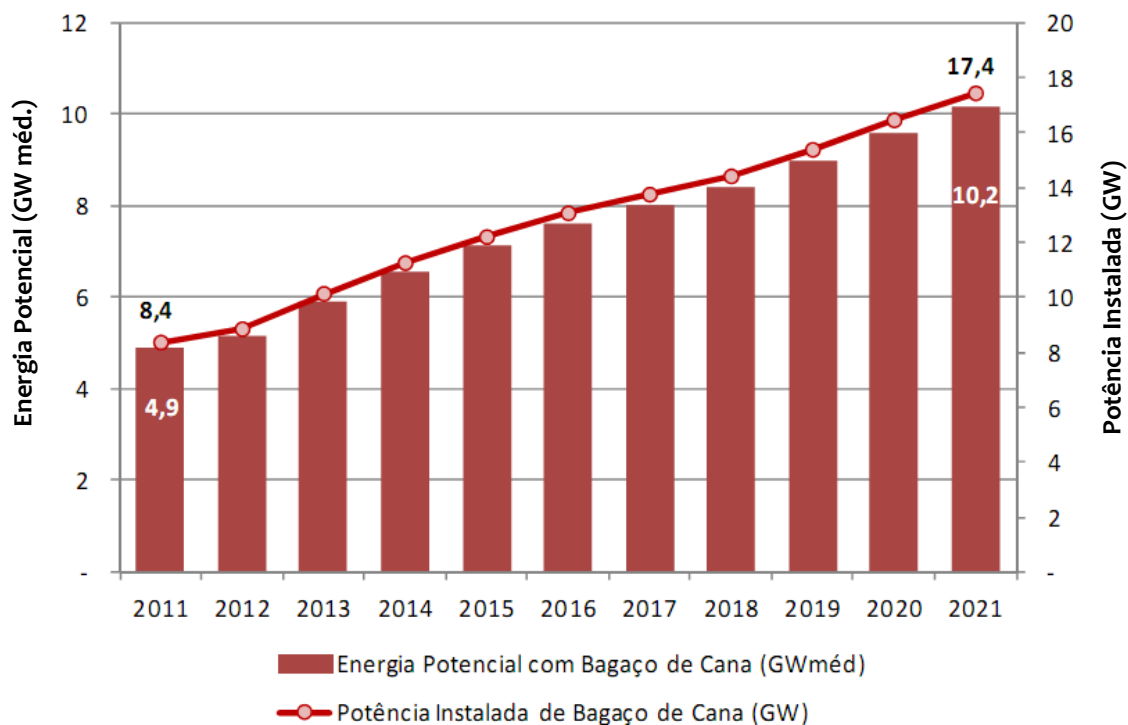


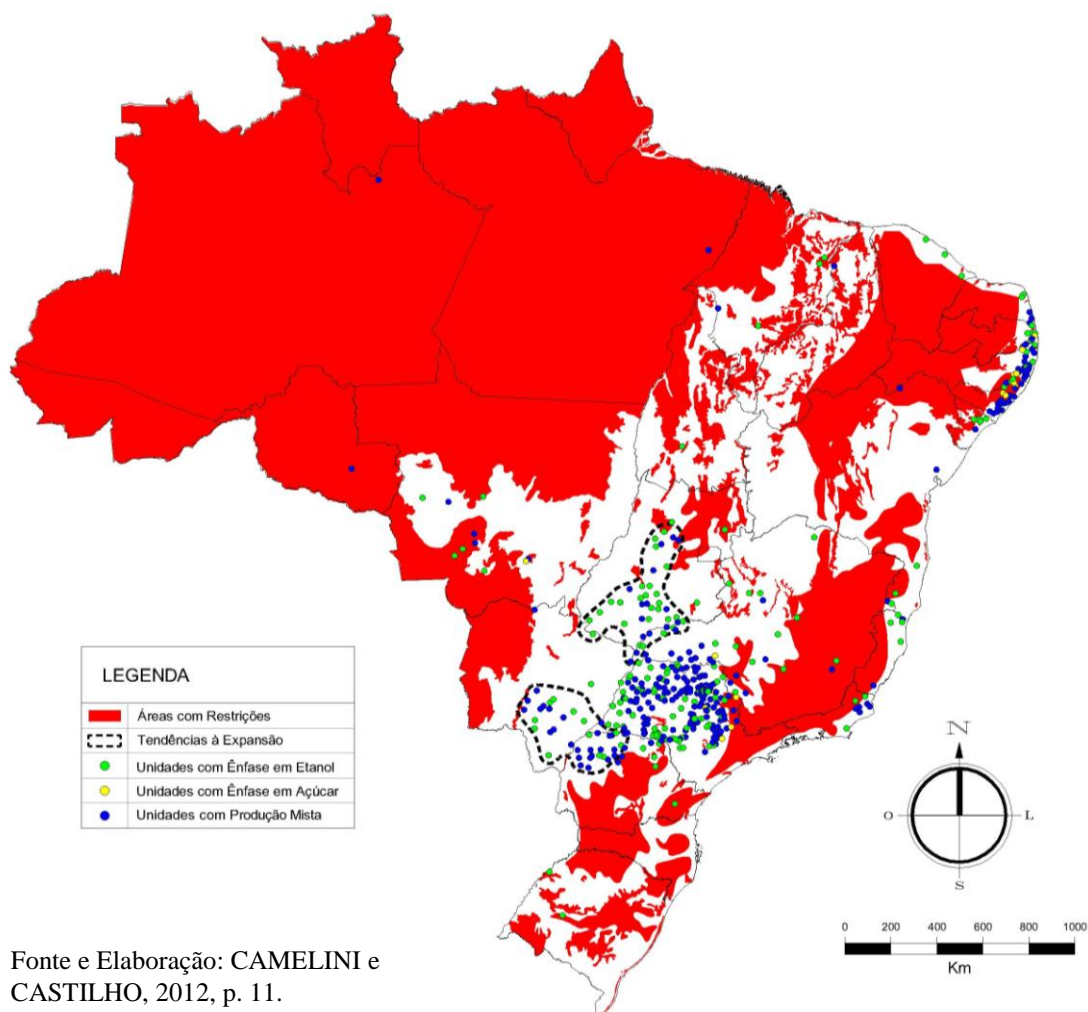
Gráfico 11: Comércio futuro, em potencial, de energia elétrica proveniente do bagaço de cana, no Brasil: 2012 - 2021.

Fonte e elaboração: MME/EPE (2012, p.302).

A **figura 1** indica duas regiões sobre as quais a cana tende a avançar, e assim vem acontecendo pelo menos desde 2003. Uma delas engloba parte do Triângulo Mineiro e do cerrado de Goiás, enquanto a outra inclui o norte do Paraná e o sudeste de Mato Grosso do Sul. Além de apresentarem condições naturais propícias ao cultivo de cana, ambas essas regiões são contíguas ao estado de São Paulo, sede das principais empresas controladoras das usinas, das indústrias de base e de serviços associados, e dos centros de tecnologia canavieira (engenharia genética, etc.) – e, também, destino da produção encaminhada à exportação. Ademais, essas regiões são alvo de projetos de

⁴ Congrega o sistema de produção e transmissão de energia elétrica do Brasil, formado pelas empresas das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste (CCEE, 2012, Glossário). Disponível em: <http://www.ccee.org.br/portal/faces/pages_menu_header/glossario>. Último acesso: 28 nov. 2012.

corredores para o transporte da produção sucroenergética, como hidrovias e dutos para escoar etanol (CAMELINI e CASTILHO, 2012, p.10-1).



Fonte e Elaboração: CAMELINI e CASTILHO, 2012, p. 11.

Figura 1: Regiões com restrições à expansão canieira, e indústrias por tipo de produção, no Brasil, em 2012.

Para 2012 a 2014, para o Brasil, está previsto o início do funcionamento de 9 novas usinas de açúcar ou de etanol, ou mistas. Já para 2015 até 2021, 39 novas destilarias de etanol e 30 novas usinas mistas, deverão ser instaladas no país – em média 10 usinas por ano. (EPE/MME, 2012, p.279-83)

A seguir, o **gráfico 12** apresenta a previsão de aumento de área plantada de cana em três estados - segundo o mesmo estudo. Em relação aos outros estados do Brasil, as áreas de cana nesses estados eram, na safra 2012, as segunda (Minas Gerais), terceira (Goiás) e quarta (Paraná) maiores – inferiores apenas à área de São Paulo,

correspondente à enorme parcela de 47,9% de toda a superfície nacional de plantio de cana. (previsões do LSPA – IBGE, out. 2012)

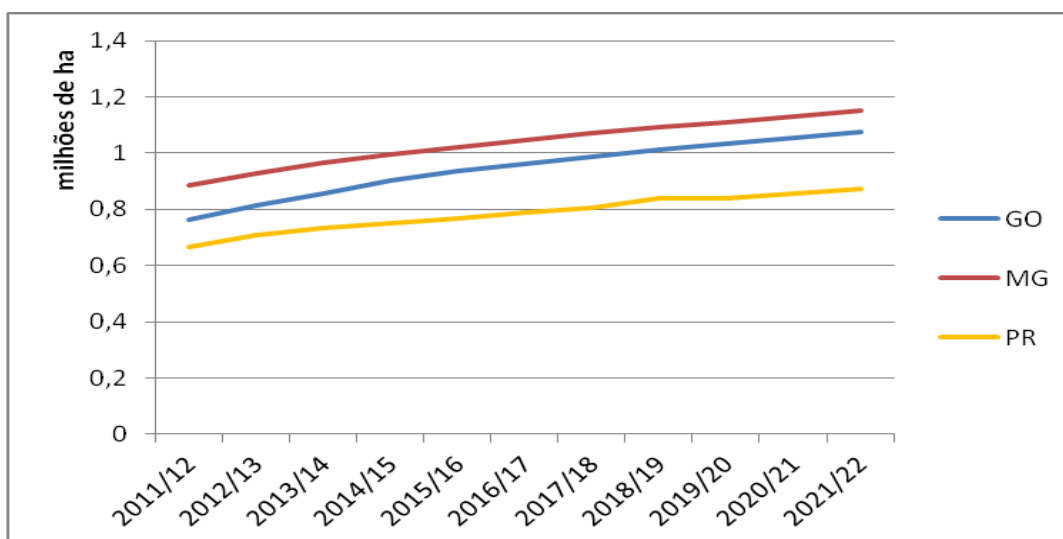


Gráfico 12: Aumento previsto da área plantada de cana em, 3 estados do Brasil : 2011/12 - 2021/22

Fonte: Mapa/AGE (2012). Elaboração: própria.

De acordo com esse último gráfico, Goiás sofrerá um acréscimo de 314,4 mil hectares de plantios de cana – isto é, de 41,3% – com taxa de crescimento médio de 3,35% ao ano. Em termos absolutos, esse aumento será o segundo maior entre os estados brasileiros, inferior apenas ao de São Paulo, com 951,4 mil hectares previstos.

Para o período de 2012 a 2015, para Goiás, são esperados R\$ 9,45 bilhões de investimentos em projetos de implantação e ampliação de indústrias do segmento sucroenergético – segundo a Pesquisa de Intenção de Investimentos no Estado de Goiás, de junho de 2012 (SEGPLAN – Goiás, 2012). Entre os investimentos previstos para todas as atividades industriais e de serviços em Goiás, o segmento sucroenergético responderá pela maior fatia (34%).

Em junho de 2012, em Goiás, havia 34 usinas do setor sucroenergético em operação – com produção mista (açúcar e etanol) ou exclusivamente de etanol; 3 usinas com operações temporariamente suspensas; 4 usinas em implantação, com início de operações previsto para até 2014; e mais 10 usinas que provavelmente seriam implantadas, e entrariam em operação até 2015. (SEGPLAN – Goiás, 2012b)

Fica evidente, pois, o peso que esse segmento da economia vem assumindo, e tende a assumir, em Goiás, particularmente. E o município de Jataí está situado no centro do sudoeste de Goiás, onde houve forte expansão da cana.

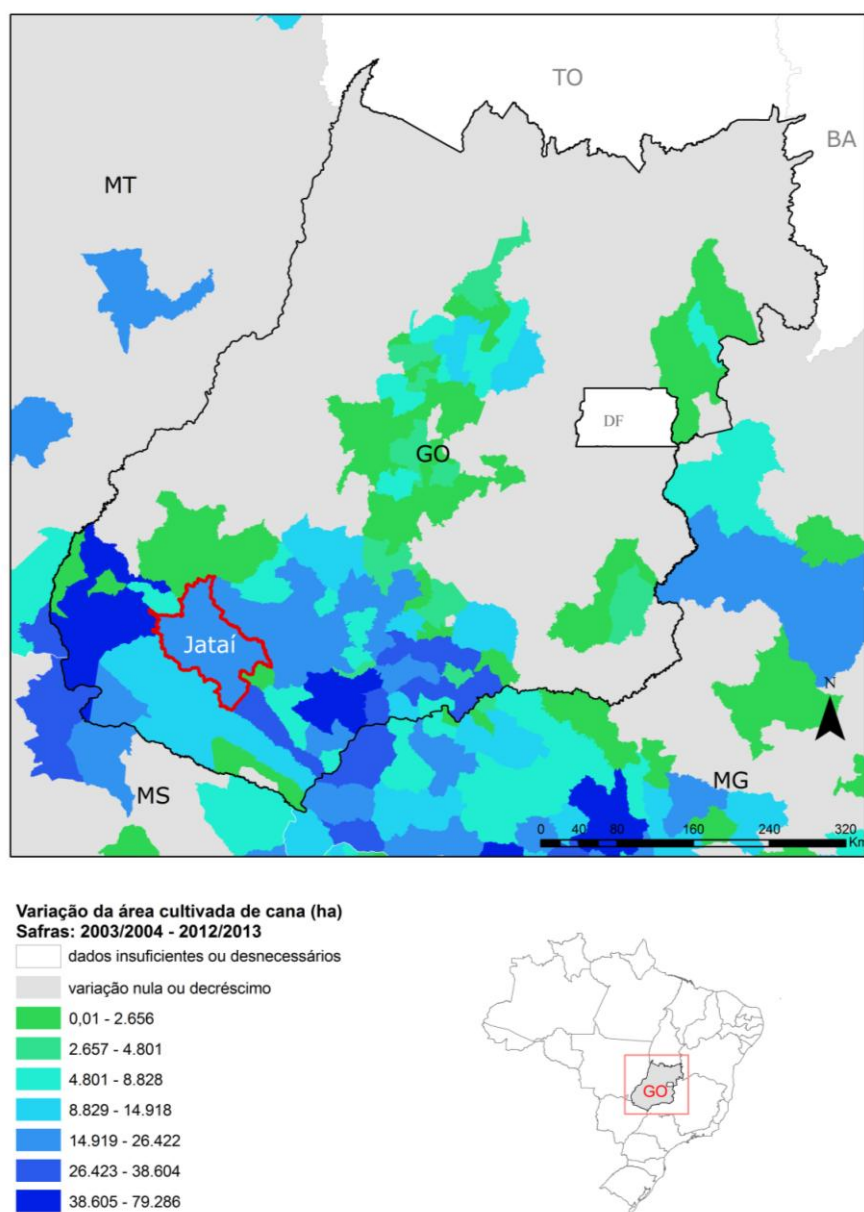


Figura 2: Variação da área plantada de cana por município, de 2003/04 a 2012/13, com destaque para o estado de Goiás e para o município de Jataí.

Fonte: CANASAT (2012). IBGE (2012)

3. SURGIMENTO E EXPANSÃO DO GRUPO COSAN

3.1. 1887-1936

A Cosan é uma sociedade empresarial que, desde o início, foi controlada por membros da família Ometto.

Os Ometto chegaram ao Brasil em setembro de 1887, quando o casal Antônio Ometto e Caterina di Biasi Ometto, e seus dois filhos, desembarcaram no Rio de Janeiro, e, em seguida, foram para São Paulo. Antes disso, o casal vivia na Região do Vêneto, Itália, lavrando a terra e criando animais. E possuíam pequenas propriedades – algo em torno de 0,3 hectares – e eram, também, arrendatários de terra. Numa conjuntura de incentivo à imigração pelo governo brasileiro, fugiram da pobreza na Itália e – engrossando uma onda de imigração de italianos para o Brasil – vieram para o país numa tentativa de acumular riqueza. (GORDINHO, 1986)

Ao chegarem ao Brasil, logo foram contratados para trabalhar como *colonos* numa imensa fazenda de café no município de Amparo (SP). O contrato rezava que os Ometto iriam vender sua força de trabalho em troca de um salário, de uma residência (temporária) e de um talhão de terra (também temporário) para lavrar. (GORDINHO, 1986, p.21)

No Brasil, nasceram mais quatro filhos de Antônio e Caterina – Pedro (1893), Jerônimo (1895), João (1897), Luís (1899); os quatro irmãos sempre foram chamados de “os moços”, e viriam a cumprir importantes funções nos negócios da família (GORDINHO, 1896, p.27).

Assim, os Ometto se foram estabelecendo no Brasil, isto é, foram acumulando capitais e estabelecendo suas relações sociais de poder – p. ex. alguns casamentos entre seus descendentes e descendentes de outras famílias de imigrantes italianos.

Em abril de 1906, a viúva Caterina e seus filhos já haviam acumulado dinheiro suficiente para a primeira parcela de compra de um terreno de seis alqueires⁵, lote da Fazenda Água Santa, a ser quitado num prazo de três anos. Assim, os Ometto passam de colonos a proprietários de terra. Segundo Gordinho (1986), esse sítio ficava em um bairro entre Limeira (SP) e Piracicaba (SP), um local importante para a história do açúcar em São Paulo. “Saíram daí usineiros importantes como os Zanin, os Brunelli, os

⁵ Muito provavelmente, a unidade de medida “alqueire” doravante mencionada nesse texto é o chamado “alqueire paulista”. 1 alqueire paulista equivale a 2,42 hectares, ou a 24.200 metros quadrados. (Ministério do Desenvolvimento Agrário, s/d)

Franceschi, todos antigos donos de alambique e conhecidos desde sempre, compadres ou parentes entre si.” (GORDINHO, 1986, p.34)

Pouco a pouco, a família Ometto foi crescendo, novos casamentos entre italianos acontecendo, novos filhos nascendo. Ao mesmo tempo, os negócios da família foram aumentando, novas terras sendo adquiridas. De vendedores de lenha, milho, arroz, feijão e mandioca, os Ometto passaram, em 1914, a donos de alambique – vendedores de pinga. Em 1918, alguns Ometto já subordinavam colonos, na fazenda Aparecida (GORDINHO, 1986,p.44).

Novas alianças importantes para os negócios dos Ometto iam se formando. Um exemplo foi a amizade entre Pedro Ometto e Mário Dedini – de acordo com Gordinho (1986, p.62), a amizade se transformou em sociedade de negócios e em compadrio. Outro exemplo foi o casamento de Luís Ometto com Cecília Cera, em 1924. Ela era irmã de um médico, que mais tarde exerceu o mandato de vereador em Piracicaba. “Através dessa aliança, os Ometto começaram a abrir sua rede de relações pessoais e a ter mais apoio nos negócios.” (GORDINHO, 1986, p.61)

Em 1932 os Ometto produziram sua primeira leva de açúcar para venda – 25 mil sacas –, em uma usina instalada na Fazenda Boa Vista, em Piracicaba (SP). (GORDINHO, 1986)

Em 1935, Pedro Ometto, em sociedade com João Ometto, Mário Dedini e José Basinello, comprou a *Fazenda Costa Pinto*, também chamada de *Corumbatahy*, situada no município de Piracicaba (SP).

O patrimônio dessa propriedade foi repartido em doze, proporcionalmente ao investimento de cada um no ato da compra: Pedro detinha seis partes, Mário três, João duas e José uma. As terras perfaziam 152 alqueires, e continham a antiga sede da fazenda, uma serraria, uma cocheira e um engenho de aguardente e de açúcar.

Mário Dedini forneceu o maquinário necessário e, em conjunto com os outros três, fundou a sociedade Usina Costa Pinto Ltda. (GORDINHO, 1986, p.97)

A fundação da Usina Costa Pinto é considerada⁶ o marco inicial da sociedade empresarial que veio a ser “batizada” apenas em 2000, sob a razão social “Cosan S.A Indústria e Comércio”. A partir dessa usina matriz, os negócios da empresa se tornaram

⁶ Basta a consulta de qualquer documento público da empresa, por exemplo, dos Relatórios Anuais (COSAN 2008b, 2009, 2010, 2011, 2012)

cada vez mais complexos, tanto quanto as relações sociais concernentes a esses negócios.

3.2. História Recente: 1936-2000

Em 1936, a fundação da Usina Costa Pinto, em Piracicaba (SP), marca o início das atividades do Grupo Cosan. Na safra 1936/7 foram produzidas 6.055 sacas de 60 kg de açúcar nessa usina. (GORDINHO, 1986, p.97)

Em sucessão, diversos membros das famílias Ometto, Dedini, e de ambas (Dedini-Ometto) tornaram-se sócios da Usina, e conduziram uma empresa tipicamente familiar, cujas propriedade e gestão ficam nas mãos de parentes. (GORDINHO, 1986, p.97)

Em 1943, a sociedade da Usina Costa Pinto Ltda. comprou a Fazenda Pau d'Alho, em Barra Bonita (SP). Orlando Ometto – filho de Pedro – foi incumbido da tarefa de montar uma usina nessa fazenda. Em 1946, produziram 40.000 sacas de açúcar, a primeira safra da usina. (GORDINHO, 1986, p.101-2)

Em 1950, assume a direção da Usina Costa Pinto Celso Silveira de Mello, marido de Isaltina Ometto Silveira Mello – filha de Pedro Ometto. (GORDINHO, 1986, p.97)

Em 1949, foi constituída a Usina da Barra S/A; entre os sócios estavam Pedro Ometto e seus dois filhos, Orlando Ometto e Isaltina Ometto Silveira de Mello. (GORDINHO, 1986, p.102)

Entre as safras 1946/7 e 1950/1 os Ometto já possuíam 8 usinas canavieiras no estado de São Paulo, e respondiam por 13,3% de toda a moagem de cana nesse estado – a terceira maior moagem, entre os grupos usineiros. (**tabela 1**)

Entre as safras 1951/2 e 1955/6 os Ometto passaram a ser os maiores usineiros em termos de moagem de cana - controlando 10 usinas e respondendo por um quinto de toda a moagem do estado de São Paulo (**tabela 1**).⁷

Entre as safras 1956/7 e 1960/1, os Ometto respondiam por 21,7% da moagem de São Paulo; entre 1961/2 e 1965/6, por 24,9%.

⁷ Essa dominância dos Ometto na moagem de cana de São Paulo, e mesmo de todo o Brasil, se mantém até hoje – se levarmos em conta as usinas atualmente controladas por Omettos, em especial pela Cosan. Em março de 2013, a Cosan/Raízen controlava 24 usinas, a *São Martinho* controlava 3 usinas, e a *USJ* controlava 2 em funcionamento e 1 em construção.

Entre as safras 1966/7 e 1970/1 já eram 11 as usinas dos Ometto, e juntas respondiam por um quarto de toda a moagem de São Paulo. (**tabela 1**)

Tabela 1: Os maiores grupos usineiros paulistas, por número de usinas (N.Us.) e percentual (%) na moagem de cana do Estado de São Paulo: 1946/7 - 1970/1.

Grupos Usineiros Denominações	1946/7-50/1		1951/2-55/6		1956/7-60/1		1961/2-65/6		1966/7-70/1	
	N.Us.	%	N.Us.	%	N.Us.	%	N.Us.	%	N.Us.	%
Soc. Sucr. Brés.	03	14,1	03	9,3	03	7,3	03	5,5	03	5,0
Fam. Morganti	02	13,6	02	8,5	02	6,0	02	4,7	02	4,3
F. M. Junqueira	01	5,9	01	4,3	01	2,8	-	-	-	-
G. Matarazzo	01	4,7	01	3,1	-	-	-	-	-	-
F. Alves Almeida	01	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Família Nogueira	01	3,6	01	2,9	-	-	02	2,5	02	2,6
Irmãos Ometto (1934)	08	13,3	10	20,0	09	21,7	11	24,9	11	25,0
G. Dedini (1936)	-	-	-	-	06	5,5	06	6,3	04	4,6
Irmãos Biagi (1931)	02	3,3	02	3,4	02	3,5	02	3,5	02	3,5
Fam. Marchesi (1929)	-	-	02	3,2	03	3,3	03	2,8	-	-
Zillo-Lorenzetti (1947)	-	-	-	-	02	3,6	02	4,9	03	5,1
Fam. Balbo (1946)	-	-	-	-	-	-	-	-	02	2,6
TOTAIS	19	62,5	22	54,7	28	53,7	31	55,1	29	52,7
N. total Usinas e % 8>s	76	25,0	92	23,9	95	29,5	93	33,3	96	30,2

Notas: 1- O número entre parênteses indica o ano de fundação da primeira usina do grupo. Os seis primeiros são grupos que possuíam usinas desde antes de 1930.

2 - Os grupos estão identificados por suas origens, sem ter em conta posteriores subdivisões internas.

Fonte e elaboração: RAMOS e PIACENTE (2010, p.14).

Nesses cinco períodos, portanto, o percentual de participação das usinas Ometto na moagem de cana no estado de São Paulo aumentou de 13,3% para 25%. (**tabela 1**)

No início dos anos 1960, os Ometto já haviam acumulado riqueza e poder suficientes para criar gado na Amazônia, e, assim, encaminharam um projeto à SUDAM, com vistas a criarem, engordarem e abaterem gado bovino. Fazenda de propriedade dos Ometto, “a Agropecuária Suiá-Missú foi registrada na Inspetoria Comercial do Estado do Mato Grosso em 21 de novembro de 1962 e transformada em Sociedade Anônima em 16 de julho de 1965” (JUNIOR e SILVA, 2012, p.14). O projeto da Agropecuária Suiá-Missú S/A conseguiu aprovação em setembro de 1966, e o empreendimento foi instalado no município de Barra do Garça (MT).

A propriedade perfazia enormes 800 mil hectares⁸, provavelmente, um dos maiores latifúndios de toda a América Latina (JUNIOR e SILVA, 2012, p.1,15).⁹

⁸ Para fins de comparação, vale saber que as áreas dos 39 municípios que compõem a Região Metropolitana de São Paulo perfazem, somadas, 794,7 mil hectares (SÃO PAULO (Estado), 2011, e IBGE Cid@des).

⁹ Após entrarem em conflito com os índios Xavantes, os Ometto venderam suas terras da Suiá-Missú. Em seguida, compraram a Agropecuária do Cachimbo S/A, de 207 mil hectares, no município Chapada dos Guimarães (MT). Novamente em busca de benefícios financeiros, os Ometto encaminharam à SUDAM um projeto de criação de gado – aprovado em setembro de 1974. Em 1981 haviam 65.783 cabeças de

A lista de empresas pertencentes à família Ometto se foi tornando cada vez mais diversa, à medida que aumentava a acumulação de capitais pela família. Em 1967, por exemplo, Orlando Ometto adquiriu a “Táxi Aéreo Marília” (TAM)¹⁰; em 1972, o comandante Rolim Adolfo Amaro detinha metade das ações da TAM, e assumiu a gestão dessa companhia (CARVALHO, 2010, p.21).

O poder político dos Ometto traduziu-se em alguns mandatos em municípios paulistas. Em 1959, Antônio Ometto foi eleito prefeito de Iracemápolis (SP), tendo João Ometto como vice-prefeito. Na gestão seguinte, Antônio elegeu-se vereador de Iracemápolis.¹¹

Segundo Caldeira Filho (2012, p.36), os Ometto estiveram diretamente envolvidos na criação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), da década de 70; Gordinho (2010, p.65) menciona Dovillio Ometto e Orlando Chesinni Ometto como “participantes de primeira hora” do Proálcool.

Essa diversificação de negócios induziu a formação de clãs de Ometto cada vez mais autônomos, cada clã assumindo um grupo de companhias. A administração e a propriedade dessas companhias, apesar de sofrerem ingerências de outros clãs, aos poucos se restringiram mais a esse ou aquele clã.

Em 1968, o clã Pedro Ometto adquiriu a usina Santa Bárbara, em Santa Bárbara d'Oeste (SP) – sob a nova denominação “Companhia industrial e Agrícola de Santa Bárbara”. Em 1980 a companhia mudou de nome novamente, passou a ser “Usina Santa Bárbara S/A - Açúcar e Álcool”;¹² na safra 1987/8, essa usina produziu 1.125.440 sacas de açúcar e 86.510.382 litros de álcool.¹³

Em 1970, morreu Pedro Ometto, um dos “moços”, e suas usinas foram, então, partilhadas entre seus dois filhos. Isaltina, mãe de Rubens Ometto, herdou a Costa Pinto e a Santa Bárbara e Orlando, tio de Rubens, a Usina da Barra.¹⁴

gado na Cachimbo. O loteamento das terras da Cachimbo deu origem, em 1984, ao município de Matupá (MT) (JUNIOR e SILVA, 2012, p.17-18).

¹⁰ Em 1976 surgiu a Transportes Aéreos Regionais (TAM), origem da empresa conhecida hoje como Tam Linhas Aéreas.

¹¹ Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, Projeto de Lei Nº 11, de 2004.

¹² Histórico da Usina Santa Bárbara. **Fundação Romi**. Disponível em: <http://fundacaoromi.org.br/fundacao/cultura.php?foto=ue_sta_barbara&area=cultura&p1=3&p2=21&p3=70&p4=113&id_ue_sta_barbara=2>. Acesso em: 18 set. 2012.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Senhor de engenho. **Exame.com**, 12 jun. 2002. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0768/noticias/senhor-de-engenho-m0050605>> Acesso em: 3 out. 2012

Liderado por Isaltina, o clã empresarial que nascia naquele momento, viria a ser chamado de Grupo *Cosan* – pois a rubrica “Cosan” é a contração das iniciais das usinas Costa Pinto e Santa Bárbara.

Em 1975, os Ometto compraram a Usina Monte Alegre. As terras dessa usina produziam muita cana, e foram repartidas entre as Usinas Iracema, Costa Pinto, Santa Bárbara e as Indústrias Dedini. A usina continuou a funcionar até 1980, moendo cana de fornecedores. (GORDINHO, 1986, p.130)

Em 1978 Rubens Ometto Silveira de Mello assumiu a direção da Celisa, a companhia controladora (*holding company*) das usinas Santa Bárbara e Costa Pinto – que sua mãe – Isaltina – havia herdado.

Em 1980, Rubens Ometto tornou-se presidente do conselho administrativo da Usina Costa Pinto S.A. Açúcar e Álcool, e diretor vice-presidente da Pedro Ometto S.A. Administração e Participações (Serviço Público Federal – CVM, 2008).

Segundo MOREIRA (1989, p.75), entre 1975 e 1987 a família Ometto constituía quatro grupos econômicos distintos no setor sucroalcooleiro, a saber:

- a) *Grupo Pedro Ometto*, controlador das usinas Costa Pinto, Santa Bárbara e Da Barra;
- b) *Grupo João/Luiz Ometto*, controlador das usinas São Martinho, Iracema, Santa Cruz (de Américo Brasiliense) e Santana;
- c) *Grupo Hermínio Ometto*, controlador da usina São João (Araras) e, a partir de 1983, da usina Santa Terezinha;
- d) *Grupo Jerônimo Ometto*, controlador da usina Santa Lúcia.

Na safra 1987/8, os três maiores grupos Ometto somavam 20,17% da moagem de todo o estado de São Paulo. De 1974 a 1988, o Grupo Pedro Ometto – que veio a redundar no Grupo Cosan – concorria com o Grupo Luiz/João Ometto pela maior moagem do estado. (**tabela 2**)

Tabela 2: Os três principais grupos Ometto em números, por anos-safra

Grupos Econômicos	Safra 1975/6*			Safra 1979/80*		
	Nº Us.	Moagem (mil ton.)	(%) SP	Nº Us.	Moagem (mil ton.)	(%) SP
Luiz/João Ometto	4	3.954,06	10,9 (1º)	4	6.965,61	11,03 (1º)
Pedro Ometto	3	3.363,98	9,27 (2º)	3	5.314,24	8,42 (2º)
Hermínio Ometto	1	1.551,88	4,28 (4º)	1	2.647,65	4,19 (4º)
(continuação)	Safra 1984/5*			Safra 1987/8**		
	Nº Us.	Moagem (mil ton.)	(%) SP	Nº Us.	Moagem (mil ton.)	(%) SP
Luiz/João Ometto	4	10.020,99	8,62 (1º)	3	9.941,44	8,28 (2º)
Pedro Ometto	3	9.659,19	8,31 (2º)	3	10.429,42	8,69 (1º)
Hermínio Ometto	2	4.323,16	3,72 (4º)	2	3.845,54	3,20 (5º)

Notas: 1) Nº Us. = número de usinas; (%) SP = participação na moagem de cana total do Estado de São Paulo; 2) *média trienal, igual à média entre o ano-safra indicado e os anos-safra imediatamente anteriores e posteriores; 3) **média bienal, igual à média ponderada entre o ano-safra indicado (peso 2) e o ano-safra imediatamente anterior (peso 1).

Fonte: Adaptado de MOREIRA (1989, p.78-81)

Assim, oitenta anos após comprarem seu primeiro lote de terra – na Fazenda Água Santa, em Piracicaba (SP), em 1906 – a família Ometto contava com um patrimônio de peso no setor sucroalcooleiro. Suas usinas e fazendas já se distribuíam por vários municípios de São Paulo.

Em 1986, [os Ometto] constituíam cinco grupos autônomos, pródigos em disputas familiares: o grupo Pedro Ometto (Usina da Barra e Costa Pinto), o grupo Hermínio Ometto (Usina São João), o grupo Narciso Ometto (Usina Santa Lúcia), o grupo Iracema (Usina São Martinho) e o grupo Ometto-Pavan (Usina Santa Cruz). Não raro, os donos dessas usinas também possuíam ações das empresas dos parentes, o que tornava o jogo de interesses e participações cruzadas uma teia impossível de desatar.¹⁵

Em 1986, começou um período de expansão do grupo, através de aquisições de usinas – já construídas – de outras companhias, concorrentes. Nesse ano, Rubens Ometto adquiriu o controle do grupo Bom Jesus, incluindo as usinas Santa Helena – de Rio das Pedras (SP) -, São Francisco – de Elias Fausto (SP) – e Ipaussu – de Ipaussu (SP).¹⁶

Em 1986, Celso Silveira de Mello Filho e Rubens Ometto – então diretores da usina Costa Pinto - assumiram a direção da Usina Santa Bárbara.¹⁷

¹⁵ *Ibidem*. Obs.: A reportagem falha em não mencionar a usina Santa Bárbara, à época também propriedade do grupo Pedro Ometto.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Histórico da Usina Santa Bárbara. **Fundação Romi**. Disponível em: <http://fundacaoromi.org.br/fundacao/cultura.php?foto=ue_sta_barbara&area=cultura&p1=3&p2=21&p3=70&p4=113&id_ue_sta_barbara=2>. Acesso em: 18 set. 2012.

Na safra 1991/2, clãs da família Ometto apresentavam-se em quatro grupos empresariais distintos, detendo a propriedades de usinas sucroalcooleiras.

Tabela 3: Grupos empresariais da família Ometto, em números: safra 1991/2

Grupos	Nº de usinas	Moagem ou difusão ¹⁸ de cana (mil ton.)	(%) Brasil
Luiz/João Ometto	3	10.766,3	4,74
Usina da Barra S/A	1	7.027,9	3,09
Cosan	2	4.478,6	1,97
Hermínio Ometto	2	3.633	1,6
Total	8	25.905,8	11,4

Fonte: Adaptado de PINTO (2000, p.55). Nota: (%) Brasil = percentual da moagem ou difusão do Grupo em relação ao total do Brasil.

A usina Santa Bárbara foi desativada em 1995, e parte de seus equipamentos foram enviados a outras usinas do grupo. Não obstante, na área de atividade agrícola adjacente à usina continuou-se a produzir cana – não mais para a extração do caldo na Santa Bárbara, porém para outras usinas, próximas. (REYDON *et.al.*, 2006, p.426)

Após uma disputa judicial entre Rubens Ometto e sua mãe (Isaltina) e irmãos, em 1996 ocorreu a fusão entre as *holdings* Bom Jesus e Celisa, e nasceu a *Nova Celisa*. O grupo controlado pela Nova Celisa passou a ser conhecido como Cosan/Bom Jesus (Cosan/BJ). Rubens Ometto passou a deter 50% das ações da Nova Celisa – os outros 50% ficaram com a mãe e os irmãos. Assim, Rubens Ometto assumiu o maior poder individual no Grupo Cosan, situação que se mantinha até o início de 2013.¹⁹

Uma reportagem da revista Exame resumiu da seguinte maneira o processo pelo qual Rubens Ometto ascendeu no Grupo Cosan:

Quando Pedro Ometto, avô de Rubens, morreu, em 1970, Isaltina ficou com as usinas Santa Bárbara e Costa Pinto. A seu irmão Orlando coube a Barra, a maior usina do mundo, incorporada ao Cosan em 2002. Até se tornar sócio majoritário, Rubens enfrentou uma daquelas prolongadas guerras em família que paralisam os negócios e abalam até os mais fortes laços afetivos. Rubens queria profissionalizar a gestão das usinas. Seus irmãos Celso, Mara e Celina resistiram. Junto com a mãe, eles moveram contra Rubens um processo na Justiça. Um acordo acionário pôs fim à disputa em 1996. Rubens uniu seu grupo Bom Jesus com as usinas da mãe. As seqüelas daquele período o levaram à crença de que, para que um negócio familiar possa florescer, é preciso, antes de tudo, separar gestão e parentesco. "Do contrário, a fofoca e

¹⁸ Moagem ou difusão são dois métodos de extração do caldo da cana para a produção de açúcar e de álcool. No Brasil, até 1985, toda essa extração de caldo se dava através do esmagamento da cana em moendas – da *moagem*. Nesse ano foi instalado o primeiro difusor em usinas do Brasil, na Destilaria Galo Bravo – em Ribeirão Preto (SP) – o que permitiu maior eficiência na extração de sacarose contida no caldo da cana (PIACENTE, 2010, p.98).

¹⁹ Senhor de engenho. **Exame.com**, 12 jun. 2002. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0768/noticias/senhor-de-engenho-m0050605>> Acesso em: 3 out. 2012

a política podem destruir um negócio, como por pouco não ocorreu conosco", diz [Rubens].²⁰

Ainda em 1996, a Cosan recebeu uma concessão federal para construir e operar um terminal de exportação de açúcar no porto de Santos - o Teaçú Armazéns Gerais S.A. (TEAÇU). (COSAN, 2008b, p.21)

De acordo com Júnior (2002, p.72-4), na safra 1996/7, os Ometto constituíam quatro grupos econômicos com empresas sucroalcooleiras: Luiz/João Ometto, Cosan/BJ, Pedro Ometto e Hermínio Ometto (**tabela 4**).

Somadas, as produções dos quatro grupos Ometto perfaziam 19,9% da cana moída no estado de São Paulo, 26% do açúcar produzido, e 15,6% do álcool produzido.

Nessa época, a Cosan/BJ controlava cinco usinas ativas – Costa Pinto, Santa Helena, Ipaussu, Diamante e São Francisco – e respondia por 5,3% do processamento de cana no estado de São Paulo (4ª maior), 7,2% (3ª maior) da produção de açúcar e 4% da produção de álcool (4ª maior) (**tabela 4**).

Tabela 4: Participação dos dez principais grupos ou famílias com empresas sucroalcooleiras de São Paulo: safra 1996/7.

Grupos econômicos ou famílias	Nº de usinas (empresas)	Cana processada (mil ton.)		Prod. açúcar (mil ton.)		Prod. álcool (mil m ³)	
		Total	(%) SP	Total	(%) SP	Total	(%) SP
Luiz/João Ometto	3	12.305,0	7,2	677,9	8,9	587,3	6,5
Biaggi	4	11.320,0	6,6	577,3	7,6	609,1	6,8
Zillo/Lorenzetti	3	9.195,9	5,4	521,9	6,9	475,5	5,3
Cosan/BJ	5	9.040,4	5,3	551,3	7,2	362,5	4
Pedro Ometto	3	8.046,9	4,7	506,1	6,7	240,2	2,7
Hermínio Ometto	3	4.695,3	2,7	246,1	3,2	220,4	2,4
Rezende Barbosa	2	4.609,5	2,7	298,8	3,9	201,6	2,2
Balbo	3	4.060,7	2,4	140,4	1,8	143,3	1,6
Corona	1	4.172,0	2,4	262,5	3,4	164,3	1,8
Virgolino Oliveira	2	3.335,5	1,9	193,5	2,5	157,8	1,7
Estado de SP (total)	132	170.600,1	100	3.975,8	100	3.162	100

Fonte: Adaptado de JÚNIOR (2002, p.74).

Na safra 1996/7, três usinas *atualmente*²¹ controladas pelo grupo Cosan estavam entre as de maior processamento de cana em toda a região Centro-Sul. A saber: a usina

²⁰ O maior usineiro do mundo. **Exame**, 02 mai. 2005. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0845/noticias/o-maior-usineiro-do-mundo-m0049425>> Acesso: 09 out.2012

²¹ As usinas Da Barra e Bonfim só foram adquiridas pela Cosan em, respectivamente, 2002 e 2006.

Da Barra - com processamento de 6.529,76 mil toneladas de cana, o maior processamento -; a usina Bonfim - com processamento de 5.210,07 mil toneladas de cana, o terceiro maior -; e a usina Costa Pinto - transformadora de 3.844,9 mil toneladas de cana - o sétimo maior processamento (RAMOS, 2008, p.7).

Em 1998, o grupo Cosan/Bom Jesus adquiriu usinas Diamante – em Jaú (SP) – e Serra – em Ibaté (SP), cuja gestão passava por dificuldades financeiras.

Na safra 1997/8, Orlando Ometto – tio de Rubens Ometto – controlava a usina DaBarra – a usina de maior produção de açúcar em todo o mundo -, além da usina Santa Adelaide, tomada em arrendamento pela Usina da Barra; essas duas usinas distavam apenas 25km uma da outra, e eram administradas pela mesma equipe (PINTO, 2000, p. 57-8).

Tabela 5: Processamento de cana das usinas do grupo Cosan/ Bom Jesus: safras 1991/2 e 1997/8.

Unidades Produtoras*	Process. de cana (mil ton.)		
	91/92	97/98	Δ (%)
Usina Costa Pinto S/A (91/92)	2.858,9	3.417,4	+ 19,5
Usina Diamante (97/98)	1.500,0	1.784,3	+ 19,0
Usina Sta. Bárbara S/A** (91/92)	1.619,7	-	-
Usina da Serra (97/98)	1.018,0	1.021,7	+ 0,4
Ind. Aç. São Francisco (97/98)	1.001,2	1.568,8	+ 56,7
Usina Santa Helena (97/98)	941,3	1.401,6	+ 48,9
Usina Ipaussu (97/98)	526,8	968,5	+ 83,9
Total do Grupo	4.478,6	10162,3	+ 127,0

Fonte: Adaptado de PINTO (2000, p.57)

Notas: * (91/92) = Unidades que pertenciam ao Grupo Cosan/BJ na safra 1991/92.

(97/98) = Unidades que foram incorporadas pelo Grupo Cosan/BJ até a safra 1997/98.

** Unidade que consta no Guia dos Produtores de Açúcar e Álcool Centro-Sul Safra 91/92, mas não no Anuário JornalCana Centro-Sul Safra 97/98.

Em fevereiro de 2000, a Irmãos Franceschi Agrícola e Industrial Ltda. recebeu um aumento de capital e, mediante assembléia geral, foi transformada em sociedade anônima, e teve a razão social alterada para Cosan S.A. Indústria e Comércio (Serviço Público Federal – CVM, 2008, p.32). Os negócios do grupo Cosan/Bom Jesus passaram a ser controlados por essa *holding* Cosan S.A., e Rubens Ometto tornou-se presidente do conselho administrativo, e diretor presidente da Cosan S.A..

3.3. Cronologia da Cosan, de 2000 a 2012

Da instituição da Cosan S.A. Indústria e Comércio, em fevereiro de 2000, até o fim de 2012, a estrutura de corporação do Grupo Cosan passou por uma série de mudanças. A *cronologia* a seguir é uma seleção de acontecimentos importantes para essa estrutura de *gestão* e de *propriedade* da Cosan consolidada até fins de 2012.

a) 2000

- A Cosan iniciou uma parceria com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), para desenvolver um Sistema de Informações Geográficas (SIG), a fim de aperfeiçoar o monitoramento dos canaviais que serviam as usinas do Grupo. Graças a essa parceria, desenvolveu-se uma ferramenta para monitorar canaviais via de imagens de satélite. Foi possível, então, ao cruzar essas imagens com um banco de dados, obter informações detalhadas sobre as lavouras como focos de pragas, idade dos canaviais, espaçamento entre colmos, variedades de cana, pH do solo, temperatura, pluviometria, declividade, etc. Segundo um relatório oficial, em março de 2010 a Cosan monitorava *todos* os canaviais que abasteciam suas usinas, fossem em terras próprias, em terras de arrendamento, ou em terras de fornecedores. (COSAN LIMITED, 2010, p.60 e COSAN, 2008b, p. 60)
- A Cosan comprou a usina Rafard (de Rafard – SP), com capacidade de moer 2,5 milhões de ton. de cana ao ano (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)
- Em novembro, foi criada a companhia *Franco Brasileira de Açúcar e Álcool* (FBA), uma *joint venture*²² da Cosan (47,5% das ações da FBA) com as *tradings companies* francesas Tereos (com 47,5% das ações da FBA) e Sucden (5% das ações da FBA). (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)
- Em dezembro, a FBA comprou a usina Ipaussu S/A Açúcar e Álcool (de Ipaussu – SP). (PASIN e NEVES, 2002, p.6)

b) 2001

- Em abril, a FBA comprou, por R\$ 120 milhões, 100% das ações da usina Univalem (de Valparaíso – SP), e 50% das ações da usina Gasa (Guanabara

²² *Joint venture* – “união com risco” – é uma associação entre empresas por um tempo definido, que dá origem a uma nova empresa – sem que nenhuma das associadas perca sua identidade. (Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2110:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 15 nov. 2012).

Agroindustrial Ltda., de Andradina – SP).²³ Univalem e Gasa conservavam, respectivamente, 1,9 e 1,1 milhões de toneladas por ano de potencial de processamento de cana.

- Em setembro, a FBA tomou em arrendamento a usina Santo Antônio (de Piracicaba – SP). (PASIN e NEVES, 2002, p.6)

c) 2002

- Em julho, a Cosan celebrou contrato de arrendamento de vinte anos da usina Junqueira (de Igarapava – SP), com capacidade de moer 2,2 milhões ton. de cana ao ano. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)

- Em agosto, a Cosan adquiriu indiretamente o controle da Da Barra, que possuía a usina com a maior processamento de cana no mundo, a usina da Barra (de Barra Bonita – SP) com capacidade de moer 6,8 milhões ton. de cana ao ano. Antes o Grupo já detinha 21% das ações da Da Barra, mas não era o acionista controlador. A DaBarra, porém, já era controlada por Omettos.

Por tabela, a Cosan adquiriu também a usina Santa Adelaide (de Dois Córregos – SP –, situada a apenas 25km da usina DaBarra), que fora arrendada para a DaBarra por 12 anos, além do direito de uso da marca “Açúcar da Barra”. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40, e PINTO, 2000, p.58)

Em abril de 2004, a Cosan adquiriu diretamente mais 3,6% do capital social da Da Barra, o que aumentou sua participação acionária na Da Barra de 48,8% para 52,5%. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)

Em janeiro de 2005, a participação acionária da Cosan na Da Barra aumentou de 52,5% para 95,0% mediante permuta de ações. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)

d) 2004

- A Cosan ingressou no mercado de capitais, realizando sua primeira emissão de bônus no mercado internacional, no valor de US\$ 200 milhões, com vencimento em 2009. (COSAN, 2011, p.11)

²³ SIQUEIRA, C. Usineiros da região fecham negócio de R\$ 120 milhões. **Folha da Região On Line**. Araçatuba, 26 abr. 2001. Economia. Disponível em: <<http://www.folhadaregiao.com.br/jornal/2001/04/26/econ03.php>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

- Em fevereiro, a Cosan assinou contrato de arrendamento de vinte anos da usina Dois Córregos, com capacidade de moer 1,4 milhões de ton. de cana por ano.
- Ainda em fevereiro, a Cosan comprou a refinaria Usati, uma indústria de refinamento de açúcar situada no município de Ilhota (SC), próxima ao porto de Itajaí (SC). Graças a essa posição propícia da refinaria, a Cosan esperava exportar mais de 70% do açúcar refinado lá produzido. A matéria-prima para o refino de açúcar viria de caminhão, a partir das então 12 usinas da Cosan, todas situadas no estado de São Paulo.²⁴
- Em dezembro, a Cosan adquiriu, através da FBA, o controle acionário do Grupo Destivale (composto pela Destilaria Vale do Tietê, ou “Destivale”, Destiagro Destivale Agropecuária Ltda., ou “Destiagro”, Agrícola Destivale Ltda., ou “Agrícola Destivale”, e Auto Posto Destivale Ltda., ou “Auto Posto Destivale”) por um preço de aquisição total de US\$36,7 milhões. O Grupo Destivale conservava uma capacidade de processamento de 1 milhão de toneladas de cana por ano. (COSAN LIMITED, 2010, p.33)

e) 2005

- A Cosan celebrou uma aliança estratégica com o conglomerado asiático Kuok. (COSAN, 2008b, p. 22).
- A Cosan aliou-se aos grupos Crystalsev, Cargill, Nova América e Plínio Nastari para formar o Terminal de Exportação de Álcool Santos (TEAS). (COSAN, 2008b, p. 14)
- Outra importante parceria estratégica estabelecida neste ano foi com o IFC (International Finance Corporation) (COSAN, 2008b, p. 14)
- Em maio, a Cosan passou a deter 99,9% do capital social da FBA, em função de uma reorganização pela qual a Tereos e a Sucden passaram a ser acionistas da Cosan. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM, 2005, p.40)
- Em novembro, a Cosan S.A. realizou a sua primeira Oferta Pública de Ações (OPA) na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa) – no segmento *Novo Mercado* – isto é, vira uma empresa de capital aberto – a primeira do setor sucroenergético (CALDEIRA FILHO, p.50). 18,4 milhões de novas ações foram

²⁴ MAGALHÃES, M. Cosan compra a refinaria Usati. **JornalCana**, 3 fev. 2004. Disponível em: <<http://www.jornalcana.com.br/noticia/Jornal-Cana/41449+Grupo-Cosan-compra-a-refinaria-Usati>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

listadas no Novo Mercado, sob a rubrica “CSAN3”, no valor de R\$ 48 cada. (COSAN, 2008b, p. 22).

Por consequência da OPA, a Cosan captou para si R\$ 886 milhões em investimentos diretos. Tais recursos impulsionaram um novo período de expansão do Grupo, pois serviram para financiar a compra de 4 usinas concorrentes, entre dezembro de 2005 e abril de 2006 (COSAN, 2008b, p. 22).

- Em dezembro de 2005, a Cosan comprou, por R\$ 105,5 milhões, todas as ações das empresas que controlavam a usina Mundial (de Mirandópolis – SP), com capacidade de moer 1,3 milhão de ton. de cana por ano. (COSAN, 2008b, p. 14)

f) 2006

- Em fevereiro, a Cosan adquiriu, por R\$398,6 milhões, 100% das ações da Açucareira Corona S.A. e, conseqüentemente, passou a controlar as usinas Bonfim (de Guariba – SP) e Tamoio (de Araraquara – SP). As duas usinas eram capazes de moer, juntas, 6 milhões de ton. de cana ao ano (VERDI *et. al.*, 2012, p.32 e COSAN, 2008b, p. 14)

- Em abril, a Cosan adquiriu, por R\$ 120 milhões, 100% das ações da usina Bom Retiro S.A. (de Capivari – SP), com capacidade de moer 1,2 milhões de ton. de cana por ano. (VERDI *et. al.*, 2012, p.32 e COSAN, 2008b, p. 14)

- Em 9 de junho, a Cosan contratou a CanaVialis S.A. para que essa fornecesse um “pacote tecnológico” direcionado aos canaviais que abasteciam ou que viessem a abastecer usinas Cosan, isto é: *consultoria técnica* aos produtores de cana, para definir quais variedades de cana deveriam, ou não, ser plantadas em tais e tais áreas; *produção de mudas de cana*, em uma grande fábrica de Campinas (SP); *aperfeiçoamento genético* de variedades de cana melhor adaptadas a certos ambientes. (Press Release, 2006)

A CanaVialis instalou uma estação experimental na usina Destivale, e nela iniciou uma série de testes com novas variedades de cana selecionadas especificamente para o ambiente de cultivo de cana da Cosan. (COSAN LIMITED, 2010, p.60-1)

A Cosan, em parceria com a CanaVialis, pretendia implantar mais 10 estações experimentais em regiões consideradas propícias ao cultivo de canaviais e, conseqüentemente, à construção de novas usinas (*greenfield*). Nessas estações adaptar-se-iam diferentes variedades de cana, para diferentes ambientes. Investiu-

se aproximadamente US\$ 25 milhões, oriundos da IPO de agosto de 2007, na implantação dessa rede de estações, que seria concluída ao longo de 6 anos. (Formulário 20F, 2010, p.60-1).

- Em agosto, foram iniciadas as atividades operacionais da subsidiária integral Cosan International, com a finalidade de comercialização dos produtos da Cosan no mercado internacional. (COSAN, 2008b, p. 174)

g) 2007

- Em 1º de março, a Cosan constituiu a Cosan Centroeste S.A. Açúcar e Álcool. (COSAN, 2008b, p. 174)

- Em abril, a Etanol Participações S.A. (EP) adquiriu a Usina Santa Luiza e Agropecuária Aquidaban Ltda., situada em Motuca (SP), por US\$ 112 milhões, dos quais US\$39,4 milhões foram pagos pela Cosan. A EP era uma *holding company* composta pela Usina São Martinho S.A., pela Santa Cruz S.A. Açúcar e Álcool, e pela Cosan. São Martinho, Santa Cruz e Cosan detinham, respectivamente, 41,65%, 33,33% e 25% das ações da EP. (COSAN LIMITED 2010, p.34)

- Em agosto, foi criada a *Cosan Limited* (Cosan Ltd.), listada na Bolsa de Valores de Nova York, sob a rubrica “CZZ”, por ocasião de uma IPO (*‘Initial Public Offering’*, ou ‘Oferta Inicial de Ações’). Com sede nas Bermudas – arquipélago do atlântico norte, situado à altura da costa sudeste dos EUA, considerado um “paraíso fiscal” – a Cosan Ltd. já nasceu, portanto, como uma empresa de capital aberto. (COSAN, 2009, p.7,11)

Concomitantemente ao IPO nos Estados Unidos foram lançados *BDRs* (*Brazilian Depositary Receipts*)²⁵ no Brasil. A essa transação financeira chamou-se *Oferta Global*. Graças a essa Oferta a Cosan estimava que arrecadaria de R\$2.397,9 milhões a R\$2.759,4 milhões.

A Cosan Ltd. foi criada para controlar a Cosan S.A.. Rubens Ometto assumiu poderes especiais na Cosan Ltd., pois as leis das Bermudas permitiram que ele

²⁵ Brazilian Depositary Receipts (BDRs) são certificados de depósito de valores mobiliários (títulos financeiros) emitidos no Brasil que representam valores mobiliários de companhias abertas com sede no exterior. No caso da Cosan, os valores mobiliários (títulos financeiros) da Oferta Global foram ações ordinárias classe ‘A’. (Consultar: <http://www.bmfbovespa.com.br>)

comprasse para si uma série especial de ações, que lhe dariam um direito de 10 votos por ação, isto é, um maior poder de deliberação.

h) 2008

- Em 14 de fevereiro, a Cosan adquiriu 100% das ações da Benálcool Açúcar e Álcool S.A. por US\$42,7 milhões. A Benálcool incluía uma usina de açúcar e álcool, situada em Bento de Abreu (SP), e com capacidade de moer 1,3 milhão de toneladas de cana ao ano (Formulário 20F, 2010, p.34-5).
- Em 18 de março de 2008, a Cosan S.A. anunciou a instituição da Uniduto Logística S.A., em sociedade com a “Copersucar” – Cooperativa de Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo – e a “Crystalsev” – Crystalsev Comércio e Representação Ltda.. O objetivo da “Uniduto” era o de construir e gerir um sistema de transporte de etanol via dutos, cujo trajeto incluiria um terminal portuário do estado de São Paulo, e os municípios de Paulínia (SP), Conchas (SP) e Ribeirão Preto (SP).²⁶
- Em abril, a Cosan S.A. anunciou publicamente a assinatura de um memorando de entendimentos com a Rezende Barbosa S.A. Administração e Participações, que criava a *Rumo Logística S.A.*. No acordo, a Cosan contribuiu à “Rumo” todo o capital que detinha da *Cosan Operadora Portuária S.A.*, além de 49% de suas ações no Teaçú Armazéns Gerais S.A. - terminal de exportação de açúcar situado no porto de Santos – adquiridas da própria Rezende Barbosa. A Resende Barbosa, por sua vez, contribuiu seus 51% de participação no Teaçú. (COSAN, 2008a)

Em 9 de abril de 2009, a Cosan e a Rezende Barbosa concluíram a combinação dos terminais portuários da Cosan e Teaçú. Em consequência, a Novo Rumo Logística S.A. – controladora da Rumo – adquiriu 100% das ações em circulação da Teaçú por R\$121 milhões (US\$53,0 milhões).

Em junho de 2009, a Cosan adquiriu, da Rezende Barbosa, 100% das ações Curupay S.A. Participações, e, assim, 28,82% das ações da Novo Rumo. Em decorrência da transação, a participação direta e indireta da Cosan no capital da Novo Rumo passou a ser de 92,88%. (Formulário 20F, 2010, p.vi e 35, e Formulário de Referência, 2012, p.73)

²⁶ Comunicado ao mercado. **COSAN anuncia projeto de alcoolduto**. Disponível em: <<http://ir.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=cl0hjFrcImZO+iHtJRMWmA==>>>. Acesso em 27 jul. 2012.

No ano fiscal de 2011, a *Rumo Logística S.A.* era denominada “Rumo”. A partir do ano fiscal de 2012, a Rumo Logística S.A. deixou de existir e, então, a Rumo Logística Operadora Multimodal S.A. – antes denominada Cosan Operadora Portuária S.A. – começou a responder por “Rumo”.

A Novo Rumo Logística S.A. detinha, em 31 de março de 2012, 75% das ações Cosan Operadora Portuária S.A. – que, em 30 de junho de 2012, respondia por Rumo Logística Operadora Multimodal S.A.. Como a Cosan S.A., a essa última data, detinha, *direta e indiretamente*, 92,90% das ações da Novo Rumo Logística S.A., acabou por deter, *indiretamente*, 69,7% das ações da Rumo Logística Operadora Multimodal S.A.. (COSAN SA., 2012a, p.119; 2012b)

- Em 23 abril, a Cosan assinou contrato com a Exxon para adquirir 100% das ações da Esso Brasileira de Petróleo Ltda. – a Essobrás – e de suas afiliadas.

Em 1º de dezembro, a Cosan consumou a compra da Essobrás, por US\$ 715 milhões. Assim, incorporou à sua plataforma de operações no Brasil 40 bases de distribuição de combustíveis, mais de 1.500 postos de varejo de combustíveis e uma indústria de lubrificantes no Rio de Janeiro (RJ). Ademais, adquiriu o direito de usar as marcas “Esso” e “Mobil” no atacado e no varejo (COSAN LIMITED, 2010, p.35)

Em 16 de janeiro de 2009, a razão social da Essobrás foi alterada para Cosan Combustíveis e Lubrificantes S.A. (COSAN LIMITED, 2010, p.35)

- Em 28 de agosto, a Cosan S.A. anunciou a constituição da Radar Propriedades Agrícolas S.A. (“Radar”), uma nova subsidiária. O investimento inicial da Cosan foi de US\$ 35 milhões, o que lhe deu direito a 18,92% das ações da Radar.

i) 2009

- Em 9 de março, a Cosan S.A. anunciou haver celebrado contratos de longo prazo entre sua subsidiária Rumo Logística S.A. (“Rumo”) e a América Latina Logística S.A., a América Latina Logística Malha Paulista S.A., a América Latina Logística Malha Oeste S.A. e a Portofer Transporte Ferroviário Ltda – essas quatro últimas podem, em conjunto, ser identificadas por “ALL”.

A Rumo investiria cerca de R\$ 1,2 bilhões em melhorias no sistema ferroviário operado pela ALL e, em contrapartida, a ALL prestaria serviço de transporte de açúcar e de outros grãos para a Cosan, através desse sistema.²⁷

- Em 12 de março, a Cosan S.A. celebrou um *Memorando de Entendimentos Vinculante* com a Rezende Barbosa S.A. Administração e Participações (“Rezende Barbosa”), controladora indireta da Nova América S.A. Agroenergia (NAA).²⁸

Em 18 de junho, a Cosan assinou contrato com a Rezende Barbosa e comprou 100% das ações da Curupay S.A. Participações, acionista controladora direta da NAA.

Assim, a Cosan incorporou a NAA, incluindo: duas refinarias de açúcar – Piedade e Tarumã; quatro empacotadoras de açúcar - Piedade, Tarumã, Sertãozinho e Araquari; 51% das ações do Teçu, e 8% do TEAS; e quatro usinas de açúcar, álcool e cogeração, a saber, Tarumã (de Tarumã – SP), Maracaí (de Maracaí – SP), Parálcool (de Paraguaçu Paulista – SP) e Caarapó (de Caarapó – MS). Essas quatro últimas usinas conservavam uma capacidade de processamento de cana de, respectivamente, [4,5], [3,6], [1,2] e [1,3] milhões de ton. de cana ao ano, [10,6] no total (*Ibidem*, e COSAN LIMITED, 2010, p.38).

Ademais, a Cosan adquiriu direito de uso da marca “União”, principal marca no comércio de açúcar no Brasil.

j) 2010

- Em 31 de janeiro, a Cosan S.A. celebrou um memorando de entendimentos (ME) *não vinculante* com a Shell International Petroleum Company Ltd. (“Shell”), com vistas a formar uma associação para gerir atividades em dois setores da Cosan – no setor de distribuição de combustíveis e no setor de produção e venda de derivados de cana.

Em 25 de agosto, a Cosan deu um passo além nas negociações com a Shell, ao assinar um novo ME com a Shell, dessa vez *vinculante*, em conjunto com outros contratos. Esses acordos selaram a associação entre a Shell e a Cosan, ao proporem uma *joint venture* nos seguintes termos:

²⁷ COSAN S.A. **Fato Relevante – 9 de março de 2009**. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2009>> Acesso em: 12 abr 2012.

COSAN S.A. **Fato Relevante – 12 de março de 2009**. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2009>> Acesso em: 12 abr 2012.

²⁸ *Ibidem*.

Tabela 6: Proposta de *Joint Venture* entre Cosan e Shell, em agosto de 2010

Contribuição da Cosan	Contribuição da Shell
Todas as usinas de Açúcar e Alcool	Segmento de distribuição e varejo de combustíveis no Brasil, inclusive de combustíveis de aviação.
Todas as UTE de cogeração	
Segmento de distribuição e varejo de combustíveis	Participação nas ações de duas companhias (Iogen e Codexis), que atuam em P&D de etanol de segunda geração.
Dívida líquida de US\$ 2,524 bilhões	
Dívida com o BNDES de R\$ 500 milhões	Aporte de US\$ 1,6 bilhão

Fonte: Fato Relevante de 25 de agosto de 2010²⁹

Em 1 de julho de 2011, foram oficialmente criadas as *joint ventures* denominadas “Raízen Energia S.A.” e “Raízen Combustíveis S.A.”, e então tem início as atividades da “Raízen”.

Em 5 de dezembro de 2012, o CADE aprovou a *joint venture*.³⁰ (COSAN SA, 2012a, p.72-3).

▪ Em 23 de novembro, a Cosan S.A. assinou um Termo de Compromisso de Associação com as companhias Camargo Correa Óleo e Gás S.A., Copersucar S.A., Odebrecht Transport Participações S.A., Petróleo Brasileiro S.A. e Uniduto Logística S.A., a fim de criar a Logum Logística S.A. (“Logum”).

A Logum unificaria três projetos para o escoamento de etanol até então elaborados por três diferentes firmas, a saber: *PMCC Soluções Logísticas de Etanol S.A* – da qual eram acionistas Petrobras e Camargo Correa – *Uniduto Logística S.A.* – da qual a Cosan a detinha 36,5% das ações, e a Copersucar também era acionista – e *Odebrecht Transport Participações S.A* (“OTP”).³¹

²⁹ COSAN S.A. **Fato Relevante – 25 de agosto de 2010**. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2010>> Acesso em: 12 abr 2012.

³⁰ COSAN S.A. **Comunicado ao Mercado – Aprovação Raízen pelo CADE**. Em 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2012>>. Acesso em: 20 dez. 2012

³¹ COSAN S.A. **Comunicado ao Mercado - Termo de Compromisso de Associação com a Petróleo Brasileiro SA**. Em 23 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=M5j0chuzHLHlrdFD/1ZnKA==&IdCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==>>. Acesso em: 28 mar. 2012

A Logum seria responsável por construir e fazer funcionar um complexo sistema logístico de transporte de etanol em diferentes modais: dutos, hidrovias (em barcaças), rodovias (em caminhões-tanques) e cabotagem (em navios). Nesse trajeto interviriam operações de carga, descarga, estocagem, operações em portos e terminais terrestres e aquaviários. (COSAN SA, 2012a, p.77)

A Logum Logística S.A. foi oficialmente criada em 1º de março de 2011.

Em março de 2013, a propriedade das ações da Logum repartia-se da seguinte forma: Camargo Corrêa Construções e Participações (10%), Copersucar (20%), Raízen (20%), Odebrecht Transport Participações (20%), Petrobras (20%) e Uniduto Logística (10%).³²

Segundo o sítio eletrônico da Logum, ao final da implantação desse sistema seriam mais de 1.300km de dutos que perpassariam 45 municípios do Brasil.

k) 2011

- Em 18 de fevereiro, a Companhia adquiriu, por R\$90 milhões, 100% do capital social da Usina Zanin, situada em Araraquara (SP), e com capacidade de processamento de cerca de 2,6 milhões de ton. ao ano. Com essa transação a Cosan adquiriu, por tabela, um projeto *greenfield* a ser implantado em Prata (MG), cuja viabilidade estava sob avaliação da Cosan. (COSAN SA, 2012a, p.72)

- Em 1º de julho, a companhia criou Docelar Alimentos e Bebidas S.A., conhecida como “Cosan Alimentos”, com o propósito de vender bens de consumo alimentícios. (COSAN SA, 2012a, p.69)

O negócio de alimentos na Cosan começara em 2002 com a aquisição da Usina da Barra. Em 2009, após incorporar a NAA, a Cosan obteve o direito de usar a marca “União”. (COSAN SA, 2012a, p.69)

- Em 13 de outubro de 2011, a Cosan Lubrificantes e Especialidades S.A. celebrou Contrato de Compra e Venda de Ativos com a ExxonMobil Lubricants Trading Company para distribuição e venda de Lubrificantes na Bolívia, Paraguai e Uruguai tornando-se distribuidora exclusiva dos produtos da marca Mobil nestes países. Em 14 de novembro de 2011 a Cosan assumiu essas atividades. Essas mercadorias seriam produzidas na fábrica de lubrificantes da Cosan, no Rio de Janeiro (RJ). (COSAN SA, 2012a, p.69)

³² Disponível em: < <http://www.logum.com.br/php/sistema-logistico.php>>. Acesso em: 1º mar. 2013.

l) 2012

- Em 28 de maio, a Cosan celebrou, com o Grupo BG, Contrato de Compra e Venda de Ações da Companhia de Gás de São Paulo (“Comgás”). Em 26 de outubro de 2012 a ARSESP autorizou a transação. Assim, em 05 de novembro de 2012, a Cosan concluiu a compra de 60,5% do capital social da Comgás, por R\$ 3,4 bilhões.³³

- Também em 28 de maio, a companhia assinou Acordo de Associação e Outras Avenças com a Arfei Comercio e Participações S.A. e com a GIF Codajas Participações S.A., companhias controladoras da Camil Alimentos S.A. (“Camil”).

Conforme esse acordo, a Cosan S.A. alienaria todas as suas ações de sua subsidiária Docelar Alimentos e Bebidas S.A. – conhecida como “Cosan Alimentos” – à Camil, em troca da propriedade de 11,72% das ações da Camil.

Em 24 de outubro, a Cosan alienou todas as ações da Docelar para a Camil, por R\$ 463,77 milhões. Essa transação fora aprovada pelo CADE, em 19 de julho de 2012.³⁴

3.4. Composição da Cosan ao fim de 2012

Em 1º de janeiro de 2012 eram cerca de 80 as companhias direta ou indiretamente controladas pela Cosan Indústria e Comércio S.A. (COSAN SA, 2012a, p.119). A Cosan Limited, por sua vez, detinha 60,08% das ações da Cosan S.A. e, portanto, era controladora da Cosan S.A.. (ver ANEXO 4)

Como vimos acima, em 5 de novembro de 2012 a Cosan concluiu a compra de 60,05% das ações da Comgás. Então, no terceiro trimestre do ano fiscal de 2013 – de 1º de outubro a 31 de dezembro de 2012 – a Comgás passou a figurar no balanço de receitas líquidas da Cosan S.A., e gerou uma receita de R\$ 951,2 milhões, isto é,

³³ COSAN S.A. **Comunicado ao Mercado – Aprovação da ARSESP para mudança de controle da Comgás.** Em 26 de outubro de 2012. Disponível em:

<<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2012>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

COSAN S.A. **Fato Relevante – Conclusão de Aquisição da Comgás.** Em 5 de novembro de 2012. Disponível em:

<<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2012>> Acesso em: 12 nov. 2012.

³⁴ COSAN S.A. **Fato Relevante – Parceria Cosan Alimentos.** Em 28 de maio de 2012.

COSAN S.A. **Fato Relevante – Alienação Cosan Alimentos.** Em 24 de outubro de 2012.

Disponível em:

<<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2012>> Acesso em: 12 nov. 2012.

11,11% de toda a receita líquida da Cosan. A Comgás e mais cinco subsidiárias da Cosan S.A. geraram 95,59% das receitas líquidas da companhia nesse trimestre. Darei, portanto, atenção especial a essas seis.

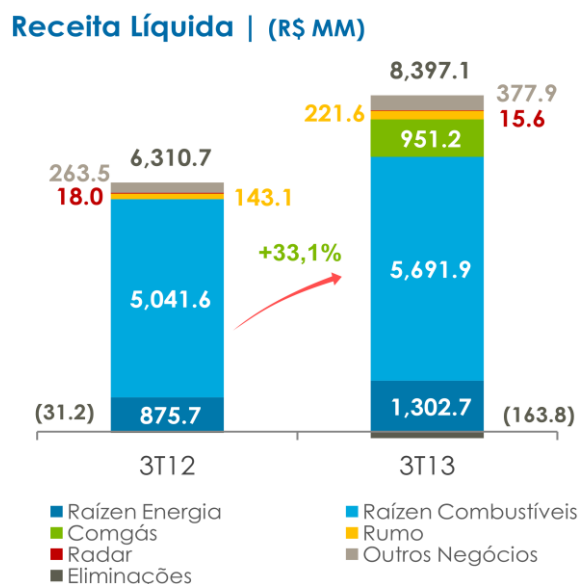


Gráfico 13: Receita líquida da Cosan S.A. nos terceiros trimestres fiscais de 2012 e 2013.

Fonte e elaboração: COSAN, 2013, p.4³⁵

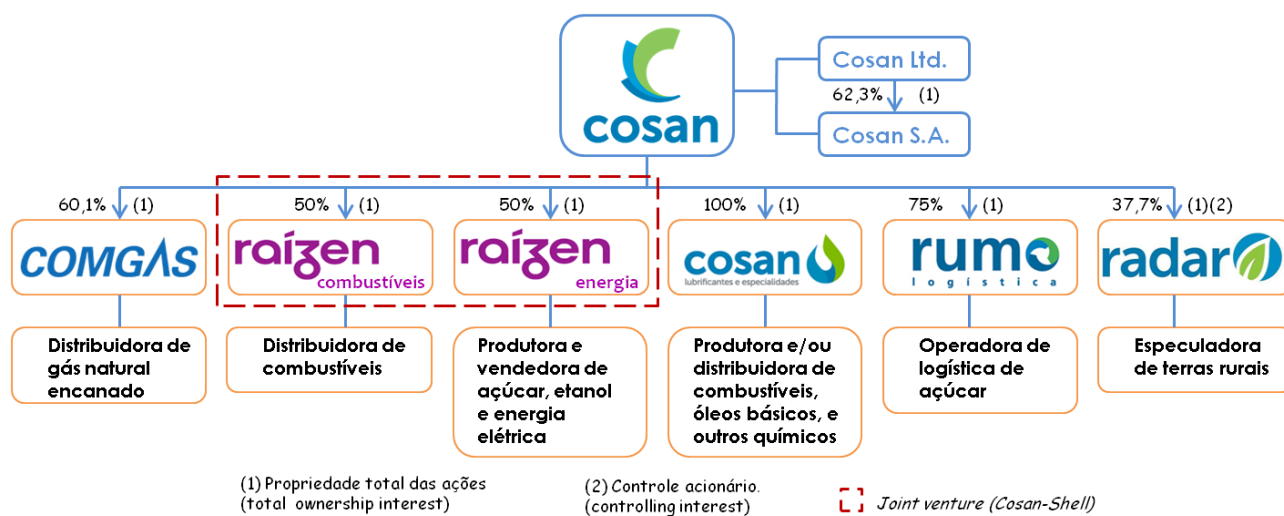


Figura 3: Organograma genérico das principais companhias subsidiárias Grupo Cosan, em 18 de janeiro de 2013.³⁶

Fonte: Cosan (sítio eletrônico) – Relações com Investidores – Modelo de Negócios. Elaboração: própria

³⁵ COSAN. **Divulgação de resultados 3T13.** Disponível em:

<<http://ri.cosan.com.br/listresultados.aspx?idCanal=bOo0uQ6IV2Jp3ShW5f+YUg==>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

³⁶ Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/show.aspx?idCanal=JheAjpgMG0s2rZZ5c6ld3fA==>>. Acesso em: 18 jan. 2013

a) Companhia de Gás de São Paulo (“Comgás”)

“A Comgás é uma distribuidora de gás natural canalizado no estado de São Paulo com mais de 1 milhão de clientes. Em 2011, a Companhia distribuiu 4,8 bilhões de metros cúbicos – o que representa participação de um quarto no mercado nacional. A rede de distribuição da Comgás é de 9 mil quilômetros, que equivalem a cerca 40% da malha de distribuição instalada no Brasil. Sua área de concessão abriga 177 municípios das regiões metropolitanas de São Paulo e de Campinas, além da Baixada Santista e do Vale do Paraíba.”³⁷

b) Cosan Lubrificantes e Especialidades S.A. (“Cosan L&E”)

No ano fiscal de 2012 a Cosan L&E vendeu 216,7 mil litros de lubrificantes. As vendas líquidas de lubrificantes perfizeram R\$ 1,018 bilhões e outras vendas R\$ 46,7 milhões.

A fábrica de lubrificantes, situada na Ilha do Governador, Rio de Janeiro (RJ), era capaz de produzir 1,7 bilhões de litros de lubrificantes ao ano, e produzia mais de 600 tipos de lubrificantes, e comprava mais de 400 matérias-primas (*raw material*), incluindo óleos básicos e aditivos. (COSAN LIMITED, 2012, p.34-5)

c) Rumo Logística Operadora Multimodal S.A (“Rumo”)

A Rumo era responsável pela logística de granéis sólidos, sobretudo de açúcar.

Até agosto de 2012, no Porto de Santos (SP), a Rumo dirigia um enorme terminal de exportação de açúcar, com capacidade estática de armazenamento de 550 mil ton. de açúcar, 2 berços de atracação, 11 armazéns e 10 moegas rodoferroviárias. (COSAN, 2012c, p.14)

A Raízen Energia era a principal cliente da Rumo, e 29% do açúcar transportado pela Rumo provinha de usinas Raízen. (COSAN, 2012c, p.11)

A Rumo controlava, ainda, sem contar o porto de Santos, seis terminais de transbordo, nos quais se fazia a transferência do açúcar dos caminhões de rodovia para os trens de ferrovia. Juntos, esses terminais mantinham uma capacidade estática de armazenamento de 685 mil ton. de granéis sólidos. (COSAN, 2012c, p.22-28)

³⁷ Disponível em: <<http://www.comgas.com.br/investidores/sobre/empresa.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2013



Figura 4: Plataforma de operações da Rumo em São Paulo, em novembro de 2012³⁸

Fonte e elaboração: Sítio eletrônico da Cosan, 25 jan. 2013.

d) Radar Propriedades Agrícolas S.A. (“Radar”)

Instituída em agosto de 2008, com o principal objetivo de encontrar e comprar propriedades rurais com alto potencial de valorização, para depois arrendá-las e/ou vendê-las por um valor maior. Em outras palavras, a Radar é a uma especuladora de imóveis rurais. (COSAN LIMITED, 2009, p.34)

Um ano após sua instituição, a Radar já havia investido US\$ 400 milhões e administrava 62 mil hectares de terras em 34 propriedades, nas quais se plantava cana e grãos. (COSAN, 2010, p.24)

Findo o ano fiscal de 2011, a Cosan era proprietária de 106.377 ha de terras, dos quais 48.481ha (45,5%) de canaviais no estado de São Paulo, e 57.936 ha (54,5%) de plantações de soja, milho e algodão nos estados da Bahia, Mato Grosso e Maranhão. (COSAN, 2011b, p.12)

³⁸ Disponível em: < <http://www.cosan.com.br/RumoLogistica> > Acesso em: 15 jan. 2013.

Em novembro de 2012, a Radar era proprietária de 392 fazendas, que perfaziam 151.468 hectares – das quais 182 (43.285 hectares) haviam sido compradas no ano fiscal de 2012. Essas terras estavam distribuídas pelos seguintes estados do Brasil: São Paulo (72.911 ha); Maranhão (37.654 ha); Mato Grosso (29.482 ha); Bahia (7.155 ha); Piauí (3.177 ha); e Goiás (672 ha). (COSAN, 2011b, p.10-1)

e) Raízen Combustíveis S.A.

Em fevereiro de 2013, o portfólio dessa companhia incluía 4.700 postos de varejo de combustíveis³⁹, cerca de 700 lojas de conveniência, presença em 54 aeroportos como fornecedora de combustível de aviação, e 57 terminais de distribuição de combustíveis.⁴⁰

Na safra 2011/12 a Raízen Combustíveis vendeu 20,9 bilhões de litros de combustíveis, principalmente *diesel* (9 bilhões de litros) e gasolina C (6,8 bilhões de litros). (COSAN, 2012d, p.8)

f) Raízen Energia S.A.

Ramo da Cosan conhecido como *Etanol, Açúcar e Bioenergia* (EAB). Em outubro de 2012 esse ramo contava com 34.800 funcionários (REVISTA RAÍZEN, 2012, p.31).

Até fevereiro de 2013 a Raízen Energia possuía 24 usinas sucroalcooleiras – com capacidade de processamento de 65 milhões de ton. de cana por ano – duas refinarias de açúcar e um terminal de exportação de álcool no porto de Santos (TEAS). (COSAN S.A., 2012a)

Na safra 2011/12 a venda de açúcar oriundo dessas usinas foi de 3,99 milhões de ton., das quais 71,66 % destinaram-se ao mercado *externo*, a países como China, Rússia e Indonésia. No mesmo período, a Raízen vendeu 2,22 bilhões de litros de etanol, dos quais 79,9% destinaram-se ao mercado *doméstico* (brasileiro). (COSAN SA, 2012c)

³⁹ Até dezembro de 2012, eram postos revendedores com as bandeiras “Esso” e “Shell”. A bandeira Esso, no entanto, vinha sendo convertida em Shell. De 1500 postos Esso, 1280 já haviam sido convertidos em postos Shell. A conversão dos postos restantes deveria ser concluída até abril de 2013. (Revista Raízen, p.14, ano2, nº3, out-dez 2012)

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.raizen.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

Também possuía 13 usinas termelétricas (UTE) anexas a 13 de suas usinas sucroalcooleiras, com potência total de 934 MW. Esse potencial permitia uma venda de aproximadamente 1,8 milhão de MWh ao ano.⁴¹

3.5. Considerações finais do capítulo

Deduz-se deste capítulo que, desde suas origens, toda a evolução do Grupo Cosan seguiu alguns eixos básicos e diretamente relacionados:

a) Ampliação de seu poder de disposição.

Cresceu progressivamente a margem de disposição do Grupo sobre os recursos materiais.

b) Ampliação e diversificação de seus negócios.

Ampliaram-se e diversificaram-se: o aparato logístico do Grupo; as etapas dos circuitos de mercadorias comandadas pelo Grupo; o rol de produtos e serviços oferecidos pelo Grupo; a capacidade de investimentos do Grupo; as associações econômicas e tecnológicas com outros agentes sociais, que permitiram ganhos em eficiência e em eficácia nas atividades do Grupo.

c) Ampliação de seu alcance e de sua expressão territoriais.

O poder do Grupo se fez presente em cada vez mais relações sociais, e o exercício desse poder se fez sentir em um substrato espacial material cada vez maior.

Da chegada ao Brasil dos pioneiros Antônio e Caterina, vindos da Itália, em 1887, até 2012, os Ometto construíram um verdadeiro império econômico no Brasil, principalmente no setor sucroalcooleiro. A Cosan surgiu como parte desse império.

Como vimos, a Cosan é fruto da história de negócios da família Ometto, relacionados entre si. À medida que esses negócios ganhavam dimensões e complexidades de difícil administração, cada clã da família assumiu para si uma parte desses negócios. As relações familiares de poder acabaram por definir grande medida da evolução do Grupo.

Desde 1970, com a morte de Pedro Ometto, o clã de sua filha Isaltina Ometto, que até 2013 controlava a Cosan assumiu o controle das usinas Costa Pinto e Santa

⁴¹ Disponível em: <<http://www.raizen.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

Bárbara - iniciais de Cosan. Em 1996 Rubens Ometto, filho de Isaltina, assumiu a liderança da Cosan, e vem sendo, até o início de 2013, o sujeito de maior poder dentro do Grupo.

O ano de 2000 marcou história da Cosan, pois nessa data foi instituída oficialmente, sob a denominação Cosan S.A. Indústria e Comércio. A essa altura a Cosan já era uma *corporação*, isto, é uma sociedade de empresas controladas por uma *holding* central.

De 2000 a 2013 a Cosan cresceu enormemente em matéria de receitas líquidas e de lucros. Esse foi um período marcado por grandes investimentos em capital. Dois marcos merecem destaque, pois captaram grandes investimentos diretos que foram reinvestidos na ampliação da produção da Cosan: em 2005, a Cosan tornou-se a primeira companhia do setor sucroenergético a abrir capitais, na Bolsa de Valores de São Paulo; e em 2007 a Cosan abre capitais novamente, dessa vez na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE), ao criar a Cosan Limited. Apesar dessas aberturas de capitais, o controle da Cosan se manteve nas mãos da família Ometto, pois Rubens Ometto se tornou o acionista controlador da Cosan Limited – grupo de controle da Cosan S.A..

De 1936 até 2007 a Cosan se incumbiu, quase exclusivamente, de produzir e vender derivados de cana-de-açúcar – açúcar, etanol e, mais recentemente, energia elétrica – produzidos em suas próprias usinas. Especialmente a partir de 2008, porém, a Cosan iniciou um processo de enorme diversificação de suas atividades, ao passar a controlar empresas nos ramos de logística de açúcar (Rumo), produção e/ou logística de combustíveis e lubrificantes (CCL), especulação imobiliária de terras (Radar), e distribuição de gás natural (Comgás).

Ao ser perguntado sobre a causa da Cosan ter diversificado sua oferta de produtos e serviços, Rubens Ometto comparou o mercado de açúcar e de álcool a uma montanha-russa – instável e arriscada – cujas oscilações de preços não garantem um fluxo de caixa constante.⁴²

Em 2012 a Cosan S.A. era uma *holding company*, controlando direta ou indiretamente, através de ações, uma sociedade altamente complexa de outras companhias, um verdadeiro conglomerado de empresas.

Atualmente, a Raízen Energia S.A. é a empresa da Cosan que – em meio a toda essa recente diversificação de produtos e serviços oferecidos pelo Grupo – assume a

⁴² ONAGA, M. Adeus etanol. **Exame**, 14 mai. 2012.

continuação das atividades industriais e comerciais mantidas pelo Grupo ao longo da maior parte de sua história, desde sua origem – a saber, a produção e/ou a venda de cana-de-açúcar e de açúcar e álcool, derivados da cana.

De acordo com meu objetivo nesta dissertação, no que concerne ao período de 2000 até fins de 2012, esmiuçarei o processo de expansão das atividades desse setor da Cosan hoje denominado Raízen Energia, ou setor de EAB (Etanol, Açúcar e Bioenergia).

4. A EXPANSÃO RECENTE

4.1. Cosan: expansão após 2000 e surgimento da Raízen

Na safra 2000/01, o Centro-Sul respondeu por 80,38% do processamento de cana no Brasil (UNICADATA); a Cosan respondeu por 5,79% da moagem no Centro-Sul, a maior moagem nessa região. As cinco companhias de maior moagem representaram 19,9%, e as dez primeiras, 30,74%. (CALDEIRA FILHO, 2012, p.49)

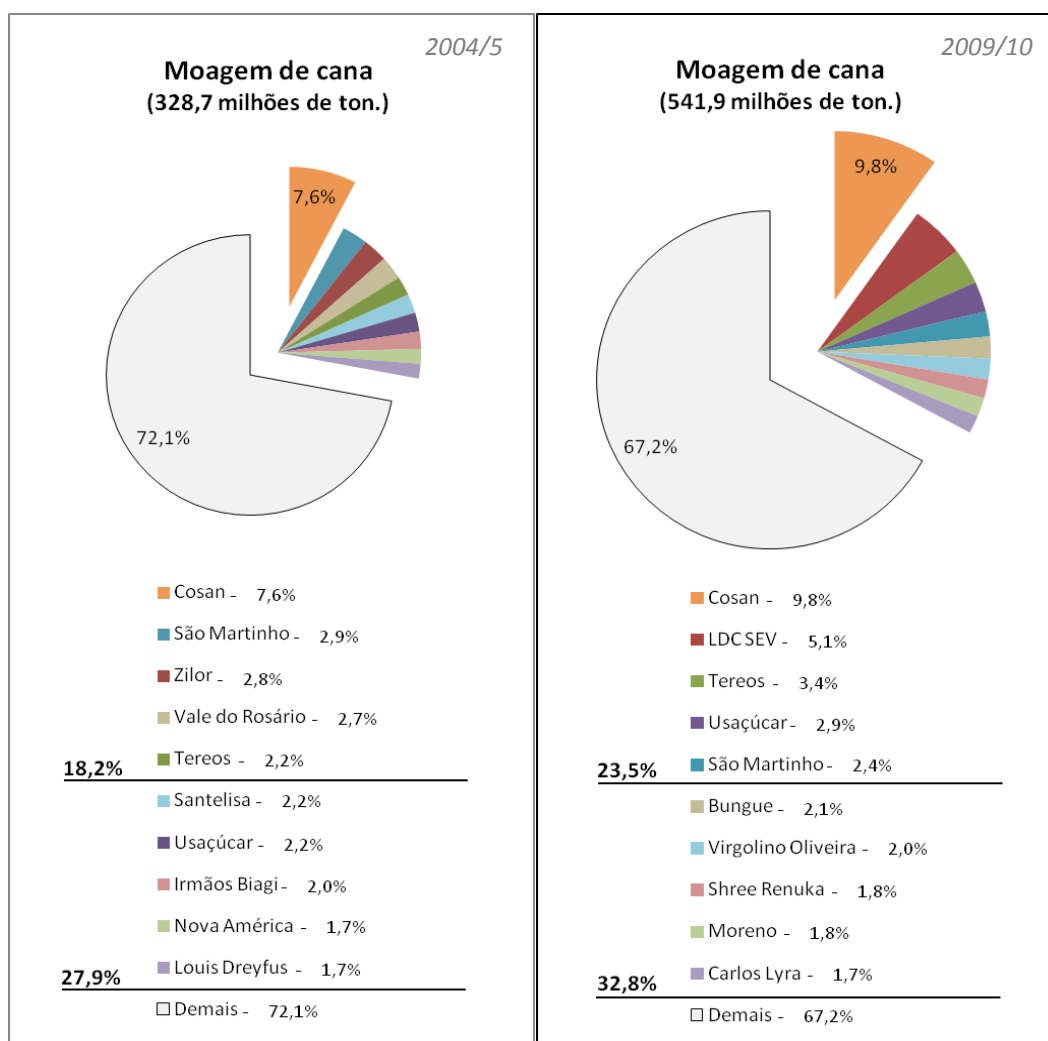


Gráfico 14: Maiores moagens do Centro-Sul, por empresas: safras 2004/5 e 2009/10

Fonte: MACÊDO (2011), p.35-6. Elaboração: própria

Na safra 2004/05, o Centro-Sul respondeu por 85,13% da moagem de cana no Brasil (UNICADATA); a Cosan respondeu por 7,6% da moagem no Centro-Sul, a maior moagem nessa região (**gráfico 14**). As cinco companhias de maior processamento de cana representaram 18,2% do processamento total do Centro-Sul, e as dez primeiras, 27,9%. (MACÊDO, 2011, p.35)

Na safra 2009/10, o Centro-Sul respondeu por 90% do processamento de cana no Brasil (UNICADATA); a Cosan respondeu por 9,8% do processamento no Centro-Sul, o maior processamento nessa região (**gráfico 14**). As cinco companhias de maior processamento representaram 23,5% do total do Centro-Sul, e as dez primeiras, 32,8%. (MACÊDO, 2011, p.36)

Na safra 2010/11 a Cosan (Raízen Energia) processou 52,4 milhões de toneladas de cana, o que representou 8,69% do processamento de cana *em todo o Brasil*. As cinco companhias de maior processamento respondiam por 21,12%, e as dez primeiras, por 28,92%. (NARDY, 2012)

Na safra 2011/12 a Cosan (Raízen Energia) processou 10,7% de toda a cana processada *no Brasil*. As cinco companhias de maior produção processaram, juntas, 24,9% dessa cana, e as nove primeiras 35,2%. (**gráfico 15**) (COSAN, 2012b).

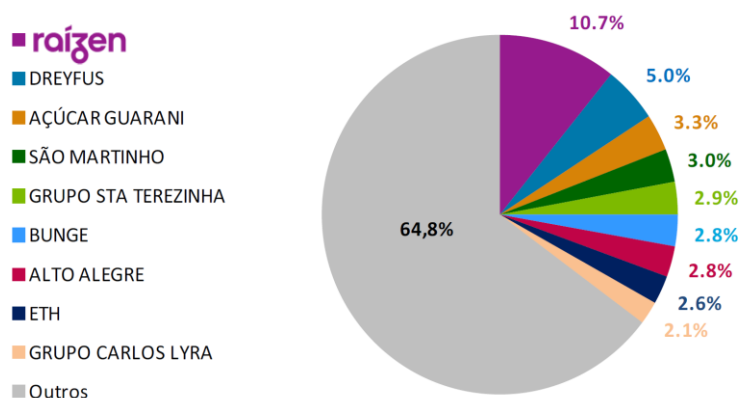


Gráfico 15: Participação de empresas na moagem de cana no Brasil: safra 2011/12.

Fonte e elaboração: COSAN, 2012e.

Portanto, de 2000/01 até 2011/12, o processamento de cana *no Brasil* tornou-se mais e mais concentrado em menos grupos empresariais. Em 2000/01 as cinco companhias de maior processamento concentravam 16% do processamento no Brasil, e as nove primeiras 23,1%. Em 2011/12 essa concentração era de, respectivamente, 24,9% (cinco primeiras) e 35,2% (nove primeiras). E o Grupo Cosan passou a

concentrar de 4,65% (2000/01), para 10,7% (2011/12) de todo esse processamento – detendo a companhia individual de maior processamento de cana.

A cana processada nas indústrias dá origem aos três principais produtos, já mencionados: açúcar, etanol e energia elétrica derivada do bagaço e/ou da palha. Por conseguinte, a concentração no processamento de cana acaba sendo a concentração nas vendas desses produtos, nas receitas geradas.

Simultaneamente a esse aumento na concentração de capitais nos segmentos industriais de derivados de cana, vive-se um aumento dos investimentos diretos de companhias *estrangeiras* nas ações de companhias brasileiras – de origem –, que produzem esses derivados em indústrias no Brasil.

Na safra 2005/6, as ações das 5 companhias de maior capacidade de processamento no Brasil pertenciam, exclusivamente, a acionistas brasileiros. Já na safra 2010/11, acionistas estrangeiros detinham parte das ações de todas as cinco companhias de maior potencial de processamento no país. (FIGLIOLINO, 2012)

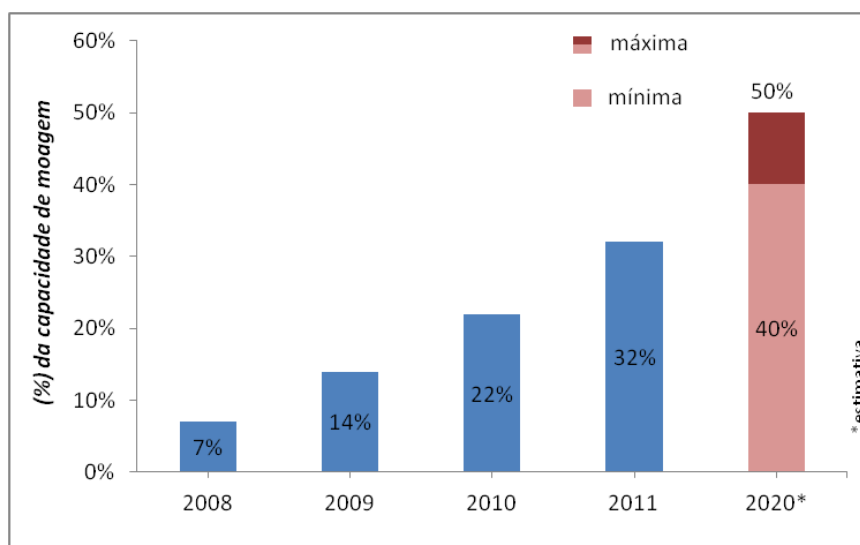


Gráfico 16: Participação de empresas controladas por acionistas estrangeiros na capacidade de processamento de cana do Brasil: 2008-2011, e estimativa para 2020.

Fonte: PINTO (2011, p.149). Elaboração: própria

O **gráfico 16** apresenta o percentual de participação de empresas detentoras de indústrias do segmento sucroenergético e controladas por acionistas estrangeiros, no processamento total de cana no Brasil. O critério para definir que o controle é detido por estrangeiros é o de que metade ou a maioria das ações sejam de propriedade de

empresas de outros países – isto é, cuja matriz situa-se em outros países. (PINTO, 2011, p.148)

Segundo esse gráfico, de 2008 a 2011 essa participação aumentou consideravelmente, de 7% para 32%. PINTO (*op.cit.*) entrevistou especialistas, que estimaram que, em 2020, tal participação chegará a, no mínimo, 40% e a, no máximo, 50%.

Seguindo essa tendência, a Cosan admitiu a entrada de investimentos diretos do estrangeiro, muito recentemente, por ocasião da *joint venture* “Raízen”, instituída em acordo com a anglo-holandesa *Royal Dutch Shell plc* (“Shell”). Estabelecida após contrato definitivo entre Cosan e Shell, em agosto de 2010, a Raízen iniciou oficialmente suas operações em junho de 2011 – porém sua aprovação pelo CADE só veio em dezembro de 2012.⁴³

A Raízen encontrava-se repartida, basicamente, em três empresas. Uma delas, a Raízen S.A., empresa de administração, tinha suas ações comuns (*common shares*) e ações de voto (*voting shares*) divididas de maneira equitativa entre Shell e Cosan – 50% para cada. A segunda, a Raízen Combustíveis S.A., era responsável pelas operações de distribuição de combustíveis. Suas ações dividem-se da seguinte maneira: Cosan e Shell possuíam, ambos, 50% das ações comuns; enquanto a Shell possui 50% *mais uma* das ações de voto, e a Cosan 50% *menos uma*. A terceira – de meu especial interesse nesta dissertação – a Raízen Energia e Participações S.A., fica responsável pelas produções e vendas de açúcar, etanol, energia elétrica e outros produtos⁴⁴. A propriedade das ações dessa última empresa divide-se assim: 50% das ações comuns para cada, Cosan e Shell; e 50% *mais uma* das ações de voto para a Cosan e 50% *menos uma* para a Shell.⁴⁵ (COSAN SA, 2012c; COSAN LIMITED, 2012)

O contrato entre Cosan e Shell previa, em janeiro de 2020, uma possível venda, por direito, de metade *da* ou de toda *a* cota de ações da Raízen detidas pela Cosan para a Shell, se essa segunda demonstrar interesse em comprá-las. Já em janeiro de 2025, ambas, Shell e Cosan, poderão comprar as ações uma da outra. Portanto, o controle das

⁴³ COSAN. **Comunicado ao mercado**. São Paulo, 05 dez. 2012. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/listgroup.aspx?idCanal=opgxIXBjcgVx55t/vM3+Fg==>>. Acesso em: 07 dez. 2012.

⁴⁴ Basicamente, vapor para venda, melão e insumos para prestadores de serviço agrícolas. (COSAN, 2012d, p.10)

⁴⁵ COSAN. **Fato Relevante**. São Paulo, 25 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/listgroup.aspx?idCanal=opgxIXBjcgVx55t/vM3+Fg==>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

ações da Raízen pode passar a ser inteiramente detido pela Shell, ou inteiramente detido pela Cosan.⁴⁶

De acordo com o gerente da Raízen de Saúde, Segurança, Meio Ambiente e Certificações – “a Raízen tem uma missão clara: tornar o etanol uma *commodity* internacional” (REVISTA RAÍZEN, 2012, p.19). O açúcar já é considerado uma *commodity*⁴⁷, e na safra 2011/12 a Raízen exportou 71,76 % de todo o açúcar que produziu. O etanol, no entanto, ainda não é *commodity* – na safra 2011/12 a Raízen exportou para outros países apenas 20,1% do etanol, e os 79,9 % restantes foram consumidos no mercado brasileiro.

A *Raízen Trading LLP* – companhia subsidiária da Raízen, conhecida como o “braço internacional” da Raízen – era responsável por mediar a venda do etanol produzido pela Raízen Energia para compradores de diversos países, além de negociar a compra e a venda de etanol produzido por terceiros, em diversos países.. A Raízen contava, em março de 2012, com escritórios em Londres (Inglaterra), em Houston (EUA), em Genebra (Suíça) e em Cingapura (país do sudeste asiático) – são os chamados “escritórios *offshore*”. Contava, também, com tanques de armazenamento de etanol em Houston, Cingapura, Roterdã (Holanda) e Antuérpia (Bélgica). (REVISTA RAÍZEN, 2012b, p.10-1)

Alguns certificados de padrão qualidade do etanol eram exigidos por mercados de outros países. Em março de 2012, por exemplo, a União Européia (UE) exigia o selo “Bonsucro” como condição para aceitar em seu mercado etanol ou açúcar derivados da cana-de-açúcar, exportados de países de fora da UE. (*Ibidem*, p.18)

A Raízen foi a primeira companhia do mundo a receber o selo Bonsucro em uma de suas usinas – na usina de Maracaí (Maracaí - SP), em 14 de julho de 2011. Em seguida, até fevereiro de 2013, foram agraciadas com o selo as seguintes cinco usinas da Raízen Energia S/A: em 12 de dezembro de 2011, as usinas Costa Pinto (Piracicaba – SP) e Bom Retiro (Capivari – SP); em 12 de março de 2012, a usina Jataí (Jataí – GO); em 15 de novembro de 2012, a usina Bonfim (Guariba –SP); e, em 19 de dezembro de 2012, a usina Gasa (Andradina – SP).⁴⁸

⁴⁶ COSAN S.A. **Fato Relevante – 25 de agosto de 2010**. Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/ListGroup.aspx?idCanal=opgx1XBjcgVx55t/vM3+Fg==&ano=2010>> Acesso em: 12 abr 2012.

⁴⁷ Leia-se *commodity* como uma matéria-prima, ou como um produto pouco processado, que é exportado para outros países em massivos volumes, e de acordo com padrões internacionais de qualidade.

⁴⁸ Disponível em:< http://www.bonsucro.com/certified_members.html>. Acesso em: 21 fev. 2013.

Em março de 2012, a Raízen pretendia receber o selo em todas as suas 24 usinas até a safra 2017/2018 (REVISTA RAÍZEN, 2012, p.18).

Em agosto de 2012, a Raízen tinha conseguido vender seu primeiro carregamento de etanol à Europa - 3.000 m³ de etanol aprovados pelo Bonsucro, e fabricados na usina Costa Pinto (REVISTA RAÍZEN, 2012, p.5).

A Raízen conta, em suas usinas, também, com outros selos de qualidade que abrem as portas de mercados externos para o etanol produzido nessas usinas.

Segundo reportagem de junho de 2012, em 2011 a Raízen Trading LLP havia movimentado entre 6,5 e 7 bilhões de litros de etanol – entre compra e venda nos mercados brasileiro e externo – o que equivalia a 30% de todo o volume movimentado pelo mercado. Desse volume total movimentado pela Raízen em 2011, 1,9 bilhões de litros teriam sido produzidos nas próprias usinas da Raízen, enquanto entre 4,6 e 5,1 bilhões de litros proviriam de outras usinas.⁴⁹

A mesma reportagem indicava as expectativas da Raízen Trading para 2012. Esperava-se que os volumes de etanol movimentados pela empresa estivessem com valores próximos aos de 2011. Até junho de 2012, a Raízen já tinha fechado contratos para exportar 500 milhões de litros de etanol só para os Estados Unidos, o mesmo volume embarcado em todo o ano de 2011. Esperava-se, até o fim do ano, exportar de 100 a 150 milhões de litros a mais para os EUA.

Esperava-se, ainda, que a Raízen realizasse a chamada operação de “*swap*” (‘trocar’ em inglês) de etanol com os EUA, da seguinte maneira: aproveitando-se do prêmio do etanol do Brasil ser considerado um “combustível avançado” pela Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA, em inglês), no segundo semestre de 2012 a Raízen importaria dos EUA etanol produzido do milho, quando mais barato por lá, e exportaria etanol de cana brasileiro aos EUA, mais caro por conta de se aproximar o período entre safras da cana no Brasil – e nessa operação, sairia lucrando. Vê-se que é uma operação de especulação.

Ainda essa reportagem indicava outros destinos para o etanol movimentado pela Raízen *Trading* em 2012: 30% do etanol exportado iria para Europa e Japão. Além

⁴⁹ BATISTA, F. Raízen prevê vender mais etanol aos EUA. **Valor Econômico**, São Paulo, 8 jun. 2012. Empresas. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2696194/dolar-estimula-exportacao-de-etanol-aos-eua#ixzz1yl10EXxC>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

disso, indicava mercados *potenciais* para, principalmente o da China para a produção de “plástico verde”, mas também os mercados de Filipinas e da Tailândia.

4.2. O Circuito do Etanol produzido pela Raízen Energia

Os circuitos de mercadorias são definidos pelo fluxo de um produto – mercadoria – específico. E a cana-de-açúcar serve de matéria-prima para alguns produtos, dentre os quais os principais são o açúcar, o etanol e a energia elétrica derivada do bagaço ou de palhas e pontas da cana – em termos de escala de produção e de receitas.

Na safra 2007/08, por exemplo, a quantidade de cana-de-açúcar destinada a esses três produtos representava 86,39% (475,07 milhões de ton.), enquanto apenas 13,61% (74,83 milhões de ton.) da cana destinavam-se a outros usos – como à fabricação de cachaça e à alimentação de animais (CONAB, 2007, p.5).

Por serem derivados de uma mesma matéria-prima, os circuitos dessas três mercadorias principais se confundem na etapa agrícola – que consiste no cultivo dos canaviais. A cana, depois de colhida, chega às usinas, e lá sim os três produtos ganham suas características particulares. Da usina em diante a distribuição se ramifica, e cada um desses produtos segue para os locais de seu consumo, cada qual de acordo com um padrão de distribuição.

Há usinas que produzem somente etanol, outras somente açúcar, e há também as que produzem ambos. Quanto à energia elétrica, é um “subproduto” da produção de etanol e de açúcar, ou seja, uma vez equipada com caldeiras e turbogeradores, uma usina poderá produzir energia elétrica proporcionalmente ao volume de cana moída para produzir etanol e/ou açúcar.

Esses circuitos (fluxos) de derivados de cana são comandados por corporações, sejam privadas ou mistas (público-privadas), sejam nacionais ou multinacionais. Diferentes empresas comandam diferentes etapas e subetapas de diferentes circuitos do setor sucroenergético. Associados a essas empresas estão diferentes agentes, que formam com as empresas círculos de cooperação. Há, ainda, os agentes que regulam o sistema, isto é que definem normas, fiscalizam e defendem os interesses de determinados agentes desse sistema.

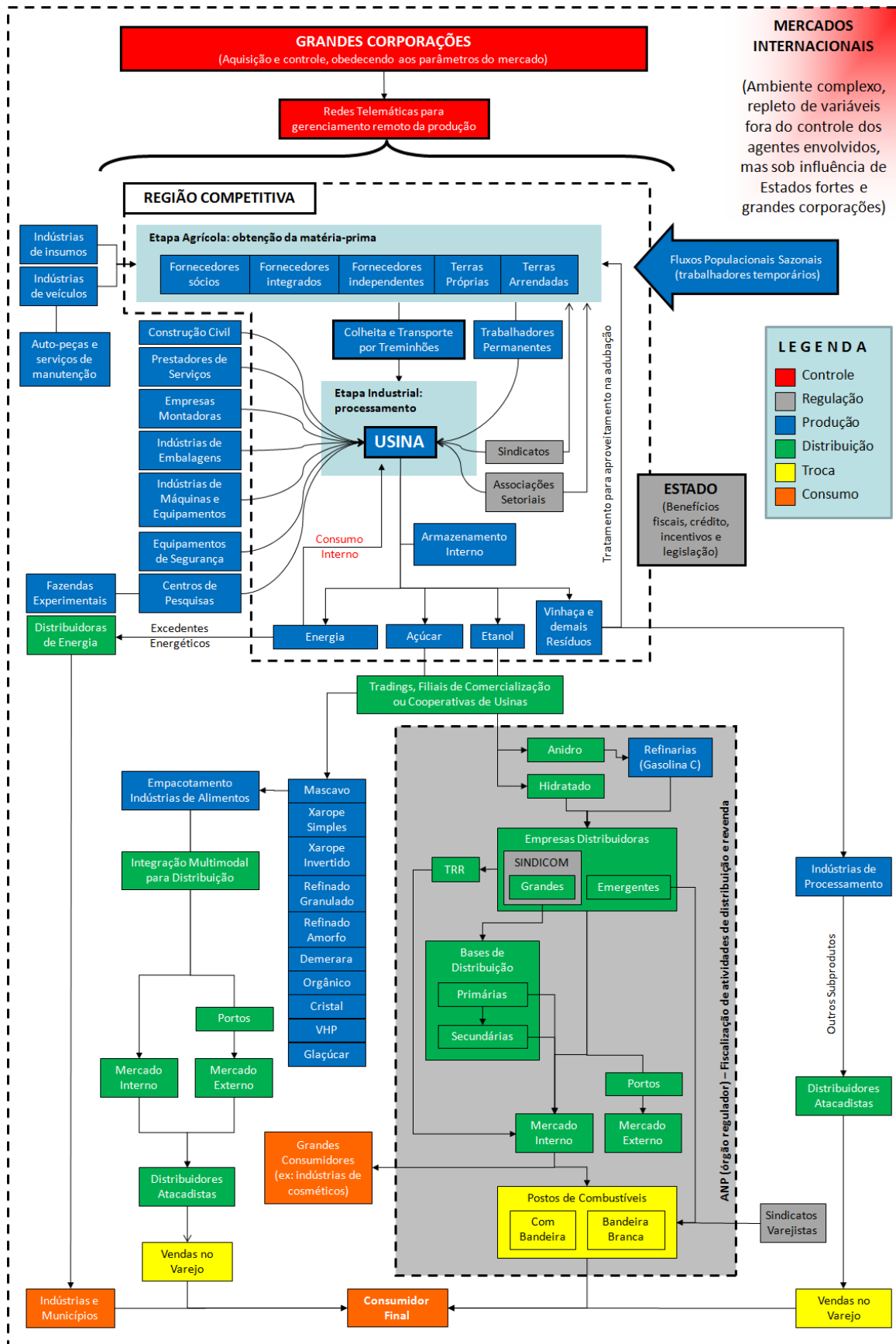


Figura 5: Esquema genérico das relações entre agentes na produção, distribuição, troca e consumo de etanol, açúcar e energia elétrica.

Fonte e elaboração: CAMELINI, 2011, p.9

Através da **figura 5** vemos o esquema elaborado por CAMELINI (2011, p.9). Mesmo que o esquema não englobe *todos* os agentes, já dá uma noção do quão complexo é o padrão de relações que formam a estrutura dos circuitos de derivados de cana.

Basicamente, o que se vê no esquema são três tipos de relações entre os agentes nos circuitos:

- a) *Relações técnicas ou funcionais*: são as relações de prestações de serviços entre agentes, como de assistência técnica, de pesquisa e transferência de tecnologias, de fornecimento de insumos para a indústria, de transporte e armazenamento, de plantio e colheita, etc.
- b) *Relações econômicas (senso estrito)*: são as relações de compra e venda de bens, serviços e da mão-de-obra, além das relações de financiamento.
- c) *Relações de regulação*: são aquelas que estabelecem condições para os dois tipos anteriores de relações.

Todas essas são relações *de poder*, isto é, definem qual será a margem de ação e o papel de cada agente dentro de circuito. E, na verdade, essas relações muitas vezes se confundem, pois se apresentam em mais de um desses três aspectos.

Vê-se que as corporações estão no topo do sistema, isto é, são elas que definem o funcionamento e as direções que os fluxos de mercadoria irão tomar – de acordo com a sinalização dos mercados – nacional e internacional.

Vemos como a cana se transforma em alguns produtos. Vemos, também, que existem fluxos de *insumos* que apesar de não constituírem a matéria-prima para o produto final – etanol, açúcar e eletricidade – auxiliam a produção dessas mercadorias – p ex. os materiais para a construção da usina, as peças de reposição, os veículos, agrotóxicos, máquinas, etc.

Nos limites desta dissertação, não me proponho a descrever com detalhes essas relações presentes no rico esquema elaborado por Camelini. Veremos, no capítulo 6, como se estabelecem essas relações na situação particular de uma destilaria de etanol – anexa a uma UTE de geração de energia elétrica – da Cosan em Jataí. Nessa situação particular, concentrarei minha atenção apenas nas etapas agrícola (canaviais) e industrial (usina) dos circuitos em torno daquela usina. As etapas posteriores à produção de etanol e de energia elétrica naquela usina não serão contempladas neste meu estudo.

Por ora, basta uma breve descrição de como se configuram os circuitos do etanol por inteiro, afinal as etapas agrícola e industrial estão articuladas às etapas seguintes dos circuitos – essas últimas encaminham o produto das usinas ao consumidor final.

Após o plantio e a maturação, a cana-de-açúcar é cortada nas lavouras. Esse corte pode ser realizado manualmente ou por grandes colhedoras de cana. Em seguida a cana é transportada por caminhões até a usina, onde são produzidos o etanol e a energia elétrica.

Depois de pronto, o etanol é armazenado em enormes tanques nas usinas. A maioria dos usineiros opta por vender em parcelas ao longo de um ano (12 meses) o que produziram durante a colheita de cana (7 meses). (LOPES, SILVA e CONEJERO, 2010)

No que concerne à distribuição de etanol a partir de usinas controladas pela Raízen Energia, podem ocorrer duas situações. Na primeira, a produção de etanol das usinas controladas pela Raízen Energia é distribuída por caminhões, trens ou barcos da Raízen Combustíveis. Na segunda, não explícita na **Figura 5**, as usinas Raízen Energia vendem seu etanol para outras clientes (distribuidoras).

A base de distribuição primária (BDP) é aquela que se situa próxima a uma refinaria de petróleo ou de um terminal de armazenagem – e que recebe, por via de dutos, algum combustível derivado de petróleo diretamente desses pontos. Se o combustível for transferido de uma BDP para outra base, essa segunda se chama base de distribuição secundária (BDS). Quanto ao etanol carburante, ele pode ser transportado até uma BDP e depois a uma BDS, ou então diretamente a uma BDS (LOPES, SILVA E CONEJERO, 2010).

Da BDP ou da BDS o etanol das usinas Raízen segue para os postos revendedores de combustíveis, dos quais os postos com a bandeira Shell são apenas uma parte. O consumidor, então, pode abastecer seu veículo de etanol.

O etanol também pode ser levado até portos marítimos de exportação, e então, ser exportado por cabotagem, para outros países, e lá ser consumido.

Esses circuitos são geridos, no todo ou em partes, centralmente por escritórios de vendas e de administração da Raízen, situados em São Paulo (SP), em Piracicaba (SP), e no Rio de Janeiro (RJ). Outras empresas, por vezes, também intervêm na gestão desses circuitos.

cadeia de produção, distribuição e comercialização Raízen

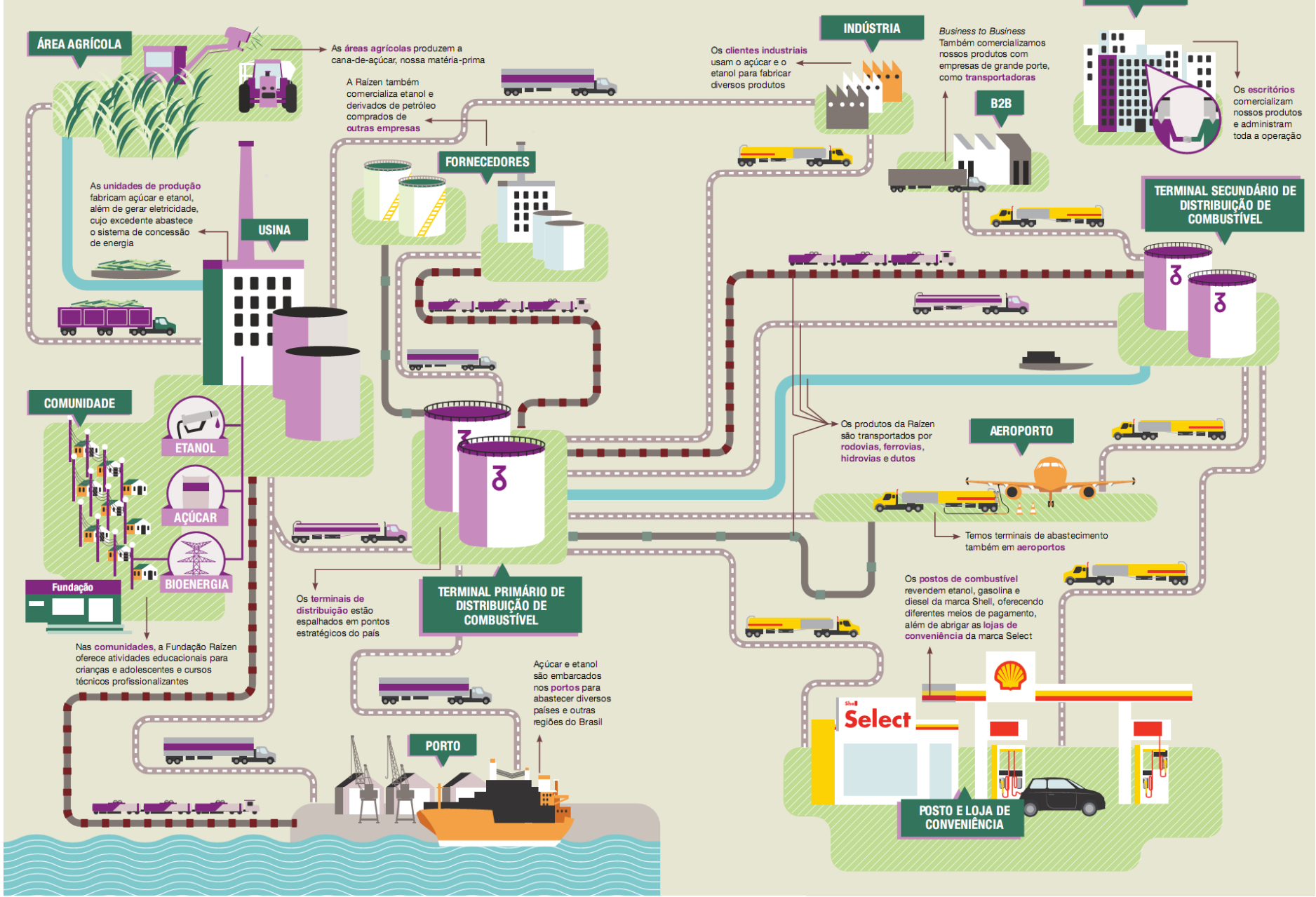


Figura 6: Esquema da produção e distribuição de combustíveis pela Raízen, relativo à safra 2011/12

Fonte: RAÍZEN (2012)

4.3. Algumas instâncias de regulação e de apoio tecnológico

A União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica) talvez seja o maior órgão de representação do setor sucroenergético (açúcar, etanol e energia elétrica derivada da cana). À Unica subordinam-se dois sindicatos patronais: Sindicato da Indústria da Fabricação do Alcool no Estado de São Paulo (Sifaesp) Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de São Paulo (Siesp) – “que representam, respectivamente, as indústrias de açúcar e álcool no Estado de São Paulo perante as autoridades administrativas, legislativas e judiciárias do País”.⁵⁰ À associação setorial (Unica) estavam associadas 130 usinas, que respondem por 60% do açúcar e por 50% do etanol produzidos no Brasil, segundo o site oficial da instituição. Todas as 24 usinas da Raízen estavam associadas à Unica.

Em julho de 2012 – constava no sítio eletrônico da Única – representantes da Raízen ocupavam 5 cadeiras no conselho deliberativo da Unica e uma no conselho fiscal. Portanto, a princípio, o poder de deliberação da Raízen na Unica é menor apenas que o da Copersucar S.A.. Ademais, um membro Raízen ocupa ainda os cargos de secretário do Conselho Administrativo e Fiscal tanto do Siesp quanto do Sifaesp.

Em outra instância, a Unica compõe o CONSECAN-SP (Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Alcool do Estado de S. Paulo), em conjunto com a ORPLANA (Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil). Esse conselho encarrega-se de mediar a relação entre usineiros e plantadores, no setor sucroenergético – especialmente definindo o valor a ser pago pela cana-de-açúcar com base no teor de sacarose, medido pelo indicador (ATR) Açúcar Total Recuperável. Representando a Única, Raízen contava com dois membros na diretoria do CONSECAN-SP, além de mais um membro na Câmara Técnica (CANATEC), que assessora a diretoria nas questões técnicas e econômicas.

Por sua vez, o SINDICOM (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes), congregava as maiores companhias do setor – responsáveis por 79,% das vendas de combustíveis no Brasil (SINDICOM, 2011, p.10) – entre as quais a Raízen e a Cosan (Esso), ambas participantes do Grupo Cosan. Segundo balanço próprio, além de exercer “[...] a representação das associadas perante governos, agentes do mercado e sociedade, o Sindicom promove o debate de temas

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.unica.com.br/quemSomos>>. Acesso: 08 de julho de 2012.

comuns às empresas nas áreas jurídica, tributária, operacional e logística [...]” (*ibidem*, p.5).

Segundo o mesmo balanço, em 2011, a Cosan contava com dois membros (dentre seis) no conselho consultivo SINDICOM, um deles também diretor operacional da área de lubrificantes do sindicato. Outro membro Cosan ocupava, ainda, o posto de diretor operacional de “abastecimento/regulamentação” do sindicato – a Cosan, portanto, ocupava dois dos seis cargos de diretores operacionais.

A UDOP (União dos Produtores de Bioenergia), instituição privada, presta diversos serviços aos agentes dos setores de açúcar, álcool e biodiesel, dentre os quais divulgação de legislação atinente aos setores, reunião de inúmeras estatísticas e notícias que possam interessar, e realização anual do “Congresso Nacional de Bioenergia” - que, em 2011, reuniu mais de mil representantes de usinas. Ainda, a UDOP mantém uma universidade corporativa, promotora de alguns cursos de aperfeiçoamento tecnológico e de pós-graduação, voltados para profissionais já atuantes nesses setores.

Na UDOP, a função de diretora tesoureira estava ocupada por uma gerente de administração regional da Raízen⁵¹. Seis das usinas da Raízen estavam associadas à UDOP.

A “Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro” (RIDESA) é uma parceria público-privada que congrega 10 universidades federais brasileiras em parceria com mais de 300 empresas do setor. A RIDESA leva a cabo o Programa de Melhoramento Genético da Cana-de-Açúcar (PMGCA), e em 2010 já havia liberado, no total acumulado, 78 variedades trabalhadas geneticamente, 13 delas somente naquele ano (RIDESA, 2010).

De acordo com documento da RIDESA, em 2010 estavam listadas 18 usinas Cosan, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2, dentre as 18, alojavam subestações experimentais do PMGCA/UFSCar. (RIDESA, 2010).

Outra publicação da RIDESA mostra a importância das variedades chamadas “RB” (República Federativa do Brasil), liberadas pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) participantes da RIDESA nos plantios Raízen: embora a metodologia não esteja clara, um gráfico intitulado “Censo Varietal Grupo Raízen safra 2011/12”, indica 66% de participação de variedades RB nos plantios de usinas Raízen – informação divulgada no site do PMGCA/UFSCar, no “Catálogo Nacional RIDESA –

⁵¹ UDOP. Estrutura administrativa. Disponível em: <<http://www.udop.com.br/>>. Acesso: 2 de julho de 2012

Parte II”⁵². Mesmo se considerarmos essa informação imprecisa, ao menos está sugerida a suma importância do PMGCA para a Raízen.

O Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) é outra importante instituição de pesquisa e de inovação tecnológica direcionadas ao sucroenergético. Em janeiro de 2011 o CTC deixou de ser uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) – sem fins lucrativos – e se tornou uma Sociedade Anônima (S.A.) – com fins lucrativos. Segundo reportagem de março de 2012, a Raízen era sócia do “novo” CTC, com 19% das ações.⁵³

Na mesma reportagem se afirma: “[...] o CTC está em fase de contratação de recursos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para construir uma usina de demonstração de etanol celulósico (fase pré-comercial)”. O CTC teve planos de negócio selecionados para financiamento pelo BNDES, através do PAISS (Plano de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico), iniciativa conjunta do BNDES e da Finep. Os recursos *totais* do PAISS – não só para o CTC - são da ordem de R\$ 1,1 bilhão para pesquisas com etanol celulósico e mais R\$ 1 bilhão para “novos produtos da cana-de-açúcar” (R\$ 900 milhões) e “gaseificação” (R\$ 100 milhões).⁵⁴

A lista de exemplos de instâncias de poder da Cosan poderia se estender ainda muito, porém os exemplos citados já foram suficientes para os meus propósitos. Vale mencionar, ainda, dois exemplos instituições nacionais reguladoras, cuja atuação incide sobre as atividades da Cosan: Agência Nacional do Petróleo (ANP), que regula a economia dos combustíveis no Brasil; e Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL).

⁵²Disponível em:< <http://pmgca.dbv.cca.ufscar.br/htm/downloads.php>>. Acesso: 2 de julho de 2012.

⁵³ CTC terá mais recursos para pesquisas com cana-de-açúcar. **Valor Econômico**, Empresas, 29 mar. 2012. Disponível em:< <http://www.valor.com.br/empresas/2592972/ctc-tera-mais-recursos-para-pesquisas-com-cana-de-acucar#ixzz1yoqCbi63>> Acesso: 25 de junho de 2012.

⁵⁴ Etanol celulósico terá R\$ 1,1 bi do BNDES. **Valor Econômico**, Empresas, 20 jan. 2012. Disponível em:< <http://www.valor.com.br/empresas/2492300/etanol-celulosico-tera-r-11-bi-do-bndes#ixzz1yp3vf1dR>> Acesso: 12 de março de 2012.

4.4. Estratégias de expansão

De 1936 até 2007, o Grupo Cosan se incumbiu, quase exclusivamente, de produzir e distribuir derivados de cana-de-açúcar. A partir de 2008, porém, a estrutura de corporação do Grupo se tornou, em grande escala, mais e mais diversa, e mais e mais complexa. Mais diversa, porque muitas novas companhias passaram a ser subsidiárias da Cosan – e passaram a oferecer novos serviços e produtos; mais complexa, porque as relações de propriedade e de produção entre essas companhias aumentaram.

Não obstante essas mudanças, as previsões indicam a continuação da expansão da produção do ramo atualmente representado pela Raízen Energia, ramo conhecido como Açúcar, Etanol e Bioenergia (AEB).

Atualmente, a Raízen Energia é o ramo da corporação que mantém a continuação dos negócios em açúcar e álcool da Cosan, os negócios originários do Grupo. E, apesar da possível alienação total da Raízen para a Shell – em 2020, ou em 2025, como prevê o contrato entre Shell e Cosan – nada indica que a expansão do setor de AEB venha a ser interrompida.

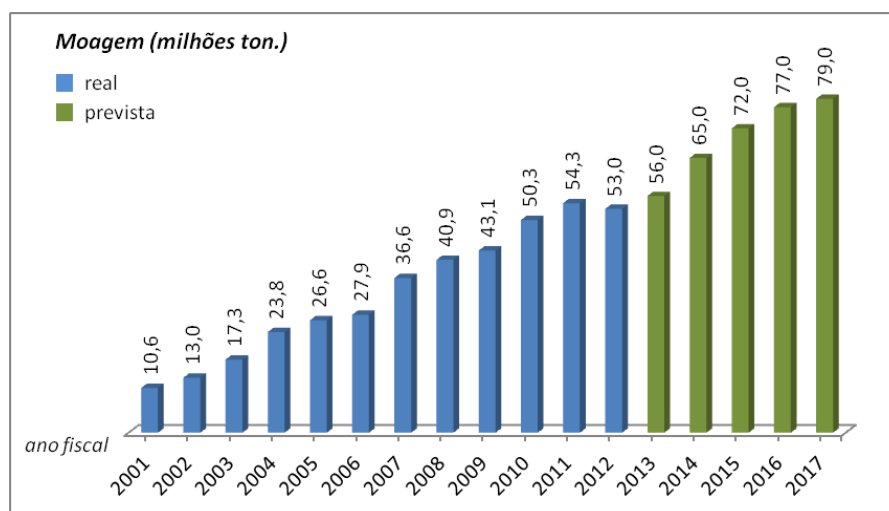


Gráfico 17: Variação da moagem da Cosan, real e prevista, entre os anos fiscais de 2001 e 2017

Fonte: Diversas. Elaboração: própria

Nota: situação em novembro de 2012

Aquisição de usinas concorrentes

Como eu já disse, ao longo de quase toda a história da Cosan seus gestores adotaram a estratégia de comprar usinas que pertenciam a companhias concorrentes, e assim, aumentar sua produção de açúcar e de álcool – e, mais recentemente, de energia

elétrica. Das 24 usinas da Cosan funcionando em fevereiro de 2013, 22 haviam sido adquiridas de empresas concorrentes.

Reforma de ampliação de usinas próprias (*brownfield*)

Ao ampliar a capacidade de processamento de suas usinas a Cosan pode aumentar a produção de açúcar, etanol e energia elétrica; essa ampliação implica reforma da usina (*brownfield*).

Em março de 2012, a Raízen planejava investir R\$ 3,4 bilhões para elevar em 6,5 milhões de toneladas a capacidade anula de moagem de suas usinas. Para tanto, deveria adaptar oito usinas para poderem produzir mais, conforme a **tabela 7**. (COSAN LIMITED, 2012, p.39)

Tabela 7: Estimativa de ampliação da capacidade de processamento de cana de oito usinas Raízen, de 2012 a 2015.

Usina	Fim da ampliação	C. process. 2011/12	C. process. futura	Incremento
		<i>(milhões de ton. por ano)</i>		
Ipaussu	2012	2,6	3,1	0,5
Da Barra	2012	7,1	7,5	0,4
Univalem	2013	2,4	3,2	0,8
Tarumã	2013	4,2	4,6	0,4
Junqueira	2014	2,9	3,1	0,2
Caarapó	2014	2,3	4,4	2,1
Gasa	2014	3,8	4,5	0,7
Paraguaçu	2015	1,1	2,6	1,5
Total	—	26,4	33	6,5

Fonte: COSAN LIMITED, 2012, p.39

Construção de novas usinas (*greenfield*)

A primeira usina construída desde o início pela Cosan, tijolo por tijolo, foi a matriz Costa Pinto, pronta em 1936. Ao processo de erguer uma usina sobre solos sem construção prévia chama-se *greenfield*.⁵⁵

⁵⁵ O sentido dos jargões '*brownfield*' e '*greenfield*' foi deduzido por mim de documentos oficiais da Cosan. Esses dois termos, entre outros empregos no léxico da administração de empresas e da contabilidade, podem referir-se a tipos de *investimentos* ou a tipos de *locais*, mas sempre com essa distinção de já haver construções, ou de se ter que iniciar a construção do zero. A usina em Caarapó (MS), incorporada à Cosan por ocasião da incorporação do Grupo Nova América, em março de 2009, também é classificada pelos porta-vozes da Cosan como um empreendimento *greenfield*, apesar de que,

Da inauguração da Costa Pinto até janeiro fevereiro de 2013, o único exemplo de “*greenfield*” construído pela Cosan é o de Jataí (GO). Esse empreendimento, como veremos no tópico seguinte, é parte de um projeto *greenfield* maior – o da “Cosan Centroeste” – a ser implantado em três módulos, filiais ou polos.

O primeiro desses módulos já está em operação, e é o da usina em Jataí; os outros dois são as usinas de Montividiu e de Paraúna – municípios goianos próximos de Jataí – ainda no papel. Em 2008, a previsão era de que os pólos de Montividiu e Paraúna estivessem prontos para operar em 2012, o que não ocorreu.⁵⁶

Em 12 de abril de 2007, a Cosan anunciou um plano de investimentos para os quatro anos seguintes, no valor de US\$ 1,7 bilhão, para expandir sua produção no setor de AEB. Os investimentos se destinavam à melhoria em mecanização da colheita, à geração de energia elétrica (*co-geração*), ao aumento da produtividade da terra, à ampliação da capacidade de processamento de cana das usinas (*brownfield*), à construção de novas usinas (*greenfield*), entre outros processos. Seriam investidos US\$ 501 milhões para ampliar de 40 milhões/ton./ano para 50,6 milhões/ton./ano a capacidade de processamento de cana das, até então, 17 usinas da Cosan.⁵⁷

No que concerne a *greenfields*, o plano previa US\$ 650, para, justamente, a implantação das três filiais da Cosan Centroeste em Goiás – em Jataí, Montividiu e Paraúna.

Quando do anúncio desse plano de investimentos, o vice-presidente de finanças da Cosan declarou que as usinas do setor sucroenergético estavam muito caras, pois o álcool estava em alta no mercado. De acordo com ele, houve um aumento de 150% nos valores de compra das usinas - considerando as compras de usinas, pela Cosan, entre abril de 2005 e abril de 2006, e as compras de usinas, por outros Grupos, no começo de 2007.⁵⁸ Isso explicaria, segundo ele, àquela época, o investimento do tipo *greenfield*.

Em setembro de 2010, em entrevista ao jornal Valor Econômico, Rubens Ometto indicou novos planos para expansão no setor de AEB. A capacidade de processamento

àquela altura, já estivesse praticamente pronta para funcionar, pois iniciaria a moagem da cana na safra 2009/10; a Cosan, portanto, não teve de construir essa usina desde o início, tarefa executada, em grande medida, pelo Nova América.

⁵⁶ BATISTA, F. Cosan inicia obras da usina de Jataí. **Gazeta Mercantil**, 8 ago. 2008. Caderno C, p.10. Disponível em: <<http://infoener.iee.usp.br/infoener/hemeroteca/imagens/117000.htm>> Acesso em: 13 jan. 2011.

⁵⁷ Cosan anuncia plano de investimentos de US\$ 1,7 bilhão. **Estadão.com.br**, 12 abr. 2007. Economia. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/arquivo/economia/2007/not20070412p20952.htm>>. Acesso em 15 ago. 2012.

⁵⁸ *Ibidem*.

de cana total das usinas da Cosan perfazia 63 milhões de toneladas ao ano, e a meta era atingir de 100 a 110 ton./ano. Apesar do sigilo, sugeriu-se que a prioridade era investir em *brownfield* – ampliação da capacidade –, pois os investimentos seriam menores para que se conseguisse o mesmo crescimento na moagem – para um projeto *brownfield* seriam necessários US\$ 40 por tonelada a mais na capacidade de processamento das usinas Cosan, e US\$ 100 por tonelada para um *greenfield*.⁵⁹

Segundo a entrevista, no entanto, as estratégias de aquisição de usinas prontas e de construção de novas usinas (*greenfield*) não estavam descartadas pela Cosan. Além dos *greenfields* de Montividiu (GO) e Paraúna (GO), a companhia “guardava na gaveta” um projeto *greenfield* para Naviraí (MS) e outro para Andradina (SP).

Com a compra da Usina Zanin Açúcar e Álcool Ltda. pela Cosan, em fevereiro de 2011, mais um projeto *greenfield* foi para a gaveta, a ser implantado em Prata (MG).

Cogeração de energia derivada do bagaço

A Cosan, pelo menos desde 2001, lança mão de aproveitar o bagaço da mesma cana da qual produz açúcar e etanol para também produzir energia elétrica, ao queimar o bagaço em caldeiras de uma Usina Termelétrica (UTE) no mesmo parque da usina de açúcar e/ou etanol. Chama-se essa energia elétrica de “bioenergia”, e esse processo de “cogeração”⁶⁰. Assim, a Cosan incluiu um novo produto a seu setor de produção e venda de derivados de cana; logo, esse setor é hoje chamado de setor de Açúcar Etanol e Bionergia (AEB), mas antes era chamado apenas de Cosan Açúcar e Álcool (CAA).

Em 2001, a Cosan trocou uma das caldeiras da Usina da Serra – Ibaté (SP) – o que permitiu a geração de energia elétrica excedente nessa usina – energia vendida Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), mediante um contrato de fornecimento de 10 anos. Esse foi o empreendimento piloto da Cosan em cogeração de eletricidade, e tinha potência de 9MW. (COSAN LIMITED, 2007, p.185)

⁵⁹ BATISTA, F. Cosan planeja construir quatro novas usinas. **Valor Econômico**, 23 set. 2009. Arquivo. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/680261/cosan-planeja-construir-quatro-novas-usinas#ixzz20W62q9ci>>. Acesso em 24 ago. 2012.

⁶⁰ A combustão do bagaço em caldeiras aquece a água, que vira vapor. O vapor pode ser usado como energia mecânica – p.ex. para mover trituradores –, usado como energia térmica – p.ex. para aquecer o caldo no processo de cristalização – ou então se pode transformar em energia elétrica, ao mover turbinas de geradores de eletricidade. Essa energia elétrica pode alimentar processos da própria usina, e o excedente pode ser vendido. (COSAN LIMITED, 2007, p.185)

Em agosto de 2007, a potência total instalada de cogeração em usinas da Cosan era de, aproximadamente, 150MW – a maior parte usada pelas próprias usinas, para operações internas. (COSAN LIMITED, 2007, p.185)

Em dezembro de 2005 e em agosto de 2006 a Cosan já havia participado de leilões de energia, e assinou contrato de venda, por 15 anos, de 455.520 MWh/ano, para distribuidoras de energia elétrica. Essa energia excedente seria produzida nas usinas Costa Pinto e Rafard – a partir da safra 2009/10 – e na usina Bonfim – a partir da safra 2011/12. Em agosto de 2007, a Cosan começou a investir R\$ 380 milhões para cumprir as metas desses contratos. E pretendia investir mais cerca de R\$ 640 milhões para produzir 680.000 MWh/ano nas usinas Gasa, Univalem, Diamante, Ipaussu e Barra. (COSAN LIMITED, 2007, p.186)

Em novembro de 2012, a Raízen concluiu a instalação de equipamentos para produzir energia elétrica derivada do bagaço nas usinas Univalem – em Valparaíso (SP) – e Ipaussu – em Ipaussu (SP). A partir de então, a companhia passou a contar com 13 usinas a produzirem esse tipo de energia. No total, essas 13 usinas eram capazes de produzir 934 MW – o suficiente, segundo um porta voz da Raízen, para suprir de eletricidade 7 milhões de habitantes – mais do que toda a população do município do Rio de Janeiro. Para gerar toda essa energia, as 13 usinas precisariam de 12 milhões de toneladas de bagaço de cana ao ano.⁶¹

Ganhos em eficiência

Em um evento chamado “*Cosan Day, 2012*”, realizado em 12 e em 26 de novembro de 2012, respectivamente em Nova York (EUA) e em São Paulo (SP), o então diretor executivo da Raízen, explanou a investidores e analistas metas e futuros investimentos em ganhos em eficiência da Raízen.

Em termos de produtividade dos canaviais – toneladas de cana por hectare (ton/ha) – a meta era a de subir das 74,1 ton/ha (em 2011/12) para 86,5 ton/ha (em 2014/15), através, por exemplo, do uso de técnicas de geoprocessamento para controle do cultivo; já em termos de corte mecânico de cana, a meta era de estender a mecanização de 86% para 95% da colheita, e de estender a produtividade do corte de 583 para 773 toneladas por máquina ao dia, até 2016/17.

⁶¹ Empresa inaugura cogeração em mais duas usinas. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2921782/empresa-inaugura-cogerao-em-mais-duas-usinas#ixzz2E0Fsxmsl>>. Acesso em: 3 dez. 2012.

Outra maneira de aumentar a produtividade dos canaviais é instalar sistemas de irrigação dos mesmos. Em junho de 2012, a Raízen estudava irrigar 160 mil hectares de canaviais que abasteciam 6 de suas 24 usinas com cana – assim passaria a dispor da maior área de cana irrigada no Brasil. Os investimentos da companhia nesse projeto poderiam alcançar US\$ 480 milhões – US\$ 3 mil por hectare –, e seriam divididos entre a Raízen e seus fornecedores de cana. Se aprovada, a instalação completa desses sistemas de irrigação levaria 5 anos.⁶²

A região de Araçatuba, estado de São Paulo, tem cinco usinas Raízen, e seria a principal região contemplada por esse projeto de irrigação. Um projeto piloto já havia sido iniciado na unidade de Gasa (Andradina, SP)⁶³. Araçatuba seria uma região com regime irregular de chuvas, e vinha registrando grandes quebras na produtividade dos canaviais – na safra 2011/12, por exemplo, a quebra foi de 22%, quando se colheu 70 ton/ha. A empresa esperava que os testes indicassem um aumento para 100 ton/ha assim que a irrigação entrasse em vigor, para, então, aprovar o projeto.

Considero esses “ganhos em eficiência” como uma estratégia de expansão da produção da Cosan no setor de AEB, pois permitem *produzir mais* em menos *tempo* e/ou em menos *área*. Esses ganhos podem ajudar a *realizar* ao máximo a capacidade de processamento das usinas Raízen. Em 2011/12 a capacidade total de processamento das 24 usinas Raízen era de 64,64 milhões de ton. ao ano, enquanto a processamento realizada nessa safra foi de “apenas” 52,89 milhões de ton. – logo, a capacidade *ociosa* das 24 usinas era de 11,75 milhões de ton. ao ano (COSAN LIMITED, 2012, p.38).

Diversificação do uso de matéria-primas

Uma sexta estratégia da Cosan é a de diversificar o uso de matérias-primas para produzir etanol. Isso se dá, principalmente, através da construção de usinas para produzir o chamado *etanol celulósico*, ou *etanol de segunda geração* – que pode ser produzido com a palha, as pontas e o bagaço da cana.

⁶² BATISTA, F. Raízen estuda investir até US\$ 480 milhões para irrigar canaviais. **Valor Econômico**, 14 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2714078/raizen-estuda-investir-ate-us-480-milhoes-para-irrigar-canaviais#ixzz2E0KgMfkg>>. Acesso em: 03 nov.2012

⁶³ Na época, a única usina da Raízen em cuja área de abastecimento usava-se irrigação em larga escala era a usina de Jataí (GO).

Segundo notícia de novembro de 2012⁶⁴, pelo menos três centros de pesquisa e de tecnologia colaboravam para que a Raízen começasse, em breve, a produzir etanol celulósico em grande escala, a saber: *CTC, Iogem e Codexis*, companhias das quais a Raízen detinha ações.

Na mesma notícia se afirmava que, havia três meses, a Raízen enviava sistematicamente bagaço e palha de cana para uma indústria no Canadá de demonstração de produção de etanol celulósico da Iogem. Terminados os testes nessa indústria, a Raízen pretendia implantar, perto de suas usinas de produção de etanol de primeira geração (etanol 1G) no Brasil, usinas para produzir etanol de segunda geração (etanol 2G) – assim poderá contar com resíduos da cana (palha, bagaço, pontas), provenientes dos canaviais que abastecem as usinas de etanol 1G, para produzir o etanol 2G.

No “*Cosan Day, 2012*”, um porta-voz da Raízen apresentou a investidores e analistas as intenções da Raízen em produzir etanol 2G. Ele disse que a Raízen Energia iria, primeiro, desembolsar R\$ 180 milhões produzir 40 milhões de litros ao ano de etanol 2G em uma usina piloto na unidade Costa Pinto (Piracicaba, SP), a partir da safra 2014/15. Em seguida, a Raízen pretendia implantar mais *sete* usinas de etanol 2G, até o ano de 2024. Assim, em 2024 a Raízen estaria produzindo, em suas oito usinas de etanol 2G, 1,5 bilhões de litros de etanol 2G, cuja matéria-prima seriam 6 milhões de toneladas de massa vegetal (palha, bagaço). Para se ter uma ideia de magnitude desse empreendimento, as então 24 usinas da Raízen produziram, segundo aquele porta-voz, 1,9 bilhões de litros na safra 2011/12.

As sete usinas que se seguiriam à da Costa Pinto exigiriam investimentos de cerca de R\$ 300 milhões cada, e produziriam cerca de 200 milhões de litros de etanol 2G cada. O total de investimentos em produção de etanol 2G chegaria, portanto, a, aproximadamente, R\$ 2 bilhões. (COSAN, 2012d)

⁶⁴ BATISTA, F. Raízen define em 2013 plano para etanol de 2ª geração. **Valor Econômico**, 29 out. 2012. Empresas. Disponível em: < <http://www.valor.com.br/empresas/2921780/raizen-define-em-2013-plano-para-etanol-de-2#ixzz2E0EHuFJR> > Acesso: 03 nov. 2012

Em 7 de fevereiro de 2013, no entanto, o presidente da Cosan afirmou que o conselho de administração da Cosan ainda não havia aprovado o programa para produção de etanol 2G, pois havia “questões técnicas a serem resolvidas”.⁶⁵

Quanto a essa sexta estratégia, é possível, também, usar outras matérias-primas para produzir-se o etanol de primeira geração nas mesmas usinas que já o produziam da cana. Isso já vem acontecendo, desde a safra 2010/11, de maneira experimental, no período entre as safras da cana, na usina de Jataí (da Cosan).

O **gráfico 18**, a seguir, apresentado em novembro de 2012 no “*Cosan Day*”, mostra a previsão de investimentos – *capital expenditure* (capex) – da Raízen Energia para o período entre as safras 2012/13 e 2016/17. Os investimentos recorrentes são em manutenção da produção, e os não-recorrentes em *expansão* da produção. Entre os não-recorrentes, destacam-se os investimentos em *brownfield* e em *cogeração* (R\$ 3,95 bilhões), mas estão previstos R\$ 2,3 bilhões em outros investimentos não recorrentes.

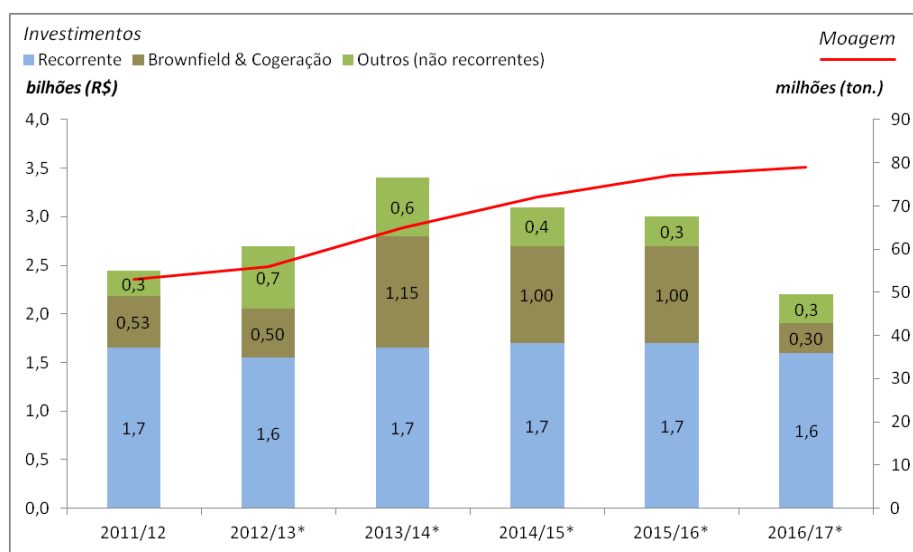


Gráfico 18: Previsão de investimentos e de moagem da Raízen Energia, até a safra 2016/17

Fonte: COSAN, 2012d, p.12.

Ainda segundo esse gráfico, o processamento de cana da Raízen Energia passaria de 53 milhões de ton. em 2011/12, para 79 milhões de toneladas em 2016/17. E, em 2013/14, a Raízen realizaria seu potencial de processamento de 2011/12, isto é, 65 milhões de ton. de cana.

⁶⁵ BATISTA, F. Cosan não prevê novos investimentos de expansão em cana-de-açúcar. **Valor Econômico**, 07 fev. 2013. Disponível em: < <http://www.valor.com.br/empresas/3000304/cosan-nao-preve-novos-investimentos-de-expansao-em-cana-de-acucar#ixzz2LYs2z0iR>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

Em suma, identifiquei seis estratégias de aumento da produção Cosan – atualmente, do ramo de AEB, de responsabilidade da Raízen Energia:

- a) *aquisição* de usinas concorrentes;
- b) *reforma* de ampliação de usinas próprias (*brownfield*);
- c) *construção* de novas usinas (*greenfield*);
- d) *cogeração* de energia derivada do bagaço;
- e) *ganhos em eficiência*, com aperfeiçoamento da produção agrícola e industrial;
- f) *diversificação* do uso de matéria-primas, seja para produzir etanol celulósico, seja para produzir etanol de primeira geração.

Sobre a usina em Jataí entrevistaram quatro dessas estratégias: cogeração, construção (*greenfield*), ganhos em eficiência e diversificação da matéria-prima – uso de sorgo sacarino.

Assim, a usina em Jataí constitui-se em uma novidade na estratégia geral da Cosan para o setor de AEB, pois, após a construção da Costa Pinto – de 1936 – foi o primeiro *greenfield* efetiva e totalmente construído a mando do Grupo; e também, até 2012, é a única usina do Grupo a trabalhar com mais de uma matéria-prima; e, ainda, a própria usina é um modelo de eficiência, considerada a mais moderna das 24, a percentagem de colheita mecânica é maior do que a média da Cosan e foi a primeira a dispor de cana oriunda de canaviais irrigados – a irrigação e outros fatores fizeram a produtividade dos canaviais que abastecem a usina ser maior do que a média da Cosan.

5. IMPLANTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA USINA EM JATAÍ

5.1. O projeto e a seleção do local

Em 2006 certos agentes da Cosan, foram incumbidos de encontrar um bom local onde uma usina de etanol do tipo *greenfield* pudesse ser instalada pelo Grupo. Em março de 2007, após aprovação pelo conselho de administração da Cosan, o município de Jataí (GO) foi escolhido para ser a sede da nova usina.

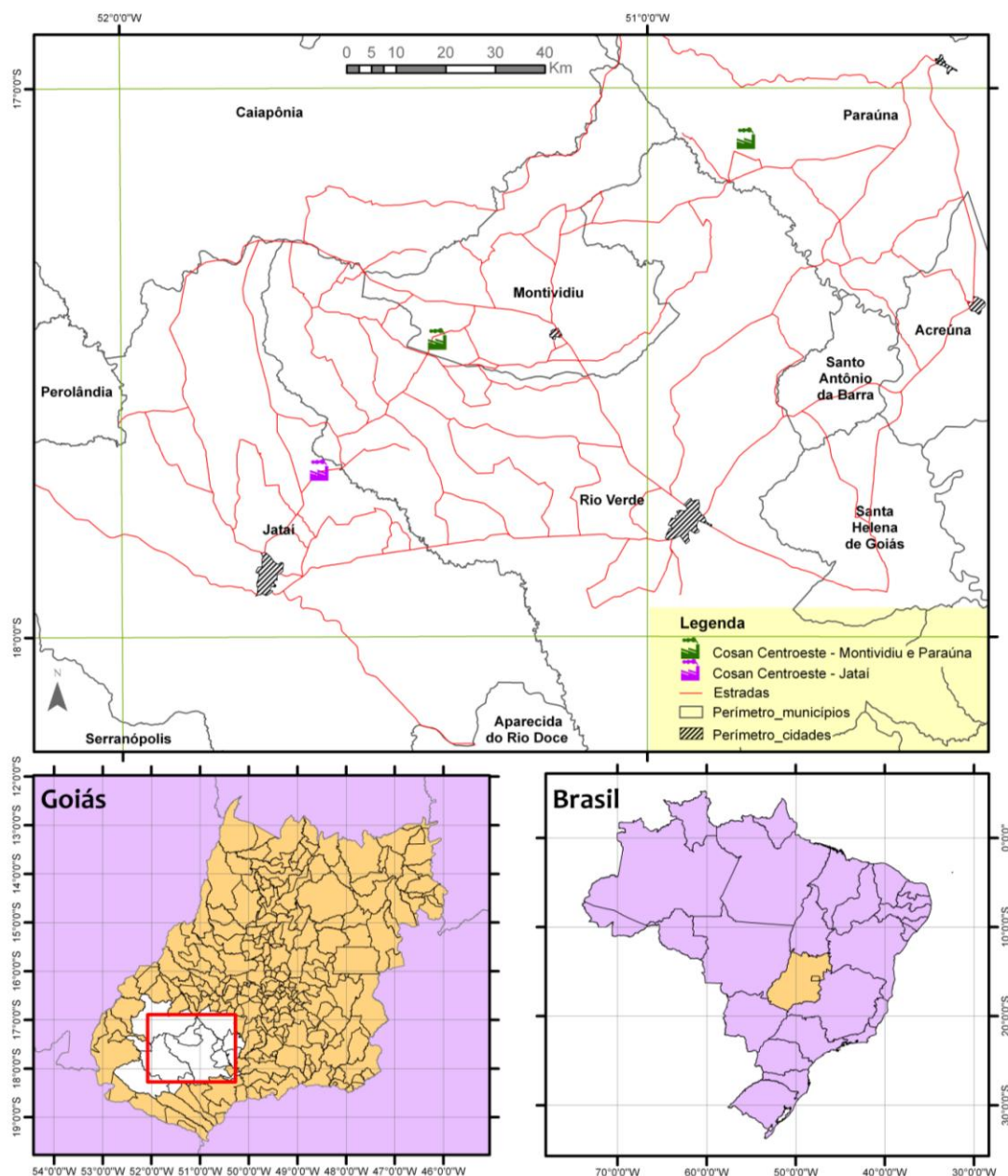


Figura 7: Situação dos três projetos da Cosan Centroeste e estradas de ligação entre os três

Fonte: IBGE, COSAN. Elaboração: própria

Na verdade, após a aprovação pelo conselho, em 1º de março de 2007 o Grupo Cosan constituiu a Cosan Centroeste Açúcar e Álcool S.A, empresa encarregada de construir e fazer funcionar não só a usina em Jataí, mas também outras duas usinas em municípios vizinhos – uma em Montividiu (GO) e outra em Paraúna (GO). Dessa maneira se constituiria um *cluster* de produção, que englobaria essas três usinas. (figura 7)

Em 12 de abril de 2007, o Grupo anunciou publicamente a intenção de investir cerca de R\$ 1,3 bilhão para construir tais usinas, que, juntas, poderiam processar 10 milhões de toneladas de cana para produzir 900 milhões de litros de etanol, por ano. A Cosan estimava que a filial de Jataí entraria em operação primeiro, em 2009, e, no ano seguinte, as duas outras. A princípio, o investimento para financiar a implantação das três usinas viria da Oferta Global de ações, por ocasião da instituição da *Cosan Limited* (COSAN LIMITED, 2007, p. 95, 512).

Tabela 8: Estimativa da Cosan, em agosto de 2007, para a futura capacidade processamento das três filiais Cosan Centroeste, entre os anos fiscais de 2009 e 2012.

Usina	2009	2010	2011	2012
	Capacidade de processamento (em milhões de toneladas)			
Jataí	0,5	1,5	3,3	3,3
Montividiu	_____	0,5	1,5	3,3
Paraúna	_____	0,5	1,5	3,3

Fonte: COSAN LIMITED, 2007, p.189. Elaboração: própria.

Essas unidades de Montividiu e Paraúna, no entanto, até março de 2013 ainda não haviam saído do papel – embora se estimasse, em junho de 2012, que a unidade de Paraúna entraria em operação em 2014 e a de Montividiu em 2015⁶⁶.

Antes mesmo de anunciar a público o projeto da Cosan Centroeste, agentes da empresa examinaram a disposição de proprietários de Jataí e Rio Verde de ceder em arrendamento terras para o plantio de cana, ou de fornecer cana para a usina de Jataí. No final de março de 2007, alguns porta-vozes da Cosan se reuniram em um colégio de Jataí com autoridades municipais e com produtores agrícolas da região, e lhes apresentaram o projeto dessa unidade.⁶⁷

⁶⁶ Essa era a estimativa da SEGPLAN – Goiás (2012b).

⁶⁷ RIVERAS, I. Cosan estuda instalar usina de açúcar e álcool em goiás. **Globo.com (G1)**, 9 abr. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1512431-5601,00.html>>. Acesso em: 20 mar. 2011;

ANSELMINI, R. Grupo Cosan planeja instalação de usina em Jataí. **Jornal Cana**, 5 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.jornalcana.com.br/noticia/Jornal-Cana/14465+Grupo-Cosan-planeja-instalacao-de-usina-em-Jatai>>. Acesso em: 13 out. 2011.

Em meados de 2007, Jataí mostrava-se muito atrativo ao setor sucroenergético, pois se esperava que quatro usinas – inclusive a da Cosan – viessem a ser implantadas no município, e entrassem em operação a partir de 2009.

Então, o secretário de indústria e comércio de Jataí, proferiu, no dia 11 de maio de 2007, uma palestra sobre “Perspectivas da Cana-de-açúcar em Jataí”, para o curso de pós-graduação em Agronomia Produção Vegetal, do Centro de Ciências Agrárias de Jataí.⁶⁸ A prefeitura de Jataí via com bons olhos a vinda dessas quatro usinas já que:

“A previsão de investimentos é da ordem de R\$ 1,2 bilhão, o faturamento anual estimado é de R\$ 1,2 bilhão, espera-se a geração de 5.600 empregos diretos e algo em torno de 10.000 indiretos.”⁶⁹

Sob essa perspectiva, o setor de comércio e serviços em Jataí sairia beneficiado pelas atividades canavieiras, e a geração de emprego, renda e tributos traria “desenvolvimento econômico e social”. Portanto havia uma política de “boas vindas” e de apoio aos usineiros que chegariam, por parte da prefeitura de Jataí.

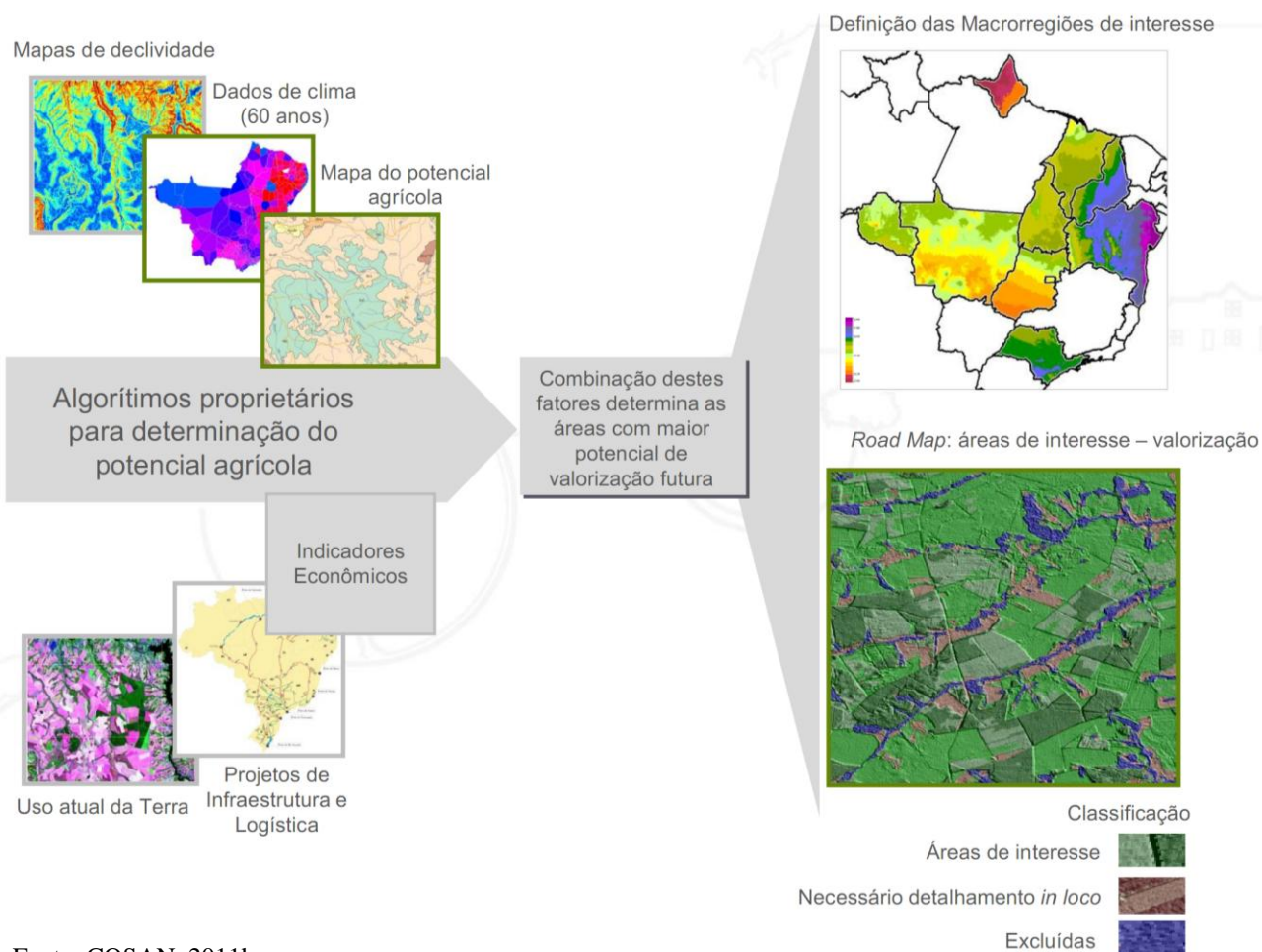
Para escolher o sítio da usina, a Cosan levou em conta que os atributos de Jataí e vizinhança propiciavam tanto a atividade industrial quanto a agrícola, em grande escala. Essa escolha, portanto, se inclui na estratégia de expansão do Grupo no setor sucroenergético.

Como vimos, mais tarde, em agosto de 2008, constituiu-se a Radar Propriedades Agrícolas S.A. (“Radar”), uma nova subsidiária da Cosan S.A..O principal objetivo da Radar era o de encontrar e comprar propriedades rurais com alto potencial de valorização, para depois arrendá-las e/ou vendê-las por um valor maior. Para tanto, a Radar fazia uso de uma tecnologia de sensoriamento remoto que *já vinha sendo usada pela Cosan* desde 2000, graças a uma parceria com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para esse fim. Assim, a Cosan lançou mão dessa tecnologia para sondar a superfície do Brasil em busca das melhores regiões para implantar suas novas usinas. (ver **figura 8**)

Para esse projeto, a empresa mapeou, com o auxílio de imagens por satélites, nove regiões no Brasil. Devido ao relevo plano, clima, qualidade de solo e infra-estrutura, o sul de Goiás foi eleito para sediar o projeto. (COSAN, 2009, p.32)

⁶⁸ COUTINHO, L. Palestra sobre a cana-de-açúcar. **Folha do Sudoeste**, 5 de jun., 2007, nº 884.

⁶⁹ *Ibidem*.



Fonte: COSAN, 2011b.

Figura 8: Técnica digital usada pela da Radar para avaliar o potencial de valorização de terras no Brasil.

Como mais tarde, em outubro de 2010, viria a afirmar o gerente líder do pólo Jataí da Cosan Centroeste – àquela altura já em funcionamento – “[...] mais de 60% dos custos nossos estão na área agrícola [...] então se você conseguir ter um custo na área agrícola reduzido você resolve 60% de seus custos”⁷⁰. Por “área agrícola” entenda-se a área de canaviais que abastecem a usina – e os serviços de plantio e manutenção de canaviais, e de CCT (Corte, Carregamento e Transporte).

Para abastecer as futuras três usinas da Cosan Centroeste, estimava-se que seriam necessários aproximadamente 120 mil hectares de terras para o cultivo de cana, e mais cerca de 15% a 20% terras dedicada, durante 18 meses, a esse cultivo – geralmente para o primeiro corte (COSAN LIMITED, 2007, p. 189).

⁷⁰ J. S.: depoimento [out. 2010]. Entrevistadores: W. Silva e D. Peixinho.

Portanto, na escolha da região de Jataí e cercanias para situar suas três usinas a Cosan considerou que os solos e o clima dessa região ofereciam vantagens para o cultivo de cana.

Um dos estudos que nos ajudam a entender essa escolha é o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar (ZAE Cana). O ZAE foi publicado em 17 de setembro de 2009, como um decreto presidencial – do então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva – e enviado ao Congresso Nacional sob a forma de um projeto de lei. No entanto, o lançamento desse documento já era aguardado há cerca de um ano – desde que o estudo técnico coordenado pela Embrapa ficara pronto (REPÓRTER BRASIL, 2009, p.2).

Esse estudo definiu o grau de aptidão para o cultivo da cana – em regime de sequeiro (sem irrigação plena) – de toda a superfície do Brasil, por zonas. Algumas zonas foram consideradas de alta aptidão, outras de média aptidão, outras de baixa aptidão, e outras foram consideradas inaptas para o cultivo de cana. Considerou-se inaptas as áreas com vegetação nativa, os biomas Amazônia e Pantanal, a Bacia do Alto Paraguai, as terras com declividade superior a 12%, as áreas de proteção ambiental, as terras indígenas, entre outras áreas (BRASIL, 2009).

Para definir essas aptidões, foram adotados dois critérios principais: “aptidão climática” – temperatura do ar, deficiência hídrica, etc. – e “aptidão edáfica” – potencial do solo, de acordo com índices de fertilidade e de umidade, suscetibilidade à erosão, impedimentos à mecanização, etc. Em seguida, cruzaram-se as variáveis de aptidões climática e edáfica e chegou-se ao resultado de aptidão para o cultivo de cana (*ibidem*).

Em meio digital, foram sobrepostos mapas de aptidão edáfica, aptidão climática, restrições ambientais, relevo e usos da terra e, como resultado, obteve-se mapas-síntese nas escalas das unidades da federação e do país, expressões gráficas do ZAE Cana⁷¹. A técnica usada pela Cosan, como vimos acima, deve ter sido basicamente a mesma.

Os resultados do ZAE indicam ser o Centro-Oeste a grande região do Brasil com mais áreas aptas ao plantio; Goiás a unidade da federação com mais áreas aptas; Jataí e vizinhança⁷² a região de Goiás com mais áreas aptas. (*ibidem*, ver **gráfico 19**)

⁷¹ Esses mapas estão disponíveis em: < http://www.cnps.embrapa.br/zoneamento_cana_de_acucar/>. Acesso em: 15 fev. 2013.

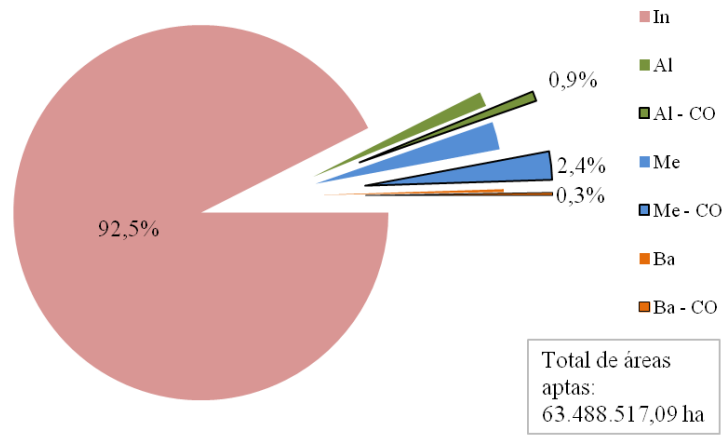
⁷² Para delimitar a região de Jataí e vizinhança adotei o critério do município ser limítrofe a Jataí, e incluí também os municípios de Montividiu e Paraúna, pois situariam as duas outras usinas da Cosan Centroeste - portanto, sem dúvida, também se mostravam à Cosan como áreas favoráveis ao cultivo de cana.

Das áreas no Brasil, 92,5% foram consideradas inaptas ao cultivo de cana. Das 7,5% restantes, consideradas aptas, quase a metade estava no Centro-Oeste, isto é, 3,6%. Dentro dos quatro estados do Centro-Oeste, 18,9% das áreas eram aptas, 7,8% em Goiás. Dentro dos 217 municípios de Goiás, 36,9% das áreas eram aptas, 8,8% – cerca de um quarto – nos 11 municípios da região de Jataí e vizinhança.

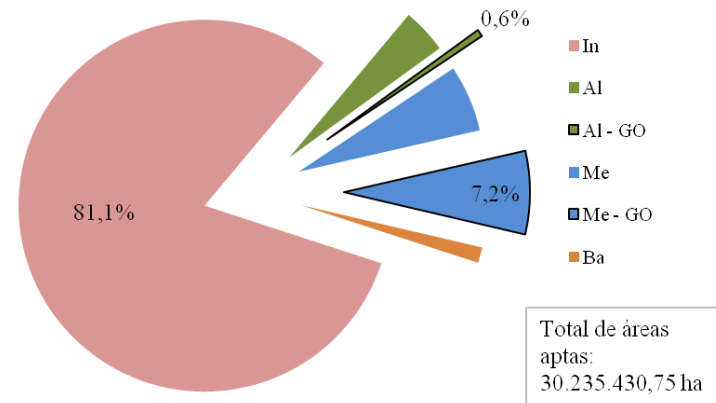
Na região de Jataí e vizinhança 47,8% das áreas apresentavam média aptidão, 10% baixa aptidão, e 42,2% das áreas eram inaptas. Os cinco municípios com mais áreas aptas em todo Goiás estavam na região de Jataí e vizinhança – a saber, do maior para o menor, Rio Verde (601.960,9 ha de áreas aptas), Jataí (470.979,6 ha), Mineiros (367.964,9 ha), Serranópolis (330.708,7 ha) e Caiapônia (290.893,7 ha). Não se é de estranhar, pois, que a Cosan/Jataí tenha escolhido situar sua usina praticamente na divisa entre Jataí e Rio Verde – dessa maneira poderia servir-se, sem prejuízos, de uma enorme vastidão de terras adequadas para o cultivo de matéria-prima (cana) para sua usina.

Por seus territórios político-administrativos serem de menor área, Paraúna e Montividiu eram, respectivamente, o 8º e o 19º municípios com mais áreas aptas em Goiás. No entanto, esses dois municípios apresentavam um bem alto percentual de áreas aptas em relação à área total do município, isto é, de 70,85% e de 77,41%, respectivamente – bem acima da média para Jataí e vizinhança (de 57,80%). Ademais, se considerarmos Paraúna e Montividiu juntamente com Jataí e Rio Verde veremos que esses quatro municípios formam entre si uma área contínua – e as três usinas Cosan Centroeste se instalariam praticamente na divisa com Rio Verde. (**figura 7**)

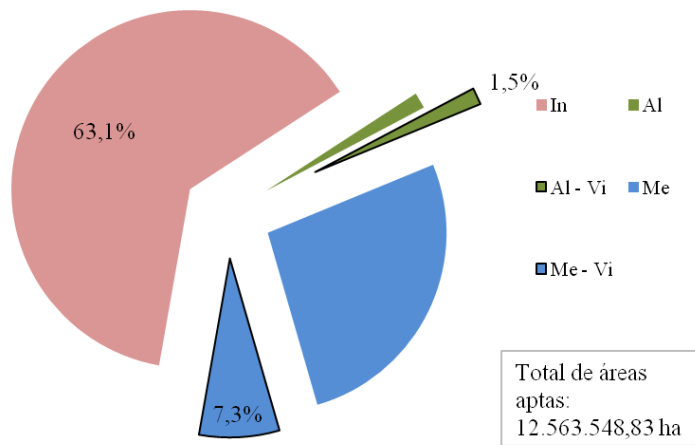
Brasil: Centro-Oeste (CO) em destaque



Centro – Oeste: Goiás (GO) em destaque



Goiás: Jataí e vizinhança (Vi) em destaque



Jataí e vizinhança

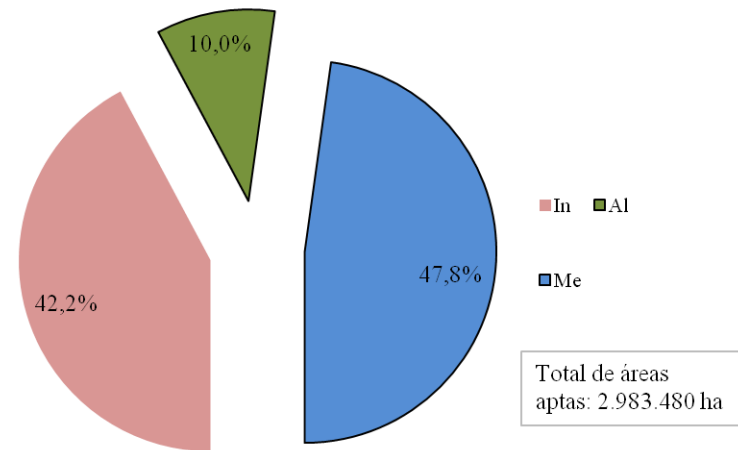


Gráfico 19: Áreas de alta aptidão (Al), de média aptidão (Me) e inaptas (In), para a cana-de-açúcar, segundo o ZAC (2009), por escalas regionais

Fonte: BRASIL, 2009.

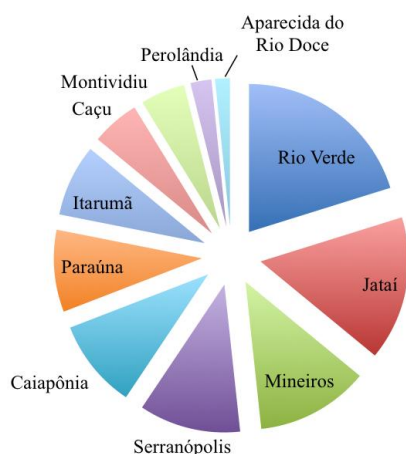


Gráfico 20: Distribuição das áreas aptas em Jataí e Vizinhança

Fonte: BRASIL, 2009

Como vemos, o Zoneamento definiu Jataí e vizinhança como uma região especialmente propícia ao cultivo da cana. Aí se explica em boa medida, portanto, que a Cosan tenha escolhido precisamente essa região para implantar três usinas próximas entre si. Mesmo que o estudo técnico que resultou no ZAE Cana seja de 2008 – um ano após a escolha da Cosan –, ao que tudo indica a Cosan adotou, em sua busca anterior pelos melhores locais de implantação, as mesmas variáveis que o ZAE para definir zonas de aptidão para o cultivo de cana.

Os dados indicam haver muitas áreas aptas “disponíveis” para o cultivo de cana. O EIA relativo à usina de Jataí cita como primeiro critério básico para a escolha do local de implantação de uma indústria canaveira a “presença de área agrícola disponível para a cultura de cana-de-açúcar passível de atender às necessidades imediatas e também futuras” (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.26). Mais tarde, um gerente líder afirmou ter sido justamente esse um dos maiores motivos para a instalação da usina em Jataí. Como vimos, esse motivo também é válido para a escolha de Montividiu e Paraúna.

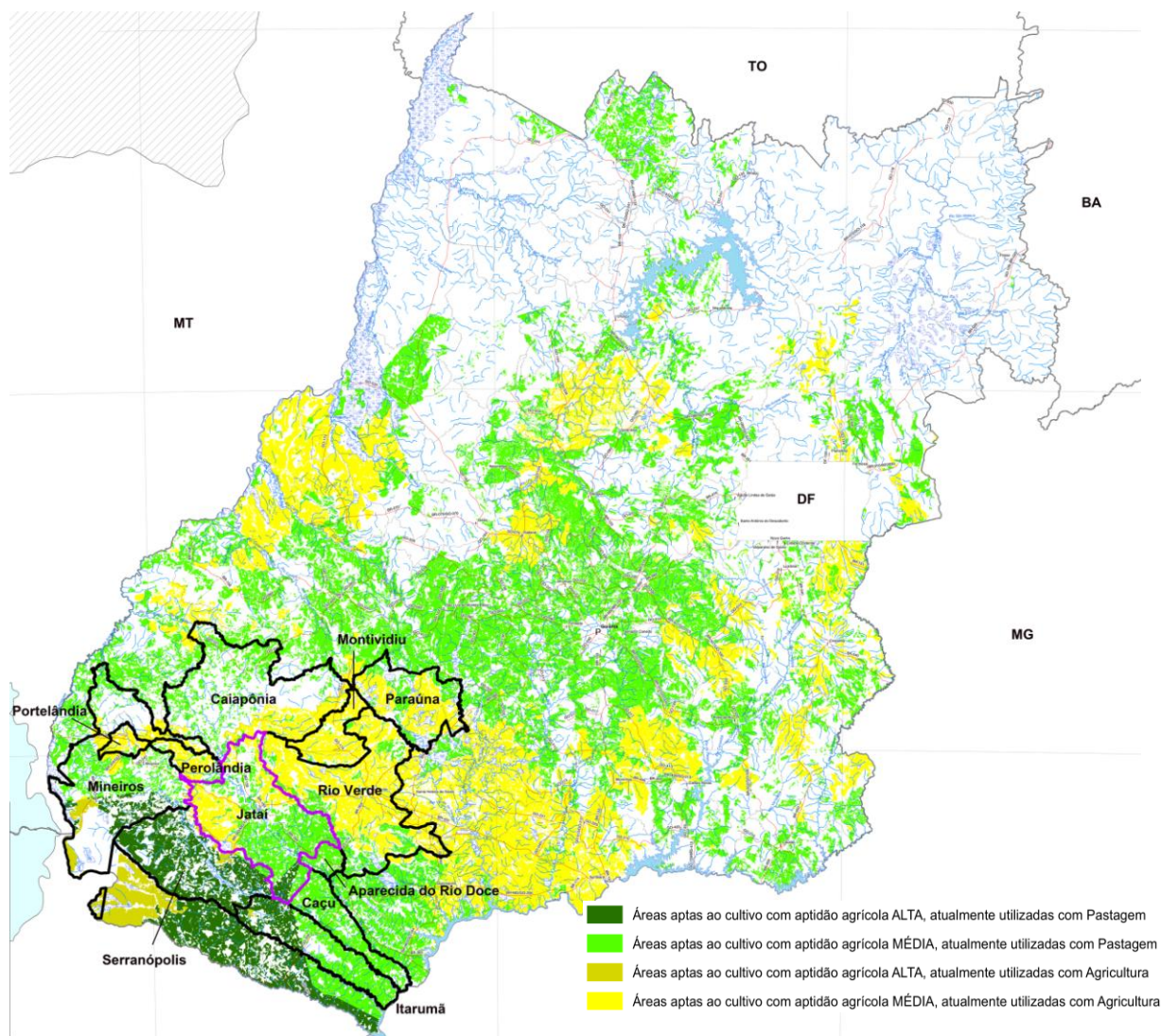


Figura 9: Mapa-síntese do ZAE Cana em Goiás com destaque para os municípios de Jataí e vizinhança
 Fonte: <http://www.cnps.embrapa.br/zoneamento_cana_de_acucar>. Adaptado. Acesso em: 15 fev. 2013.

Em sua busca de melhores locais para instalar suas novas usinas, porém, a Cosan não somente levou em conta o fator aptidão para o cultivo de cana. Segundo o EIA referente à usina de Jataí, outros fatores foram considerados como: rede de vias em condições de atender às exigências de transporte de produtos e de funcionários; presença de um setor de comércio e serviços capaz de suprir o setor sucroenergético – insumos industriais, implementos agrícolas, etc.; distância de empreendimentos similares (26 km) de instalação prevista ou já em funcionamento nas proximidades, de acordo com a resolução nº215/2007 – CD/PRODUZIR (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.26).

Em relação ao município de Jataí, alguns outros fatores influíram na escolha do exato local de instalação da usina como: uso predominante do solo, distâncias de mananciais para captação de águas, distância de linhas de transmissão de energia elétrica, extensão de áreas em potencial a serem beneficiadas com fertirrigação, entre outros. Após a pesagem dos fatores, entre três alternativas de locais de implantação da usina em Jataí, foi escolhida a área correspondente à Fazenda Santo Antônio do Rio Doce – que, então, foi comprada pela empresa e, de fato, veio a ser o sítio da posterior implantação da usina (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.28-31).

A decisão de instalar a usina de Jataí bem próxima a Rio Verde sofreu influência do então prefeito de Jataí. À época ele afirmou que era parte de sua política estimular a instalação das usinas próxima às divisas de Jataí. No que concernia à Cosan/Jataí, o prefeito previa que cerca de 20 mil hectares de cana seriam plantados em Rio Verde.⁷³ A lógica dessa política era a de propiciar o cultivo de cana nos municípios limítrofes, ao passo que a arrecadação de tributos (ISS, ICMS) iria toda para os cofres públicos de Jataí – pois seria o município sede das usinas. Assim, a disputa por terras para cultivo – tanto dos usineiros entre si, quanto entre usineiros e outros agentes do agronegócio – seria atenuada em Jataí – vale lembrar que estavam previstas quatro usinas para o município.

Também pode ter pesado na seleção pela Cosan da região de Jataí e vizinhança para situar as três usinas a promessa de, num futuro próximo, vir a ser construído um duto de etanol que passaria por Goiás. Segundo documento oficial, a Cosan já sabia dessa possibilidade:

[...] existe um projeto da Petrobras para um duto de etanol que deverá passar pelo Estado de Goiás no futuro próximo, o que poderá reduzir significativamente os custos de transporte de nosso etanol a partir dessas instalações [das três usinas]. (Cosan Ltde, Prospecto Preliminar, 2007, p.189-90)

Esse projeto era fruto de uma associação entre a Petrobrás, a construtora Camargo Corrêa e a *trading* japonesa Mitsui – o primeiro memorando de entendimentos entre as três foi firmado em 27 de fevereiro de 2007. O trajeto inicial desse alcoolduto partiria de Senador Canedo (GO) e chegaria a um porto de exportação controlado pela Petrobras em São Sebastião (SP), e, entre esses dois terminais, atravessaria regiões de

⁷³ SILVEIRA, L. Goiás atrai 12 novos projetos no etanol. **Diário Comércio Indústria & Serviços**, 11 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.dci.com.br/servicos/goias-atrai-12-novos-projetos-no-etanol-id106111.html>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

produção de álcool em Minas Gerais e São Paulo. Cálculos indicavam que, graças ao duto, o frete de distribuição de etanol ficaria mais de quatro vezes mais barato.⁷⁴ Grande parte do etanol produzido seria exportada para o Japão. A Mitsui ficaria responsável por construir 40 usinas no Brasil, ao passo que à Petrobrás caberia a logística de distribuição.⁷⁵

Segundo o então presidente do Sindicato Rural de Jataí,

O alcoolduto virá até o município de Senador Canedo, que é longe de Jataí; porém a Cosan afirmou que há grande probabilidade de o duto ser estendido devido ao grande número de usinas sendo construídas por aqui⁷⁶

Aliás, esse seria um dos bons motivos para a Cosan implantar as três filiais da Cosan Centroeste próximas entre si, pois o provável ramal de extensão do duto até Jataí beneficiaria as três usinas, no que se refere ao escoamento do etanol nelas produzido.

Assim, a intenção da Cosan era, desde a fase do projeto dessas usinas, a de *exportar* para os mercados de consumo de São Paulo, e até de outros países, o etanol nelas produzido. Segundo um porta-voz da Cosan, a escolha da região de Jataí e vizinhança se devia, em parte, à existência de um sistema de logística favorável ao escoamento desse etanol para São Paulo: “[...] o álcool será escoado até São Simão, de onde seguirá por hidrovia até a estrutura logística da Cosan já implantada nas regiões paulistas onde a empresa já atua”.⁷⁷

Algum tempo depois, em 7 de agosto de 2008, dia da cerimônia solene de início das obras da usina de Jataí, porta-vozes da companhia detalharam que, no geral, o etanol seria escoado por rodovia até São Simão (GO), seguiria pela hidrovia Paraníba-Paraná-Tietê até Anhembi (SP) ou Pederneiras (SP), e dali seguiria por ferrovia e rodovia até Paulínia (SP) – onde havia uma base de distribuição de combustível, a partir da qual

⁷⁴ Petrobras inicia estudos sobre construção de alcoolduto. **Diário do Grande ABC**, 27 fev. 2007. Economia. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/90000574113/petrobras-inicia-estudos-sobre-construcao-de-alcoolduto.aspx?ref=history>>. Acesso em: 15 out. 2012;

Petrobras põe US\$ 600 mi em alcoolduto. **Folha de São Paulo (on-line)**, 6 mar. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0603200736.htm>> Acesso em: 15 out. 2012.

⁷⁵ A associação entre Petrobras, Mtsui e Camargo Correa (PMCC) evoluiria para um consórcio com razão social *PMCC Soluções Logísticas de Etanol S.A.* Como vimos no tópico “cronologia de 2000 em diante”, em 1º de março de 2011 foi instituída a *Logum Logística S.A.*, que unificou o projeto da PPMC com dois outros projetos. De início a Raízen deteve 20% das ações da “Logum”. O projeto da Logum diferiu do projeto PMCC, e delineava uma extensão de um ramal do duto até, justamente, o município de Jataí. Em março de 2012, previa-se a conclusão do trecho entre Itumbiara (GO) e Jataí para fins de 2015 (**O Popular** - 08 de março de 2012).

⁷⁶ SILVEIRA, L. *ibidem*

⁷⁷ BATISTA, F. Cosan vai para o Centro-Oeste para produzir apenas álcool. **Gazeta Mercantil**, 28 set. 2007, Caderno C, p.7.

pode ser transportado até o porto de Santos, por exemplo, onde a Cosan mantém o TEAS, e então exportado.⁷⁸

Vale dizer, por fim, que outro fator, não menos importante, pesou na escolha de Jataí e vizinhança, o *incentivo fiscal*. O governo de Goiás já vinha conduzindo uma política vigorosa de financiamento à implantação de usinas em seu território. O FOMENTAR (Fundo de Participação e Fomento à Industrialização do estado de Goiás) vigorou de 1986 a 2000, e até setembro de 2007 ainda beneficiava 11 usinas implantadas em Goiás. O FOMENTAR foi substituído pelo PRODUZIR (Programa de Desenvolvimento Industrial do Estado de Goiás) que, de 2000 a novembro de 2007 aprovou a instalação de 89 empreendimentos. Ambos os programas ofereciam isenções e flexibilidade no pagamento do ICMS (CASTILLO, 2009, p.10).

Anos depois, em fevereiro de 2012, o governador de Goiás revelaria que ele, juntamente com o presidente do SIFAEG, haviam, em 2004 e/ou 2005, tentado “sensibilizar” a Cosan a vir para Goiás. Alguma boa proposta provavelmente foi feita pelos dois à Cosan – provavelmente incluindo a garantia de incentivos pelo PRODUZIR.⁷⁹

Os estrategistas da Cosan sem dúvida levaram em conta a garantia quase certa de incentivos na hora de escolher aquela região. Como veremos no tópico a seguir, qualquer previsão estaria certa, pois a usina receberia, além de incentivos do Governo de Goiás – por intermédio da Agência de Fomento de Goiás –, incentivos do Governo Federal – por intermédio do BNDES.

Por tudo o que foi dito ao longo deste **tópico 5.1**, vemos como a conquista de um território exige, antes de tudo, planejamento e estratégia. Vimos como a Cosan, desde a fase de projeto das três usinas da Cosan Centroeste, entrou em relação com vários agentes, em especial, com agentes do governo público. Assim, com base nos critérios que expus – e, talvez, em outros que tenham faltado – a Cosan escolheu os locais de instalação dessas três usinas.

O planejamento inicial, vale repetir, incluía a construção não apenas da usina em Jataí, como também de usinas filiais em Montividiu e em Paraúna. Por conseguinte, a Cosan passou, de antemão, a controlar terras – para o plantio de cana (matéria-prima

⁷⁸ MAGALHÃES, M. Cosan inaugura pedra fundamental de usina em Goiás. **ProCana Brasil**, 8 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.jornalcana.com.br/noticia/Jornal-Cana/16007+Cosan-inaugura-pedra-fundamental-de-usina-em-Goias>>. Acesso em: 30 mai. 2011.

⁷⁹ COUTINHO, L. Inaugurada unidade da Fundação em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 13-19 fev. 2012, Cidade/Geral. A-6.. Disponível em: <http://folhadosudoeste.jor.br/edicao_digital/anteriores/1006---pag-6.gif>. Acesso em: 1º mar. 2012.

para a usina) – nas proximidades não só do local escolhido para a futura implantação da usina em Jataí, como também dos locais escolhidos para a futura implantação dessas duas outras usinas filiais.

Assim, através de um *territorialismo*, a Cosan começaria a conquistar uma série de terras em Jataí e vizinhança, nas quais se passou a cultivar cana. Então, começava a se estabelecer toda uma *territorialidade* – uma teia de relações de poder – com a Cosan no centro –, e várias áreas nessa região controladas pela Cosan – com a usina em Jataí no centro –, para a qual passariam a convergir os fluxos de cana a partir dessas áreas.

5.2. A implantação

Antes de implantar a usina de Jataí, a Cosan precisou obter a licença prévia da Agência Ambiental de Goiás – um atestado da viabilidade do empreendimento, uma avaliação dos potenciais impactos que causaria ao ambiente. Para isso a Cosan precisou contratar uma empresa para elaborar um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e um Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (RIMA). Algumas outras exigências – previstas em lei – para o uso de recursos tiveram de ser atendidas, como a outorga para captação e bombeamento de 225 litros por segundo de água do Rio Doce até a usina – conseguida em 04 de julho de 2007 (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.59).

Em outubro de 2007, em uma audiência pública, diretores da usina entregaram os EIA/RIMA relativo ao empreendimento da usina ao prefeito e ao secretário de meio ambiente de Jataí. Nesse mesmo evento, os diretores receberam das mãos do prefeito o alvará de licença – a Licença de Instalação – para o início das obras da usina.⁸⁰

Ao lado do cumprimento dessas normas, foram indispensáveis recursos para financiar a obra. Vimos que a princípio tais recursos viriam de uma oferta de ações, ocasião da fundação da Cosan Limited. No entanto, em 29 de setembro de 2007, na sede da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), em Goiânia, a Cosan assinou um contrato com o Governo de Goiás, segundo o qual a Cosan Centroeste receberia R\$ 1,38 bilhões em isenções de até 73% do ICMS – por intermédio da Agência de Fomento

⁸⁰ COUTINHO, L. Cosan recebe licença ambiental. **Folha do Sudoeste**, 9 out. 2007, nº 893, Geral, p. A-3.

de Goiás (GOIÁSFOMENTO) – para implantar as filiais de Jataí, Montividiu e Paraúna; a vigência desse contrato seria de 15 anos.⁸¹

Além desse incentivo fiscal do Governo Estadual, a Cosan viria a receber outro, agora do Governo Federal, por intermédio do BNDES. Em 9 de junho de 2009, a Cosan fechou um contrato com o BNDES que previa R\$ 635.719.506,00 em incentivos fiscais destinados somente à unidade de Jataí – principalmente à construção da usina e à formação de canaviais.⁸²

Antes disso, no entanto, em 23 de março de 2008 as obras de construção da usina tiveram início (COSAN, 2009, p.31). Porém, a cerimônia que marcou o início das obras – chamada de “lançamento da pedra fundamental” – aconteceu somente em 7 de agosto de 2008, com a presença de Rubens Ometto, do governador de Goiás, do prefeito de Jataí, de secretários de Estado e de representantes do setor sucroenergético⁸³.

A construção exigiu muita mão-de-obra e materiais, e a contratação de diversas empreiteiras. (ver **tópico 5.3**)

Ainda antes, em agosto de 2007, a Cosan já comprara os terrenos sobre os quais ergueria as usinas: em Jataí, comprara um lote de 190 hectares, da Fazenda Santo Antônio do Rio Doce; em Montividiu, lotes nas fazendas Monte Alegre e Cachoeira Montividiu, que juntos perfaziam 183,47 hectares; em Paraúna, um lote de 435,6 hectares, da Fazenda Torre Alta (COSAN LIMITED, 2007, p. 95, 512; CVM, 2008, p.93).

Mas, antes e concomitantemente ao início das obras, a Cosan já precisava formar canaviais. Afinal a cana – matéria-prima para a produção de etanol na usina – já deveria estar suficientemente madura para o corte e a moagem assim que a usina entrasse em operação. Dessa maneira, desde junho de 2007, as primeiras mudas de cana foram plantadas em Jataí e vizinhança.⁸⁴ Desde meados de 2007, então, a Cosan assinou

⁸¹ MAGALHÃES, M. Cosan investirá R\$ 1,3 bilhão em Goiás. **Jornal Cana**. Disponível em: <[http://www.jornalcana.com.br/noticia/Jornal-Cana/15062+Cosan-investira-R\\$-1-3-bilhao-em-Goiias](http://www.jornalcana.com.br/noticia/Jornal-Cana/15062+Cosan-investira-R$-1-3-bilhao-em-Goiias)>. Acesso em: 15 mar. 2012;

COUTINHO, L. *ibidem*;
SILVA e PEIXINHO (2012).

⁸² Ricardo Balthazar. Folha de São Paulo. Mercado. **Veja quanto receberam os grupos mais favorecidos pelo BNDES**. 8 ago. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/779517-veja-quanto-receberam-os-grupos-mais-favorecidos-pelo-bndes.shtml>>. Acesso em 14 set.2011

⁸³ R\$ 1,35 bilhão para Goiás. **Diário da Manhã**, 8 ago. 2008, Economia. p. 23. Disponível em: <<http://www.dmdigital.com.br/index.php?edicao=7581>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

⁸⁴ R\$ 1,35 bilhão para Goiás. **Diário da Manhã**, 8 ago. 2008, Economia. p. 23. Disponível em: <<http://www.dmdigital.com.br/index.php?edicao=7581>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

contratos de arrendamento de terra e de fornecimento de cana com proprietários de terra e arrendatários da região (ver **tópico 5.5.2**).



Figura 10: Fotografia aérea do parque industrial Cosan/Jataí em implantação

Fonte: Compacta Construtora⁸⁵

Em outubro de 2009, a usina começou a funcionar. No dia 26 do mês seguinte realizou-se uma cerimônia para comunicar publicamente o “pré-funcionamento” da usina – termo usado para indicar que a moagem da primeira safra (2009/10) foi “experimental”, e não deve ter durado mais do que três meses (ver **tópico 5.4**). Durante esse evento houve uma visita à usina, e o gerente líder da usina de Jataí e o então presidente da *Cosan Açúcar e Alcool* proferiram discursos de elogio à usina. Entre os presentes estavam o prefeito de Jataí, o presidente da Câmara Municipal de Jataí, arrendatários de terras e fornecedores de cana, e a imprensa local.⁸⁶

Enfim, em 27 de maio de 2010, a usina foi oficialmente inaugurada, em nova solenidade. O evento aconteceu um pouco depois da abertura formal da safra 2010/1, isto é, de 1º de abril de 2010. Dessa vez o número de pessoas presentes foi ainda maior, entre as quais o presidente do Conselho de Administração da Cosan S.A., o presidente da *Cosan Açúcar e Alcool*, o governador de Goiás, deputados federais e estaduais, o prefeito de Jataí e de outros municípios de Goiás, membros do legislativo de Jataí, o

⁸⁵ Disponível em:< <http://www.compactaconstrutora.com.br/index.php?module=fotos>> Acesso: 15 nov. 2012

⁸⁶ COUTINHO, L. Cosan promove visita monitorada à Usina de Jataí. **Folha do Sudoeste**, 30 nov. 2009.

presidente do SIFAEG, o vice-presidente da FAEG, além de outras autoridades políticas, de militares, de empresários e de um grande número de fornecedores de cana e arrendatários de cana.⁸⁷

Durante essa cerimônia de inauguração, novamente os porta-vozes da Cosan elogiaram os atributos técnicos da usina, seus equipamentos de última geração, além de afirmarem como a usina beneficiaria a região. Na ocasião, o prefeito de Jataí disse: “[...] esse casamento da família Cosan com a família jataíense vai ser para sempre”. Por sua vez, o governador de Goiás afirmou:

“A planta que visitamos por si só já fala o que ela representa para Jataí, para Goiás e para o Brasil. Esta é a maior e mais moderna planta industrial do gênero do mundo e vai gerar empregos e divisas” (*ibidem*)

Vemos como os representantes do poder executivo de Goiás se referiam com notável entusiasmo ao empreendimento da Cosan em Jataí, e demonstravam todo o seu apoio.

Entretanto, um pouco antes da inauguração solene de sua mais nova usina, a imagem da Cosan S.A. sofreu um golpe. Pois, em 31 de dezembro de 2009, a Cosan viu-se incluída na chamada “lista suja” do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro de Empregadores da Portaria nº 540/04, isto é dos que mantêm funcionários a seu serviço “em condições análogas à de escravo”.⁸⁸

Essa inclusão decorria de uma situação observada em junho de 2007, por fiscais que, acompanhados da polícia federal, resgataram 42 cortadores de cana no chamado “Alojamento do Guri”, no município de Delta (MG), bem próximo à divisa com Igarapava (SP), onde se situava a Usina Junqueira – controlada pela Cosan. Os trabalhadores teriam sido recrutados por um agente da empresa terceirizada “José Luiz Bispo Colheita – ME”, em Araripina (PE), e seriam mantidos em péssimas condições. Os trabalhadores passaram, então, a atuar no corte de cana que seria enviada à usina Junqueira. Por conseguinte, uma série de autos de infração foram registrados, e se instaurou um processo judicial desfavorável à Cosan. Após se esgotarem os recursos disponíveis contra esses autos, em 31 de dezembro de 2009 o processo redundou na inclusão da Cosan S.A. na “lista suja”.⁸⁹

⁸⁷ COUTINHO, L. Cosan Inaugura Usina de Jataí. **Folha do Sudoeste**, 15-31 mai. 2010.

⁸⁸ Os termos dessa portaria estão disponíveis em:

<http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BF2B6EE26648F/p_20041015_540.pdf>. Acesso em 15 jun. 2012.

⁸⁹ INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Trabalho escravo no Brasil: uma herança maldita do capitalismo. **Entrevista especial com Frei Xavier Plassat**. 18 mar. 2011. Disponível em:

Em 6 de janeiro de 2010 o MTE divulgou a lista. Por conseguinte, em 7 de janeiro de 2010, o BNDES anunciou que havia suspenso, em caráter preventivo, o financiamento à projetos da Cosan. Por conseguinte, o valor a ação ordinária (ON, com direito a voto) da Cosan despencou em 5,32%.⁹⁰

No que diz respeito à implantação da usina em Jataí, o BNDES ainda não havia desembolsado o mencionado empréstimo de quase R\$ 636 milhões, que foi suspenso temporariamente. Portanto, para a Cosan, seria uma grande perda. E a anulação dessa suspensão se daria sob a condição de que o nome da Cosan fosse excluído da lista. Em um “Comunicado ao Mercado” de 7 de janeiro a Cosan se defendeu:

O evento que envolveu a empresa José Luiz Bispo Colheita – ME não contou com a cooperação ou concordância da Cosan. Independentemente de tal fato, ciente de sua responsabilidade social e imbuída de boa-fé, a Cosan adotou prontamente diversas providências, dentre as quais o pagamento de todas as despesas necessárias à regularização de tais trabalhadores. A Cosan também providenciou o descredenciamento da referida empresa da cadeia produtiva referente ao fornecimento de cana de açúcar.⁹¹

No dia seguinte, 8 de janeiro de 2010, a Cosan entrou com um mandato de segurança para anular a inclusão de seu nome na “lista”. Um Juiz do Trabalho substituto, do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT-10), acatou o ato e concedeu uma liminar a favor da Cosan que determinava que o nome da Cosan fosse retirado da lista, no prazo de três dias, sob pena de multa diária de R\$ 50 mil. Três dias depois, em 11 de janeiro – apenas 11 dias após a inclusão da Cosan na “lista suja” – o BNDES revogou a decisão de suspender as operações de financiamento com a Cosan, inclusive o financiamento da usina em Jataí, pois o nome da Cosan já não mais constava na lista.

Em maio de 2010, na inauguração da usina um porta-voz da Cosan anunciou que o financiamento do BNDES estava garantido – correspondente a cerca de 64% dos R\$ 1 bilhão que teriam sido investidos na implantação da usina.

No processo de implantação de sua usina em Jataí, portanto, a Cosan contou com o franco apoio do governo – municipal, estadual e federal –, fosse em forma de

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/41377-trabalho-escravo-no-brasil-uma-heranca-maldita-do-capitalismo-entrevista-especial-com-frei-xavier-plassat>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

⁹⁰ SCHREIBER, M. e OLIVEIRA, E. BNDES suspende operações com a Cosan devido a sua inclusão na 'lista suja' do Ministério do Trabalho e Emprego. **O Globo com Valor On-line**, 7 jan. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/bndes-suspende-operacoes-com-cosan-devido-sua-inclusao-na-lista-suja-do-ministerio-do-3071968#ixzz2ST9sz0Xy>>. Acesso em: 25 jul.2012 .

⁹¹ COSAN SA. Comunicado ao mercado – Portaria 540-04. De 7 de janeiro de 2010. Disponível em:<<http://ri.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=oOBcUJ5AJkWw14UjrV1wwQ==>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

incentivos fiscais, fosse na construção de uma boa imagem da companhia (ver **tópico 5.7**).

Além do mais, as presenças de diversas autoridades nas cerimônias solenes que marcaram a evolução desse processo – “pedra fundamental”, “pré-funcionamento” e funcionamento – testemunham o grau de *influência* de que a Cosan gozou ao longo desse processo.

5.3. As relações de trabalho

A serviço da usina em Jataí diversos funcionários exerciam suas profissões.

Nesse caso, a indústria subordina a agricultura, isto é, áreas para canaviais são contratadas, pelo usineiro, para abastecer a usina. Nesse circuito canaviais-usina, diversas relações de trabalho são estabelecidas. Assim como a Cosan paga aos proprietários de terras locais uma renda – em troca do uso da terra ou de seus frutos –, paga a seus empregados um salário – em troca de suas forças de trabalho.

Para termos uma ideia mais completa do impacto que a implantação e o funcionamento da usina causaram no mercado de trabalho, devemos levar em conta não somente os trabalhadores com carteira assinada pela Cosan, como também aqueles com carteira assinada pelas empresas que prestam serviços à unidade Jataí, serviços terceirizados.

Primeiramente, foram necessários funcionários para a construção da usina em Jataí. As obras tiveram início em 23 de março de 2008 (COSAN, 2009, p.31). Segundo informações de membros da administração da usina, durante os 23 meses de obras foram empregados, em média, 1.900 trabalhadores, principalmente funcionários das empreiteiras (construtoras) e das fornecedoras de equipamentos.⁹²

De acordo com o então vice-presidente da Cosan, em agosto de 2008, 400 pessoas trabalhavam no pólo Jataí, nas operações de terraplanagem e de instalação de caldeiras.⁹³

Várias foram as empresas que forneceram equipamentos para a construção da usina, entre as quais Dedini, Siemens, Smar, Cestari, WEG, Simisa, Promom

⁹²B.A. Resposta a questionário. Mensagem recebida por <lourencopmoreira@gmail.com> em fev. 2013. Entrevistador: MOREIRA, L.

⁹³BATISTA, F. Cosan inicia obras da usina de Jataí. **Gazeta Mercantil**, 8 ago. 2008. Caderno C, p.10. Disponível em: <<http://infoener.iee.usp.br/infoener/hemeroteca/imagens/117000.htm>> Acesso em: 13 jan. 2011.

Engenharia, Aragão, Renk Zanini, Sermatec, ZBN, Irmãos Passaúra, Isonet, etc. (B.A., *ibidem*).

Entre as empreiteiras, duas principais foram citadas, quais sejam a Irmãos Passaúra e a Engefort (*ibidem*). No sítio eletrônico da Engefort, a respeito da construção da usina em Jataí, lê-se:

Engefort realizou todas as obras civis com uma estrutura de equipamentos e pessoal que impressionaram, chegando a 12 caminhões-betoneira, central de concreto de 400m³/dia de capacidade, com silo de 220 toneladas de cimento, dentre outros equipamentos, mantendo no pico da obra **1.000 homens diretos e 250 terceirizados**.⁹⁴ (*grifos meus*)

Outras companhias, ainda, participaram da implantação do parque industrial, como a Promon Engenharia, a Procknor Engenharia, A Romini Montagens Industriais, Momplás, entre outras – cada qual encarregando seus próprios funcionários.

De 2007 em diante, antes (da) e concomitantemente (à) construção da usina, canaviais eram plantados e manejados, pois a cana deveria estar pronta para ser processada quando a usina estivesse funcionando.

Segundo reportagem de um jornal local, em nov. 2007 a empresa já contava com 110 funcionários trabalhando em Jataí, entre pessoal administrativo e em atividade na agricultura.⁹⁵ A Cosan reservava uma área na Fazenda Santo Antônio do Rio Doce para um viveiro de mudas, a fim de abastecer futuros canaviais nos arredores e, provavelmente, já tomara em arrendamento algum(ns) lote(s) de terra para plantar cana.

Ainda durante a construção da usina, em novembro de 2007, a Cosan Centroeste enviou alguns funcionários – moradores de Jataí – para treinarem suas funções em imediações de outras usinas do Grupo, situadas em São Paulo, para, em seguida, virem trabalhar para a usina em Jataí. Assim, 28 operadores de máquinas, 16 motoristas e 9 técnicos agrícolas, fizeram estágio nas usinas Barra, de Barra Bonita (SP), Costa Pinto, de Piracicaba (SP) e Bonfim, de Guariba (SP). Já era a segunda turma de estagiários enviada a São Paulo pela Cosan Centroeste com esse intuito.⁹⁶ Segundo um gerente da empresa, após as turmas de funcionários voltarem de São Paulo, o treinamento continuou em Jataí e vizinhança.⁹⁷

⁹⁴ Disponível em: < <http://www.engefortnet.com.br/obras/usina-de-alcool-jatai-go/> >. Acesso em: 20 dez. 2012.

⁹⁵ COUTINHO, L. Cosan treina grupo de trabalhadores. **Folha do Sudoeste**, 20 nov. 2007.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ COUTINHO, L. Cosan Jataí inicia colheita da safra 2011/2012. **Folha do Sudoeste**, 1º-15 mai. 2011.

As atividades associadas à usina de Jataí podem ser repartidas em três departamentos, ou setores: administrativo, industrial e agrícola. Segundo documento oficial, em 2008 eram, a serviço da usina, 38 funcionários da administração, e 650 do setor agrícola – esses últimos em tarefas relacionadas ao plantio, colheita e manutenção da lavoura. Em 2008 as atividades industriais ainda não haviam iniciado, pois a usina ainda não estava pronta para funcionar. Porém, as atividades agrícolas, de plantio e de manutenção de canaviais, já empregavam muitos trabalhadores, assim como as do departamento administrativo – esses exercendo as funções de escritório, as de maior autoridade e as de assistência pessoal aos funcionários, na gestão central das operações durante a implantação.

O conjunto de funcionários subordinado à mesma aumentou gradativamente, de 2008 a 2012.

Tabela 9: Número de empregados da unidade Jataí, por setores, de 2008 a 2012, segundo a Cosan

Setor	2008	2009	2010	2011	2012
Administrativo	38	51	80	106	97
Industrial	0	116	197	219	230
Agrícola	650	1.024	1.211	1.727	1.114
Total	688	1.191	1.488	2.052	1.443

Fonte: COSAN SA (2012a, p.359) Nota: situação em nov. 2012.

Em resposta a um questionário já citado (B.A., *ibidem*), a Cosan/Raízen mencionou algumas das funções exercidas nos três departamentos a serviço do pólo Jataí:

a) Departamento administrativo: assistente administrativo, encarregado, líder, supervisor, analista, assistente social, enfermeiro, médico, coordenador, gerente, etc.

b) Departamento industrial: auxiliar de produção, líder de operações, mecânico, eletricitista, instrumentista, operador de extração, operador de tratamento de caldo, operador de caldeiras, operador de utilidades, destilador, fermentador, líder de produção, supervisor de área ou setor, etc.

c) Departamento agrícola: auxiliar de produção, noteiro, fiscal, operador de máquinas, líder de colheita ou operações agrícolas, borracheiro, encarregado de operações agrícolas, supervisores agrícolas, soldador, mecânico, eletricitista, etc.

Os empregados pela Cosan/Raízen no departamento agrícola executavam tarefas tanto nos canaviais de arrendamento, quanto nos de fornecimento. Como veremos no

tópico 5.5, Cosan/Raízen prestava diversos serviços a seus fornecedores, como a seleção das melhores variedades de cana e cessão de mudas, plantio, colheita, etc.

Segundo o EIA relativo à usina (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.43), o empreendimento – a indústria – funcionaria ao longo da safra, normalmente 227 dias, em três turnos para os funcionários das áreas industrial e agrícola. Para tanto, seriam necessários aproximadamente 2000 funcionários diretamente subordinados ao polo Jataí, entre os quais 1500 no departamento agrícola, 400 no industrial e 100 no administrativo.

De acordo B.A. (*ibidem*), a usina transforma cana e fabrica etanol durante a safra – cerca de 240 dias por ano-safra – e passa por manutenção no período entre as safras. A colheita da cana – safra – acontece de abril a novembro, e o plantio – período entre safras – de dezembro a abril. O plantio, porém, em um mesmo canavial, só ocorre de cinco em cinco, ou de seis em seis anos – quando a área é reformada -, pois a cana rebrota e é cortada cinco ou seis vezes – esse período equivale a um ciclo. O plantio, portanto, se resume às áreas em reforma, e aos novos canaviais (áreas de expansão).

Ao longo da safra a usina funciona 24 horas por dia, e a jornada de trabalho reparte-se em três turnos de 8 horas por dia, com folgas semanais, de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

No período entre as safras há uma mudança na rotina de trabalho no parque industrial da usina, quando peças são conferidas, substituídas, e reformas são realizadas. Atuam na manutenção, além de funcionários próprios da Cosan/Raízen, funcionários terceirizados (B.A., *ibidem*).

Para confrontar e complementar os dados fornecidos pela própria Cosan/Raízen, utilizei-me dos bancos de dados *on-line* da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), publicadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). São dados relativos ao emprego formal, isto é, aos empregos com Carteira de Trabalho e Previdência Social (do MTE) assinada.⁹⁸

Com vistas à análise, considerei atividades econômicas do setor sucroenergético aquelas que se incluem nas seguintes duas classes da Classificação Nacional de

⁹⁸ “Todo estabelecimento deve fornecer ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), as informações referentes a cada um de seus empregados, de acordo com o Decreto nº 76.900, de 23 de dezembro de 1975”. Entre esses empregados incluem-se: empregados contratados, servidores da administração pública, trabalhadores avulsos e temporários, etc. (MTE, 2013, p. 6-7)

Atividades Econômicas (CNAE 2.0), do IBGE: “fabricação de álcool” (1931-4) – na qual se inclui “a fabricação de álcool etílico, anidro e hidratado por processamento da cana-de-açúcar, mandioca, madeira e outros vegetais” – e o “cultivo de cana de açúcar” (0119-9) – na qual se inclui, além do cultivo propriamente, “a produção de sementes e mudas das plantas desta classe, quando atividade complementar ao cultivo” (CONCLA, CNAE, 2013⁹⁹).

São considerados pela CNAE os “[...] estabelecimentos de empresas privadas ou públicas, estabelecimentos agrícolas, organismos públicos e privados, instituições sem fins lucrativos e agentes autônomos (pessoa física)”.¹⁰⁰ Cada um desses estabelecimentos tem um endereço definido, ou seja, uma sede física onde se realiza certa atividade econômica, ou de onde se conduz essa atividade. Portanto, define-se um âmbito para certa atividade – seja o âmbito da unidade da federação, da mesorregião, do município, da região administrativa, da capital – de acordo com a localização do estabelecimento. Para os fins de minha análise, defini como âmbito o município de Jataí, pois ali se localizava o estabelecimento de meu interesse, a saber, a unidade Jataí da Cosan/Raízen.

Portanto, deduz-se que os trabalhadores ocupados em Jataí ou eram empregados diretos da unidade Cosan/Raízen, ou estavam a serviço dessa unidade – uma vez que, no período que estudei, não havia nenhuma outra usina sucroenergética no município, e que os primeiros empregos no setor em Jataí surgiram em 2007, justamente no ano de chegada da Cosan. Então, em tese, todos esses empregos formais estavam subordinados à unidade da Cosan/Raízen em Jataí.

Por sua vez, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO 2002), do MTE, define a classe de “família ocupacional”. Entre os trabalhadores famílias ocupacionais levei em conta apenas aqueles pertencentes ao setor sucroenergético, isto é, aqueles pertencentes as duas classes CNAE 2.0 acima descritas. Logo, em minha análise, as famílias ocupacionais aparecem como subclasses dessas duas classes CNAE.

Através da **tabela 10**, vemos que o setor sucroenergético está presente em Jataí desde 2007, ano em que a Cosan adquiriu a propriedade para implantar sua usina. Nesse período de 2007 a 2011, a Usina Cansação de Sinimbu S/A e a Elcana Goiás Usina de Álcool e Açúcar Ltda. arrendaram terras e também plantaram cana em Jataí, apesar de

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.cnae.ibge.gov.br/>>. Acesso em 22 jan. 2013.

¹⁰⁰ Sítio Eletrônico da Receita Federal. Disponível em:

<<http://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnaefiscal/txtcnae.htm>>. Acesso em 27 dez. 2013.

suas usinas não terem saído do papel pelo menos até março de 2013 (SILVA, 2011, p.142-3). Como veremos no tópico **5.6.2.**, essas companhias acabaram se associando à Cosan e a cana plantada nessas terras acabou abastecendo a usina Cosan/Jataí. Isso reforça a tese de que os trabalhadores do setor em Jataí estejam *todos*, direta ou indiretamente, à serviço da Cosan.

Tabela 10: Número de trabalhadores empregados no setor sucroenergético e em outros setores, em Jataí, 2006-2011.

Classe CNAE 2.0	Número de trabalhadores (em 31 de dez. de cada ano)					
	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Cultivo de cana-de-açúcar	0	0	0	17	9	13
Fabricação de álcool	0	147	558	970	1313	1415
Outros	14002	14994	14498	15898	16876	18075
total	14002	15141	15056	16885	18198	19503

Fonte: RAIS, 2013. Elaboração: própria.

Ainda por essa tabela, vê-se que em cinco anos o setor sucroenergético já era responsável por 7,6% dos empregos gerados em Jataí.

É possível observar a seguir, através da **tabela 11**, o número de empregados nas 10 famílias CBO 2.0 mais numerosas, que se incluíam em alguma daquelas duas classes CNAE 2.0, em 31 de dezembro de 2011, no setor sucroenergético, em Jataí. Em outras palavras, essa tabela esmiúça a **tabela 11** – somente para os dados do setor.

A **tabela 11** oferece melhor ideia dos tipos de cargos e funções que os empregados da Cosan/Jataí desempenhavam, e também da massa de trabalhadores dedicados a cada um desses encargos.

Suscita dúvidas a informação de que existiam, em dezembro de 2011, 77 ocupados na família “trabalhadores na fabricação e refino de açúcar” em Jataí. Afinal a usina da Cosan produzia apenas álcool, e não açúcar – e era a única usina sucroenergética em funcionamento no município. Além do mais, estes 77 ocupados estavam inclusos na classe “fabricação de álcool” pelo CNAE 2.0.

Esse número provavelmente se deve a que, até certo ponto, no tratamento do caldo da cana, o sistema de fabricação de açúcar e de álcool é basicamente o mesmo, e exige os mesmos equipamentos – difusor, decantador, aquecedor, filtro de iodo – e, por conseguinte, algumas tarefas são comuns (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.41). Vale dizer que, nessa mesma data, havia 13 pessoas ocupadas na família “operadores de equipamentos de destilação, evaporação e reação”, na qual se incluía o ofício de “operador de equipamento de destilação de álcool” (MTE, 2010; RAIS, 2013).

Tabela 11: Número de trabalhadores empregados no setor sucroenergético em Jataí, 2007-2011

Família ocupacional (CBO 2002)	Nº trab. (em 31 dez. de cada ano)				
	2007	2008	2009	2010	2011
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares adm.	4	23	37	49	56
Supervisores na exploração agropecuária	18	31	45	59	49
Trabalhadores de apoio à agricultura	0	35	69	59	65
Trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas	1	115	183	290	223
Trabalhadores da mecanização agropecuária	28	77	156	241	304
Motoristas de veículos de cargas em geral	35	59	69	92	112
Trabalhadores na fabricação e refino de açúcar	0	25	69	75	77
Operadores de máquinas a vapor e utilidades	0	3	52	85	89
Mecânicos de manutenção de máquinas industriais	0	4	10	29	73
Mecânicos de manutenção de veículos automotores	11	29	44	47	50
Outros	50	157	253	296	330
total	147	558	987	1.322	1.428

Fonte: RAIS, 2013. Elaboração: própria.

Chama atenção o grande número de trabalhadores nas famílias “trabalhadores da mecanização agropecuária” e “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas” (a cana-de-açúcar é um tipo de gramínea). Os primeiros são operadores de colheitadeira e “tratoristas” – arador, operador de adubadeira, operador de implementos agrícolas, operador de máquina agrícola, tratorista operador de roçadeira, tratorista operador de semeadeira. Já os segundos são, basicamente, cortadores e plantadores de cana e mantenedores do cultivo (MTE, 2010).

Vale dizer que na **tabela 11** aparecem dados relativos a uma data específica – 31 de dezembro de cada ano – e que, portanto, as oscilações no número de empregados ao longo do ano são invisíveis. O **gráfico 21** expõe, então, dados relativos a “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas” admitidos e desligados de janeiro de 2011 a janeiro de 2013. Essa é a família cujo contingente no município de Jataí sofreu, de longe, as maiores oscilações (admissão-desligamento) a partir de dezembro de 2007.

Através do **gráfico 21**, vemos que os trabalhadores na cultura de cana em Jataí e vizinhança eram trabalhadores sazonais, pois seu emprego se limitava às estações de plantio e de colheita da cana. Vê-se que, em geral, esses trabalhadores são empregados em janeiro – quando se inicia o plantio – e desempregados sobretudo em dezembro – pois a colheita termina em novembro. No ano seguinte, são novamente admitidos em janeiro. Esse é o padrão de flutuação no número desse tipo de trabalhador a serviço da Cosan/Raízen – Jataí.

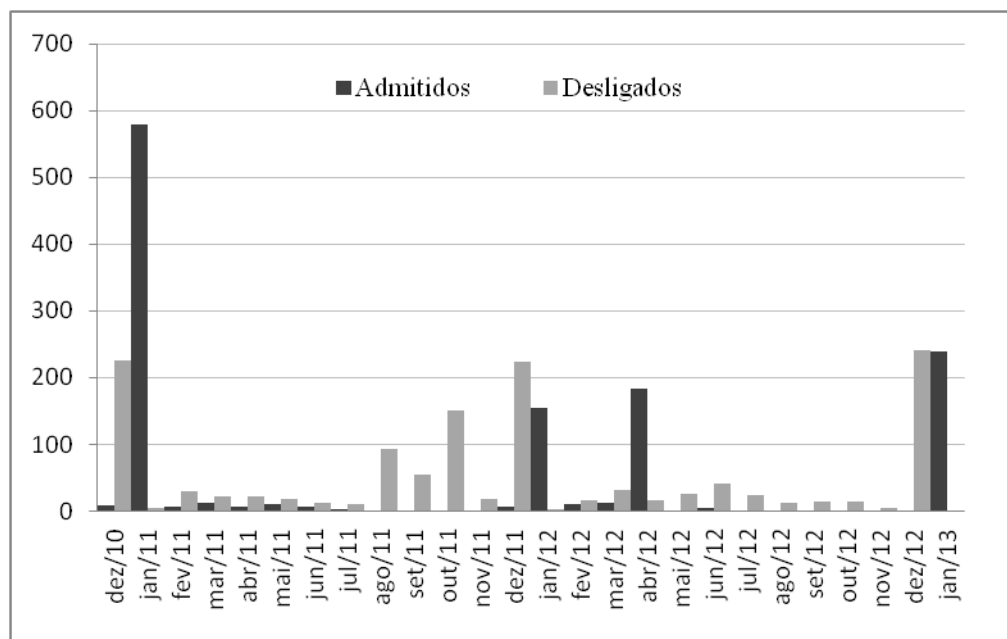


Gráfico 21: Número de trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas empregados no setor sucroenergético em Jataí, de dezembro de 2010 a janeiro de 2013

Fonte: CAGED, 2013. Elaboração: própria.

Vê-se, também, que especificamente no ano de 2012 muitos trabalhadores foram admitidos em abril, início do período de colheita. Nesse ano, provavelmente o número de trabalhadores empregados no plantio manual de cana foi menor, logo mais trabalhadores tiveram de ser contratados em abril para a colheita manual.

Segundo informações da própria empresa, de novembro de 2011, 70% do plantio de cana era realizado mecanicamente – por máquinas –, logo 30% manualmente – por pessoas. Já 98% da colheita era feita por máquinas, e 2% manualmente. Em 2013, disse a empresa ser de cana *crua* todo o percentual de cana colhida manualmente, isto é, de cana que não foi queimada para eliminação da palha. (FRANCO, 2013; B.A., *ibidem.*)

Mesmo com considerável percentual de plantio e colheita mecânicos, os trabalhadores sazonais de plantio e colheita manuais constituem a maior família de trabalhadores a serviço da Cosan/Raízen. Ao que tudo indica, a Cosan/Raízen se não tem se servido de mão-de-obra de Jataí e vizinhança para essas funções manuais. O regime intermitente de trabalho, a baixa remuneração e a falta de aptidão podem explicar o pouco ou nenhum emprego da população local nessas tarefas.

Muitos dos trabalhadores dessas famílias eram oriundos do nordeste. Em fevereiro de 2013, eram 1525 os empregados diretos da usina em Jataí – 1198 do setor agrícola, 235 do industrial e 92 do administrativo. Segundo a Cosan/Raízen, 86% desses

empregados residiam em Jataí, 3% em cidades vizinhas e 11% no nordeste. Esses 11% nordestinos viriam, principalmente do Ceará, e provavelmente eram trabalhadores temporários dos canaviais, safristas. Os migrantes residentes em Jataí e vizinhança teriam vindo de Rio Verde (GO), Goiânia (GO), Santa Helena de Goiás (GO). (B.A., *ibidem*.)

Quanto a esses nordestinos migrantes, a maior parte já trabalhava em canaviais do Sudeste ou do Nordeste, segundo SILVA (2011, p.185-7). A Cosan/Raízen promovia recrutamentos nos locais de origem, e pagava as despesas do transporte para Jataí. Ademais, alojamento e alimentação dos contratados também ficavam por conta da Cosan/Raízen. Assim, o ganho real desses trabalhadores acabava sendo maior do que seu salário.

Ainda segundo SILVA (*ibidem*), em geral, as moradias desses safristas se situavam na zona rural, portanto eles só tinham chance de ir à cidade aos domingos – única ocasião em que podiam fazer compras. Além disso, via de regra, eram trabalhadores que logo seriam demitidos, e retornariam para seu local de origem. Assim, esses trabalhadores sustentavam suas famílias – que permaneceram no nordeste – enviando parte de sua renda mensal. Logo, não consumiam muito no comércio e nos serviços em Jataí.

Por outro lado, alguns safristas também passavam a ser efetivos na empresa (Cosan/Raízen), e assim traziam suas famílias e contribuía mais para o consumo em Jataí. Mas, como mostram os números, esses não eram a maioria. (SILVA, *ibidem*).

De janeiro de 2011 a janeiro de 2012 foram empregados no setor sucroenergético em Jataí 784 “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas” e desempregados 683 – um saldo positivo de 121 trabalhadores. No mesmo período foram, respectivamente, empregados e desempregados: 170 e 120 (saldo positivo de 50) “trabalhadores da mecanização agropecuária”; 64 e 61 (saldo positivo de 3) “trabalhadores na fabricação e refino de açúcar”; 58 e 51 (saldo positivo de 7) “motoristas de veículos de carga em geral”; 53 e 51 (saldo positivo de 2) “operadores de máquinas a vapor e utilidades”; e 36 e 31 (saldo positivo de 5) “trabalhadores de apoio à agricultura”. Esses números revelam que não somente os trabalhadores das lavouras de cana tem vínculos temporários dentro das relações de trabalho no setor em Jataí. (CAGED, 2013)

Por exemplo, de acordo com um gerente de uma transportadora de cana contratada pela Cosan/Jataí, dos 200 funcionários de sua empresa à serviço da Cosan/Jataí, 150 eram motoristas, que trabalhavam apenas no período de colheita.¹⁰¹

Segundo declarou um gerente da Cosan, em audiência pública de novembro de 2010, estavam registrados na folha de pagamento da Cosan/Jataí 1584 funcionários, dos quais 99 na administração, 229 na indústria e 1256 no setor agrícola. A soma dos salários de todos esses funcionários totalizava R\$2.698.000,00 mensais. Portanto, a média de salário era aproximadamente de R\$ 1.703,00 por mês.¹⁰²

No mesmo período, as prestadoras de serviço que trabalhavam diretamente para a Cosan mantinham 479 funcionários, cujos salários somados perfaziam R\$ 962.790,00. Isto é, a média salarial dos funcionários terceirizados era de R\$2.010,00. (*ibidem*)

Aquele gerente explicou que essa diferença de salários entre os funcionários próprios e os terceirizados, dever-se-ia serem esses últimos mais especializados – p.ex. operadores de máquinas, motoristas e mecânicos - e por isso ganharem mais. (*ibidem*)

Já de acordo com a RAIS, dentre trabalhadores de 80 famílias ocupacionais (CBO 2002) que se empregaram no setor sucroenergético em Jataí, entre 2007 e 2011, a remuneração média mensal foi de R\$ 1.733 (**tabela 12**). No decorrer desse período, segundo o CAGED, foram admitidos 6.105 e demitidos 4.580 nesse setor, em Jataí – um saldo positivo de 1597 trabalhadores. Dentre os admitidos, 4.550 (74,53%) pertenciam às famílias “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas” (3.621), “trabalhadores da mecanização agropecuária” (485), “trabalhadores na fabricação e refino de açúcar” (224), e “motoristas de veículos de cargas em geral” (220). Essas eram as quatro famílias com mais ocupações no mercado de trabalho desse setor.

Como se vê na **tabela 12**, essa enorme massa de trabalhadores recebia relativamente baixos salários – de fato, todas essas 4 famílias estavam entre as 10 com menores salários, entre as 80. Em dezembro de 2011 essas quatro famílias somavam 716 empregados no setor, isto é 50,14% do total.

¹⁰¹ Informação verbal. Entrevista concedida no dia 29 mai. 2012, por um diretor de uma transportadora de cana terceirizada pela Raízen/Jataí. Entrevistador: MOREIRA, L.

¹⁰² Informação verbal fornecida por gerente da usina em audiência pública realizada no Centro de Cultura e Eventos de Jataí, em 9 nov. 2010. (ver **tópico 5.6.1.**)

Tabela 12: Remuneração média mensal e frequência de trabalhadores (f.t.) nas quatro famílias ocupacionais de maior remuneração média e nas quatro famílias ocupacionais com maior número de admissões, entre 2007 e 2011, no setor sucroenergético, em Jataí.

Família ocupacional (CBO 2002)	Rem. média (R\$) e f.t	Ano					
		2011	2010	2009	2008	2007	Total
Gerentes de produção e operações em empresa da indústria extrativa [...]	Frequência	2	3	2	3	2	-
	Remuneração	21.695	18.288	22.583	13.426	10.500	17.058
Diretores de produção e operações em empresa da indústria extrativa [...]	Frequência	3	2	2	2	0	-
	Remuneração	15.405	18.178	15.734	15.153	0	16.038
Gerentes de manutenção	Frequência	1	0	0	0	0	-
	Remuneração	15.267	0	0	0	0	15.267
Supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	Frequência	1	1	1	1	0	-
	Remuneração	12.425	11.898	9.345	9.000	0	10.667
Trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas	Frequência	223	290	183	115	1	-
	Remuneração	1.293	1.064	858	1.028	0	1.074
Trabalhadores da mecanização agropecuária	Frequência	304	241	156	77	28	-
	Remuneração	2.006	1.680	1.292	1.388	680	1.665
Motoristas de veículos de cargas em geral	Frequência	112	92	69	59	35	-
	Remuneração	2.072	1.810	1.353	1.453	686	1.639
Trabalhadores na fabricação e refino de açúcar	Frequência	77	75	69	25	0	-
	Remuneração	1.505	1.433	1.424	2.038	0	1.514
Total (80 famílias ocupacionais)	Frequência	1.428	1.322	987	558	147	-
	Remuneração	2.020	1.693	1.527	1.639	1.050	1.733

Fonte: RAIS e CAGED, 2013. Elaboração: própria.

Esses 716 (50,14%) empregados das famílias ocupacionais de maior frequência no setor recebiam juntos, R\$ 1.246.112 por mês – uma média de R\$ 1740,38 por trabalhador.

Por outro lado, no período houve famílias com poucos representantes nesse setor em Jataí, porém com altos salários. As famílias com as mais altas remunerações mensais médias no período foram “gerentes de produção e operações em empresa da indústria extrativa, de transformação e de serviços de utilidade pública” (R\$ 17.058), “diretores de produção e operações em empresa da indústria extrativa, transformação e de serviços de utilidade pública” (R\$ 16.038), “gerentes de manutenção” (R\$ 15.267) e “supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo” (R\$ 10.667). Ao todo, os trabalhadores dessas 4 famílias eram em dezembro de 2011, juntos, apenas 7 – o que representa apenas 0,49% dos empregados no setor.

Quanto ao resto dos trabalhadores, em 2011 seus salários variavam de R\$ 873 – “trabalhadores de apoio à agricultura” – a R\$ 13.550 – “engenheiros mecânicos”. A média de salários desse ano foi de R\$ 2.020.

Através da **tabela 12**, vê-se as frequências de trabalhadores no setor em um momento “congelado” – 31 de dezembro de cada ano – ou seja, não se percebe as oscilações no número de trabalhadores do setor ao longo do ano. O que aparece nesse dado de frequência é apenas o saldo de trabalhadores no setor ao fim de cada ano.

Por exemplo, vimos através do **gráfico 21** que grandes massas “trabalhadores agrícolas na cultura de cana” são desempregadas em dezembro, e em janeiro do ano seguinte grande massa é novamente admitida. Ademais, repito, segundo o CAGED, entre 2007 e 2011 foram admitidos 6.105 e demitidos 4.580 trabalhadores nesse setor. Como todos os trabalhadores admitidos necessariamente recebem um salário o dado de frequência “congelado” do fim do ano não é um retrato fiel de quantos trabalhadores receberam determinada quantia em dinheiro.

A Cosan/Raízen promoveu cursos em Jataí para habilitar profissionais. Um gerente afirmou que a empresa promovia cursos em parceria com o SESI/SENAI.

Com efeito, dia 17 de abril de 2009, a prefeitura de Jataí anunciava um curso, a ser ministrado a partir de 27 de abril daquele ano. O curso formaria 60 auxiliares de produção industrial, e era destinado a moradores de Jataí, com ensino fundamental, e maiores de 18 anos. A Cosan, em parceria com a Prefeitura de Jataí, promoveria o curso, que seria ministrado pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Ao que tudo indica, a Cosan estava garantido mão-de-obra preparada para

trabalhar em sua usina.¹⁰³ Como ver-se-á no **tópico 5.7.**, a “Fundação Raízen” de Jataí – oficialmente inaugurada em fevereiro de 2012 – também promoveria cursos “semi-profissionalizantes” em Jataí – e os formandos poderiam vir a trabalhar em algum dos departamentos da unidade de produção em Jataí.

Além disso, a Cosan se aproximou das Instituições de Ensino Superior (IES) locais, com intuito de promover sua usina em Jataí, e influenciar e atrair para a usina estudantes dessas faculdades.

Por exemplo, a Cosan patrocinou o curso de “Mecanização da cultura de cana-de-açúcar”, ministrado durante a IX Semana Agrônômica da Universidade Federal de Goiás (UFG), realizada entre 23 e 25 de maio de 2011. O então gerente de fornecedores da Cosan/Jataí proferiu a palestra de abertura da Semana, e as aulas demonstrativas aconteceram no próprio parque industrial da usina, sobre os temas de preparo e conservação do solo, tratos culturais, plantio, fertirrigação e corte mecanizado da lavoura¹⁰⁴.

Há de se considerar também, no que concerne às relações de trabalho, que o pagamento da Cosan/Raízen a fornecedores de cana e a empresas terceirizadas é, em parte, repassado, através de salários, aos empregados desses fornecedores e empresas. Segundo disse um gerente da usina, em setembro de 2011, “os fornecedores de cana de Jataí receberam em 2010 cerca de R\$ 20 milhões. E os prestadores de serviço, que hoje já são 71 empresas no município, receberam, em 2011, R\$ 60 milhões”.¹⁰⁵ Em outra publicação, um gerente administrativo do pólo Jataí afirma que a Raízen pagava R\$ 8 milhões por mês a funcionários e prestadoras de serviços, juntos (REVISTA RAÍZEN, 2012b, p.30).

Todas essas relações de trabalho feitas e desfeitas em função da usina da Cosan/Raízen, em Jataí, eram relações *de poder*. Entre os funcionários estabelecia-se uma hierarquia, isto é uma ordem em que alguns concentravam maior poder de decisão e de mando do que outros. A escala de variação de salários já indica os funcionários de

¹⁰³ Sítio eletrônico da Prefeitura de Jataí. Cosan promove processo seletivo para o curso gratuito Formação de Auxiliares de Produção Industrial. 17 de Abril de 2009. Disponível em: <http://www.jatai.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=190%3Acosan-promove-processo-seletivo-para-o-curso-gratuito-formacao-de-auxiliares-de-producao-industrial&Itemid=166>. Acesso em: 18 jan. 2011.

¹⁰⁴ Cosan ministra cursos na Semana de Agronomia da UFG. **Folha do Sudoeste**, 16-31 mai. 2011. Cidade, Geral, A-5. Ano 29, nº973.

¹⁰⁵ Novo impulso ao interior. **Canal Bioenergia**, setembro de 2011, ano 5, nº 60. Disponível em: <<http://www.canalbioenergia.com.br/files/revista/bkmjkkoyoodqaoibynvfgcbioiekul.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012

maior autoridade ou os mais “especialistas” – aos quais cabiam os maiores salários. Na escala de Jataí e vizinhança, toda essa teia de relações de trabalho – ordenada de acordo com essa hierarquia – estava centrada na usina, onde se situava o departamento de administração – cujos funcionários eram responsáveis por costurar essa teia em função da produção nessa usina. Uma teia ainda mais complexa, pois havia, além dos funcionários diretos da Cosan/Raízen, os terceirizados e aqueles que prestavam serviços a fornecedores de cana para a usina.

Como vimos, devido ao regime sazonal de produção na usina, muitas dessas relações de trabalho se constituíam – através de contratos – apenas durante o período de colheita e/ou plantio da cana, e, findo esse período, eram desfeitas – e, na safra seguinte, esse ciclo de admissões seguidas de demissões inicia-se novamente. Os contratos de curto prazo não se limitavam apenas aos “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas”, mas valiam também para trabalhadores com outras ocupações. E assim como acontecia com os “trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas”, para outros trabalhadores esse regime de trabalho também podia implicar imigrações para a região de Jataí e vizinhança, seguidas de emigrações. Segundo essa perspectiva, o usineiro (a Cosan/Raízen em Jataí) revela-se um agente central com poder de induzir ondas de migrações de trabalhadores em função da produção em sua usina.

5.4. A produção

A usina em Jataí representa a fronteira técnica do setor de EAB no Brasil e, quiçá, no mundo. Inclui-se na última geração de usinas do setor, e chega a ser considerada como “a usina de etanol mais moderna do mundo”, segundo porta-vozes da Cosan.

No parque industrial encontram-se equipamentos modernos e de alta eficiência, entre os quais Estação de Tratamento de Água de Lavagem (ETAL), Estação de Tratamento de Efluentes (ETE), aterro sanitário, seis ternos, difusor modular¹⁰⁶ de

¹⁰⁶ A *difusão*, como já foi dito, é um processo de extração do caldo da cana diferente da *moagem*. No Brasil, desde o período colonial até 1985, as moendas eram os únicos equipamentos para extração do caldo em funcionamento. Nesse ano foi instalado o primeiro difusor, em uma usina de Ribeirão Preto (SP). Segundo Piacente (2010, p.145), até setembro de 2009, 28 usinas no Brasil eram equipadas com difusores. A usina da Cosan em Jataí contava com um difusor Dedini-Bosch, e sua capacidade de difusão seria de 17.000 tcd (ton. de cana por dia), a quinta maior capacidade entre essas usinas. A usina Gasa, também sob controle da Cosan, era a outra usina do Grupo equipada com difusor – logo, as demais eram equipadas com moendas. Piacente (*ibidem*, p.167), apresentou a informação de que os difusores, em

21.000 tcd (4,2 mi tcs), UTE com caldeiras de alta pressão a vapor – de 100 bars – e gerador de alta potência. A vinhaça e a torta de filtro – rejeitos do processamento da cana – são usados para fertirrigação (irrigação + fertilização) de lavouras próximas à usina.¹⁰⁷



Figura 11: Usina Cosan/Raízen de Jataí em funcionamento.

Fonte: Exame.com¹⁰⁸

Até o início de 2013, num mesmo parque industrial, a destilaria produzia álcool etílico (etanol) derivado do caldo da cana e a UTE anexa produzia energia elétrica derivada do bagaço da cana.

Em agosto de 2008, 4.090 GWh de energia elétrica já haviam sido vendidos em leilão, por um período de 15 anos a partir de 2010, mediante contrato de R\$ 637 milhões.¹⁰⁹ No entanto, somente em dezembro de 2012, foi concluída a linha de

relação às moendas, eram mais eficientes, já que permitiam maiores coeficientes de extração de sacaroses, menores custos de manutenção e menores consumos de energia mecânica.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ As 20 maiores dívidas de empresas brasileiras em 2012. **Exame.com**, 5 abr. 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/as-20-maiores-dividas-de-empresas-brasileiras-em-2012?p=20#13>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

¹⁰⁹ COSAN S.A. **Comunicado ao mercado - COSAN, unidades Barra, Bonfim e Jataí, participam de leilão de energia com sucesso**. Em 14 ago. 2008. Disponível em:

transmissão que ligava à rede nacional de distribuição de energia elétrica. Em fevereiro de 2013 a UTE, gerava 105MWh, dos quais 25 MWh eram consumidos na própria usina, e 80 MWh exportados para a rede (B.A, *ibidem*). A UTE e a destilaria de etanol eram movidas exclusivamente por esses 25MWh, isto é, não era necessária fonte externa de energia elétrica.

Tabela 13: Produção esperada da usina e área esperada de canaviais, segundo o EIA de 2007

Ano	2009/10	2010/11	2011/12	Medida
Dias corridos de safra	77	155	227	dias
Capacidade da indústria				
Capacidade de difusão (de cana)	525.000	1.500.000	3.350.000	ton./safra
Taxa de difusão (24h)	12.400	12.900	16.400	ton./dia
Taxa de difusão por hora	517	538	683	ton./hora
Produtos				
Álcool hidratado (dia)	1.153	1.200	1.524	m ³ /dia
Álcool hidratado (ano)	48.796	139.418	311.366	m ³ /ano
Energia elétrica (para exportação)	37.648	107.567	240.233	MWh/ano
Subprodutos e Efluentes				
Torta de filtro	26.032	74.839	167.252	ton./ano
Cinza de caldeira	7.257	20.880	47.000	ton./ano
Vinhaça	507.478	1.449.947	3.238.206	m ³ /ano
Área necessária de canaviais	7.800	21.500	48.000	hectares

Fonte: DBO Engenharia Ltda. (2007) p.40 e 50. Elaboração: própria.

No Estudo de Impacto Ambiental (EIA) concernente à usina em Jataí, de 2007 – anterior à implantação da usina –, estimava-se a produção futura da usina, da safra 2009/10 até a safra 2011/12. Como se vê na **tabela 13**, esperava-se um incremento gradativo da produção. Vê-se como a capacidade de difusão da usina aumentaria de uma safra para a seguinte, à medida que os dias de safra e a área de canaviais se estenderiam, e a fabricação dos produtos e subprodutos aumentaria. Os produtos principais seriam o etanol hidratado e a energia elétrica. Os subprodutos e efluentes que aparecem na tabela poderiam ser usados com fertilizantes do solo. Esperava-se que a produção se estabilizasse em 3,35 milhões de toneladas por safra, a partir da safra 2011/12.

No entanto, desde a entrada em funcionamento na safra 2009/10, os números a que, de fato, equivaleu a produção da usina foram consideravelmente diferentes dos estimados no EIA.

Tabela 14: Produção real da usina a partir da safra 2009/10.

Produção / Ano	2009/10	2010/11	2011/12
Difusão de cana (M. ton.)	0,34	1,94	2,68
Produção de etanol (M. l.)	55,71	176	232

Fonte: Reportagens¹¹⁰ e COSAN LIMITED, 2012, p.38. Elaboração: própria.

Na safra 2011/12 capacidade de difusão instalada na usina era de aproximadamente 4 milhões de toneladas de cana ao ano. Para realizar essa difusão plena, a Cosan estimava serem necessários 56 mil hectares de canaviais.¹¹¹ Para a safra 2012/13 esperava-se uma realização de cerca de 90% da capacidade de difusão da usina, isto é, uma difusão de 3,6 milhões de ton. de cana. Estimava-se, ainda, que na safra 2013/14 esses 56 mil hectares já estariam plantados, e que, então, a usina realizaria sua capacidade plena de difusão de 4 milhões de ton.¹¹²

Tabela 15: Área de cana controlada pela Cosan, de fornecimento e de arrendamento, em três momentos dos anos de 2011, 2012 e 2013.

Área Plantada / Data	Nov. 2011	Jun. 2012	Jan. 2013
Arrendamento (ha)	27.900	26.814	30.820
Fornecimento (ha)	7.535	12.767	13.208
Total (ha)	35.435	39.581	44.028

Fontes¹¹³. Elaboração: própria

Segundo informações da própria Cosan/Jataí, em janeiro de 2013 eram cultivados 44.028 hectares de cana para abastecer a usina – dos quais mais do que o dobro através de contratos de arrendamento (**tabela 15**). Assim, faltariam ainda cerca de 12 mil hectares para perfazer os 56 mil que estariam plantados na safra 2013/14.

No que se refere à produtividade agrícola, segundo informações de porta-vozes da unidade em Jataí, em janeiro de 2013 os canaviais em terras de arrendamento em

¹¹⁰ Sítio eletrônico da Raízen. **Usina Jataí, da Raízen, eleva processamento em 36,8%**. Notícias.

Disponível em: <<http://www.raizen.com/pt/imprensa/noticias/101/usina-jatai-da-raizen-eleva-processamento-em-368-.aspx>>. Acesso em: 11 jan. 2011;

MIAN, R. Safra 2012/13 da Raízen - Unidade Jataí, em Goiás, deve atingir 91 ton/ha. **Agência UDOP de Notícias**, 19 jul. 2012. Disponível em:

<<http://www.udop.com.br/index.php?item=noticias&cod=1088931#nc>>. Acesso em: 13 de dez. 2012;

Raízen apresenta os resultados da safra 2011/12 em Jataí. **Agrolink**, 16 dez. 2011. 16/12/11. Disponível em: <http://agrolink.com.br/vacinas/artigo/raizen-apresenta-os-resultados-da-safra-2011-12-em-jatai_141350.html>. Acesso em: 13 nov. 2012.

¹¹¹ Informação verbal fornecida por J. S. em audiência pública realizada no Centro de Cultura e Eventos de Jataí, em 9 nov. 2010. (ver **tópico 5.6.1**)

¹¹² MIAN, R. *ibidem*.

¹¹³ FRANCO, 2012, p.68;

B. A.: entrevista [jan. 2013]. Anotações de Julia Adão Bernardes.

COSAN. Resposta a questionário. Mensagem recebida por <lourencopmoreira@gmail.com> em jul. 2012. Entrevistador: MOREIRA, L.

posse da Raízen era de, em média, 96 toneladas de cana por hectare – uma média bem superior à prevista para a safra 2012/13, para o Brasil (71,30 ton/ha) e para Goiás (79,61 ton/ha).¹¹⁴ Segundo reportagem, na safra 2011/12 o índice médio de ATR dessa cana para a unidade Jataí seria algo próximo a 141 kg por tonelada de cana, um pouco maior do que o ATR médio estimado para o Brasil (135,94 kg/ton) (CONAB, 2011, p.10 e MIAN, *ibidem*).

Em novembro de 2011, as principais variedades de cana nessas lavouras sob controle da Cosan eram SP813250, RB867515, RB855210, CTC4, SP801816, RB855536, IAC3396, RB855156, RB855453. Pelas iniciais sabemos que essas variedades foram desenvolvidas por três centros de tecnologia: Copersucar/ Centro de Tecnologia Canavieira (SP e CTC), RIDESA (RB) e Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). (FRANCO, 2012, p.69)

A Cosan contava com um laboratório entomológico em Jataí, onde mensalmente eram produzidas cerca de 30 mil vespas *Cotesia Flavipes* para combater a “broca da cana” (*Diatraea Saccharalis*) – considerada praga dos canaviais.¹¹⁵ (971 – Cosan e pragas no canavial)

Segundo matéria do Valor Econômico, de junho de 2012, os canaviais que servem à usina de Jataí eram os únicos providos de irrigação artificial, entre todos os canaviais que abasteciam usinas da Raízen. Em Jataí e vizinhança inexistem chuvas de maio a outubro, quando a cana precisa de água para se desenvolver. Em decorrência dessa técnica de irrigação, os canaviais da usina Jataí produziram 90 toneladas de cana por hectare, enquanto os canaviais que serviam as usinas da Raízen de Araçatuba produziram apenas 70.¹¹⁶

De acordo com um gerente da Raízen/Jataí, em entrevista de novembro de 2011, a irrigação da cana se estendia de maio a outubro, e o plantio de cana de fevereiro a abril (FRANCO, 2012, p.69). Já em outra entrevista respondida por administradores da usina, de junho de 2012, afirma-se que o plantio vai de dezembro a abril, e a colheita de abril a novembro.¹¹⁷

¹¹⁴ SIDRA – IBGE, previsão de safra 2012

¹¹⁵ Cosan e o controle biológico de pragas. **Folha do Sudoeste**, 16 abr. 2011. Página Rural, nº971.

¹¹⁶ BATISTA, F. Raízen estuda investir até US\$ 480 milhões para irrigar canaviais. **Valor Econômico**, São Paulo, 14 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2714078/raizen-estuda-investir-ate-us-480-milhoes-para-irrigar-canaviais#ixzz2E0KgMfkg>>. Acesso em: 03 nov.2012

¹¹⁷ COSAN. Resposta a questionário. Mensagem recebida por <lourencopmoreira@gmail.com> em jul. 2012 Entrevistador: MOREIRA, L.

Em novembro de 2011, segundo informações da própria empresa, concedidas a FRANCO (2012, p.69), 70% do plantio de cana era realizado mecanicamente – por máquinas –, logo 30% manualmente – por pessoas. Já a colheita era 98% por máquinas, logo 2% manual. Em 2013, disse a empresa ser todo o percentual de cana colhida manualmente cana *crua*, isto é, cana que não foi queimada para eliminação da palha.

Segundo reportagem, em 19 de abril de 2011, a Cosan/Jataí contava com uma frota de 500 equipamentos agrícolas, para operarem nos canaviais a seu serviço. Nesse dia companhia promoveu uma carreata por diversas ruas da cidade de Jataí, exibindo à população 40 tratores agrícolas que acabara de adquirir.¹¹⁸ Ao que tudo indica, com esse desfile a Cosan visava causar uma boa impressão na população, ao ostentar alguns signos de sua alta tecnologia, ao mostrar como traziam desenvolvimento econômico para Jataí.

Durante a safra 2011/12 a Raízen adquiriu 105 novos equipamentos, dos quais 25 eram tratores e 13 colhedoras.¹¹⁹

Em outra matéria, de agosto de 2011, lê-se que foram colhidos 92 hectares de *sorgo sacarino* na safra 2010/11, usado para a produção de etanol na usina Jataí no período entre safras de cana. Previa-se o plantio de mais 1000 hectares para a usina, na safra seguinte.¹²⁰

O maquinário necessário para plantar, colher e processar industrialmente o sorgo era basicamente o mesmo que o da cana, com pequenas adaptações. Segundo um gerente, a Raízen/Jataí propunha um acordo de o fornecedor agrícola de sorgo plantar e a Raízen colher. Esse gerente disse que o pagamento a esse fornecedor seria parecido com o pagamento ao fornecedor de cana, com a diferença de que o primeiro receberá na medida do “açúcar total fermentável” do sorgo, enquanto o segundo recebe na medida do “açúcar total recuperável” da cana.

Por seu turno, para que o *transporte* de cana dos canaviais para a usina em Jataí fosse eficiente, a Raízen executava a conservação e a melhoria de estradas – rodovias.

¹¹⁸ Cosan aumenta frota de máquinas em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 16 abr. 2011. nº 971.

¹¹⁹ BALINT, V. Raízen apresenta os resultados da safra 2011/12 em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 19-25 dez. 2011. Ed. 999, Agrofólia, p.8.

¹²⁰ BATISTA, F. **Cresce cultivo de sorgo para etanol no país**. **Valor Econômico**, São Paulo, 5 ago. 2011. Agronegócios. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/impreso/agronegocios/cresce-cultivo-de-sorgo-para-etanol-no-pais#ixzz20VeY08SH>>. Acesso em: 13 de julho de 2012.

Segundo a própria empresa, 1.550 quilômetros de vias já haviam sido alterados pela Raízen, até junho de 2012.¹²¹

Duas das mais importantes vias que dão acesso à usina são as rodovias estaduais GO-184 e GO-050. Em abril de 2011, a Câmara Municipal de Jataí aprovou um projeto de lei que autorizava a prefeitura a contratar uma empresa para realizar o asfaltamento de trechos dessas rodovias, entre o núcleo urbano de Jataí e a usina da Cosan. Assim, através de uma Parceria Público-Privada (PPP), a Cosan se encarregaria da obra, enquanto à prefeitura caberia o projeto de engenharia.¹²²

Ainda no que respeita ao transporte de cana das lavouras para a usina, a Cosan preferiu não investir em capital fixo, isto é, não adquirir uma frota própria de caminhões de cana. Portanto, a companhia teve de terceirizar esse serviço de transporte. Em entrevista, um gerente de uma das empresas transportadoras que prestavam serviço à Cosan, disse que é chamada “operadora âncora” a principal empresa que tem contrato com os usineiros, ou seja, a empresa que realiza a maior parte do transporte. Em maio de 2012, a empresa âncora da Cosan/Jataí era responsável por transportar 60% da cana para a usina.¹²³

Em particular, a transportadora para a qual trabalhava o diretor dessa empresa contava com uma frota de 42 caminhões, com capacidade para carregarem de 40 a 68 ton. de cana. A jornada de trabalho repartia-se em três turnos diários e o transporte acontecia 24 horas por dia durante o período de colheita. Para permitir o tráfego desses caminhões, a Cosan, diariamente, procedia à conservação de vias não pavimentadas.

Segundo esse mesmo diretor, o usineiro – a Cosan – determina o momento exato quando o caminhão deverá partir para uma “frente de corte de cana” – mecânico ou manual. Em caso de corte mecânico, a máquina colhedora deposita a cana picada em um “transbordo” - caçamba tracionada por um trator. Em seguida, o transbordo conduz a cana de dentro do talhão até o caminhão e a transfere para esse – que, por sua vez, transportará a cana até a usina. Portanto todas as operações de CCT devem estar em boa sinergia para haver boa eficiência.

¹²¹ COSAN. Resposta a questionário. Mensagem recebida por <lourencopmoreira@gmail.com> em jul. 2012 Entrevistador: MOREIRA, L.

¹²² Câmara Municipal de Jataí, 14 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.camarajatai.go.gov.br/portal/noticias/noticias/garantido-asfalto-ate-usina-sucroalcooleira>>. Acesso em: 18 out. 2012

¹²³ Informação verbal. Entrevista concedida no dia 29 mai. 2012, por um diretor de uma transportadora de cana terceirizada pela Raízen/Jataí. Entrevistador: MOREIRA, L.

Como veremos melhor no **tópico 5.5.2**, a cana colhida – ainda mais a colhida mecanicamente, mas também a colhida manualmente – deve rapidamente ser submetida à extração de seu caldo para que não perca ATR. Logo, há certa urgência no transporte de cana dos canaviais para a usina.

Chegando à usina, o caminhão, carregado de cana, é dirigido à casa da balança onde é pesado. Na sequência, dirige-se ao tomador de amostra, onde aleatoriamente são apanhados alguns toletes de cana e logo enviados ao laboratório PCTS (Pagamento de Cana pelo Teor de Sacarose). O caminhão, então, ou segue direto para o setor de alimentação das esteiras – onde, graças a um guindaste tipo hilo, a cana é descarregada nas esteiras rolantes –, ou as carretas são desengatadas do cavalo mecânico em um pátio de carretas carregadas. A seguir, no segundo caso, o cavalo mecânico engata um novo conjunto de carretas vazias e é pesado novamente na balança – a diferença entre a primeira e a segunda pesagem indica o peso da cana transportada pelo caminhão. Por fim, o caminhão sai pela portaria para um novo transporte de cana, deixando o pátio da indústria para trás. As carretas carregadas que tenham permanecido naquele pátio são conduzidas às esteiras de alimentação pelo chamado “cavalo-escravo”, que nunca deixa os pátios da usina (DBO Engenharia, 2007, p.42; MUNDIM, 2009, p.9).

A cana segue pelas esteiras, sofre várias modificações, passando pelo difusor e pela destilaria. Em outra ponta, no processo de difusão o bagaço é separado do caldo, seco em ternos e, em seguida, é queimado em caldeiras que geram vapor, e que acionam geradores de energia elétrica. Tem-se, enfim, os dois produtos finais, etanol e eletricidade. Todas as operações da indústria são controladas por computadores em uma central ali situada.

O etanol é estocado em tanques na própria indústria, a princípio capazes de armazenar 50% da produção anual de etanol da destilaria. A previsão inicial, no EIA, era de que a venda e a distribuição do etanol desde a usina fosse igualmente distribuída ao longo dos doze meses do ano, isto é, 8,3% a cada mês. (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.35)

Decerto os administradores da unidade Jataí não terceirizam somente o serviço de transporte de cana. Em uma audiência pública de novembro de 2010, um gerente da Cosan declarou que em 2009 havia 41 empresas prestando serviços à Cosan/Jataí. Em 2010 esse número aumentou para 71 empresas.

Segundo formulário oficial, na safra 2011/12 a usina de Jataí, ainda longe de atingir o processamento pleno de cana – com 32,8% de capacidade ociosa – foi

responsável por processar 4,92 % (2,6 milhões ton.) de toda a cana processada pelas 24 usinas da Raízen (52,89 milhões ton.), o sétimo maior processamento entre essas usinas. Já a *capacidade* de processamento da usina era a quinta maior, e correspondia a 6,36 % (4,11 milhões de ton.) da capacidade de processamento total das usinas da Raízen Energia (64,64 milhões de ton.). (COSAN LIMITED, 2012, p.38) (ver **ANEXO 3**)

De acordo com o anuário “Análise energia, 2012”, entre 338 usinas de etanol do Brasil¹²⁴ para as quais se conseguiu informações relativas a safra 2010/11, a usina da Raízen em Jataí foi a *vigésima* maior produtora de etanol, com produção de 177,577 milhões de litros nessa safra – 0,70% da produção dessas 338. Entre as usinas da Raízen, a de Jataí sustentava a *terceira* maior produção, com cerca de 8,8% da produção total da Raízen. Vale lembrar que a usina em Jataí ainda estava longe de atingir sua capacidade plena de processamento – de cerca de 4 milhões de ton. de cana ao ano. Vale lembrar, também, que, pelo menos até março de 2013, a usina em Jataí era a única dentre as 24 da Raízen a produzir *exclusivamente* álcool.

Segundo o EIA (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.43-4) o arranjo físico do parque da usina deveria reservar espaço suficiente para: instalações para uma eventual produção de *álcool anidro*, no futuro – via peneira molecular; instalações para uma eventual produção de *biodiesel*, no futuro; instalações para uma eventual produção de *açúcar*, no futuro – de aproximadamente 30.000 sacas de açúcar por dia; instalações para um eventual segundo *difusor*, no futuro.

Essas informações dão fortes indícios das intenções da Cosan de, no futuro, *ampliar* a produção da usina mediante ampliação da capacidade (*brownfield*). A reserva de espaço para um segundo difusor indica que a usina pode vir a dobrar sua capacidade de processamento no futuro – o que também foi sugerido durante uma audiência pública, em novembro de 2010.¹²⁵ Os próprios representantes da usina confirmaram o interesse em vir a produzir açúcar nessa usina, porém essa meta, em junho de 2012, estava ainda em avaliação, e não havia previsão para o início dessa produção.¹²⁶

Para essa ampliação da capacidade de processamento da usina vir a ocorrer, a área de cana precisara, também, ser ampliada. Se considero que essa capacidade venha a dobrar, e suponho que a produtividade da cana (kg/hectare) não sofra grandes

¹²⁵ Informação verbal fornecida por J. S. em audiência pública realizada no Centro de Cultura e Eventos de Jataí, em 9 nov. 2010. (ver **tópico 5.6.1.**)

¹²⁶ Vale lembrar que a razão social da unidade em Jataí é Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool.

alterações, a área de cana necessária para realizar essa capacidade passaria dos 56 mil hectares para 108 mil hectares.

No **tópico 5.4**, portanto, é possível entender como a usina controlada pela Cosan/Raízen em Jataí representava, de fato, a fronteira técnica do setor, pois seus equipamentos permitiam alto nível de eficiência na produção de etanol e energia elétrica. E as técnicas empregadas nos canaviais controlados pela Cosan – como a irrigação e a mecanização – também podiam ser classificadas como altamente “modernas”.

No entanto, tanto a instalação quanto o funcionamento da usina, para muito além de serem fenômenos *técnicos*, são fenômenos *políticos* – pois se baseiam em uma teia altamente complexa de relações *de poder*.

As técnicas não se movem sozinhas, é necessário quem as mova, quem as utilize como um meio a serviço de um fim – a serviço de certas *intenções*. Essas intenções que definem as relações técnicas ou funcionais, e essas são relações *de poder* entre agentes sociais. Como vimos no **tópico 5.3**, as relações de trabalho em função da usina em Jataí se definem de acordo com uma hierarquia de gestão. Essa hierarquia define como os *meios de produção* serão usados para que se atinjam certas metas, definidas em certas instâncias de decisão. Assim, a Cosan se vale de alguns dos mais modernos meios de produção para atingir, na região de Jataí e vizinhança, as metas definidas por seus gestores. Nessa perspectiva, todos os fluxos que constituíam os circuitos canaviais-usina eram uma função de relações de poder, nas quais a Cosan/Raízen detinha o maior poder. E essas relações de poder definiam o ritmo e a intensidade desses fluxos.

Vale dizer, também, que a *escala de produção* da usina definia o alcance do território que se estabelecia em torno dessa usina. E que a usina de Jataí guarda uma capacidade de processamento relativamente alta no setor sucroenergético – e que pode, ainda, num futuro próximo, vir a se ampliar.

5.5. O CONTROLE SOBRE A TERRA

5.5.1. Estrutura de propriedade de terras

A fim de garantir plantações de cana para a Cosan Centroeste, agentes da Cosan tiveram que negociar com proprietários ou com arrendatários de terra. Afinal, o poder de disposição sobre a terra e seus frutos é mediado pela propriedade privada da terra.

Para tanto, e tendo em vista a implantação das três filiais da Cosan Centroeste – Jataí, Montividiu e Paraúna – a Cosan viria a assinar contratos de arrendamento e de fornecimento com proprietários ou arrendadores de terra. Assim, estaria garantida uma área de abastecimento – com cana – das três usinas, mesmo antes das usinas de Montividiu e Paraúna serem construídas.

Os negociantes da Cosan, então, começaram as negociações para dispor de terra – através de arrendamento – ou da cana produzida na terra – através de fornecimento. Tais negociações aconteceram em quatro municípios vizinhos – Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna.

Com base em dados do INCRA de 2003, afirma-se no EIA relativo à usina de Jataí que “[...] em Jataí, como no Estado de Goiás, é evidente o acentuado grau de concentração de terras.” Em seguida, afirma-se que o empreendimento exigiria uma área de canaviais da ordem de 50 mil hectares, a ser garantida sobretudo “[...] através de arrendamento, prática comum no município em áreas dedicadas à lavoura temporária, principalmente em médias e grandes propriedades.” (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.281-2, *grifos meus*)

Portanto, os agentes da Cosan encontraram em Jataí a maior extensão das terras concentradas nas mãos de poucos, em outras palavras, o poder de disposição sobre a maior extensão das terras nas mãos de poucos. Encontraram um município loteado, em sua maior parte, em grandes e médias propriedades, que se mostravam favoráveis ao plantio de enormes monocultivos de cana.

Segundo a lei nº 6.746, de 10 de dezembro de 1979, módulo fiscal de cada município brasileiro é definido em função: do tipo de exploração da terra predominante (hortifrutigranjeira, pecuária, cultura temporária, etc.); da renda obtida no tipo de exploração predominante; de outras explorações, não predominantes; e do conceito de “propriedade familiar”. A lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, define como “pequena propriedade” o imóvel rural cuja área esteja compreendida entre 1 e 4 módulos fiscais; e como “média propriedade” o imóvel rural cuja área compreende-se acima de 4 e até 15 módulos fiscais. Por conseguinte, os imóveis rurais com áreas acima de 15 módulos fiscais são considerados “grande propriedade”. Em Jataí, o módulo fiscal definido pelo INCRA em 1980 é de 40 hectares (Instrução Especial/Incr/Nº 20, de 28 de maio de 1980).

Se deixo de lado as imperfeições dessas normas para classificar o que é, de fato, uma propriedade rural pequena, média ou grande, posso tomar essas medidas como

parâmetros para definir a grandeza das propriedades nas quais existem canaviais a serviço da usina em Jataí.

Em novembro de 2010, a Cosan controlava 50 lotes de terra para plantio de cana em Jataí, mediante contratos de arrendamento e fornecimento – além de ser proprietária dos cerca de 192 hectares da Fazenda Santo Antônio do Rio Doce, sede da usina. Esses 50 lotes situavam-se em 43 propriedades rurais em Jataí, pertencentes a 41 proprietários – se tomo como base para a delimitação das propriedades o levantamento da Secretaria da Fazenda de Jataí, realizado entre fevereiro e agosto de 2010 (SEFAZ – Jataí – 2010).

A área somada desses 50 lotes era de 18713,46 hectares, logo a média de área era de 374,27 hectares. Segundo aqueles parâmetros, entre esses lotes, 24 podem ser considerados “pequenas” propriedades, 19 “médias” e 7 “grandes”. No entanto, as grandes ocupavam a maior parte das áreas (60,36%), seguidas das médias (30,43%) e das pequenas (9,21%). O maior desses lotes, dentro da “Fazenda Paraíso”, media, 6.768,56 hectares, isto é, ocupava 36,17% de todas as áreas. (**tabela 16**)

Tabela 16: Grandeza dos 50 lotes com canaviais controlados pela Cosan em nov. de 2010 em Jataí

Hectares	Módulos fiscais	Classe oficial	Nº lotes	Σ área (ha)	(%) área
0 ≤ 160	0 ≤ 4	pequena	24	1722,63	9,21
>160 - 600 ≤	> 4 - 15 ≤	média	19	5694,65	30,43
> 600 - 1.200 ≤	> 15 - 30 ≤	grande	6	4527,62	24,19
> 1.200	> 30	grande	1	6768,56	36,17
TOTAL	---	---	50	18713,5	100

Fonte: IBGE; COSAN. Elaboração: própria.

A soma das áreas das 43 propriedades rurais nos quais os 50 lotes acima se inseriam era de 57510, 38 hectares, uma média de 1337,45 hectares por propriedade. Ainda segundo aqueles parâmetros, dessas 43 propriedades, 6 eram “pequenas”, e continham o equivalente a 0,95% da área somada das 43; 13 eram “médias”, com 7,52% da área; e 24 eram “grandes”, com 91,53% da área. Dentre as grandes, 13 continham mais de 1.200, com 71,75% da área – a maior das propriedades, a “Fazenda Paraíso” continha incríveis 16.336,8 hectares (ou 28,4% da área somada) – diga-se de passagem, essa fazenda constituía-se, em 2010, na mais extensa propriedade rural de Jataí, e, como vimos, a Cosan controlava um lote que ocupava 41,43% dessa propriedade. (SEFAZ - Jataí, 2010; COSAN)

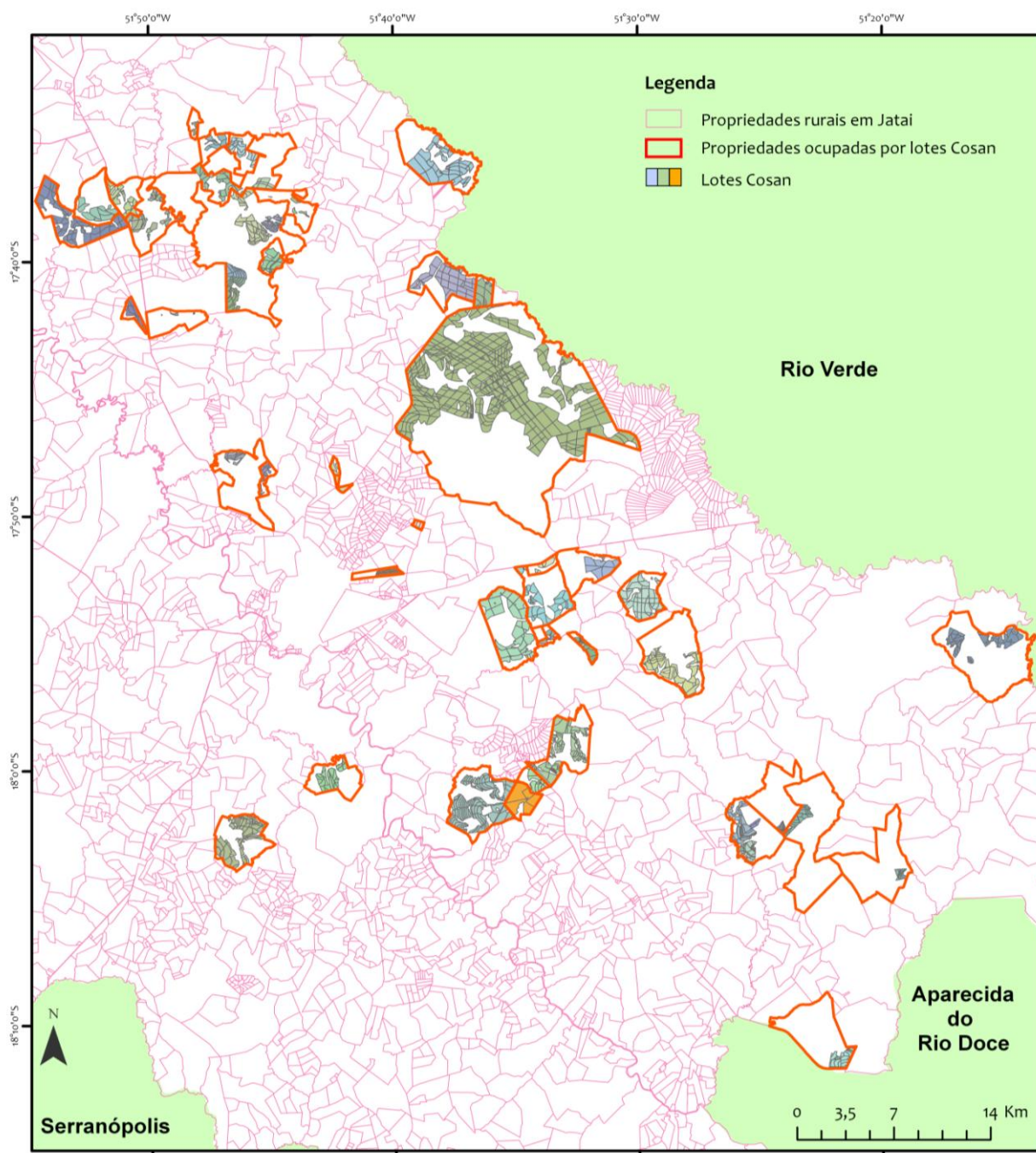


Figura 12: Lotes com canaviais controlados pela Cosan novembro de 2010, em Jataí

Fonte: IBGE; SEFAZ – Jataí; COSAN. Elaboração: própria.

Os lotes controlados pela Cosan perfaziam cerca de 18.713 hectares, ao passo que as propriedades onde esses lotes se inseriam perfaziam cerca de 57.510 hectares. Logo, o grau de ocupação desses lotes, em relação à área total das propriedades, era de 32,54%. Pode-se observar na **figura 13**, de dezembro de 2012, que em algumas dessas propriedades esse grau de ocupação aumentou, entre 2010 e 2012.

Os contratos de arrendamento e os de fornecimento, quase sempre, não valem para toda a extensão da propriedade. Por exemplo, em entrevista de maio de 2012, um arrendatário da Cosan revelou que dos 1.600 ha de sua propriedade em Jataí, 910 ha incluíam-se na alçada do contrato com a Cosan, enquanto 300 ha eram de pecuária e 390 ha de reserva legal.¹²⁷ Por sua vez, um fornecedor de cana da Cosan, em entrevista de julho de 2010, afirmou que, dos 1.869 ha de sua propriedade em Jataí, dos quais, aproximadamente, 420-30 ha com pecuária, 92-3 ha de eucalipto, 300 ha de cana, 740-50 ha de grãos – basicamente soja mas também, milho e sorgo – e o restante em reserva legal. Na safra seguinte (2011/12) 210-20 ha seriam incorporados à área de fornecimento de cana para a Cosan, em substituição a 210-20 ha de área de grãos.¹²⁸

A despeito desses lotes não ocuparem toda a área das propriedades, a Cosan teve que entrar em relação, direta ou indireta, com os 41 proprietários. Essa relação pode ter sido *direta*, quando o proprietário da terra tornou-se arrendador ou fornecedor da Cosan; ou *indireta*, se o arrendador ou o fornecedor já tomasse em arrendamento a terra do proprietário e, na qualidade de arrendatário, subarrendasse a terra ou fornecesse cana para a Raízen – Jataí. No final a renda da terra acaba sempre chegando às mãos do proprietário de terra.

Segundo SILVA, F. (2011, p.142), o número de propriedades em Jataí já foi muito menor e o tamanho maior, e – principalmente graças a partilhas de bens entre herdeiros – esse número vem aumentando, ao passo que o tamanho diminuindo. Entretanto, as maiores fazendas em Jataí em geral são propriedades de famílias tradicionais – como os Carvalho, os Vilela, os Moraes, os Costa Lima, os Gouveia, etc. A Cosan passou a se relacionar com alguns proprietários que carregam esses sobrenomes, ao utilizar-se de suas terras para o plantio de cana (SEFAZ – Jataí, 2010). Isso indica que a Cosan acabava financiando – através do pagamento da renda da terra – o poder de disposição desses proprietários tradicionais, e, assim, contribui para a conservação desse poder. (SILVA, F., *op.cit.*, p.142-4)

Ainda segundo SILVA, F. (*op.cit.*, p.151), no final de 2010, 47% da superfície de Jataí era ocupada com pastagens, e 31% com agricultura. Desses 31% de agricultura, 50% eram tomadas em arrendamento de pecuaristas que detinham a propriedade dessas terras. Portanto, aproximadamente 63% de toda s as terras de Jataí ainda se concentravam nas mãos de pecuaristas – vale lembrar que a pecuária foi a atividade que

¹²⁷ Informação verbal. **A.G.N.**: depoimento [mai. 2012]. Entrevistador: MOREIRA, L.

¹²⁸ Informação verbal. **D.A.A.**: depoimento [jul.2010]. Entrevistador: SILVA, W. F.

permitiu a “colonização” do município pelo “homem branco”. Portanto, vemos como os pecuaristas perpetuam sua estrutura de propriedade de terras em Jataí e, assim, acabam mediando o acesso de todos aqueles que desejam desfrutar dessas terras – inclusive da Cosan.

Em Rio Verde, Montividiu e Paraúna, a Cosan certamente se deparou com estruturas de propriedade de terra semelhantes às de Jataí, pois, também, uma pequena minoria de proprietários controlava a maior parte das terras nesses três municípios¹²⁹.

Em janeiro de 2011, a Raízen – Jataí – mantinha contratos com 82 proprietários ou arrendatários de terras plantadas com cana que abasteciam a usina em Jataí, dos quais: 38 controlavam terras apenas em Jataí; 3 apenas em Montividiu; 9 apenas em Paraúna; 29 apenas em Rio Verde; 1 em Jataí e em Rio Verde; 1 em Jataí, Rio Verde e Paraúna; e 1 em Montividiu e Rio Verde. Esses 82 proprietários ou arrendatários controlavam, ao todo, 101 lotes de terra em fazendas situadas nesses quatro municípios.¹³⁰

Ao negociar terras em Jataí e vizinhança com vistas ao plantio de cana, a Cosan incluiu-se numa situação de poderes e interesses encarnados nessas terras. A estrutura de propriedade de terra delimitava o poder de disposição de cada proprietário. E estando de acordo o proprietário ou, em segunda instância, o arrendatário, a Cosan assumia um poder de disposição provisório sobre essas terras. Assim, a Cosan assumiu certo controle sobre as terras mediante assinatura de dois tipos de contratos com aqueles que detinham a propriedade ou a posse dessas terras: contrato de arrendamento ou contrato de fornecimento.

5.5.2. Arrendamento e fornecimento

Decididos sobre a implantação das três usinas filiais da Cosan Centroeste os agentes da Cosan compraram as três propriedades (fazendas) onde se instalariam os parques industriais dessas unidades.

¹²⁹ Ver tabela disponível em:

<http://www.seplan.go.gov.br/sepim/pub/anuario/2005/estfunduaria/tab01_funduaria.htm>. Acesso em: 19 out. 2012.

¹³⁰ Planta planimétrica fornecida por um diretor de uma transportadora de cana terceirizada pela Raízen/Jataí, no dia 29 mai. 2012.

Para além dessas fazendas, a compra de propriedades para o cultivo de cana não foi de interesse da Cosan/Raízen.¹³¹ Talvez porque apropriação direta da terra – a compra – acaba por “enrijecer” o território, pois o capital fica “imóvel” nas terras (SILVA, 2011, p.97). Ademais, na região o preço de arrendamento da terra era relativamente baixo se comparado a São Paulo – até 10 vezes mais barato. (SAFATLE, 2011, p.176).

Assim, a Cosan/Raízen não adotou a estratégia de comprar terra para produzir cana; preferiu controlar as terras para o cultivo da cana – a fim de abastecer a usina – mediante a assinatura de contrato de arrendamento ou de fornecimento com os proprietários de terra.

Ao assinar contrato de arrendamento e de fornecimento, a Cosan/Raízen tem mais margem de manobra para se desvencilhar das terras que se lhe apresentem menos vantajosas e para substituir por outras terras, mais vantajosas – mais produtivas e melhor situadas.

A maneira mais eficaz que a Cosan/Raízen encontrou para exercer poder de disposição sobre a terra – arrendamento – ou sobre os frutos dessa terra – fornecimento – vinha sendo a de pagar uma renda ao proprietário ou ao arrendatário da terra.¹³²

Assim, negociantes da Cosan, desde meados de 2007 acertaram contratos de arrendamento e de fornecimento com proprietários e com arrendatários de terra, nos municípios de Jataí, Rio Verde, Montividiu, Paraúna e Serranópolis, vizinhos entre si.

Desde o início das negociações, a forma mais comum desses contratos vinha sendo a de arrendamento. O arrendamento era a maneira mais *direta* usada pela Cosan/Raízen para controlar terras nesses municípios. Nesse caso, o arrendador – o proprietário ou o arrendatário – entregava temporariamente a *posse* de uma terra à arrendatária – a Cosan/Raízen –, em troca de uma renda, de um aluguel. Segundo SILVA e PEIXINHO (2012b, p.7), em Jataí a maioria desses contratos de arrendamento, assinados até 2011, vigoraria por 12 anos.

A Cosan/Raízen realizava o pagamento ao arrendador de acordo com a cotação no mercado da tonelada da cana-de-açúcar ou da saca soja, na data do acerto do contrato. Se a saca de soja vale mais, seria pago o valor de mercado de uma quantidade

¹³¹ Em entrevista de 11 de março de 2010, J. S. disse que a Cosan, a pedido do Ministério Público, havia adquirido 135ha de uma área com vegetação nativa de Cerrado para uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). (J. S.: depoimento [mar. 2010]. Entrevistador: W. Silva).

¹³² Enquanto trabalhador vende sua força de trabalho ao patrão em troca de um salário, o proprietário cede sua terra, em troca de uma renda.

“x” de sacas por hectare de terra arrendada. Se a tonelada de cana valer mais, seria pago o valor de mercado da mesma quantidade “x” de toneladas de cana por hectare de terra arrendada (SILVA e PEIXINHO, *idem*).

Obviamente, em troca de terras de maior fertilidade, ou melhor situadas, o valor pago ao arrendador tende a ser maior, pois a produtividade e a rentabilidade são maiores para a Cosan/Raízen.

Por seu turno, o contrato de fornecimento é uma maneira mais *indireta* de controle da terra pela Cosan/Raízen, pois é controle sobre os frutos dessa terra, não sobre a terra como um todo. Segundo esse contrato, o fornecedor se compromete a cultivar e a vender cana para a Cosan por determinado período.

Não obstante, o fornecimento pode funcionar quase como um arrendamento, pois a Cosan/Raízen chega a prestar muitos serviços ao fornecedor – cessão de mudas, plantio, adubação, colheita, financiamento, transporte, etc. E é mesmo possível que o fornecedor contribua somente com a terra e a Cosan/Raízen se encarregue de tudo o mais. (SILVA e PEIXINHO, 2012b, p.7).

Talvez a Cosan/Raízen agisse assim com vistas a garantir que a cana das terras de arrendamento e das de fornecimento tivesse o mesmo padrão de boa qualidade e de produtividade. Um fornecedor citou as seguintes palavras de um gerente da Cosan Centroeste em uma de suas primeiras explanações realizadas para a comunidade de Jataí, “A Cosan só admite um erro, só o dela”. Naquele momento, o fornecedor se referia à seleção das melhores variedades de cana adaptadas para seus solos, de responsabilidade da Cosan. Ele dizia não ter “*know how*” para essa seleção, e que, portanto, tinha de confiar totalmente na Cosan. Esse mesmo fornecedor, em posterior entrevista, disse que terceirizava para a Cosan os serviços de plantio e de colheita de cana.¹³³

A relação entre os fornecedores e a Cosan/Raízen é regulada pelo CONSECAN. Esse conselho criou um sistema de pagamento de fornecedores de cana, baseado no teor de açúcar na cana – no índice ATR – e nos preços do açúcar e do etanol vendidos nos mercados brasileiro e exterior.

São possíveis, também, contratos mais “maleáveis”. Em entrevista, um proprietário que cedera em arrendamento 910 ha para a Cosan, afirmou que as cláusulas

¹³³ Informação verbal. D.A.A.: depoimento [jul.2010]. Entrevistador: SILVA, W. F.
Informação verbal. D.A.A.: depoimento [mai. 2011]. Entrevistadores: MOREIRA, L. *et.al*.

de seu contrato de 12 anos permitiam a ele, caso desejasse, após 6 anos como arrendador, tornar-se fornecedor da Cosan por mais 6 anos.¹³⁴

Segundo SILVA (2011, p.155), havia certa resistência dos produtores agrícolas de Jataí em cultivarem cana eles mesmos, pois lhes faltava traquejo na manutenção de canaviais. Por isso, em dezembro de 2010, dos 19.282 hectares de canaviais plantados em Jataí para a usina da Cosan, apenas 2.582 hectares (13,4%) consistiam terras de fornecimento, enquanto 16.700 hectares (86,6%) eram terras de arrendamento.

Por generalização, pode-se supor ser esse um dos maiores motivos de haver, entre *todas* as terras controladas pela Raízen em dezembro de 2012 para o plantio de cana, quase o dobro de terras de arrendamento. (ver **tabela 17**)

A prática do arrendamento, por sua vez, já era antiga e muito comum em Jataí. Portanto, os proprietários de terra nesse município – e também em municípios vizinhos – vinham apostando mais nesse tipo de acordo. (*ibidem*)

Segundo entrevista com gerente da Cosan/Jataí, em janeiro de 2013, os contratos de arrendamento para áreas mais próximas da usina podiam valer por 14 anos.

Na região de Jataí e vizinhança, no sudoeste de Goiás, as usinas sucroenergéticas, quase sempre, eram abastecidas de cana plantada a, no máximo, 50 km de distância dessas usinas (FRANCO, 2012, p.60-1).

Segundo SILVA (2011, p.148), para as modernas usinas implantadas nos Cerrados, um raio ótimo de distância média seria de 25 km. Em entrevista de janeiro de 2013, um gerente da Raízen – usina Jataí – afirmou que, para a usina, esse raio ideal seria de 30 km.¹³⁵

Após colhida a cana, há certa urgência em extrair seu caldo para produzir-se etanol, pois a quantidade de açúcares – dentre os quais a sacarose está presente em maior grau – contidos na cana vai rapidamente diminuindo. Essa diminuição pode ser acentuada pela colheita mecânica¹³⁶, pois a máquina pica o colmo da cana, e então o expõe ao ataque de fungos e bactérias, o que pode acelerar as perdas de açúcares (MAGALHÃES, 2008, p.10). O rendimento da produção de etanol – principalmente no processo de fermentação alcoólica – tende a ser maior quanto maior for o nível de ATR (Açúcares Totais Recuperáveis), portanto, é vantajoso para o usineiro encurtar ao máximo o tempo entre colheita e extração do caldo, para reduzir as perdas dos açúcares

¹³⁴ Informação verbal. A.G.N.: depoimento [mai.2012]. Entrevistador: MOREIRA, L.

¹³⁵ B. A.: entrevista [jan. 2013]. Anotações de Julia Adão Bernardes.

¹³⁶ Segundo a Cosan/Raízen mais de 90% de toda a cana processada na usina em Jataí era colhida por máquinas.

na cana (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.33). Assim, o transporte de cana entre os canaviais e a usina deve acontecer o mais rapidamente possível – e, via de regra, quanto menor a distância real entre os canaviais e a usina maior será a velocidade desse transporte.

Além do mais, o frete do transporte de cana entre canaviais e usina é relativamente caro, pois o peso e o volume da cana são muito altos (CONAB, 2012b, p.57).¹³⁷ Esses altos pesos e volumes exigem um intenso ir-e-vir de caminhões entre canaviais e usina durante a colheita da cana, para que as manobras de CCT (Corte, Carregamento e Transporte) ocorram em harmonia entre si – de maneira que as máquinas agrícolas e os caminhões não fiquem subutilizados e que a cana chegue o mais rapidamente à usina. É possível que sejam necessários mais caminhões quanto maior for a distância entre a usina e a área de colheita, para manter o ritmo de fabricação de etanol na usina em Jataí e realizar sua relativamente alta capacidade de processamento – 4 milhões de ton. de cana ao ano.

Embora os custos de corte e carregamento não se alterem à medida que a distância aumenta, os custos de transporte, sim, aumentam. O frete é cobrado proporcionalmente aos quilômetros percorridos pelos caminhões cargueiros de cana, isto é, quanto maior a distância, maior o custo. Por exemplo, é possível que a uma distância real de 10 km da usina o frete de transporte represente cerca de 18% dos custos de CCT, e a uma distância de 50 km represente cerca de 30% desses custos (BORBA e BAZZO, 2009, p.14). Segundo um gerente da Cosan/Jataí, os custos operacionais na área agrícola – os custos plantio, manutenção dos canaviais e de CCT – representavam 60% dos custos operacionais relativos ao circuito canaviais-usina. Assim, o peso do transporte nos gastos do usineiro pode ser alto. Portanto, outra vantagem da maior proximidade entre canaviais e usina é a de o frete ficar mais barato.

Vemos na **tabela 17** a proporção das áreas de canaviais controlados pela Raízen dentro de certos raios de distância, com a usina no centro. Se considerar apenas as terras de arrendamento e as de fornecimento, terei 48.170 hectares. Dentre essas terras, 56,53% (27.230 hectares) estavam a até 30 km da usina, e 43,47% (20.940 hectares) a mais de 30 km da usina. Nessa mesma tabela e na **figura 13**, vê-se, mesmo, que 12,69% (6.107,05 hectares) até ultrapassavam o raio “máximo” de 50km.

¹³⁷ A título de comparação, em 2011, em Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna, a média de produtividade da cana era de 91.500 kg/ha, enquanto a da soja era de 3.230 kg/ha, a do milho de 14.075 kg/ha e a do sorgo em grão de 2.675 kg/ha (SIDRA – IBGE, 2012). E, em números bem gerais, 92,07 litros de álcool hidratado por tonelada de cana (DBO Engenharia Ltda., 2007, p.33).

Tabela 17: Raios de distância entre a usina em Jataí e as terras controladas pela Raízen em Jataí, Rio Verde, Montividiu, Paraúna e Serranópolis, em dezembro de 2012.

	Arrendamento (ha)	Fornecimento (ha)	Sem cana (ha)	(%) A&F
até 20km	11700,13	4407,43	0	33,44
20-30km	6400,25	4721,98	0	23,09
30-40km	6064,21	3719,69	0	20,31
40-50km	4448,86	600,47	0	10,48
além de 50km	3429,03	2678,02	5597,72	12,68
TOTAL	32042,49	16127,59	5597,72	100

Fonte: COSAN. Obs.: (%) A&F = percentual de terras de arrendamento (a) e de fornecimento (f) dentro de cada raio de distância em relação ao total de áreas de (a) e de (f). Elaboração: própria.

A **tabela 17** apresenta três tipos de terras plantadas com canaviais e controladas pela Cosan/Raízen – usina Jataí – em dezembro de 2012: terras de arrendamento, de fornecimento, e terras sem cana. (ver **figura 13**)

Esse último tipo consiste em terras muito distantes da usina em Jataí – entre, aproximadamente, 92 km e 131 km – provavelmente subarrendadas para o cultivo de soja¹³⁸. São áreas controladas pela Cosan desde que se pretendeu instalar uma usina filial da Cosan Centroeste em Paraúna, por isso se situam dentro de um raio de 40 km de distância do local aonde, talvez, venha a se instalar essa usina. Como essa usina, em dezembro de 2012, ainda não saíra do papel, tais áreas foram destinadas a outro uso que não o plantio de cana.

Todos os 5597,72 hectares de terras sem cana estavam a mais de 50 km de distância da usina, cerca de 48% em Rio Verde e 52% em Paraúna, próximos à divisa entre esses dois municípios.

Por outro lado, se somarmos as áreas de “arrendamento” (a) teremos cerca de 32 mil hectares, e se somarmos as áreas de “fornecimento” (f) cerca de 16 mil hectares. Cerca de 51,5% dessas terras – (a) + (f) – situavam-se em Jataí, 1% em Serranópolis, 39% em Rio Verde, 2,5% em Montividiu e 6% em Paraúna. Ademais, 12,68% – 6107,05 ha – dessas áreas estavam a mais de 50 km.

Áreas de arrendamento em Paraúna chegavam a mais de 122 km e áreas de fornecimento a mais de 116 km (ver **figura 13**). Tentando explicar o motivo para tantas áreas de arrendamento e de fornecimento além dos 50 km, levanto duas hipóteses, não mutuamente exclusivas: a primeira, mais óbvia, é a de que a Raízen transportasse,

¹³⁸ Isto é, a Cosan, na qualidade de arrendatária, cede a terra a um produtor de soja, em troca de um aluguel.

mesmo, cana para a usina desde áreas além dos 50 km de raio; a segunda é a de que a Cosan/Raízen fornecesse cana para outras usinas mais próximas de seus canaviais.

Se observarmos a **figura 13**, veremos que seis usinas – em Rio Verde, Montividiu, Santa Helena de Goiás, Santo Antônio da Barra, Paraúna e Serraópolis – estavam até 40 km distantes da maior parte dos canaviais mais de 50 km distantes da usina de Jataí. Portanto, em tese, havia seis usinas em posições mais favoráveis para se servirem desses canaviais da Raízen – isso dá força à segunda hipótese.

É possível, ainda, que a Cosan/Raízen estivesse esperando o fim do contrato com o arrendador ou fornecedor para se desfazer dessas terras – e, enquanto isso, buscasse a cana longe mesmo, ou então deixasse a cana de pé sem colher (cana “bisada”).

Um estudo da Conab para a safra 2009/10, estimou, para o estado de Goiás, as distâncias aproximadas percorridas no transporte da cana entre o ponto de colheita da mesma e a usina que iria utilizar essa cana. Cerca de 55,42% da cana percorria até 20 km de distância; 32,56% de 20km a 40km; e 12,02% mais de 40 km. Ao compararmos essas distâncias com as distâncias entre a usina em Jataí e os canaviais controlados por essa usina, já na safra 2012/13, vemos que mais dessas terras eram controladas pela Raízen a uma distância maior: cerca de 33,44% situavam-se a até 20 km; 43,40% entre 20 km e 40 km; e 23,16% a mais de 40 km. (CONAB, 2012b, p.58)

Mesmo sem estar clara a metodologia do estudo da Conab para definir “distância percorrida pela cana”, se considero que esse caminho dificilmente descreve uma linha reta, suponho que a Cosan/Raízen de Jataí, em relação a outros usineiros de Goiás, exerça um controle ainda mais extenso sobre terras para o plantio de cana. A **figura 13** mostra algumas estradas pelas quais a cana é escoada até a usina de Jataí – onde será processada. São estradas tortuosas, e não retas. Portanto, a cana colhida em certo local percorre uma distância maior do que a distância *em linha reta* entre esse local de colheita e a usina. Então, se digo que a Raízen vai buscar cana a 50 km da usina, os caminhões que transportam essa cana de certo percorrem mais de 50 km para transportar essa cana até a usina.

Vemos que o poder de disposição da Cosan/Raízen em Jataí e vizinhança tem alcance e ocupação superiores em relação a área de abastecimento da usina, se comparo à média geral de outras usinas de Goiás e mesmo do Brasil como um todo – de acordo com a Conab (*ibidem*). Se incluo as “áreas sem cana” nessa conta, o controle pela usina em Jataí mostra-se ainda maior. Como veremos no **tópico 5.6.2.**, a alta capacidade de

investimento da Cosan e alta capacidade de processamento da usina – 4 milhões de toneladas de cana ao ano – explicam esse maior poder de disposição.

No entanto, ficou claro que a proximidade entre certa área e a usina é um fator crucial para o interesse do usineiro (da Cosan/Raízen) naquela terra. Sem considerar outros fatores – como fertilidade do solo e proximidade de estradas – a tendência é a de que a Cosan/Raízen prefira as terras o mais próximas à usina de Jataí para o cultivo de cana. Uma vez que a empresa optou por não *comprar* terras, porém por *assinar contratos* de arrendamento e de fornecimento, era relativamente fácil, após um ou dois ciclos de cultivo de cana, buscar assinar contratos relativos a terras mais próximas.

Para entender que área total de arrendamento tivesse o dobro do tamanho da área total de fornecimento – a primeira valia o dobro dessa segunda – a tese principal é a de falta de experiência dos produtores no plantio de cana, pois é um cultivo recente na região. Contudo, apesar de a área de arrendamento ser tão maior do que a de fornecimento, não pude saber se o *número* de arrendatários é igualmente tão maior do que o número de fornecedores.

Vale a pena repetir que a existência de áreas muito distantes da usina em Jataí – principalmente as situadas em Paraúna, ou próximas a esse município – me fez supor que a Cosan/Raízen, em áreas de arrendamento ou de fornecimento demasiadamente distantes, negociasse fornecer essa cana para outras usinas. É possível, também, que a empresa financiasse mesmo o transporte a distâncias maiores. Uma terceira hipótese é a de que a Cosan não colhesse a cana plantada nessas áreas, isto é, deixasse a cana de pé – seria a chamada cana “bisada”.

Em suma, o territorialismo da Cosan/Raízen para controlar terras favoráveis para o cultivo de matéria-prima e para se desfazer de terras desfavoráveis mostrava-se bem complexo.

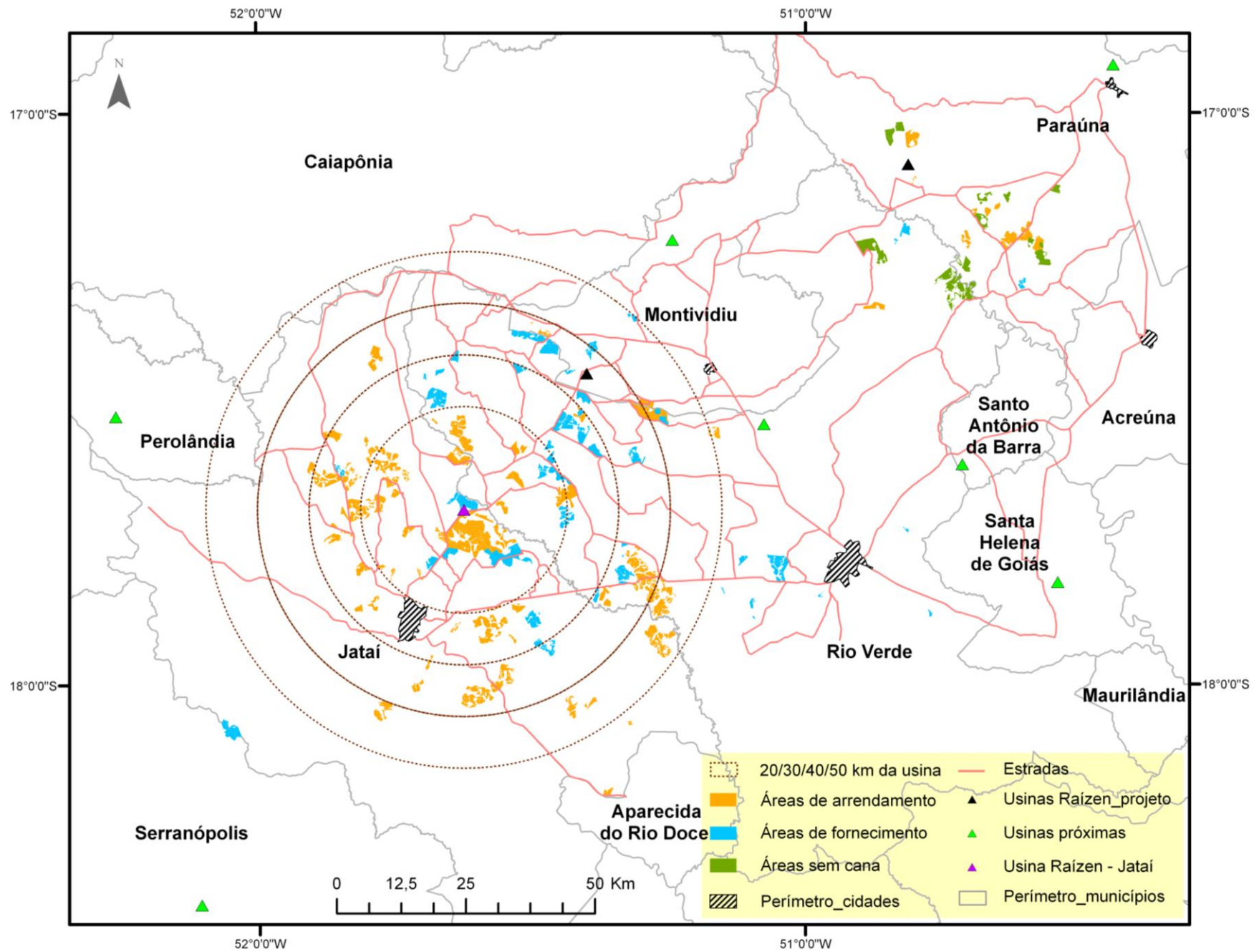


Figura 13: Terras controladas pela Cosan/Raízen em Jataí e vizinhança, em dezembro de 2012

Fonte: COSAN; IBGE; FRANCO (2012). Elaboração: própria

5.6. AS DISPUTAS NA REGIÃO COM OS AGENTES DA ECONOMIA

5.6.1. Conflitos pelo uso do solo

No município de Jataí, em particular, em junho 2007, estavam previstas as implantações de quatro usinas produtoras de álcool, como já vimos. Um jornal da região anunciou:

Nas contas oficiais, as quatro usinas deverão utilizar em toda região 135.000ha plantados em cana; 94.000ha no município de Jataí e 41.000ha em outros municípios. Dentro do município de Jataí serão utilizados, em princípio, 36.000ha da área usada na produção de grãos e 58.000ha das ocupadas com pastagens. Após a estabilização da área de cultivo e da produção de álcool, a cada 5 anos, faz-se rotação de culturas na ordem de 20%, com o plantio de alguma leguminosa, geralmente soja. Dessa forma, a cada cinco anos cerca de 18.800ha serão novamente ocupados pela soja e a diferença será de apenas 17.200ha a menos na área atual de grãos. Considerando a safra atual, com 222.000 ha ocupadas em lavouras anuais, o impacto sobre a área de grãos seria de apenas 7,7%.¹³⁹

O discurso manifesto nessa reportagem era o discurso da administração pública de Jataí. Percebe-se uma intenção subjacente em afirmar que havia terras disponíveis e suficientes para todas essas usinas, e que não haveria grandes conflitos entre usineiros e produtores de grãos. Doravante, tentarei entender até que ponto esse discurso foi condizente com o processo da expansão de canaviais que, parcialmente em função da implantação usina em Jataí, teve início em meados de 2007 e começo de 2008 em Jataí e vizinhança.

Em Jataí e nos municípios vizinhos onde se passou a plantar cana para a usina em Jataí, um complexo de atividades agrícolas e industriais já estava solidamente articulado. Esse complexo unia o cultivo agrícola de grãos (milho, soja e sorgo granífero) a fábricas de transformação desses grãos – e essas forneciam rações para granjas e unidades de confinamento de bois. Essas granjas, por sua vez, forneciam animais para abatedouros/frigoríficos - esses abatedouros eram o centro do sistema. Portanto, uma rede de fluxos girava em torno da produção associada de grãos e de carnes. Os interesses dos agentes econômicos que agiam nesse complexo era o de assegurar sua produção. (COUTINHO, 2010)

Por exemplo, desde 2000, funcionava em Rio Verde um complexo industrial da Perdigão de abate de aves e suínos e de produção de rações. No ano de 2009, ali eram executados cerca de 280 mil aves e 3,5 mil suínos por dia. Essa unidade central de abate

¹³⁹ COUTINHO, L. Palestra sobre a cana-de-açúcar. **Folha do Sudoeste**, 5 de jun., 2007, nº 884.

subordina uma série de granjas (galpões) de suínos e de aves em Rio Verde e em diversos municípios vizinhos, como Jataí e Montividiu. Em 2010 eram, só em Rio Verde, 904 galpões, cada um com capacidade de abrigar 175 mil frangos por ano. Por sua vez, fábrica de transformação de grãos como Cargill e a Comigo, em Rio Verde, podem produzir farelo de soja e debulhar milho. A Comigo possuía fábrica de rações própria – e poderia receber essa soja e esse milho para produzir rações. A Cargill poderia enviar o farelo de soja para o complexo industrial da Perdigão, também com fábrica própria de rações. Das fábricas de ração saía o alimento para frangos e suínos, e também para bois confinados. A Cargill e a Comigo, por seu turno, poderiam refinar soja para obter óleo. Ademais uma série de armazéns graneleiros e silos para estocar grãos pontilhavam a região de Rio Verde e Jataí. (COUTINHO, 2010)

Em agosto de 2008, a Perdigão comprou um frigorífico em Jataí com capacidade de executar 70 mil cabeças de aves por dia – com fábrica de rações anexa. Em Jataí, também, já funcionava a Coimbra que viria a ser adquirida pela Louis Dreyfus – dessa fábrica saía farelo para rações, além do óleo de soja.¹⁴⁰

Já vimos como o usineiro (a Cosan/Raízen) controla terras para o cultivo de cana, que vai para a usina. De forma um pouco diferente, as indústrias de transformação de carnes e grãos subordinam áreas para o cultivo de grãos. O que ocorre é que as fábricas de transformação de grãos recebem os grãos dessas lavouras de grãos – e os repassam em forma de ração às granjas – que por sua vez enviam para o centro de abate. Todo esse processo se configura no espaço.

O mapa da **figura 14** revela uma “região-satélite” ao abatedouro da Perdigão em Rio Verde, onde aparecem diversos “módulos aviários” ou granjas que, em 2009, se subordinavam a esse abatedouro. Cada granja é composta por 3 ou 4 galpões com capacidade de abrigar 175 mil frangos por ano. A maioria desses “módulos” se situava a 50 km da fábrica da Perdigão de Rio Verde, raio que definia a “zona de influência” da Perdigão.

¹⁴⁰ **Perdigão conclui Compra de Frigorífico de Aves em Jataí** . Perdigão. Sala de imprensa, 2 ago. 2009. Disponível em: <http://www.acionista.com.br/home/perdigao/020807_conclui_compra.htm>. Acesso em: 15 jan. 2013.

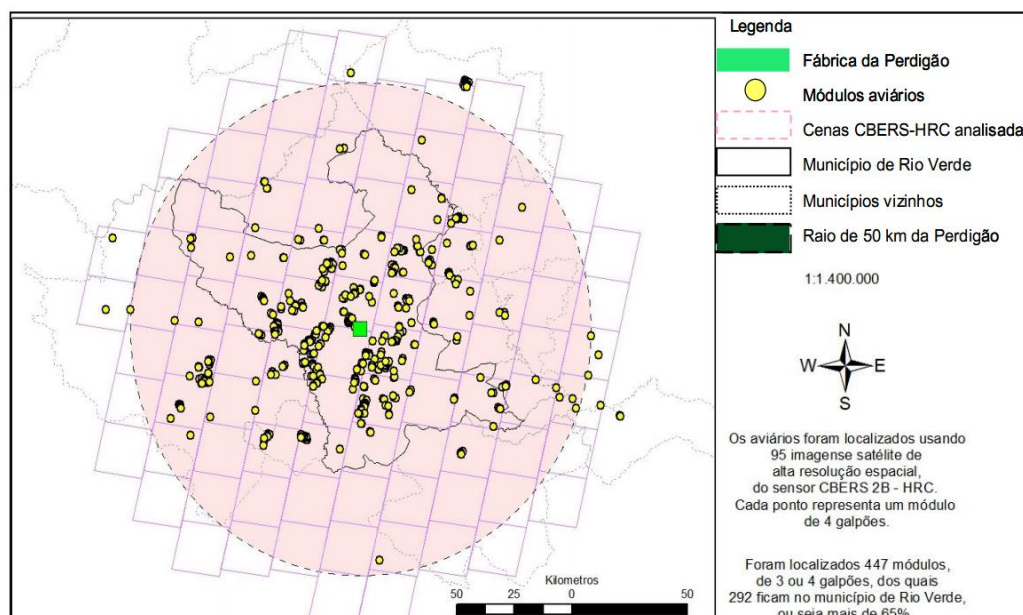


Figura 14: Fábrica da Perdigão em Rio Verde e “região-satélite” de módulos aviários

Fonte e elaboração: COUTINHO, 2010, p.70

Vê-se como muitos desses “módulos” situavam-se em Jataí. Vale dizer, como disse há pouco, que nessa época a Perdigão dirigia um abatedouro em Jataí, com menor escala de produção – mas, também, com sua própria “zona de influência”. Cada um desses “módulos” recebia seu aporte de rações de alguma fábrica da região. Cada fábrica, por sua vez, recebia seu aporte de grãos a partir de vários silos e armazéns. Cada armazém e cada silo, por sua vez, recebia e estocava grãos de inúmeras plantações. A possibilidade de estocar soja, milho e sorgo constituía uma diferença em relação à produção de derivados de cana, pois a cana não pode ser estocada por mais de 3 dias – enquanto a soja, por exemplo, pode ser estocada por alguns meses.

Vemos como o sistema de produção de carne-grãos era sensivelmente diferente do sistema de produção de etanol, pois no primeiro mais agentes e mais locais de produção estão envolvidos. Os agentes dessa rede de produção articulada de carnes e de derivados de grãos eram os que dominavam a economia de Jataí e Rio Verde – e a usina da Cosan/Raízen se situava na divisa entre os dois municípios.

O **gráfico 22** mostra que, em 2007, os grãos – milho, soja e sorgo – ocupavam, enormes superfícies nos municípios de Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna – municípios onde a Cosan/Raízen, em dezembro de 2012, controlava canaviais. Ainda que esses valores estejam superestimados pelo IBGE, eles nos dão uma noção de

proporção, isto é, do percentual que essas áreas representam em relação à área total de agricultura nesses municípios – representado no, abaixo.

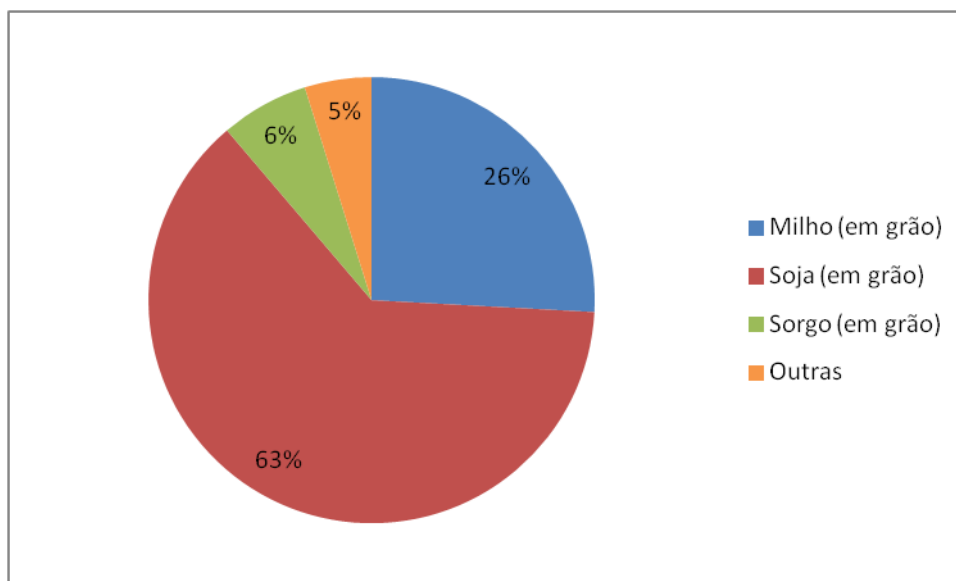


Gráfico 22: Percentual das áreas de lavouras de grãos em relação ao total de áreas de lavouras em Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna, em 2007.

Fonte: PAM, IBGE, 2012. Elaboração: própria.

Através do gráfico acima, vemos que 95% da área total de lavouras nesses 4 municípios eram ocupadas apenas por grãos – principalmente por soja – em 2007, uma enorme predominância. Segundo o IBGE (PAM, 2012), essa área de grãos continuou a crescer de 2007 para 2012.

A cana ocupava, em 2007, uma área irrelevante nesses municípios, apenas 0,37% das áreas de lavouras. Como vimos, os primeiros plantios de cana para a Cosan ocorreram em 2007. Em 2011 a cana já ocupava 4,05% da superfície de lavouras. (IBGE, *idem*)

Segundo outra fonte, o CANASAT, na safra 2012/13 os canaviais ocupavam uma área de 61.671 hectares nesses 4 municípios, um crescimento de 304% em relação à área na safra 2008/09 – 15.253 hectares. (ver **tabela 18**)

Mesmo que essa estimativa de área do CANASAT seja imprecisa¹⁴¹, através desses números percebemos claramente como o grande impulso de expansão nesses municípios se deu a partir da safra 2008/9. Dos canaviais cultivados nessa safra, 12.113 hectares (71,41%) eram da chamada “cana planta” – da cana que ainda não sofreu o primeiro corte –, ou seja, constituíam áreas de “expansão”, pois pela primeira vez estavam disponíveis para a colheita.

¹⁴¹ FRANCO (2012) chegou a valores superiores para o sudoeste de Goiás.

Tabela 18: Aumento da área plantada de cana em Jataí, Rio Verde, Montividiu e Paraúna, entre as safras 2008/9 e 2012/13

Município	Área cultivada com cana		Aumento
	2008/9	2012/13	
Jataí	268	20.754	7644%
Rio Verde	7.431	23.787	220%
Montividiu	2.896	6.595	128%
Paraúna	4.658	10.535	126%
Total	15.253	61.671	304%

Fonte: CANASAT, fev. 2013. Elaboração: própria.

Já na safra 2012/13, o ritmo da expansão, em valores absolutos, permanecia acelerado. Nessa safra, 11.558 hectares (18,74%) foram plantados, principalmente em Rio Verde – 6.254 hectares – e em Jataí – 3.341 hectares.

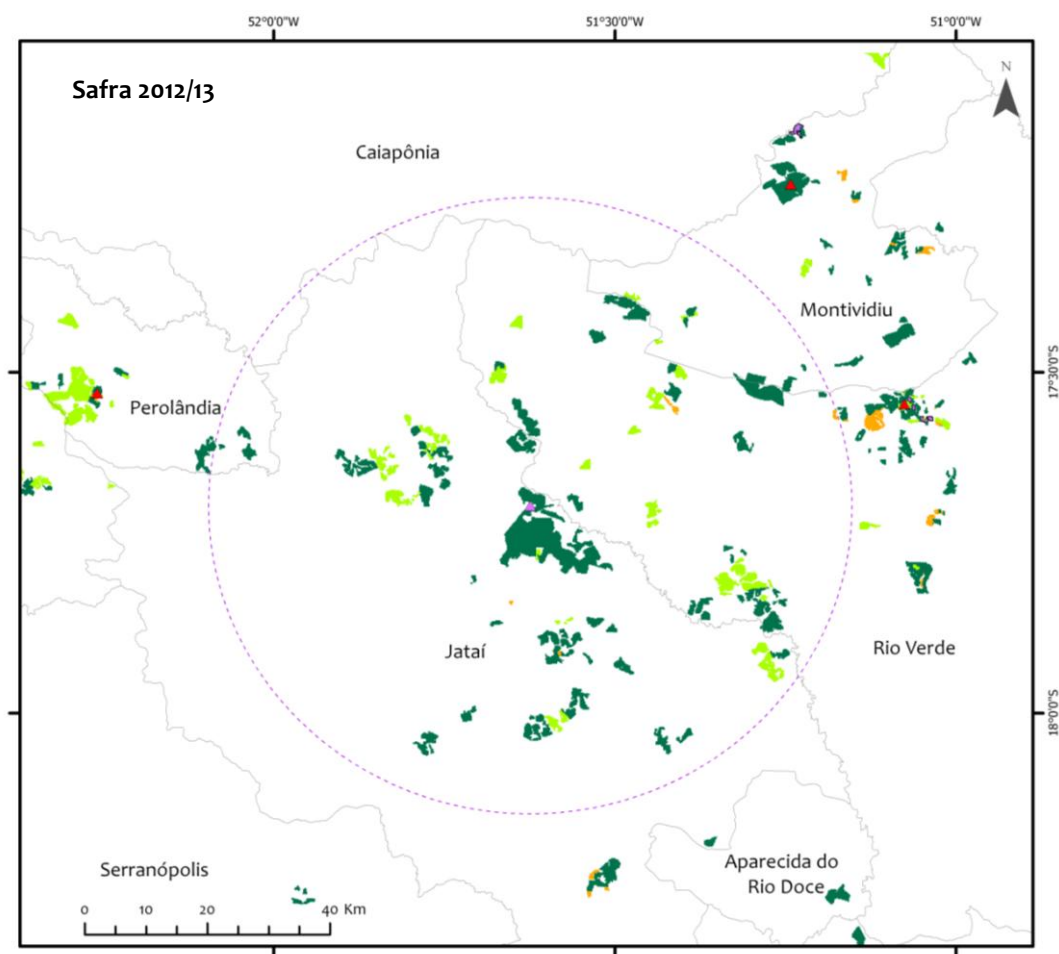
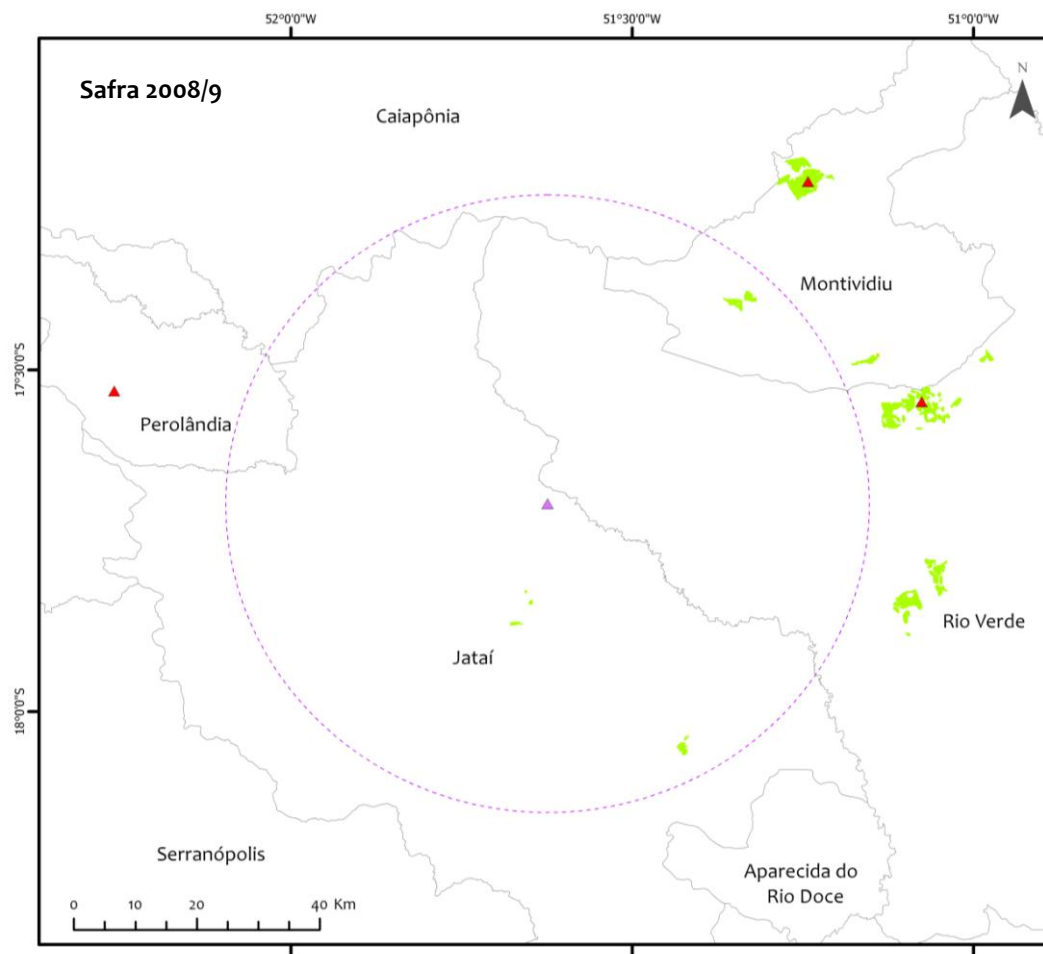
Vale notar que, entre as safras 2008/9 e 2012/13, a maior expansão de canaviais foi observada em Jataí – 20.486 hectares – e em Rio Verde – 16.356 hectares. A usina da Cosan/Raízen situa-se exatamente na linha divisória entre esses dois municípios.

Através da **figura 15**, vemos os locais dessa expansão dentro do círculo teoricamente “máximo” – com raio de 50 km – para abastecimento com cana da usina Raízen/Jataí, e nas adjacências desse círculo.

Se comparar a **figura 15**, no que concerne à safra 2012/13, com a **figura 13**, concluirei que a Cosan foi responsável pela maior parte da expansão de canaviais em Jataí e em Rio Verde, entre as safras 2008/9 e 2012/13, pois nessa última safra controlava a maior parte das novas áreas de canaviais.¹⁴²

Se olho novamente para a **figura 13** verei que, em geral, as áreas de canaviais que servem a Cosan são de acesso mais ou menos fácil, isto é, estão próximas a estradas, que permitem a ida e a volta de caminhões para a usina durante o período de colheita – vale dizer que nem todas as estradas estão representadas no mapa. O trajeto e as condições de tráfego dessas estradas é o que, de fato, determina a distância real entre a usina e os canaviais. Sem uma ligação eficiente entre canaviais e usina, a formação de um território de produção pela Cosan seria, literalmente, “inviável”.

¹⁴² Apenas umas poucas áreas da figura 13 que deveriam aparecer na figura 15 não aparecem, logo essa comparação foi possível.



▲ Usina Raízen/Jataí
 ▲ Usinas próximas
 ○ Raio de 50 km da usina Raízen

■ canaviais (expansão)
■ canaviais (cana soca)
■ canaviais (em reforma)
■ canaviais (reformados)

Figura 15: Canaviais próximos à usina Raízen/Jataí, nas safras 2008/9 e 2012/13

Fonte: CANASAT, 2012. Elaboração: própria

É necessário para os usineiros reduzir ao máximo o tempo e a distância do transporte de cana para a sua usina – para reduzir o frete e a perda de açúcares da cana colhida.

Já vimos duas estratégias da Cosan para garantir a eficiência desse transporte: a primeira, de buscar áreas de fácil acesso para plantar cana, e a segunda, de reformar e manter estradas em boas condições para esse transporte.

Em algumas estradas o acesso pode ser negado à Cosan, mesmo que seja de seu interesse que caminhões carregados com cana circulem por essas. Por conseguinte, a Cosan/Raízen lançava mão de uma terceira estratégia para tentar liberar o tráfego de caminhões a seu serviço por essas estradas.

Essa situação foi observada no assentamento do INCRA Rio Paraíso, situado em Jataí – considerado toda a área do assentamento (5.565,09 hectares) o limite mais próximo encontrava-se a cerca de 10 km ao sul da usina, e o mais distante a cerca de 25 km. Em dezembro de 2011, eram 173 famílias vivendo nesse acampamento. Essas famílias viviam da cultura de subsistência – porcos, frangos, leite e hortaliças – e da venda de leite e de soja através de uma cooperativa criada pelos próprios assentados (SILVA, 2011, p.166).

Segundo SILVA (2011, p.167-8), em certa ocasião, os assentados impediram que fosse aberta uma via de ligação entre duas estradas, uma das quais cortava o assentamento. Se a ligação fosse feita, a distância real para o transporte de cana entre canaviais próximos à BR 060 e a usina encurtaria em 20 km.

Em entrevista de maio de 2011, um dos fornecedores da Cosan disse que a distância por estrada de seus canaviais até a usina da Cosan era de 35 km, porém um assentamento – ele não citou qual – criava obstáculo à circulação dos caminhões, de modo que acabavam tendo que percorrer outro caminho, de 55 km. É possível que o fornecedor estivesse se referindo exatamente ao assentamento Rio Paraíso.¹⁴³

Diante do embargo imposto pelos assentados, a partir de 2011, a Cosan/Raízen fez propostas tentadoras para convencer alguns desses assentados a se tornarem arrendadores de terra ou fornecedores de cana para a Cosan/Raízen. Através de entrevistas, SILVA (*idem*, p.168) constatou que 4 proprietários do assentamento tinham planos de se tornarem fornecedores de cana para a Cosan/Raízen. A área total

¹⁴³ Informação verbal. D.A.A.: depoimento [mai. 2011]. Entrevistadores: MOREIRA, L. *et al.*

inicialmente contratada, de apenas 110 hectares, seria bem pouca para os padrões da Cosan na região. No entanto, assim a Cosan/Raízen dissolveria a resistência ao tráfego de caminhões através do assentamento, e esse atalho traria ganhos verdadeiramente relevantes para a empresa.

Segundo uma das lideranças do assentamento, porém, haveria nova resistência dos moradores. Para ela o tráfego de caminhões de grande porte dividiria o assentamento, e não combinaria bem com a circulação habitual de pessoas e animais.

Vimos, então, como a Cosan induziu certo conflito de interesses no assentamento Rio Paraíso. Situação semelhante foi observada no assentamento do INCRA Santa Rita, também em Jataí. Esse assentamento, de 961,2 ha, situava-se, em 2011, entre 18 e 23 km a noroeste da usina. Nessa área viviam, em dezembro de 2011, 21 famílias, que tiravam seu sustento da apicultura para venda de mel, do gado leiteiro para a venda de leite, e do cultivo de hortaliças para o consumo próprio ou para venda.¹⁴⁴

De acordo entrevista de maio de 2012, com moradoras do Santa Rita, a Cosan/Raízen desejava construir uma estrada que atravessaria parte do acampamento, e seria um atalho para caminhões de cana a seu serviço.

Então, a Cosan/Raízen fez propostas de arrendamento de lotes do assentamento, para plantar cana. Algumas famílias se mostraram interessadas, mas parte dos assentados se reuniram e elaboraram um abaixo-assinado destinado ao INCRA. Nesse documento tais moradores expuseram seus motivos contra a estrada, e por conseguinte, contra os arrendamentos – pois uma vez arrendadas as terras seria inevitável a construção da estrada. Entre os motivos estavam: o do risco de atropelamento de crianças do assentamento que iam e vinham da escola; a poeira levantada pelas carretas poderia comprometer a apicultura e as hortas; pessoas “estranhas” passariam pelo acampamento.

Segundo as moradoras que me concederam entrevista, o INCRA então proibiu o arrendamento para a Cosan, o que frustrava o plano de construir a estrada.¹⁴⁵

Em geral, quanto mais sucesso nessas estratégias de busca de atalhos para caminhões de cana, mais chance de sucesso nesse processo de ampliação da produção

¹⁴⁴ MDA e INCRA, 2011;

Incra/GO cria assentamento em Jataí e Crixás. Superintendência Regional do INCRA em Goiás, 27 fev. 2012. Disponível em: < <http://incragoias.wordpress.com/2012/02/27/incrago-cria-assentamento-em-jatai-e-crixas/> >. Acesso em: 14 out. 2012.

¹⁴⁵ Informação verbal: **J.D.** e **M.** depoimentos [mai. 2012]. Entrevistador: MOREIRA, L.

da usina em Jataí. Uma vez que, em dezembro de 2011, em Jataí e Rio Verde, eram 16 os projetos de assentamento do INCRA, que perfaziam 30.243 hectares e onde viviam 798 famílias, poderia haver considerável resistência ao acesso a esses atalhos. Faz-se necessário, pois, um territorialismo pela Cosan para vencer essa resistência, como vimos.

Vemos como dois processos de expansão se encontram numa mesma região, o dos grãos, mais antigo, e o da cana, mais recente. Esse encontro pode gerar conflitos pela terra, uma vez que tanto os produtores de grãos, como os usineiros vão em busca das melhores terras – mais férteis e melhor situadas. Para a Cosan/Raízen, um agente usineiro, esse encontro implica certa dificuldade na conquista de terras para o plantio de cana.

Por sua vez, as áreas ocupadas com pastagens vinham diminuindo gradativamente em Jataí – embora, em 2010, ainda ocupassem 47,09% da superfície desse município – e, talvez, também nos municípios vizinhos – devido, justamente, à grande expansão das lavouras de grãos. (PAM, IBGE, 2012)

Assim, as terras onde os canaviais que serviriam à usina de Jataí seriam plantados antes eram usadas para agricultura ou para pastagem de boi, ou então ocupadas por vegetação de Cerrado. E ao certo quase todas, senão todas, essas áreas de agricultura substituídas por cana eram lavouras de grãos.

Definido o sítio onde se construiria o parque industrial do pólo Jataí, em 2007, e assinados os primeiros contratos de arrendamento e de fornecimento, nesse mesmo ano, a Cosan adquiriu o direito de usar o solo para plantar cana em Jataí e vizinhança.

Em primeiro lugar, como já vimos, a Cosan comprou a fazenda Santo Antônio do Rio Doce, local onde a usina viria a ser implantada. Mesmo essa fazenda já continha um uso precedente – segundo a **figura 16**, uma plantação de milho – que teve de ser substituído pelo parque industrial.

Vê-se na **figura 16**, com contorno amarelo, a fazenda Santo Antônio do Rio Doce, e os usos em 2006 das terras no entorno próximo. Se confronto essa figura com a **figura 12**, vejo que essa área a sul da fazenda, logo abaixo da estrada – em laranja – que a tangencia, corresponde à parte norte da “Fazenda Paraíso”, onde a Cosan, em novembro de 2010, plantava incríveis 6.768,56 hectares. Nessa **figura 16** podemos observar alguns dos usos anteriores nessa fazenda, substituídos depois por cana, como “cerradão”, “pastagem” e “sorgo”.

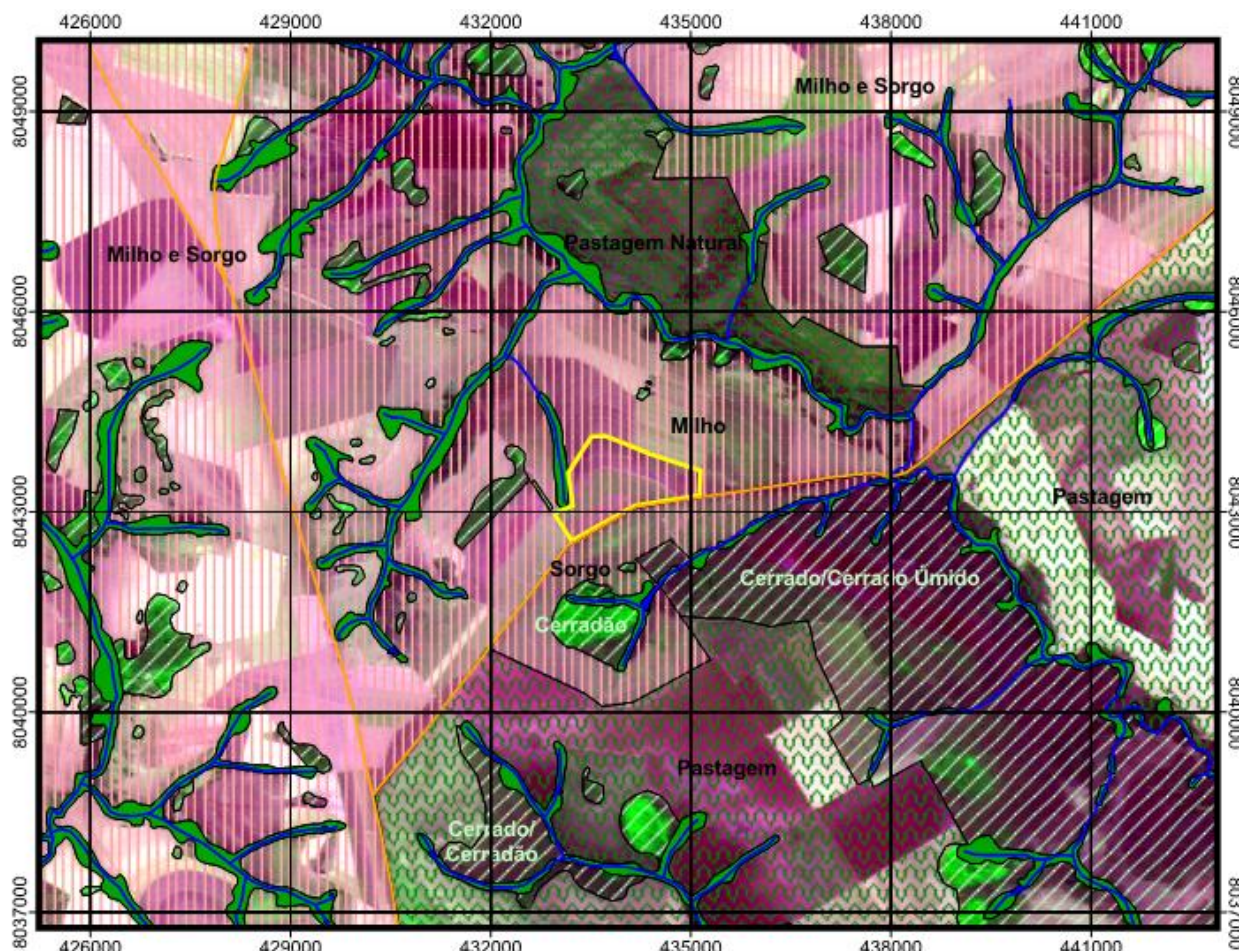


Figura 16: Uso do solo em 2006 no entorno próximo à planta da usina em Jataí

Fonte e elaboração: DBO Engenharia Ltda (2007).

De acordo com FRANCO (2012, p.133), em Jataí, dos 13.821,2 hectares de terra cobertos por canaviais em 2011, em 2006 65,44% eram áreas de agricultura e 30,02% eram áreas de pastagem. Ao comparar as **figuras 13 e 15**, deduzo que quase todas, senão todas, essas áreas de canaviais abasteciam a usina da Raízen.

Segundo a mesma autora, em Rio Verde, das áreas que até 2011 haviam sido *convertidas* em áreas de cana – isto é, das terras nas quais se observava outro uso anterior que não o plantio de cana – 59,08% e 37,76% eram, em 2006, respectivamente cobertas por agricultura e por pastagem. Ao que tudo indica, a partir de 2007, a Cosan foi a grande responsável pela conversão dessas áreas em canaviais.

Como vemos, a tendência da Cosan era preferir as áreas de lavouras às áreas de pasto. FRANCO (*idem*) comprova sere essa uma tendência geral de onze municípios do sudoeste de Goiás onde, em 2011, havia usinas implantadas – inclusive Jataí e Rio Verde; nesses onze municípios, as coberturas de solo substituídas por cana entre 2006 e

2011, 55% ocorreram em áreas de agricultura, 28% em áreas de pecuária e 17% em áreas de vegetação de cerrado (FRANCO, 2012, p.106).

Tabela 19: Coberturas do solo em 2006 nas áreas cobertas com cana em 2011, em Jataí e Rio Verde.

Coberturas do solo	Jataí		Rio Verde	
	Área (ha)	(%)	Área (ha)	(%)
Mata	88,7	0,64	189,7	1,15
Cerrado	365,6	2,65	42,1	0,26
Campo/Regeneração	172,4	1,25	4,1	0,03
Agricultura	9.045,4	65,44	4.406,8	26,81
Pastagem	4.149,2	30,02	2.816,3	17,14
Cana	0	0	8.976,4	54,62
Total	13.821,2	100	16.435,4	100

Fonte: FRANCO (2012, p.133). Elaboração: própria.

FELTRAN-BARBIERI (2009, p.163-5) realizou um estudo sobre a expansão da cana em quatro municípios vizinhos situados logo a oeste de Jataí – Chapadão do Céu, Mineiros, Portelândia e Alto Taquari. Segundo esse autor, há bons motivos para os usineiros da região preferirem áreas soja às de pastagem para substituírem pela cana necessária às suas usinas:

- a) Os solos cultivados com soja conservam fertilidade primária superior aos solos cobertos por pastagens. E a cana exigia uma quantidade de fertilizantes ainda superior à exigida pela soja, ou seja, exigia uma grande fertilidade do solo. Via de regra, nos solos onde há décadas se plantava soja e que, em seguida, foram recobertos por canaviais não foi necessário uma correção inicial – fertilização, aplicação de calcário e, muitas vezes, nivelamento do terreno. Ademais, nos solos antes cobertos por soja o declínio da produtividade (toneladas de cana por hectare) ao longo dos ciclo de 5 cortes da cana é menor, se comparado aos solos antes cobertos por pastos.
- b) A forma quadrangular das propriedades onde se cultiva soja e a as extensas chapadas onde essas propriedades se situam permitiram a construção de estradas em linha reta que margeiam ou atravessam essas propriedades. Assim, o caminho de acesso a essas áreas fica mais curto, e isso reduz o preço do frete do transporte de cana até a usina, feito por caminhões. Ademais, os próprios sojicultores mantinham essas estradas em boas condições para o tráfego de caminhões e para o transporte e a manobra de máquinas agrícolas de grande peso. O mesmo não acontecia em zonas onde predominavam os pastos de pecuária.

Essas vantagens das áreas de cultivo de grãos se traduzem nos maiores preços de arrendamento pagos a proprietários ou a arrendatários de áreas de grãos, em comparação a proprietários ou a arrendatários de áreas de pastagem.

Ao observar a **figura 17**, vejo que, dentro do círculo ótimo para suprimento da usina Raízen/Jataí – com raio de 25km – predominavam as áreas de agricultura. Nesse mapa, cuja base é uma imagem de satélite de maio de 2009, os “solos descobertos” podem ser áreas descampadas para o cultivo de cana, pois o plantio de cana nessa região se estende até abril. Algumas áreas de agricultura, por sua vez, já podiam estar ocupadas com cana, já que o plantio de cana para a usina iniciou em 2007. Vemos que a Cosan, portanto, escolheu justamente uma área densamente cultivada com grãos para implantar sua usina.

Os produtores de grãos, portanto, tem motivos para verem como ameaça a vinda da cana para Jataí e vizinhança. Em primeiro lugar, como já está bem claro, pois as terras na quais há algumas décadas se vem plantando grãos em geral se mostram as mais vantajosas para os usineiros – o que pode gerar disputas por terras.

E, em segundo lugar, pois a procura pelos usineiros de terras para o plantio de cana pode encarecer o valor das terras como um todo nessa região e, conseqüentemente, o preço do arrendamento para os produtores de grãos também aumenta. Segundo SILVA e PEIXINHO (2012b, p. 13), essa é a maior preocupação da maioria dos produtores de grãos de Jataí, que dependem do arrendamento de terras para plantarem grãos.

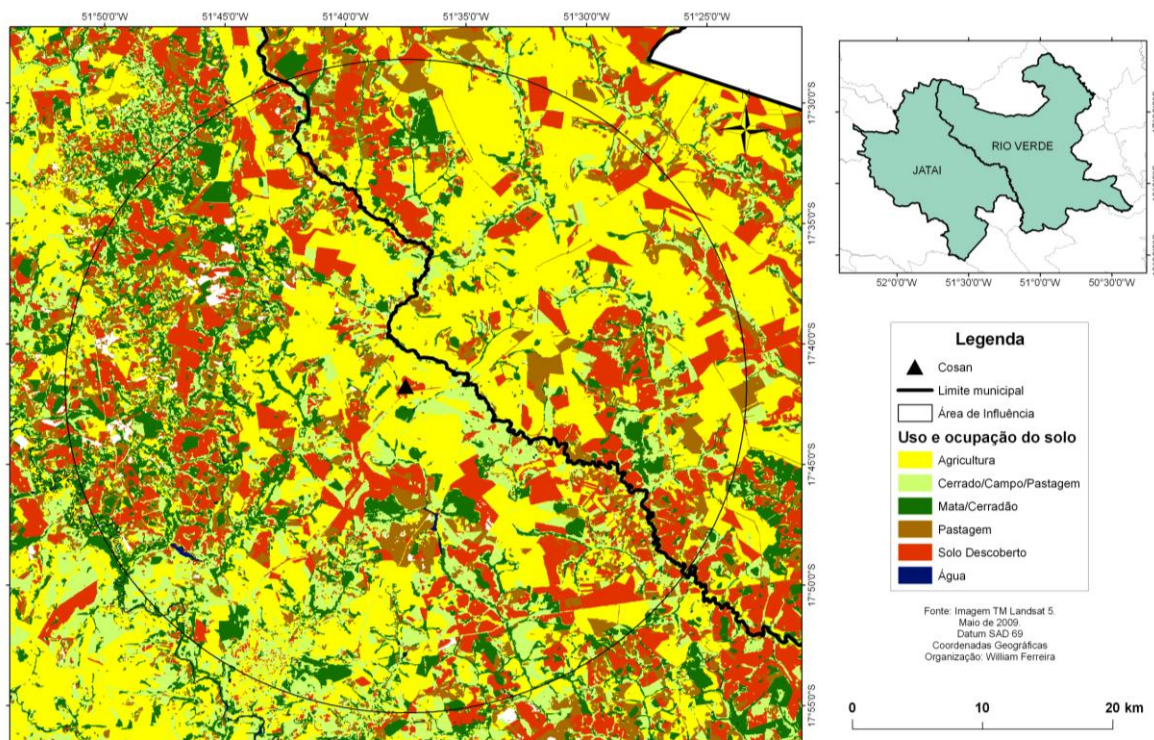


Figura 17: Uso e ocupação do solo no círculo de 25 km da usina Cosan/Jataí, em maio de 2009

Fonte e elaboração: SILVA, 2011, p.164

Baseados em entrevistas com produtores agrícolas de Jataí realizadas em 2011, SILVA, PEIXINHO e CALAÇA (2012, p.11) afirmaram que o preço do arrendamento de terras com boa aptidão para o cultivo de soja variava de 9 a 12 sacos de soja por hectare. Por sua vez, havia relatos de contratos segundo os quais o arrendatário (a Cosan) pagaria 18 sacos por hectares. Uma reportagem de janeiro de 2011 confirma esses valores e nela se afirma que um saco de soja valia cerca de R\$ 46,66.¹⁴⁶

A Cosan oferecia vantagens a seus fornecedores e arrendadores na hora do acerto de contas. Como já vimos uma dessas vantagens é pagar o arrendamento de acordo ou com cotação do saco de soja ou com a cotação da tonelada de cana, o que valer mais.

Outra vantagem é pagar ao fornecedor um preço baseado não apenas na cotação do álcool no mercado, como definia o CONSECANA-SP¹⁴⁷ para as usinas que produzem somente álcool – como a de Jataí – mas também na cotação do açúcar.

¹⁴⁶ PACHECO, P. Produtores de soja boicotam cana em GO. *O Estado de São Paulo*, 9 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,produtores-de-soja-boicotam-cana-em-go,663814,0.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

¹⁴⁷ Para o cálculo do preço a ser pago pela cana-de-açúcar o CONSECANA-SP levava em conta o chamado “mix de produção e de comercialização do ano-safra de cada unidade industrial”. Nesse “mix” incluía-se os preços médios pagos a produtores de São Paulo pelos derivados de cana produzidos nas

Segundo um fornecedor de cana da Cosan, em Jataí e vizinhança os grãos fornecidos às *tradings* e o gado de corte fornecido aos abatedouros eram vendidos por um preço imposto, não havia espaço para barganhar. A Cosan, por sua vez, se mostrava aberta a negociar o preço a ser pago pela cana fornecida à sua usina. Tanto o era, que a Cosan atendera ao pedido da Associação dos Produtores de Matérias-Primas para as Indústrias de Bioenergia de Goiás (APMP), de remunerar seus fornecedores com um valor resultante de uma combinação de preços que incluía o preço pago pelo açúcar no mercado internacional, em alta naquele momento. Essa condição de pagamento valeria para os contratos de fornecimento de cana doravante assinados pela Cosan.¹⁴⁸

De uma forma ou de outra, a Cosan estava pagando uma renda maior a seus fornecedores e arrendadores do que pagariam os produtores de grãos. Pagar o maior preço aos proprietários ou aos que detém a posse da terra vinha sendo a maneira mais eficaz da Cosan garantir terras para o plantio de cana, o meio mais eficaz de territorialismo.

Em Rio Verde, em 2006, já se manifestava claramente a resistência dos produtores de grãos, e de seus aliados, ao livre avanço da cana. Em 20 de outubro de 2006, o prefeito de Rio Verde sancionou uma lei de sua autoria, a Lei Complementar nº 5.200/06, aprovada pela Câmara Municipal. A lei foi uma resposta a uma reivindicação de certas classes de produtores do município, entregue à prefeitura em agosto de 2006 sob a forma de um documento.¹⁴⁹ Ao que tudo indica, os interesses dos produtores de grãos foram hegemônicos nessa reivindicação.

Essa lei restringia a expansão de canaviais a 10% das áreas cultiváveis de Rio Verde, por safra, isto é, a cerca de 50 mil hectares. Quem infringisse a lei pagaria uma multa, e as Secretarias Municipais de Agricultura e Meio Ambiente e de Indústria e Comércio eram responsáveis por fazer valer a lei.

À época já havia uma usina instalada no município, e esperava-se a instalação de duas outras.

O secretário da Indústria e Comércio de Rio Verde afirmava ser a cana-de-açúcar uma “tragédia”, pois, por exemplo, 21 usinas sucroenergéticas da região de

usinas, como o “Açúcar Branco Mercado Externo (ABME)”, o “Alcool Hidratado Carburante (AHC)”, o “Alcool Hidratado Mercado Externo (AHE)”, etc. (Manual do CONSECANA-SP, 5ª edição, disponível em: <<http://www.unicadata.com.br/listagem.php?idMn=26>>).

¹⁴⁸ Informação verbal. **D.A.A.**: depoimento [jul.2010]. Entrevistador: SILVA, W. F.

¹⁴⁹ TOMAZ, A. Goiás: álcool, Rio Verde chega ao limite. **Diário da Manhã**, 3 abr. 2007. Página Rural. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br/noticia/65155/goias-alcool-rio-verde-chega-ao-limite>>. Acesso em: 13 out. 2012.

Ribeirão Preto, estado de São Paulo, empregavam, juntas, cerca de 8.000 pessoas, ao passo que apenas uma indústria de transformação de soja em Rio Verde empregava 7.600 pessoas.¹⁵⁰

Não obstante, em 25 de junho de 2008, a lei 5.200 de Rio Verde foi considerada inconstitucional e anulada pelo Tribunal de Justiça de Goiás (TJ-GO), em resposta a uma requisição do Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg), de Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN). Segundo a desembargadora que votou a inconstitucionalidade da lei, a limitação ao direito da propriedade era uma competência exclusiva da União Federal.¹⁵¹

Em fins de 2006, na mesma época da publicação da lei de Rio Verde, também em Jataí já se vinha desenhando uma resistência à “invasão” desmedida da cana. A lei de Rio Verde servia como uma referência para a promulgação de lei semelhante para o território de Jataí. Assim, lideranças ruralistas e políticas já buscavam, em conjunto, uma maneira de restringir o avanço da cana em solos do município.¹⁵²

O então prefeito de Jataí afirmou, em entrevista: “devemos estabelecer um limite para o cultivo da cana, mas acho pouco 10%, penso que deve ser 15% ou 20% da área agricultável”. Um pouco adiante na entrevista, ele afirmou: “A Perdigão está muito presente no nosso município e tem receio de ser prejudicada, pois precisa de muita soja e milho.” (*ibidem.*)

No entanto, somente quatro anos mais tarde, em outubro de 2010, a prefeitura de Jataí – já sob o mandato de um novo prefeito – instituiu uma lei que limitava a expansão da cana no município. Em 18 de outubro de 2010, foi publicado e enviado à Câmara Municipal de Jataí o Projeto de Lei (PL) nº 070/2010, pelo então prefeito do município. A proposta dessa lei era mais ambiciosa do que a da lei de Rio Verde, pois instituía um Plano Diretor Rural que valeria para toda a zona rural de Jataí. No entanto, um olhar atento perceberia que a principal intenção por trás dessa lei era a mesma, qual seja, a de restringir o cultivo de cana a certas áreas do município. Segundo SILVA, PEIXINHO e

¹⁵⁰ VITAL, N. O nó da cana. **Dinheiro Rural**, Nov. 2007. Ed. 37. Disponível em: <<http://revistadinheirorural.terra.com.br/secao/agroeconomia/o-no-da-cana>>. Acesso em: 15 set.2012

¹⁵¹ Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=visualiza_noticia&id_caderno=&id_noticia=27231>. Acesso em; 13 mai. 2012

¹⁵² BITTENCOURT, E. Restrição ao plantio de Cana em Rio Verde (GO) pode aumentar. **O Popular**, 4 dez. 2006. Disponível em:<<http://www.zoonews.com.br/editorial.php?a=view&idnoticia=97474&tipo=1>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

CALAÇA (2012, p.6) o PL 070 foi uma resposta da prefeitura de Jataí às pressões de diversos sojicultores e de algumas associações de classe.

Entre as principais medidas previstas no PL 070 incluía-se a criação do Conselho Socioeconômico de Desenvolvimento Rural do Município de Jataí (CODERJ), composto por 23 membros¹⁵³, e responsável por definir diretrizes para a emissão da Certidão de Uso do Solo Rural. Essa certidão consistia numa licença para todos aqueles que resolvessem cultivar qualquer lavoura na zona rural de Jataí, e seria obrigatória em todos os casos, exceto: “quando o teor de argila do solo a ser cultivado for inferior a 20%” – vale dizer que os solos com maior teor de argila, geralmente são mais férteis; e “aos proprietários rurais quando suas propriedades se situarem a menos de 25 km de indústria sucroalcooleira implantada dentro do município de Jataí” – vale dizer que a única usina instalada era, justamente, a da Cosan. (artigos 5,6,7, 9 PL 070)

Os proprietários de terras rurais e as empresas que descumprissem essas determinações estariam sujeitos a multas de R\$ 2 mil por novo hectare plantado a partir da data de vigência da lei, ou então a uma multa que chegava a R\$ 100 mil.

Um dos objetivos do CODERJ seria:

Preservar o grande patrimônio do povo jataiense do campo e da cidade que tem, ao longo dos anos, melhorado significamente a renda da população em geral e que se constitui da cadeia produtiva de grãos: armazéns, silos, graneleiros, matéria prima para indústrias locais, solo e clima propícios, mão-de-obra especializada para produção de grãos e atividades econômicas criadas no comércio local em função da produção do campo. (PL nº 070/2010, art.5º)

A cadeia produtiva relacionada ao cultivo de grãos foi a única mencionada como um “patrimônio” para o povo de Jataí, a ser preservado.

Contudo, a publicação do PL 070 causou descontentamento tanto entre agentes da cadeia dos grãos quanto entre dirigentes da usina da Cosan em Jataí. Ambas as partes requeriam alterações no PL a seu favor, e expunham seus argumentos na mídia. SILVA, PEIXINHO e CALAÇA (2012, p.9)

¹⁵³ Dentre os quais, dois membros do Poder Legislativo Municipal; dois membros do Sindicato Rural de Jataí; dois membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jataí; dois membros da Associação Comercial e Industrial de Jataí; dois membros da Câmara de Diretores Lojistas de Jataí; dois membros do Sindicato do Comércio Varejista do Comércio de Jataí (SINDVAREJISTA); dois membros do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Jataí (SINCOJAT); dois membros do Conselho Comunitário de Jataí; dois membros de universidades com cursos em Jataí na área de Ciências Agrárias; dois membros da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Jataí; o Secretário Municipal de Agricultura e Pecuária; o Secretário Municipal de Indústria e Comércio; e o Secretário Municipal de Meio Ambiente.

Conseqüentemente, menos de um mês após a publicação do PL 070, em 9 de novembro de 2010, a Câmara Municipal e a Prefeitura de Jataí promoveram uma Audiência Pública em um Centro de Cultura e Eventos de Jataí. Cerca de 900 pessoas compareceram e lotaram o auditório, dentre as quais, na plateia, inúmeros funcionários da Cosan/Jataí – identificados por crachás.

Durante a audiência, marcaram presença e/ou tiveram voz diversas lideranças, representando segmentos da sociedade de Jataí, como um padre – que proferiu o discurso inicial –, o presidente do Sindicato Rural de Jataí, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Jataí, vereadores, o prefeito, entre outros.

Além disso, estava montada uma “tribuna de honra” composta por partidários do *agronegócio* de Jataí, por um membro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – subsessão Jataí – e pelo gerente líder da usina da Cosan. Os membros dessa tribuna também puderam se pronunciar.

A fala do prefeito de Jataí manifesta a intenção de uma “harmonia” entre o setor de grãos e o setor sucroenergético em Jataí – esse controlado pelos usineiros da Cosan. Ele destacou a enorme superfície do município de Jataí – cerca de 720 mil hectares – e disse haver terra para todos. Além disso, disse que a concorrência por terras entre produtores de grãos e a Cosan elevava o preço médio do arrendamento de terra em Jataí, e quem saía ganhando era o proprietário que cedia sua terra em arrendamento.

O prefeito fez questão de resaltar a enorme importância da cadeia de carnes e de grãos para o município, assim como da usina da Cosan, que era muito bem vinda. Alguns trechos da fala do prefeito revelam grande transigência em relação à Cosan/Jataí:

[...] O Plano Diretor não proíbe nada [...] a Cosan tem direitos adquiridos aqui em Jataí (...) ela vai ter os hectares que precisar, por que a lei não proíbe nada [...] Então, o primeiro ponto que já está decidido é este, o que a Cosan precisar de área ela vai ter [...] Se 25 km de raio for pouco, podemos definir uma quantidade de hectares diferente [...] Ponto pacífico que a Cosan tem área para ela plantar à vontade, se ela quiser 100 mil hectares aqui nós temos área para ela aqui em Jataí.¹⁵⁴

Também vale citar o pronunciamento do presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Jataí (AEAJA). Ele apresentou alguns números que, em linhas gerais, expressavam a “Dimensão do Agronegócio” em Jataí, na safra 2010/11.

¹⁵⁴ Informação verbal fornecida pelo prefeito de Jataí em audiência pública realizada no Centro de Cultura e Eventos de Jataí, em 9 nov. 2010.

Apresentou, por exemplo, as áreas ocupadas com lavouras e com pecuária no município; as receitas geradas pelos principais cultivos e pela pecuária; dinheiro gasto na compra de insumos para a agricultura e número de revendedoras desses insumos; número de aviários; quantidade de leite produzido pelas duas maiores fábricas; geração de empregos na agricultura e na pecuária; quantidade de unidades armazenadoras de grãos; e a unidade de transformação de grãos, a Coimbra.

A conclusão do presidente da AEAJA foi a de que a usina da Cosan não causaria grandes impactos negativos sobre a produção de grãos em Jataí, e, conseqüentemente, não comprometeria as receitas do município – pelo contrário, valorizaria essas receitas.

A fala de um empresário produtor de grãos revela também, consentimento com os avanços de territórios de canaviais da Cosan, pelo motivo de a usina já estar instalada no município – porém o empresário recomendava resistência à implantação de novas usinas, pois a economia de Jataí sairía prejudicada.

De uma forma ou de outra, os oradores dessa audiência demonstraram tolerância em relação à expansão de canaviais para a Cosan.

Então, o discurso do líder da Cosan/Jataí, anuncia ao público quais são os interesses da companhia.¹⁵⁵

De início, esse porta-voz da Cosan apresentou o número de empregos gerados em Jataí em função da usina, os números da folha salarial desses empregados, o número de empresas prestadoras de serviço para a Cosan em Jataí. Ou seja, o gerente tentou mostrar a importância da usina para a geração de emprego e de renda em Jataí.

Depois disse, também, que, para realizar toda sua capacidade de difusão, a usina precisaria de cerca de 56 mil hectares de canaviais para suprimento de matéria-prima.

Do meio para o final de sua apresentação, mostrou uma imagem que servia de base para revelar os motivos da insatisfação da Cosan com o PL 070.

Na **figura 18** as propriedades controladas pela Cosan para o plantio de cana aparecem sobrepostas a uma imagem de satélite. Delineado em verde aparecem os limites do município de Jataí. E, em azul, parte de um círculo de raio de 25 km com a usina no centro – isto é, a área definida pelo PL 070 para o plantio de cana sem a obrigatoriedade da Certidão de Uso do Solo Rural.

¹⁵⁵ Informação verbal fornecida por gerente da Cosan em audiência pública realizada no Centro de Cultura e Eventos de Jataí, em 9 nov. 2010.

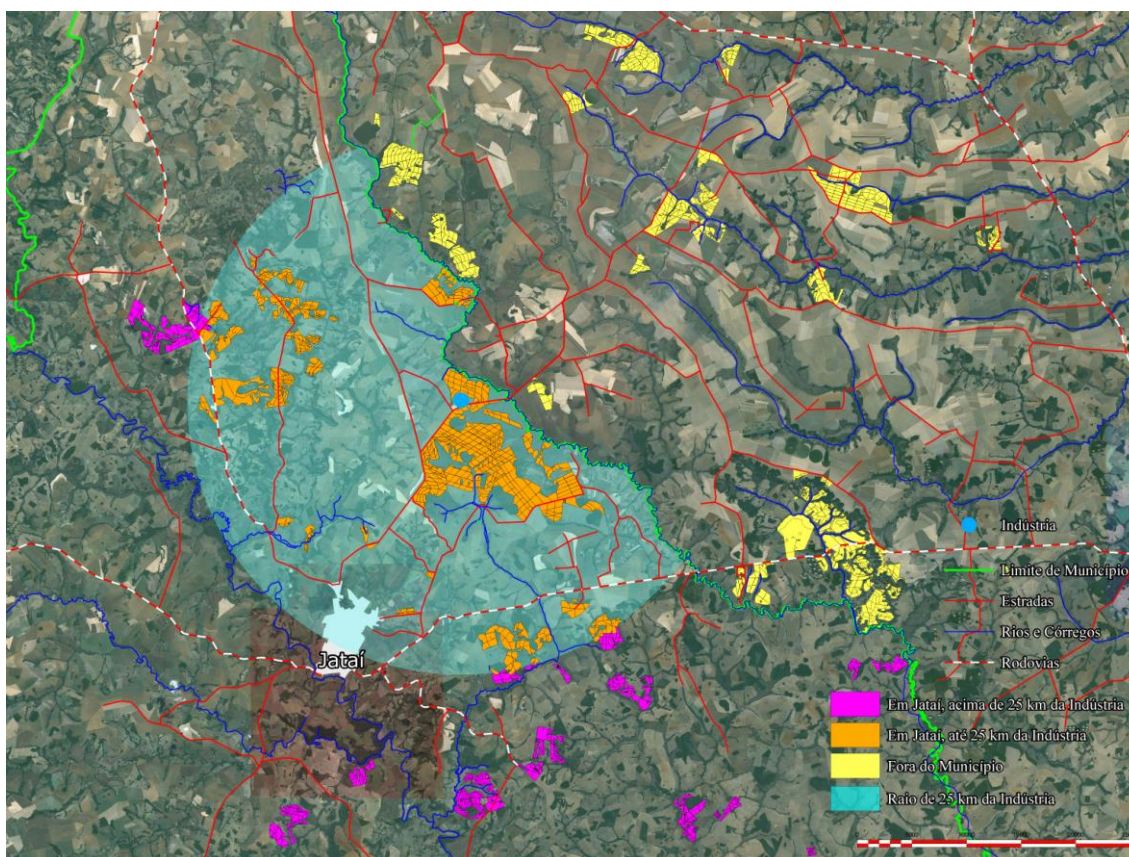


Figura 18: Propriedades controladas pela Cosan em novembro de 2010.

Fonte e elaboração: COSAN.

Através da imagem, o gerente da Cosan mostrou como sua empresa já controlava terras em Jataí além desse círculo parcial, e também controlava terras em Rio Verde. Vale dizer que o PL isentava aqueles proprietários de terras que já estivessem plantadas quando o PL entrasse em vigor. Em seguida, o gerente da Cosan expôs seus argumentos em relação ao prejuízo que o PL 070 causaria não só à Cosan, como aos produtores agrícolas e proprietários de terras de Jataí:

- a) Haveria grande inflação no valor do arrendamento dentro desse círculo incompleto de 25 km de raio, o que oneraria sojicultores e outros produtores que quisessem tomar em arrendamento terras dentro dessa área;
- b) A Cosan deixaria de pagar renda a proprietários cujas terras em Jataí se situassem fora desse círculo;
- c) A Cosan havia investido muito dinheiro na implantação da usina, e agora deveria lucrar com um retorno financeiro capaz, pelo menos, de amortizar esse investimento. Nas palavras desse gerente, “[...] você tem de remunerar nossos acionistas”.

Como consequência da audiência pública, antes mesmo de ser votado na Câmara Municipal, o PL 070 foi substituído pelo PL nº 082/2010, de 3 de dezembro de

2010. No dia 21 de dezembro de 2010, o PL 082 foi votado e aprovado na Câmara Municipal de Jataí. A principal alteração do PL 082 em relação ao PL 070 se deu no artigo 9 – que dispunha sobre as situações nas quais a Certidão de Uso do Solo Rural não seria obrigatória – que ganhou a seguinte redação:

Parágrafo Único – A Certidão de que se trata este artigo não será exigida nos seguintes casos:

a) Quando do cultivo de lavouras de ciclo curto (inferior a seis meses), que historicamente não tem causado empobrecimento do solo e queda de fertilidade;

b) Quando o cultivo de lavoura canavieira em escala comercial, e cuja produção se destinar à empresa processadora já em operação na data de publicação desta lei e que teve o projeto indústria/lavoura aprovado em audiência pública realizada na sede do município de Jataí e que, ao mesmo tempo, num prazo máximo de 90 (noventa) dias de vigência desta lei, firme um Pacto Socioeconômico com o CODERJ, limitando sua área plantada em até 50.000 (cinquenta mil) hectares. (PL 082, artigo 9º, *grifos meus*)

Através desse artigo, vemos que os interesses de dois grupos foram assegurados, a saber, os interesses dos produtores de grãos e os da Cosan/Jataí, e de seus aliados. Em primeiro lugar, estariam isentos da Certidão aqueles que cultivassem ou que adquirissem os produtos de lavouras de *ciclo curto*, na quais se incluem as lavouras de *soja*, de *milho* e de *sorgo*. Em segundo lugar, estariam isentos aqueles que produzissem cana para a “[...] empresa processadora já em operação na data de publicação desta lei [...]”, e a única usina em operação em Jataí era a usina da Cosan. Por outro lado, a Cosan deveria limitar sua área de canaviais em Jataí a 50 mil hectares – porém a Cosan poderia negociar esses 50 mil hectares *em qualquer* sítio do município, não mais apenas dentro de um círculo de 25 km de raio.

Se os plantios para a usina de Jataí – na qualidade de empresa em funcionamento no município, e respeitados os termos da lei – estariam isentos da Certidão, o mesmo não valia para as novas usinas que viessem a se implantar no município. Os novos usineiros, pois, e toda a sorte de produtores e de proprietários de terras que se associassem às novas usinas, a princípio, precisariam da Certidão para dispor da terra para plantarem cana – com exceção dos plantios em solos com teor de argila inferior a 20%, e de isenção que viesse a conseguir a empresa em nova audiência pública. A lei, portanto, claramente privilegiava a Cosan, ao favorecer o monopólio dessa companhia no setor sucroenergético em Jataí.

Se a Cosan/Raízen mantivesse sua usina em Jataí a produzir somente álcool, e sem ampliação da capacidade máxima de processamento, inicialmente planejada, seriam

necessários 56 mil hectares de canaviais para realizar toda essa capacidade. Com 50 mil hectares em Jataí não seria problema algum conseguir mais 6 mil hectares em municípios vizinhos – em dezembro de 2012 cerca de 18.186 hectares de canaviais em Rio Verde abasteciam a usina. (ver **figura 13**)

Caso se venha, num futuro próximo, a instalar um novo difusor, e assim a dobrar a capacidade de processamento da usina, serão necessários, talvez, mais de 100 mil hectares de canaviais e, talvez, a restrição de 50 mil hectares em Jataí venha a ser, de fato, um problema para a Cosan/Raízen – no entanto, até março de 2013 não houve nenhum anúncio de que a capacidade de processamento da usina dobraria. Mas, como pudemos perceber pelas falas naquela audiência pública, há uma atitude de transigência dos poderes executivo e legislativo de Jataí com a Cosan. Como vimos, o prefeito mesmo afirmou que a Cosan disporia de 100 mil hectares em Jataí, caso desejasse. Esse mesmo prefeito, e seu vice, em fins de 2012, foram reeleitos. O artigo 11º, dispõe que “a ampliação de projeto de indústria/lavoura já existente ficará condicionada à realização de nova audiência pública”. É bem possível, portanto, que, por nova transigência dos poderes locais, a Cosan, mesmo se duplicar a capacidade de sua usina em Jataí, tenha assegurada área suficiente em Jataí para abastecer sua usina com matéria-prima.

Era bem provável, no entanto, que qualquer temor ou privilégio dos dirigentes da Cosan/Jataí em relação ao PL 082 caísse por terra, junto com esse PL. Assim como em Rio Verde, o SIFAEG entrou com um processo jurídico requerendo ADIN contra o município de Jataí.

O presidente do SIFAEG afirmara que “[...] a legislação é discriminatória, visivelmente dirigida contra a atividade canavieira e, portanto, absolutamente inconstitucional” e que “cabe ao produtor definir qual a atividade é mais importante desenvolver em suas terras”.¹⁵⁶

Segundo CARVALHO *et.al.*, (2012 p.17), em agosto de 2012 a ADIN encontrava-se em andamento, e a prefeitura de Jataí já havia recorrido ao Tribunal de Justiça de Goiás (TJ-GO). A lei estava suspensa até a decisão de inconstitucionalidade, ou não, pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

¹⁵⁶ Jataí aprova legislação restritiva ao cultivo da cana-de-açúcar. **O Popular**, 21 jan. 2011. Disponível em: < http://www.opopular.com.br/editorias/economia/jata%C3%AD-aprova-legisla%C3%A7%C3%A3o-restritiva-ao-cultivo-da-cana-de-a%C3%A7%C3%BAcar-1.81340?parentId=ojcTrailTitlePane_7_218528_1335442978_2740341_1>. Acesso em: 12 jul. 2012.

É interessante notar que a Cosan não somente disputava terras com produtores de grãos em Jataí e vizinhança, como também, provavelmente, subarrendava terras para esses produtores em Rio Verde e em Paraúna. (ver tópico 5.5.2.)

Vale menção, também, que o plantio de *milho* para a produção de etanol na usina em Jataí era uma alternativa sob avaliação da Raízen.¹⁵⁷ Talvez esse pouco provável plantio de milho para a usina Cosan/Jataí amenizasse os conflitos de interesses com produtores de grãos.

No que concerne ao plantio experimental de sorgo para a usina de Jataí desde a safra 2010/11, vale dizer esse sorgo é o *sacarino*, e não o sorgo *granífero*, muito plantado na região e muito usado como matéria-prima para a fabricação de ração para aves e porcos. Não obstante, o plantio de sorgo sacarino é outro tipo de uso do solo que a Cosan induz na região de Jataí e vizinhança.

De acordo com entrevista com gerente de fornecimento de cana da Cosan/Jataí, em janeiro de 2013, a Cosan pagava a seus arrendadores de terra, em média, de 14 a 15 sacas de soja por hectare – cada saca valia cerca de R\$ 50. Naquele momento pagava-se tanto pelo arrendamento para plantio de soja. Vê-se que os sojicultores estavam conseguindo fazer frente ao avanço da cana nessa situação de quem pagar mais ter direito a apoderar-se da terra.¹⁵⁸

Vale dizer que, além da possível instalação futura de um segundo difusor na usina em Jataí, a provável implantação das usinas da Cosan/Raízen em Montividiu e Paraúna poderá, em breve, acentuar, e muito, os conflitos pelo uso do solo em Jataí e vizinhança. Se vierem a ser implantadas, a capacidade de processamento de cana dessas duas usinas deve ficar próxima à da usina em Jataí (**tópico 5.1.**).

Com base em entrevistas a gestores de usinas da região logo a oeste de Jataí, FELTRAN-BARBIERI (2009, p.161-2) considerou que a formação de *clusters* de usinas controladas por uma mesma empresa pode gerar influência nos preços de arrendamento e compra dentro dos círculos de 30 km de distância das usinas.

¹⁵⁷ VALIM, C. E. e ONDEI, V. Etanol do quê? **Dinheiro Rural**, mai. 2012, ed. 91. Disponível em: <<http://revistadinheiro rural.terra.com.br/secao/agronegocios/etanol-do-que>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

Em março de 2012, executivos da Raízen viajaram de Piracicaba a Campos de Júlio (MS), para visitarem uma chamada “usina *flex*” da empresa Usimat. Entre janeiro e abril de 2012 a Usimat levou a cabo esse empreendimento piloto, cujo objetivo era o de produzir milho durante os meses entre as safras da cana. Os usineiros da Usimat também visavam o sorgo para essa produção “*flex*”.

¹⁵⁸ **B. A.**: entrevista [jan. 2013]. Anotações de Julia Adão Bernardes.

Particularmente, as usinas de Montividiu e de Jataí estariam a uma distância de cerca de 35 km, uma da outra – e, principalmente onde os círculos se sobrepõem, o poder de conquista de terras pela Cosan/Raízen aumentaria muito. A unidade de Paraúna, por sua vez, estava a cerca de 74 km da unidade de Montividiu, e a cerca de 109 km da unidade de Jataí.

Tudo o que foi dito neste tópico indica que, para estabelecer o território que se configurava no circuito canaviais-usina em Jataí e vizinhança, a Cosan/Raízen, encontrava resistência de outros agentes locais da economia – em especial dos agentes do complexo carne-grãos, pois tais agentes lançavam mão de seus próprios territorialismos, e constituíam suas próprias territorialidades. No entanto, a Cosan venceu essas resistências e, com a tolerância dos produtores de grãos e o apoio da prefeitura de Jataí, garantiu as terras necessárias ao cultivo de matéria-prima para a produção de etanol em sua usina.

As “linhas” as estradas também deveriam ser, em certo sentido, conquistadas, para que houvesse a maior eficiência possível nesse transporte e assim os circuitos canaviais-usina funcionassem bem. Em parte, isso significava garantir atalhos para encurtar a distância entre a usina e os canaviais.

A Cosan/Raízen haveria de disputar terras também com outros usineiros que chegavam a essa região mais ou menos na mesma época (a partir de 2005) e também começavam a estabelecer territorialismos e territorialidades.

5.6.2. As usinas vizinhas, concorrentes

Como vimos no tópico “o projeto e a seleção do local”, a região de Jataí e vizinhança se mostrava, em 2007, muito favorável à atividade do setor sucroenergético. A própria escolha inicial da Cosan de instalar ali não uma, mas *três* usinas de etanol, confirma as vantagens da região. Como era de se esperar, a Cosan não foi a única companhia usineira a reconhecer essas vantagens.

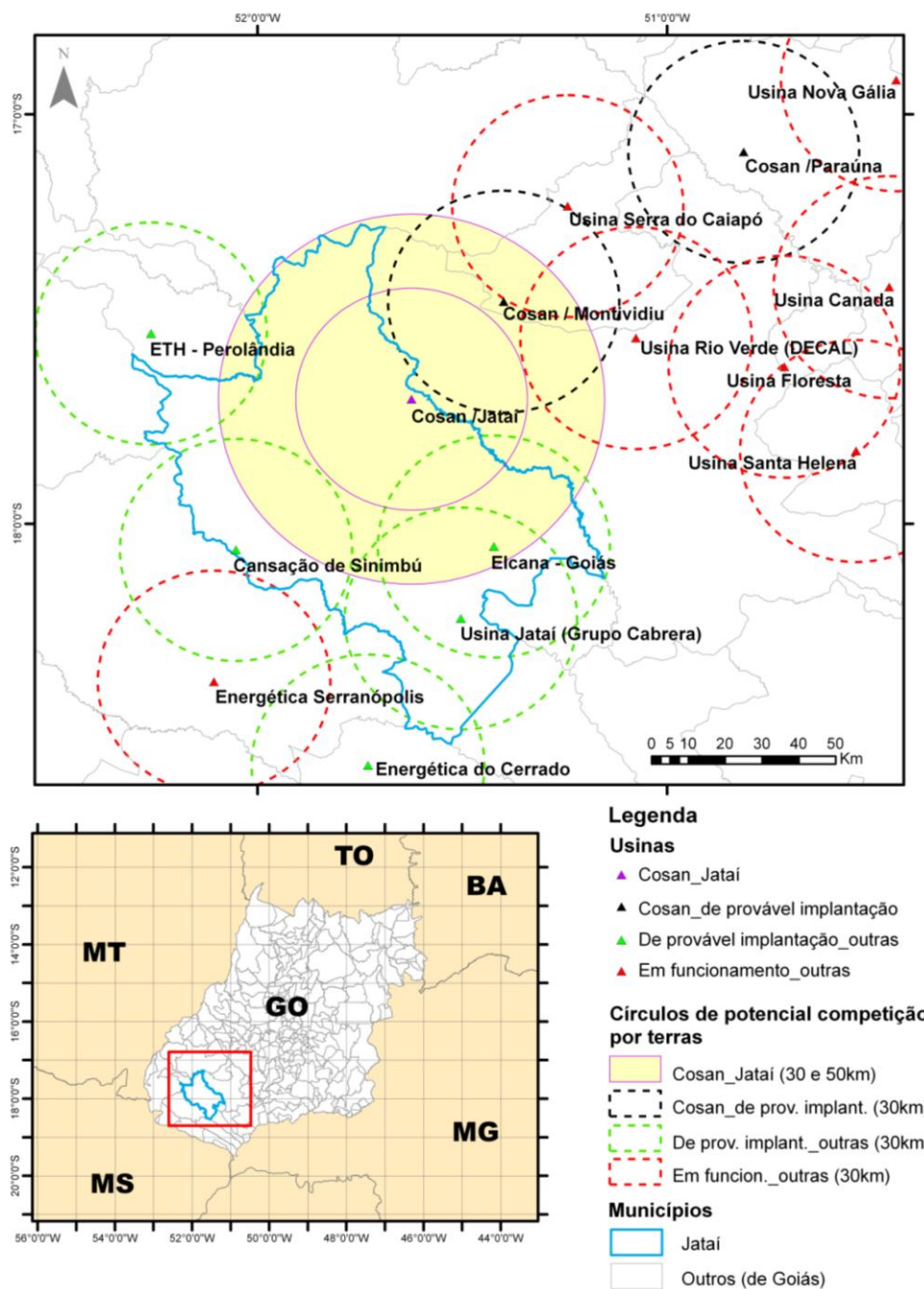


Figura 19: Usinas que potencialmente competiam ou competiriam por terras para o cultivo de cana, com destaque para a usina Cosan/Jataí, findo o ano de 2009

Fonte: SILVA, FRANCO, SEPLAN, IBGE

Observamos que, em junho de 2007, eram aguardadas as implantações de 4 usinas do setor, entre as quais as primeiras entrariam em funcionamento em 2009. Segundo o Secretário de Indústria e Comércio de Jataí as usinas deveriam se utilizar em

toda região de, aproximadamente, 135.000ha plantados em cana, dos quais 94.000ha no município de Jataí e 41.000ha em outros municípios.¹⁵⁹

Findo o ano de 2009, em Jataí somente a usina da Cosan tinha virado realidade, entrado em funcionamento. No entanto, a promessa de implantação das outras 3 usinas – “Sinimbú”, “Elcana” e “Jataí” – ainda se mantinha. A **figura 19** apresenta os locais onde se instalariam essas 3 e mais outras 2 usinas cujos círculos de 30 km – raio reconhecido, no geral, como o ideal para abastecer uma usina sucroenergética na região – alcançavam o território de Jataí. Nesse mapa aparecem, também, as duas filiais da Cosan Centroeste – as de Montividiu e Paraúna – que até então eram apenas promessas de implantação. Vemos, ainda, usinas então em funcionamento, e em torno dessas os respectivos raios de 30 km.

Para os fins de minha análise, a usina Cosan/Jataí aparece praticamente ao centro do mapa. Em torno dessa usina tracei dois círculos concêntricos de 30 km e 50 km de raio. Esse último raio constitui a distância teoricamente “máxima” (FRANCO, 2012, p.60-1), além da qual o frete do transporte de cana para usina sairia caro por demais. O raio de 50 km foi delineado exclusivamente para a usina da Cosan em Jataí, pois sabemos que, dos cerca de 42.063 ha de canaviais que a usina controlava em dezembro de 2012, 35,26% (14.833 ha) se situavam a uma distância entre 30km e 50km, uma parcela considerável (ver **tabela 17**). É provável, portanto, que outras usinas buscassem cana além dos 30km, mas não pude avaliar quais. Sem falar que, como vimos na **tabela 17**, é provável mesmo que a Cosan buscasse cana além dos 50 km, mas, como vimos, também é provável que a Cosan fornecesse cana para outras usinas ou subarrendasse suas terras para outros usineiros.

Em primeiro lugar, se olho para a **figura 19**, chama atenção que tanto as usinas já implantadas, quanto as de provável implantação, se situavam, ou se situariam próximas às divisas entre municípios. Como foi verdade para o município de Jataí, as prefeituras municipais poderiam incentivar essa localização, pois assim a arrecadação de impostos ficaria nos cofres do município sede da usina, ao passo que os possíveis ônus decorrentes da formação de canaviais – em que pese a disputa por terras com o setor de produção de grãos – seriam divididos com o(s) município(o)s vizinho(s).

Vale observar, também, que as usinas *em funcionamento* estavam, entre si, a uma distância de, pelo menos, cerca de 29 km. Isso pode ser, em grande medida, fruto

¹⁵⁹ COUTINHO, L. Palestra sobre a cana-de-açúcar. **Folha do Sudoeste**, 5 de jun., 2007, nº 884

da política de incentivos fiscais do Governo de Goiás, pois o programa PRODUZIR determinava uma distância mínima de 26 km entre uma usina e outra. Segundo CASTILLO (CASTILLO, 2009, p.10), através do PRODUZIR o governo do estado estabeleceu convênios com várias prefeituras municipais que, cada qual à sua maneira, também oferecia benefícios aos usineiros. O objetivo dessa medida talvez seja o de amenizar a competição por terras, entre os usineiros.

Mesmo assim, com o auxílio do mapa, vê-se que os círculos de abastecimento de 30 km por muitas vezes se sobrepõem. E, se me concentro no raio de 50 km a partir da usina Cosan/Jataí, percebo sobreposições com áreas de abastecimento das 4 usinas de provável implantação e de mais 2 já em funcionamento – sem contar a filial da Cosan em Montividiu. Essas sobreposições podem implicar competição por terras entre usineiros – tanto mais acirrada quanto mais próximo se estiver de uma ou mais usinas.

Por outro lado, a disputa por terras onde há sobreposição de círculos pode impelir os usineiros ir cada vez mais longe, talvez até para além dos 30 km de suas respectivas usinas, em busca de terras para cana – pois se induziria certa escassez de terras. Portanto, nas regiões onde há grande concentração de usinas, como na região representada no mapa, a competição por terras tende a ficar ainda mais alta, pois a disputa entre certos usineiros pode acabar agravando a disputa entre outros. É possível, também, que os usineiros tendam a se limitar a controlar áreas de cultivo de cana onde não haja sobreposição de círculos.

Há de se dizer, no entanto, que os usineiros não disputam em pé de igualdade. Essencialmente, o que define se um usineiro sairá vencedor é a sua *capacidade de investimento*. Como já foi dito, o uso da terra é mediado pela propriedade privada da terra, logo, direta ou indiretamente, deve-se pagar uma renda ao proprietário, ou então comprar a propriedade dessa terra. Assim, pela regra geral do mercado, quem pagar o maior preço levará a mercadoria – nesse caso a terra. Portanto, o dinheiro é o maior trunfo nessa disputa pela terra.

E os dirigentes do Grupo Cosan, além de serem líderes no setor sucroenergético desde, pelo menos, 2000, construíram um patrimônio de peso em outros setores através de fusões e aquisições de outras companhias – conseqüentemente, diversificaram e ampliaram sua oferta de serviços e produtos. Assim, é provável que a enorme escala de produção e de receitas da Cosan, como um todo, tenha permitido uma distribuição de ganhos entre suas companhias subsidiárias – as de maior déficit em certo período fiscal poderiam ser custeadas pelas de maior lucro.

Diretamente relacionada a esse potencial de investimento está a *escala de produção* de cada usina. É claro que uma usina com grande capacidade de processamento requer grandes investimentos, tanto para sua implantação quanto para seu funcionamento. Para que haja um bom retorno desse investimento, o usineiro busca realizar ao máximo essa capacidade de processamento – e para tanto se precisa de canaviais. Via de regra, quanto maior a capacidade de processamento maior será a área de canaviais necessária para prover a usina de uma quantidade suficiente de cana.

Tabela 20: Usinas da **figura 19**, por capacidade de processamento, estágio, e início ou retomada do funcionamento, ao fim do ano de 2009.

Município	Usina	Estágio	C. Process.
			10 ⁶ ton./ano
Montividiu	Destilaria Serra do Caiapó S/A	Funcion. (2008)	1
	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	P. implantação	3,3
Paraúna	Usina Nova Gália Ltda	Funcion. (2008)	1,5
	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	P. implantação	3,3
Rio Verde	Usina Rio Verde Ltda. (DECAL)	Funcion. (2005)	0,73-0,85
Santa Helena de Goiás	Usina Santa Helena de Açúcar e Álcool S.A	Funcion. (1965)	2,1-2,9
Santo Antônio da Barra	Floresta S/A Açúcar e Álcool	Funcion. (2009)	2,5
Serranópolis	Energética Serranópolis Ltda	Funcion. (2005)	1-1,2
Perolândia	Usina Água Emendada - Brenco / ETH	P. implantação	3,8
Jataí	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	Funcion. (2009)	4
	Grupo Cabrera	P. implantação	3
	Grupo Cansação do Sinimbu	P. implantação	2,1
	Elcana Goiás Usina Açúcar A. L	P. implantação	-
Acreúna	Usina Canadá S/A	Funcion. (2008)	-
Itarumã	Energética do Cerrado Açúcar e Álcool Ltda	P. implantação	-

Fonte: SEPLAN. FRANCO (2012), COSAN, Folha do Sudoeste. (1) (-) = ausência de dados. (2) P. Implantação = provável implantação (3) O ano entre parênteses ao lado do “estágio” da usina indica o início ou de retomada do funcionamento. Elaboração: própria.

Através da **tabela 20**, vemos como as usinas diferiam em capacidade de processamento e, portanto, em área necessária de canaviais para que essa capacidade fosse realizada. A Cosan Centroeste, filial Jataí, era a de maior capacidade, seguida da usina “Água Emendada” e das filiais de Montividiu e de Paraúna, ainda no papel. Se vierem, de fato, a se instalar essas duas últimas usinas, a Cosan/Raízen entrará na disputa por terras “em dose tripla”.

Particularmente, as usinas de Montividiu e de Jataí estariam a uma distância de cerca de 35 km, uma da outra – e, principalmente onde os círculos se sobrepõem, o poder de conquista de terras pela Cosan aumentaria muito. A unidade de Paraúna, por

sua vez, estava a cerca de 74 km da unidade de Montividiu, e a cerca de 109 km da unidade de Jataí.

Segundo FELTRAN-BARBIERI (2009, p.162-3), com base em entrevistas com usineiros da região logo a oeste de Jataí, um dos motivos para formação de *clusters* de usinas controladas por uma mesma empresa está em que a concorrência pode ser mais facilmente vencida. Principalmente em áreas de sobreposição de círculos de abastecimento de usinas filiais – o que aconteceria especialmente entre as filiais de Jataí e de Montividiu da Cosan/Raízen – determinada empresa poderia exercer maior pressão para que se plantasse cana para abastecer suas usinas. Além disso, a empresa poderia destinar a cana colhida nessa área de sobreposição a uma ou a outra usina filial, de acordo com as necessidades.

A bem dizer, vimos que a Cosan já se havia apoderado de terras nas redondezas dessas duas outras usinas, mas, por conta de não ter havido a esperada implantação, muitas terras em Paraúna – mais distantes de Jataí – acabaram tendo outro uso que não o cultivo de cana. Não obstante, em julho de 2012, havia previsões de que a unidade de Paraúna entraria em operação em 2014 e a de Montividiu em 2015¹⁶⁰.

Em janeiro de 2013 a Cosan/Raízen já contava com 44.028 hectares plantados com cana para sua usina de Jataí¹⁶¹, dos 56 mil hectares que seriam necessários para realizar plenamente a capacidade de processamento da usina.

Para fins de comparação, a usina Santa Helena – a mais antiga de Goiás e que desde 1965 retomara sua moagem – na safra 2010/11 controlava cerca de 23.000 hectares de canaviais (FRANCO, 2012, p.63). Por sua vez, a usina Cosan/Jataí, apenas em sua segunda safra e ainda longe de atingir sua plena capacidade de processamento, em novembro de 2011 (safra 2011/12) já controlava 35.435 ha. Quando comparada à área de outras usinas, a diferença é ainda maior: a Usina Rio Verde Ltda. controlava 6.354 ha em setembro de 2011, a Energética Serranópolis Ltda. com 11.100 ha em março de 2012. (FRANCO, 2012)

Assim, graças a maiores capacidade de investimento e escala de produção maiores a Cosan conseguia facilmente superar as usinas concorrentes próximas, em matéria de conquista de terras.

No que concerne ao sucesso de implantação de usinas em Jataí, as outras três não vingaram, somente a Cosan/Jataí. De fato, em agosto de 2011 a SEPLAN-GO

¹⁶⁰ Essa era a estimativa da SEPLAN-GO (2012b).

¹⁶¹ B. A.: entrevista [jan. 2013]. Anotações de Julia Adão Bernardes.

divulgou uma tabela na qual já não mais constavam as usinas Sinimbú, Elcana, e Jataí como “em implantação” – como constavam na tabela divulgada no primeiro trimestre de 2010. (SEGPLAN-GO, 2012; 2012b)

A implantação dessas usinas vinha sendo sucessivamente postergada. Segundo matéria do jornal Valor Econômico, com a crise financeira que atingiu boa parte das usinas do setor sucroenergético, a partir do segundo semestre de 2008, os projetos *greenfield* da maioria das empresas que atuavam nesse setor foram “engavetados”.¹⁶²

Apesar de não implantarem suas usinas, pelo menos as companhias Cansanção do Sinimbu e Elcana Goiás já haviam tomado terras em arrendamento e plantado canaviais para quando suas usinas viessem a entrar em funcionamento.

Quanto à Sinimbu, em 2007, já se havia comprado cerca de 48 hectares de uma fazenda para construir a usina, no local indicado na **figura 19**. Em áreas contíguas a essa fazenda arrendou terras e em 2008 já plantara cerca de 800 hectares de cana, parte em Jataí e parte em Serranópolis. A primeira previsão era a de que as obras dessa usina tivessem início em agosto de 2008.¹⁶³

Em entrevista de maio de 2012, um gerente da Sinimbú disse que a Cosan havia assinado contrato de fornecimento com sua empresa, em vigência até 2014. A assinatura do contrato deve datar de fins de 2010, quando a Sinimbú passou a ser fornecedora de cana da Cosan.¹⁶⁴ A Cosan ficava responsável pelo serviço de CCT (corte, carregamento e transporte) da cana. Nessa mesma entrevista o gerente afirmou que a Sinimbú havia vendido seus 800 hectares, e que o novo proprietário assumiria o contrato com a Cosan. Por fim, ele assumiu que sua empresa havia desistido de construir sua usina em Jataí.

Em entrevista a SILVA (2011, p.142), esse mesmo gerente afirmou que, em fins de 2010 a empresa decidiu interromper a contratação das empreiteiras que dariam início às obras da usina no primeiro semestre de 2011, devido à aprovação da lei que instituía o Plano Diretor Rural de Jataí (PL nº 082/2010).

No que respeita à Elcana de Goiás, em fins de 2010 ou início de 2011, a empresa mantinha cerca de 850 hectares de cana no município, e já possuía licença de instalação para a sua usina. No entanto, a Elcana virou arrendadora de terra da Cosan, situação observada pelo menos desde janeiro de 2012. Segundo mapa já citado, de janeiro de

¹⁶² SCARAMUZZO, M. Concorrência por espaço em novo polo canavieiro em GO. **Valor Econômico**, 14 dez. 2009.

¹⁶³ COUTINHO, L. Alcool: futuro do combustível verde e dos lucros. **Folha do Sudoeste**, 23 nov. 2006, ed. 874;

Grupo Cansanção do Sinimbu. **Folha do Sudoeste**, 20 nov. 2007, ed. 896;

¹⁶⁴ Informação verbal: G. depoimento [mai. 2012]. Entrevistador: MOREIRA, L.

2011, a Elcana era arrendadora da Cosan em oito propriedades no sudeste de Jataí.¹⁶⁵ Ao que tudo indica, a Elcana também desistira de implantar sua usina em Jataí – talvez o Plano Diretor Rural de Jataí também tenha pesado nessa decisão.

Enfim, no que concerne à usina Usina de Açúcar e Álcool Jataí Ltda., uma sociedade do Grupo Cabrera – do ex. Ministro da Agricultura Antônio Cabrera – com a ADM (*Archer Daniel Midland*) uma série de indefinições entre os sócios – ADM e Cabrera – atravancava a implantação da usina em Jataí. De início, ADM e Cabrera planejavam um projeto *greenfield* que incluía não só a usina em Jataí, como uma usina em Limeira do Oeste (MG), e uma terceira em Itarumã (GO) – que fazia divisa com Limeira do Oeste. Houve indefinição entre qual dessas construir primeiro. Em dezembro de 2010 a ADM anunciou que venderia os 49% de ações relativas às usinas de Jataí e Limeira do Oeste, mas depois voltou atrás. Em seguida, em abril de 2011, Cabreira vendeu sua participação de 51% na sociedade.¹⁶⁶ Em abril de 2012 a ADM pôs à venda a única usina construída em parceria com Cabrera – a de Limeira do Oeste (MG), que iniciou o funcionamento na safra 2009/10.

Em março de 2013, a Usina de Açúcar e Álcool Jataí, embora com licença de instalação, e com incentivos contratados do PRODUZIR, também não saíra do papel.

Por outro lado, a usina da ETH Bioenergia S/A (controlada pela Odebrecht), chamada de “Água Emendada”, em Perolândia, entrou em funcionamento no final de 2011, com uma capacidade de processar 3,8 milhões de toneladas de cana ao ano – isto é, com uma escala de produção quase do mesmo nível da Cosan Jataí. Portanto esse usineiro, a ETH Bioenergia, com enorme capacidade de investimentos, teria capacidade de, em tese, por vezes levar vantagem na disputa por terras com a Cosan/Jataí. Vê-se na **figura 19** como o raio de 30 km da usina da ETH em Perolândia se sobrepõe ao raio de 50 km da usina Cosan/Jataí. Pela escala de produção da usina da ETH é de se esperar que essa empresa, se necessário for, busque controlar terras mesmo para além dos 30 km.

¹⁶⁵ Planta planimétrica fornecida por um diretor de uma transportadora de cana terceirizada pela Raízen/Jataí, no dia 29 mai. 2012.

¹⁶⁶BATISTA, F. Líder em etanol nos EUA, ADM coloca à venda usina no Brasil. **Valor Econômico**, 25 abr. 2012. Disponível em: <<https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/4/25/lider-em-etanol-nos-eua-adm-coloca-a-venda-usina-no-brasil/>>. Acesso em: 30 ago. 2012.

No entanto, se compararmos as **figuras 13 e 15**, veremos que, na safra 2012/13 a Cosan/Jataí era soberana dentro de seu círculo de abastecimento de 50 km. Em outras palavras, quase todos os canaviais dentro desse raio estavam em poder da Cosan, com exceção das áreas em Perolândia, ao que tudo indica controladas pela ETH.

A **figura 15**, no entanto, se baseia no projeto CANASAT, e é imperfeita. Segundo um mapa fornecido por uma das transportadoras de cana¹⁶⁷, em maio de 2012, a ETH, pelo menos desde janeiro de 2011 já controlava áreas de cana em Jataí. Vale dizer que o funcionamento da usina ETH/Perolândia havia iniciado recentemente, em fins de 2011, logo a empresa deveria estar em fase de formação de canaviais, de procura por terras.

Até março de 2013, diga-se de passagem, a ETH Bioenergia dirigia nove unidades de produção de açúcar e/ou etanol no Brasil. Dessas, sete estavam no Centro-Oeste, das quais três em Goiás. Das usinas em Goiás, além da “Água Emendada” em Perolândia, havia a usina “Morro Vermelho”, em Mineiros – a funcionar desde agosto de 2010, com capacidade de moer 3,8 milhões de ton. de cana por ano– e usina “Rio Claro”, em Caçú – a funcionar desde agosto de 2009, com capacidade de moer 4,5 milhões de ton. de cana por ano - Mineiros e Caçú são municípios limítrofes a Jataí, porém essas duas usinas se situam a mais bem mais de 50 km da usina Cosan/Jataí.¹⁶⁸

Portanto, a ETH conseguiu implantar suas três usinas no sudoeste de Goiás em anos consecutivos, enquanto a Cosan, pelo menos até março de 2013, só conseguira implantar uma – e postergava a implantação das duas outras.

Na lista divulgada pela SEPLAN em julho de 2012 (*op.cit*), era provável a implantação de duas usinas em Rio Verde - Rio Verde Álcool e Açúcar Ltda. e Usina Ouroana Ltda. – com início de operações previsto para 2015. Isso poderia implicar disputas por terras com a Cosan, haja visto que não só a unidade de Jataí controlava boa parte de seus canaviais em Rio Verde, como também as futuras unidades de Paraúna (de provável funcionamento em 2014) e de Montividiu (de provável funcionamento em 2015) poderiam disputar terras em Rio Verde (ver **figura 19**).

Vale lembrar que, como vimos no tópico anterior, a Cosan foi responsável pela maior parte da expansão de canaviais em Jataí e em Rio Verde entre as safras 2008/9 e 2012/13. Para realizar a plena capacidade da usina seriam necessários 56 mil hectares de

¹⁶⁷ Planta planimétrica fornecida por um diretor de uma transportadora de cana terceirizada pela Raízen/Jataí, no dia 29 mai. 2012.

¹⁶⁸ Disponível em: < <http://www.odebrechtagroindustrial.com/polos-e-unidades>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

cana. Em janeiro de 2013 já se havia atingido a marca de 44.028 hectares. No entanto, mesmo quando atingir aos 56 mil hectares – como o ciclo da cultura da cana dura 5 ou 6 anos e os contratos (de arrendamento e de fornecimento) duram, em geral, 1 ou 2 ciclos – a Cosan, de tempos em tempos necessariamente devera ou renovar contratos com alçada para a mesma área ou assinar outros contratos com alçadas para novas áreas onde se plantará cana para a usina.

E essa disputa pode se agravar se a Cosan investir em reformas de ampliação da usina em Jataí (investimento *brownfield*) – a duplicação da capacidade de processamento, como vimos, é seriamente considerada.

Se considerarmos tudo o que foi dito nesse tópico e no anterior, o potencial de disputa por terras para o plantio de cana entre a Cosan/Jataí e outros agentes da economia de Jataí e vizinhança varia em função dos seguintes fatores – não necessariamente os únicos, nem necessariamente nessa ordem:

- a) Distância *real* da usina: é a distância que um caminhão cargueiro de cana precisa percorrer por estradas indo e voltando da usina Jataí para o canavial. Essa distância é sempre maior do que a distância *em linha reta* entre a usina e o local de colheita. Quanto menor essa distância, maior o potencial de disputa pela terra.
- b) Uso anterior do solo: o tipo de cultivos das áreas a serem substituídas por cana está diretamente relacionado à fertilidade do solo, à declividade do terreno, e às condições de acesso aos locais de plantio e colheita. Quanto melhores essas condições, maior o potencial de disputa pela terra.
- c) Capacidade de investimento e escala de produção das usinas concorrentes próximas: quanto maior essa capacidade, maior o potencial de disputa pela terra.
- d) Plano Diretor Rural de Jataí: essa norma claramente favorece a conquista de terras em Jataí pela Cosan, em detrimento de outros usineiros;

Não obstante todos esses fatores para disputas entre os usineiros, é possível também tirar vantagem da proximidade com usinas concorrentes. A concentração de usinas pode atrair algumas firmas que oferecem bens e serviços de aproveitamento comum entre as usinas, como firmas transportadoras de cana, firmas de manutenção de equipamentos específicos, revendedoras de insumos específicos, empresas de locação de veículos e de equipamentos, etc. Além do mais, a formação de profissionais especializados em tarefas exigidas na produção de açúcar e álcool pode ser estimulada na própria região.

Contudo, o maior proveito que os usineiros concorrentes podem tirar de uma situação de aglomeração de usinas talvez decorra de que esse ajuntamento pode justificar a extensão de um ramal de um “etanolduto” até a região dessas usinas próximas. Segundo um estudo, para que seja compensador para certa empresa e para as instituições de financiamento – em termos de custo/benefício – construir um ramal de “etanolduto” até certa região, seria necessário que um grupo de usinas produzissem juntas, pelo menos 2,55 bilhões de litros de etanol ao ano – isto é 15 usinas que produzissem, em média, 170 milhões de litros de etanol ao ano (CGEE,2009, p.187).

Em abril de 2007 já dizia o presidente do Sindicato Rural de Jataí:

O alcoolduto virá até o município de Senador Canedo, que é longe de Jataí; porém a Cosan afirmou que há grande probabilidade de o duto ser estendido devido ao grande número de usinas sendo construídas por aqui¹⁶⁹.

Com efeito, previa-se a extensão do “alcoolduto” da Logum até Jataí, onde a ser concluída em 2015 – provavelmente muito por conta da própria Raízen, uma das acionistas da Logum. O duto reduziria os custos de transporte de etanol até os centros de consumo.

Já em fevereiro de 2012, quando da inauguração solene da “Fundação Raízen” em Jataí, o governador de Goiás anunciou que entrara recentemente em contato com a “cúpula” da Raízen a fim de retomar o projeto desse “alcoolduto”, que viria de Paulínia (SP) até Jataí – e, posteriormente, se estenderia um ramal até Senador Canedo (GO). Por parte do governo de Goiás, esse empreendimento contaria com um investimento de R\$1,5 a R\$ 2 bilhões – sob a forma de benefícios fiscais.¹⁷⁰

Por outro lado, uma vez instalado o duto, a região poderia se tornar ainda mais atrativa aos usineiros. Assim, a disputa por terras seria potencialmente maior.

Da leitura do **tópico 5.6.2.** conclui-se que a Cosan/Raízen tem levado vantagem na disputa por terras com outros usineiros da região, basicamente graças a alta capacidade de investimentos da empresa. Assim, a Cosan/Raízen conseguiu construir sua usina em Jataí ao passo que três outros projetos de usinas concorrentes no município não saíram do papel. No entanto, a implantação dos outros dois outros módulos do

¹⁶⁹ SILVEIRA, L. Goiás atrai 12 novos projetos no etanol. **Diário Comércio Indústria & Serviços**, 11 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.dci.com.br/servicos/goias-atrai-12-novos-projetos-no-etanol-id106111.html>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

¹⁷⁰ COUTINHO, L. Inaugurada unidade da Fundação Raízen em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 13-19 fev. 2012. Cidade/Geral. A-6. Disponível em: <http://folhadosudoeste.jor.br/edicao_digital/anteriores/1006---pag-6.gif>. Acesso em: 1º mar. 2012.

projeto inicial da Cosan Centroeste – o de Montividiu e o de Paraúna – vinha sendo postergada – um indício de que a Cosan defrontou-se com uma situação menos favorável do que esperava para realização desse projeto.

5.7. A construção de uma imagem

Para que as ações da Cosan/Raízen no território que conquistou em torno de sua usina de etanol em Jataí fossem bem aceitas, foi necessário criar uma imagem favorável da empresa diante das parcelas da sociedade que podiam sofrer algum impacto das ações da Cosan nos circuitos associados àquela usina. Por estarem sob o risco de sofrerem impactos – positivos ou negativos –, essas parcelas têm algum interesse ou alguma expectativa relativamente a essas ações. Essas parcelas constituem os chamados *stakeholders*, de que são exemplos a comunidade de Jataí e Vizinhança, o governo – municipal, estadual e federal –, os sindicatos rurais e de classe em diversas escalas, os acionistas da Cosan, os clientes e consumidores dos produtos e serviços relacionados à usina, os proprietários de terra da região, os produtores e empresários agrícolas da região, os analistas de mercado, os funcionários da usina.



Figura 20: Outdoor com slogan da Cosan, próximo à usina em Jataí, na época da implantação.

Fonte: Radar Industrial¹⁷¹

Antes do início das obras da usina (março de 2008), em 30 de janeiro de 2008, um agente da Cosan pronunciou um discurso no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) de

¹⁷¹ Cosan constrói nova adutora em Goiás. **Radar Industrial**, 28 ago. 2008. Indústria. Disponível em: <www.radarindustrial.com.br/noticia/cosan-constrói-nova-adutora-em-goias-.aspx>. Acesso em: 19 out. 2011.

Jataí, em um encontro promovido pela Rádio Difusora AM de Jataí. Outro orador, o presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Jataí (AEAJA), teve a chance de fazer face ao discurso do porta-voz da Cosan.¹⁷²

Discutia-se ali, essencialmente, os prejuízos ou benefícios que os canaviais necessários à produção da usina poderiam trazer para os produtores agrícolas e proprietários de terras de Jataí.

Para a Cosan, aquele era o momento de convencer o público dos benefícios que a empresa traria para Jataí e vizinhança. Na platéia, estavam presentes produtores agrícolas, representantes das empresas de produtos agrícolas, estudantes de agronomia e o então presidente do Sindicato Rural de Jataí. (*ibidem*)

Em certo momento, o porta-voz da Cosan afirmou:

[...] a diversificação de culturas onde tem a monocultura de soja e de milho, como a região de Jataí, é muito benéfica. Todos nós temos que ter em mente que a gente nunca deve colocar todos os ovos numa mesma cesta. A vinda da Cosan e de outras unidades aqui pra Jataí vai permitir que todos os agricultores possam tomar sua decisão e optar pela cultura que seja mais rentável pra ele. (*ibidem*)

O presidente da AEAJA, depois, contrapôs:

[...] se entrar uma cultura só, como a cana-de-açúcar, nós vamos destruir as indústrias que já estão instaladas aqui, como a Perdigão, Comigo, Cargill, Coinbra, Selecta e várias outras. São muitas as indústrias que vivem do agronegócio em nossa região. [...] E a cultura da cana é extremamente concentradora de renda e leva todos os nossos recursos embora, terceiriza todos os serviços para pessoas que não são da nossa região e nós ficamos com os ônus. (*ibidem*)

Por um lado, o representante da Cosan dizia que a vinda do setor sucroenergético para Jataí promoveria uma *diversificação* de cultivos, e por outro o representante da AEAJA dizia que essa vinda acabaria com a *diversidade* de indústrias e cultivos no município.

Vê-se, assim, que a Cosan precisaria vencer resistências impostas por agentes da economia do complexo de produção e transformação de carnes e grãos, predominantes na região.

No seu empenho para construir uma boa imagem, a Cosan desde o início contou com o franco apoio de agentes do governo. Já em 9 de outubro de 2007, por exemplo,

¹⁷² CTG sedia debate sobre grãos e cana. **Jornal da Cidade de Jataí**, 1º fev. 2008. Campo. Disponível em: <<http://www.jornaldacidadejatai.com/index.php?CodPagina=32&CodBloco=18&CodConteudo=399>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

durante a audiência de entrega da licença de instalação da usina, o então prefeito de Jataí disse:

Fui conhecer a potência industrial que é o Grupo Cosan e voltei impressionado com a organização da empresa e com os cuidados que ela tem com a parte social de seus funcionários e a preocupação ambiental onde está instalada. Vai ser muito importante a vinda dela para nosso município.¹⁷³

Discursos de elogio à Cosan – pela voz de agentes do governo ou da empresa - se repetiram nas diversas cerimônias que trouxeram a público as etapas de implantação da usina, a saber, no lançamento da “pedra fundamental” – em 7 de agosto de 2008 –, no evento para comunicar publicamente o “pré-funcionamento” da usina – em 26 de novembro de 2009 – e na inauguração oficial – em 27 de maio de 2010. (ver **tópico 5.2**)

Durante o evento de comunicado do pré-funcionamento da usina, o então presidente da *Cosan Açúcar e Alcool* declarou:

É um sonho que tínhamos e que se tornou realidade; um sonho que só nós não conseguiríamos fazer, mas com vocês, nossos parceiros, que vão contribuir muito para a evolução desta cidade, do Estado, da Cosan e deste País. Neste empreendimento, pudemos contar com os mais modernos equipamentos e técnicas industriais do mercado, além de parceiros estratégicos que garantirão a excelência exigida pela empresa em todas as suas atividades. Com certeza, vocês vão conhecer a usina mais moderna do Brasil e do mundo; não tem nada a ver com as usinas que vocês já conheceram no passado, totalmente voltada para a sustentabilidade e gestão preocupada com o meio ambiente e também com o social.¹⁷⁴

Um pouco depois, no decorrer da cerimônia oficial de inauguração, o presidente do Conselho de Administração da Cosan elogiou as virtudes técnicas da usina, seus equipamentos de última geração, além de afirmar como a usina beneficiaria a região:

"A chegada da Cosan no Centro-Oeste contribuirá para acelerar o processo de desenvolvimento de Goiás, aumentando a geração de emprego e renda, priorizando a contratação de mão-de-obra local. A empresa utilizará nesta unidade a mais moderna tecnologia disponível empregada no campo e no processo industrial".¹⁷⁵

¹⁷³ COUTINHO, L. Cosan recebe licença ambiental. **Folha do Sudoeste**, 9 de out., 2007. Ed. 893, Geral, p. A-3.

¹⁷⁴ COUTINHO, L. Cosan promove visita monitorada à Usina de Jataí. **Folha do Sudoeste**, 30 nov. 2009.

¹⁷⁵ Cosan inaugura usina de etanol em Jataí-GO. **Estadão.com.br.**, 27 de maio de 2010. Economia, Negócios. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/neg%C3%B3cios,cosan-inaugura-usina-de-etanol-em-jatai-go,20322,0.htm>>. Acesso em 30 jun. 2012.

Na mesma ocasião, o prefeito de Jataí disse: “[...] esse casamento da família Cosan com a família jataíense vai ser para sempre”¹⁷⁶. Por sua vez, o governador de Goiás afirmou:

“A planta que visitamos por si só já fala o que ela representa para Jataí, para Goiás e para o Brasil. Esta é a maior e mais moderna planta industrial do gênero do mundo e vai gerar empregos e divisas” (*ibidem*)

Portanto, os representantes do poder executivo de Goiás se referiam ao empreendimento da Cosan em Jataí com entusiasmo e lhe demonstravam todo o seu apoio.

A fala dos representantes da Cosan/Raízen, e de seus aliados, era parte de um discurso *global* de promoção Cosan S.A. e da Cosan Açúcar e Álcool – e, a partir de 2011, de um discurso global de promoção Raízen. Como pano de fundo desses discursos estava a defesa do “desenvolvimento”, da “sustentabilidade” e da “responsabilidade social”. A Cosan hasteava essas “bandeiras” em diversos meios de comunicação como se pode observar em alguns sites oficiais¹⁷⁷.

Lia-se no “Relatório de Sustentabilidade Raízen (2011-12)”, dirigido a seus *stakeholders*:

O objetivo deste relatório é apresentar aos clientes, funcionários, fornecedores e acionistas da Raízen, bem como aos representantes de governos, moradores das comunidades no entorno de suas instalações e da sociedade em geral, um panorama sobre as atividades e a forma sustentável com que são desenvolvidas pela Empresa.¹⁷⁸

No vídeo institucional da Raízen algumas sentenças são exemplos de como a empresa procurava criar uma boa imagem:

“Somos *verdes e sustentáveis* em todo o processo, da plantação à distribuição” [...]
 “Nós somos *brasileiros*, mas seremos reconhecidos no mundo todo pela nossa energia sustentável, pelo nosso talento e pelo nosso investimento em tecnologia” [...]
 “Nós somos a Raízen, nossa energia gera um *futuro melhor*.”¹⁷⁹ (*grifos meus*)

Com essa intenção, o etanol aparece como um trunfo para a companhia, pois é produzido de uma matéria-prima renovável – a cana-de-açúcar. Em 15 de junho de 2011, num evento promovido pela Cosan/Jataí denominado “Dia de Campo – Colheita Mecanizada da Cana-de-Açúcar”, um porta-voz da Cosan disse: “não faz sentido uma

¹⁷⁶ COUTINHO, L. Cosan Inaugura Usina de Jataí. **Folha do Sudoeste**, 15-31 mai. 2010.

¹⁷⁷ Para confirmar, basta uma rápida consulta em: <<http://www.cosan.com.br/Cosan>>; <<http://ri.cosan.com.br/>>; e <<http://www.raizen.com.br/>>;

¹⁷⁸ Disponível em: <<http://www.raizen.com.br/pt-br/a-raizen/relatorio-de-sustentabilidade>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

¹⁷⁹ Disponível em: <<http://pt.raizen.com.br/a-raizen>> Acesso em: 30 ago. 2013.

produtora de combustível renovável agredir o meio ambiente”¹⁸⁰. Estavam presentes produtores da região associados à APMP e a imprensa.

A Cosan/Raízen se valeu da imprensa da região para publicar anúncios de promoção da boa imagem da empresa. Na página seguinte apresento dois exemplos desses anúncios.

O primeiro desses anúncios associava a presença da Raízen à história de Jataí, quando esse município havia completado 117 anos de sua emancipação política. Lê-se: “[...] buscamos soluções inovadoras em energia sustentável para gerar um futuro melhor para o Brasil e para Jataí. Afinal, esta é a cidade que tão bem nos acolheu”.¹⁸¹

Logo abaixo, no segundo anúncio, lia-se: “[...] em apenas um ano de existência, já somos uma das cinco empresas privadas no país em faturamento, produzindo e distribuindo etanol, açúcar e energia elétrica”.¹⁸²



Figura 21: Propagandas da Raízen publicadas na Folha do Sudoeste, em 28 mai. 2012, e em 22 out. 2012 (da esquerda para a direita)

Fonte: Folha do Sudoeste

Outro trunfo para a Cosan/Raízen criar uma boa imagem na região de Jataí e vizinhança foi a “Fundação Cosan” – que em 2011 viria a ser renomeada “Fundação Raízen”. A cerimônia de lançamento da “pedra fundamental” da Fundação em Jataí aconteceu em 3 de dezembro de 2010. Estiveram presentes no local da obra diversos executivos da Cosan, o prefeito de Jataí, nove dos dez vereadores da Câmara de Jataí,

¹⁸⁰ COUTINHO, L. Raízen e a colheita mecanizada. **Folha do Sudoeste**, 07 jul. 2011. Ed. 975, Agrofolha, A-7.

¹⁸¹ **Folha do Sudoeste**, 28 mai. -3 jun. 2013. Ed. 1017, AgroFOLHA, A-7. Disponível em: <http://folhadosudoeste.jor.br/edicao_digital/anteriores/1017---pag-7.gif>. Acesso em: 15 jan. 2013

¹⁸² **Folha do Sudoeste**, 22-28 out. 2012. Ed. 1037, AgroFOLHA, A-8. Disponível em: <http://folhadosudoeste.jor.br/edicao_digital/anteriores/edicao1037.html>. Acesso em: 15 jan. 2013

secretários, e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas. Nessa ocasião o então presidente da Cosan Açúcar Álcool e Energia, declarou os motivos para construir ali a Fundação:

Quando a gente veio aqui em 2007 com o projeto para implantar esta usina, foi basicamente a receptividade das pessoas, foi o carinho que o povo de Jataí teve conosco, por isso foi a escolha para que implantássemos esta Unidade [a usina] em Jataí. [...] E um dos pilares da nossa empresa é o respeito social, a valorização do ser humano. Esse núcleo que estamos fazendo aqui da Fundação Cosan, juntamente com vocês, é para retribuir uma pouco desse carinho que a população teve para conosco.¹⁸³

A Fundação Raízen foi inaugurada solenemente em 9 de fevereiro de 2012. Compareceram à inauguração o vice-presidente de Desenvolvimento Sustentável e Relações Externas da Raízen, a gerente de Responsabilidade Social da Raízen, o gerente principal da Cosan/Raízen em Jataí, o governador de Goiás, secretários municipais, deputados federais, o prefeito e o vice-prefeito de Jataí, vereadores, membros da polícia e dos bombeiros, presidentes de sindicatos e associações, membros do Ministério Público, entre outros. Notícias sobre essa solenidade apareceram em jornais de todo o Brasil.¹⁸⁴

O núcleo de Jataí seria o primeiro “braço de responsabilidade social” da Raízen fora do estado de São Paulo. A Fundação Cosan fora criada em 2002 para atender aos filhos de funcionários da companhia, mas depois seus benefícios foram abertos à comunidade. (*ibidem*)

Durante a inauguração, o vice-presidente de Desenvolvimento Sustentável e Relações Externas da Raízen elogiou muitíssimo a iniciativa de construir aquela unidade da Fundação em Jataí:

Com muito orgulho e emocionado vejo que estamos num dia de um marco histórico para esta Companhia e para esta comunidade onde estamos, porque o nosso próprio compromisso é gerar sinergia para um mundo melhor e eu não consigo ver um mundo melhor sem educar, contribuir para que as próximas gerações possam realmente continuar construindo este Brasil maior, este Estado tão importante e contribuir, não só para o setor sucroenergético, mas para o País. É com educação, é com formação, que a gente continua a progredir, a criar gerações cada vez mais bem preparadas para construir um Brasil sustentável. [...] parabéns a todos que aqui trabalharam, que aqui construíram, que aqui derramaram o seu suor, que aqui semearam uma semente, que hoje começa a brotar, de uma escola que eu tenho certeza, vai fazer a diferença na formação de jovens, não só para esta comunidade onde esta companhia está presente, mas para o País (*ibidem*)

¹⁸³ Fundação Cosan em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 15 dez. 2010. Ed. 963

¹⁸⁴ COUTINHO, L. Inaugurada unidade da Fundação Raízen em Jataí. **Folha do Sudoeste**, 13-19 fev. 2012. Cidade/Geral. A-6. Disponível em: <http://folhadosudoeste.jor.br/edicao_digital/antiores/1006---pag-6.gif>. Acesso em: 1º mar. 2012.

Em seguida, foi a vez do prefeito de Jataí afirmar:

[...] a Prefeitura de Jataí é parceira de primeira hora, no mandato anterior e neste também [...] [a Cosan/Raízen] é uma empresa diferenciada, porque está em paz com a nossa comunidade e com as lideranças dos produtores de grãos. (*ibidem*)

Por fim, o governador de Goiás completou:

É uma empresa que nos orgulha, porque é a maior do mundo na produção de energia limpa, preocupada com a sustentabilidade ambiental e isso faz parte dos seus princípios; produzir energia limpa, etanol e açúcar para o Brasil e para o mundo; que gera empregos e que se preocupa também com a responsabilidade social. Todos nós temos que aplaudir iniciativas como essa. (*ibidem*)

Para implantar a Fundação em Jataí, a Cosan contou com o financiamento de R\$ 2 milhões do BNDES. Segundo entrevista direta com um representante da Fundação Raízen/Jataí, a unidade foi instalada no bairro de Colméia Parque, uma “região carente” – com renda per/capta de R\$ 400 – de Jataí. O prefeito havia assinado com a Cosan, em dezembro de 2010, um termo de concessão de uso por 30 anos daquele espaço para que fossem ministrados cursos na Fundação – para jovens de 14 a 30 anos; para a formação “semi-profissionalizante”, a idade mínima deveria ser de 17 anos.¹⁸⁵

A companhia contrataria uma instituição – p.ex. o SENAC ou o SENAI – para ministrar cursos como o de auxiliar administrativo (180 horas) e o de auxiliar de operações logísticas (180 horas). Os cursos seriam ministrados de acordo com a procura, e a duração padrão seria de 200 horas. Cerca de 400 alunos deveriam ser contemplados quando os cursos estivessem estabelecidos. (*ibidem*)

Em maio de 2012, havia 3 empregados na unidade da Raízen, oriundos da Fundação Raízen. No entanto, a formação não seria exclusivamente voltada para trabalhos nessa empresa, mas em outras também. (*ibidem*)

A Fundação promoveria, ainda, uma série de “campanhas comunitárias” ou “projetos sociais” junto à comunidade, como os projetos “Noel Amigo”, “Educar para Sustentabilidade”, “Refletir e Agir”, “Papo Aberto”, entre outros. (*ibidem*)

Todas essas iniciativas da área de *responsabilidade social* contribuía para criar uma boa imagem da Cosan/Raízen, a companhia adquiria uma espécie de “cidadania”.

Graças à construção dessa boa imagem da companhia, a Cosan/Raízen recebeu *certificados* que lhe “abriram portas” de mercados internacionais. Em 12 de março de

¹⁸⁵ Informação verbal: A.C. depoimento [mai. 2012]. Entrevistador: MOREIRA, L.

2012, um mês antes do início da colheita da safra 2012/3, 132 milhões de litros de etanol – relativos à safra 2011/12 – produzidos na usina de Jataí receberam o selo *Bonsucro*, que permitia à empresa exportar etanol para os países da União Europeia, pelas três safras seguintes – com direito a posterior renovação do contrato de certificação (REVISTA RAÍZEN, 2012b, p.18). O gerente de Segurança, Saúde, Meio Ambiente e Certificações da Raízen então afirmou:

O padrão Bonsucro é um importante reconhecimento do nosso compromisso com a sustentabilidade em nossas operações, agregando mais valor aos nossos produtos, e impulsionando a liderança da Raízen no mercado de biocombustíveis e açúcar no Brasil e no mundo¹⁸⁶

Antes disso, a usina recebera outros dois registros que abriam algumas portas de mercados nos EUA, a saber, o registro na *Environmental Protection Agency* (EPA) dos EUA e no *California Air Resources Board* (CARB). Tais registros permitiam que o etanol produzido na usina fosse exportado para os EUA, e até mesmo para a Califórnia – estado dos EUA reconhecido por seguir rígidas normas em relação à exploração do meio ambiente. (*ibidem*)

Vale mencionar, também, que a unidade de Jataí recebeu, em 12 de junho de 2012, o selo de “empresa compromissada” no contexto do “Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar”. Segundo a Secretaria Geral da Presidência da República, esse “compromisso” teria sido um acordo firmado em junho de 2009, entre o governo federal, empresas do setor, e entidades de representação dos trabalhadores, e certificaria que a empresa oferece boas condições de trabalho aos cortadores de cana.¹⁸⁷ A lista de empresas que receberam o selo é uma espécie de “lista limpa”, em oposição à “lista suja” do MTE (ver **tópico 5.2.**).

Toda essa imagem favorável teve importância para que a Cosan/Raízen conseguisse – na implantação e no início do funcionamento de sua usina em Jataí – a aceitação e a confiança dos respectivos *stakeholders*. E pudesse mais facilmente conquistar um território em torno dessa usina.

Por essa perspectiva, a construção dessa imagem consistiu em uma estratégia para controle desse território – em um territorialismo. Ao mesmo tempo, essa estratégia

¹⁸⁶Raízen conquista selo internacional de sustentabilidade em Jataí. **Canal Bioenergia**, 12 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.canalbioenergia.com.br/noticia.php?idNoticia=15091>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

¹⁸⁷ Secretaria Geral da Presidência da República. **Compromisso Nacional Para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar**. Disponível em: <<http://www.secretariageral.gov.br/compromissocana/noticias-e-imagens>>. Acesso em: 4 nov. 2012.

contribuiu para a ligação das duas etapas – canaviais-usina – dos circuitos do etanol produzido naquela usina com os mercados de consumo no exterior – e, por conseguinte, favoreceu a distribuição desse etanol desde a usina até os mercados. Essa ligação era imprescindível para que o circuito acontecesse, pois não haveria sentido algum em produzir etanol sem garantir que seria comprado nos mercados de consumo. A noção de circuito de mercadoria indica, justamente, que as etapas de produção, distribuição e troca estão conectadas, e que dependem umas das outras para que se atinja o objetivo último de venda do produto ao consumidor final.

Portanto, os circuitos entre os canaviais e a usina em Jataí – que configuram um território em rede – dependem de suas etapas seguintes – a distribuição e a troca. E o territorialismo que se fazia sentir em Jataí e vizinhança era parte de uma estratégia maior da Cosan/Raízen, estratégia que englobava todas as etapas desses circuitos, e que era responsável por captar os sinais emitidos pelos mercados, os verdadeiros reguladores de todo esse processo de implantação e de início de funcionamento da usina.

5.8. A Gestão do Território

Vimos como a Cosan/Jataí administrava sua usina como o elo mais forte e central nos circuitos canaviais-usina. Em torno da usina, em uma zona de influência de mais de 50 km de raio, encontravam-se diversos canaviais controlados e articulados à usina por força do usineiro – da Cosan/Raízen.

A usina representa, na escala local, o “cérebro” do circuito de etanol nela produzido e armazenado.

Nela, concentram-se os escritórios em que ficam os empregados mais especializados, encarregados de trabalhos relacionados a diversas disciplinas de engenharia, recursos humanos, administração, contabilidade, informática, direito etc. (CAMELINI, 2011, p.15)

Na usina se situava a central de controle das etapas agrícola e industrial do circuito que se realizava na região de Jataí e vizinhança. Todas as operações que envolviam o funcionamento “automático” dos equipamentos da indústria eram controladas por computadores em algum centro dentro do parque da usina. O destino e o momento do transporte terceirizado de cana desde as lavouras também era definido da

usina. Da usina, se monitorava os canaviais via imagens de satélite atreladas a um Sistema de Informações Geográficas (SIG). Um *software* permitia que se registrassem estatísticas precisas sobre focos de pragas, idade dos canaviais, espaçamento entre colmos, variedades de cana, pH do solo, temperatura, pluviometria, declividade, etc. Assim, a empresa poderia gerir com eficiência os canaviais tanto em terras de arrendamento quanto nas de fornecimento, e reduzir seus custos de produção. (COSAN LIMITED, 2010, p.60 e COSAN, 2008b, p. 60)

O planejamento da atividade agrícola é particularmente crítico dentro do processo produtivo, já que determina a área líquida disponível, descontadas áreas de preservação permanente e reservas legais, linhas de alta tensão, estradas e outras restrições, a quantidade de plantas por metro quadrado, a fertilidade, o número de manobras dos equipamentos de colheita etc. Por esta razão, o departamento agrícola existente nas usinas dispõe de uma equipe de topógrafos e engenheiros cartográficos responsáveis pela chamada sistematização, na qual são projetados os parcelamentos da terra em talhões, que deverão possuir condições homogêneas de solo e variedade da planta. Também são planejados os eixos das linhas de cana, seus espaçamentos, tubulações para condução de vinhaça até tanques de armazenamento, carregadores para circulação de equipamentos como colhedoras, tratores, transbordos e treminhões, entre outros cuidados essenciais para a obtenção da maior produtividade possível [...]. (CAMELINI, 2011, p.15)

Segundo Camellini (2012, p.208-9), os usineiros que incorporam as modernas inovações nas tecnologias relativas às etapas de CCT (Corte, Carregamento e Transporte) da cana atingem um planejamento e uma gestão altamente eficientes nessas etapas. No que concerne à abertura de sulcos e no plantio de cana determina-se em escritório a melhor configuração para a circulação das máquinas nos talhões, para diminuir ao máximo o número de manobras, as perdas de combustíveis, o pisoteio da cana, o desgaste dos veículos. No que concerne à colheita e ao carregamento dos veículos de transbordo os movimentos também são finamente calculados para sintonizar a colheita com o transporte da cana. A aplicação de pesticidas pode ser planejada em escritórios e executadas automaticamente por veículos que dosam a aplicação de acordo com mapas de prescrições. Por fim também se lança mão de um SIG através do qual se configura um modelo topológico que permite classificar a malha de estradas segundo a qualidade de cada trecho e às distâncias percorridas até o centro de processamento (a usina).

Assim, é possível um fino controle das operações relativas aos circuitos canaviais-usina.

No entanto, se deve levar em conta centros de comando mais distantes, situados em São Paulo (SP) e Piracicaba (SP) que determinam diretrizes a serem seguidas pela usina em Jataí. Esses centros são hierarquicamente superiores à central de planejamento e gestão instalada no parque da usina. Tais centros articulam a produção nos circuitos lavouras-usina às exigências dos mercados nacional e internacional. (**figura 22**)

De São Paulo partem as diretrizes, metas e padrões que devem ser seguidos pelas demais unidades, bem como a força de trabalho qualificada, necessária inicialmente para assegurar o enquadramento nos atuais parâmetros produtivos (CAMELINI, 2011, p.15).

Portanto, a central situada na usina geria e monitorava os canaviais em torno – em função das necessidades da produção na usina. Essa central, por sua vez, se subordinava a escritórios de administração em São Paulo (SP) e em Piracicaba (SP) – no contexto maior de gestão e planejamento do setor de EAB da Cosan – que desde 2011 era também controlado pela Shell, através da Raízen Energia.

Assim, as centrais de administração – de gestão e de planejamento – definiam metas para a produção nos canaviais e na usina, e eram responsáveis por comandar a *costura* das relações de poder necessárias à conquista de um território em rede em torno da usina em Jataí – desde o projeto da usina até os primeiros anos de seu funcionamento.

Graças a toda essa teia de relações de poder, os circuitos canaviais-usina configuravam um verdadeiro território em rede, com a usina no centro. Entre a usina e os canaviais estavam as estradas, que permitiam o transporte de cana para a usina. Essas “linhas” – as estradas – também deveriam ser conquistadas – porém de maneira menos exclusiva – para haver a maior eficiência possível nesse transporte e para que o território em rede funcionasse bem. Além dos fluxos *materiais* de cana entre a usina e os canaviais, da usina partiam ordens – fluxos *imateriais* – que definiam como seriam as fases de plantio, de manejo e de CCT de cana. Fluxos materiais e imateriais, pois, ligavam a usina aos canaviais.

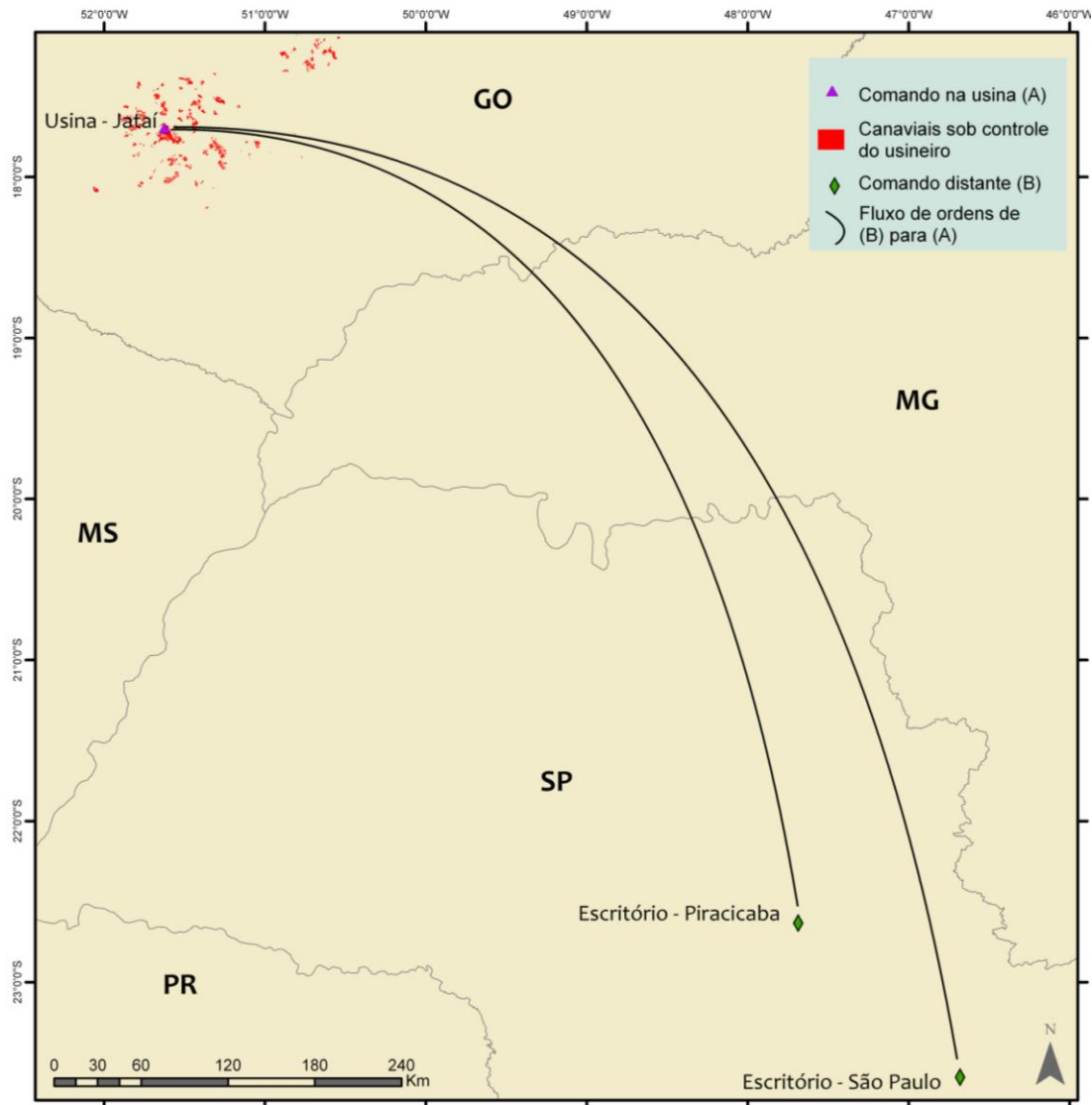


Figura 22: Centros de comando do território em torno da usina em Jataí, sob controle da Cosan/Raízen.

Fonte: IBGE; Raízen (sítio eletrônico). Elaboração: própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir apresento uma *síntese* do que de mais importante pude observar e concluir de tudo o que escrevi ao longo desta dissertação. E, ainda, algumas indicações de pesquisa que considero valiosas e complementares a essa minha dissertação.

As corporações, orientadas pelos sinais de mercado, são supremas no setor sucroenergético, isto é, definem os rumos do funcionamento e da expansão – estão investidas do maior poder de decisão. E dentre as corporações, a Cosan é preponderante.

A Cosan surgiu no contexto de acumulação de capitais pela família Ometto – com origens no fim do século XIX, início do XX. Aos poucos, certos clãs dessa família vieram instituindo e administrando sociedades de empresas, principalmente no ramo de produção de açúcar e de álcool. Em fevereiro de 2000, foi oficialmente instituída a Cosan S.A. Indústria e Comércio – uma *holding company* responsável por controlar as empresas que administravam as usinas do clã Pedro Ometto no setor.

Rapidamente, novas empresas foram sendo compradas ou criadas pela corporação Cosan. Duas aberturas de capital, em 2005 e em 2007 – uma na bolsa de valores de São Paulo e outra na de Nova Iorque – aumentaram a captação de investimentos pela Cosan. A seguir, sobretudo a partir de 2008, a Cosan investiu em uma enorme diversificação de sua oferta de produtos e de serviços, pois passou a controlar companhias em outros ramos econômicos – que não o sucroenergético. Assim, no início de 2013, a Cosan constituía-se em um enorme conglomerado de empresas. Em virtude de toda essa diversificação, a capacidade de investimentos – por conta do grande aumento de receitas e de lucros – cresceu exponencialmente.

Em julho de 2011, por ocasião da criação das *joint venture* Raízen Energia, a Shell¹⁸⁸ entrou como parceira da Cosan na produção e venda de açúcar, etanol e energia elétrica. Por conseguinte, a capacidade de investimentos da Cosan no setor cresceu ainda mais.

Ao longo de toda essa história no setor sucroalcooleiro – que virou sucroenergético –, à medida que a capacidade de investimentos da Cosan/Raízen aumentava, aumentava também o poder de disposição da empresa sobre os recursos materiais, e, no mesmo passo, aumentavam o número de usinas e a extensão dos territórios controlados pela empresa. Esse controle, ou essa administração, por sua vez,

¹⁸⁸ Segundo lista divulgada pela CNN Money (revista Fortune), a Royal Dutch Shell era a corporação com as maiores receitas financeiras em todo o mundo. Disponível em: <http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2012/full_list/>. Acesso em: 30 jul. 2012.

permitiu a reprodução do capital da empresa e, portanto, a manutenção e a expansão de seus meios de produção de serviços e produtos.

A Cosan passou, também, a participar nas decisões de instâncias de regulação do setor sucroenergético como um todo, e também nas de centros de tecnologia a serviço do setor.

Foi em meio a esse contexto de ampliação de recursos à disposição da Cosan/Raízen – para que a empresa atingisse suas metas – que se deram a implantação da usina em Jataí e seus primeiros anos de funcionamento. Com enorme capacidade de investimento, a Cosan/Raízen garantiu para si um enorme poder de disposição sobre recursos para o plantio de cana e a construção da usina. E o governo aumentou em muito essa capacidade, ao ceder incentivos fiscais.

Vale dizer, também, que a usina em Jataí parece ser fruto de uma estratégia da Cosan/Raízen, de cada vez mais, *exportar* etanol para outros países – isto é, fazer do etanol uma “*commodity* global”. Assim, todos os padrões de produção na usina e em seus canais subordinados foram adequados às exigências de mercados internacionais.

Essa grande capacidade de investimento da Cosan/Raízen permitiu uma grande escala de produção na usina de Jataí. E, assim, a Cosan se pôde impor na conquista de um território proporcional a essa escala de produção.

A estrutura de propriedade de terra era uma delimitação do poder de disposição de cada proprietário, e estando de acordo o proprietário ou, em segunda instância, o arrendatário, a Cosan/Raízen – através de contratos de *arrendamento* (de terra) e de *fornecimento* (de cana) – assumia um poder de disposição provisório sobre essas terras. Em Jataí e vizinhança a propriedade da maior extensão das terras já se encontrava concentrada nas mãos de poucos. Pelo menos em Jataí – mas também, quase certamente, em Montividiu e em Paraúna – a Cosan contribuía para a manutenção dessa concentração, pois a maior extensão dos monocultivos de cana para a usina de Jataí estavam em grandes glebas de grandes imóveis rurais (terras).

Para entender que área total de arrendamento tivesse o dobro do tamanho da área total de fornecimento – a primeira valia o dobro dessa segunda – a tese principal é a de falta de experiência dos produtores no plantio de cana, pois é um cultivo recente na região.

Além dessas relações de produção com proprietários ou arrendatários de terra, a Cosan/Raízen tinha de costurar uma série de relações de poder com outros agentes, sem as quais a conquista daquele território não seria possível. Em primeiro lugar, na escolha

daquela região para implantar três usinas – entre as quais só a de Jataí vingou, de fato – os estrategistas da Cosan tiveram de submeter essa escolha à aprovação pelo Conselho de Administração da Cosan S.A.. A Cosan se valia de uma parceria com a Unicamp para, pela via de imagens de satélite, buscar áreas de interesse. Segundo o governador de Goiás, seu governo já vinha tentando atrair a Cosan para aquele estado. O prefeito de Jataí, por sua vez, estimulou a implantação da usina em Jataí na divisa com Rio Verde. Portanto, não só as condições técnicas – de logística – e físicas – de aptidão de solos e clima para o cultivo da cana – foram imprescindíveis para a escolha daquele local, como também o foram uma série de relações de poder que começavam a se estabelecer ou que, já antes estabelecidas, favoreciam essa escolha.

Em seguida, a fim de que a implantação da usina em Jataí tivesse início, empreiteiras foram contratadas pela Cosan, para, através de seus próprios funcionários, realizar os projetos da usina e iniciar as obras.

Mesmo antes, e simultaneamente, à construção da usina, a Cosan começou a assinar os contratos para o controle de terras com vistas a abastecer suas futuras três usinas na região. Portanto, as estratégias para o controle de terras – o *territorialismo* – pela Cosan levaram em conta, de início, uma escala de produção superior à da usina de Jataí – pois consideravam, também, as duas outras usinas – em Montividiu e em Paraúna – que seriam controladas pela Cosan. Como essas duas últimas usinas ainda não tinham sido construídas até o início de 2013, a Cosan viu-se controlando algumas terras muito distantes da usina em Jataí e, provavelmente, ou cedia essas terras em arrendamento, ou negociava o fornecimento de cana para outras usinas mais próximas, ou, ainda, não utilizava a cana ali plantada.

Ainda durante a implantação, a Cosan assinou contratos com agências de fomento dos governos estadual e federal, para receber benefícios fiscais indispensáveis à implantação de sua usina em Jataí, e também à formação dos canais nos arredores.

As autoridades presentes nas três cerimônias que marcaram o processo de implantação da usina – lançamento da “pedra fundamental”, comunicado do “pré-funcionamento” e inauguração – testemunhavam a influência da Cosan sobre essas autoridades.

Ao mesmo tempo, eram necessários trabalhadores (funcionários) para os três departamentos de atuação da Cosan naquele território em rede: os departamentos administrativo, industrial e agrícola. Assim, em função de toda uma hierarquia de gestão, alguns funcionários se submetiam às ordens de outros para que os circuitos

canaviais-usina funcionassem. Dessa maneira se estabeleceram as relações trabalhistas da Cosan/Raízen com seus empregados diretos – mediante contratos mais ou menos temporários – e as relações funcionais entre esses trabalhadores. Havia, ainda, os empregados das empresas terceirizadas que prestavam serviços, naquela região, para a Cosan/Raízen – em outras palavras, que se submetiam, mais indiretamente, às ordens de funcionários da Cosan/Raízen. Havia, por fim, aqueles trabalhadores que se submetiam aos fornecedores de cana da Raízen e assim, ainda mais indiretamente, se submetiam à Cosan/Raízen.

Vemos que outro tipo de relação de produção se estabelecia: a relação entre a Cosan/Raízen e as suas empresas terceirizadas que prestavam serviços naqueles circuitos canaviais-usina.

Em virtude do regime sazonal de trabalho para grande parte dos trabalhadores no setor sucroenergético de Jataí, esses não conseguiam fixar moradia no município, logo imigravam para Jataí durante a safra e, até o fim da mesma safra, emigravam para seu local de origem. Nessa perspectiva, o usineiro – a Cosan/Raízen – aparecia como um agente indutor de ondas de migração, indispensáveis ao funcionamento dos circuitos canaviais-usina.

Portanto, embora a implantação e a produção na usina possam parecer, à primeira vista, fenômenos puramente *técnicos* – de montagem e de transformação de *coisas* – são, em primeiro lugar, fenômenos *políticos* – uma vez que são as relações sociais *de poder* que determinam as relações técnicas – ou funcionais – entre coisas e pessoas.

Ao chegar à região de Jataí e vizinhança, ainda, os agentes da Cosan tiveram de enfrentar toda uma situação de interesses econômicos encarnados nas terras, principalmente os dos agentes do complexo carnes-grãos. Consequentemente, a Cosan/Raízen entrou numa relação de disputa por terras com os produtores de grãos.

Nessa disputa, a maneira mais eficaz de territorialismo pela Cosan/Raízen vinha sendo pagar a maior renda a proprietários e arrendatários de terra, pois, no mais das vezes, o maior pagamento era suficiente para levar vantagem sobre os produtores de grãos e conquistar as terras de seu interesse. No entanto, segundo um porta-voz da Cosan, no início de 2013 os arrendatários que produziam grãos já estavam pagando tanto quanto o usineiro para arrendarem terras naquela região.

A publicação e a posterior alteração do Plano Diretor Rural de Jataí mostraram que tanto os interesses da Cosan quanto os dos produtores de grãos foram atendidos

pela prefeitura e a Câmara de Jataí – em detrimento de outros usineiros que talvez pretendessem implantar usinas nesse município. Mesmo os defensores da produção de grãos acabaram por tolerar a atividade da Cosan no município.

Por outro lado, a Cosan/Raízen entrou em uma relação de concorrência por terras com outros usineiros que também há pouco haviam instalado suas usinas naquela mesma região. Esses usineiros também buscavam abastecer suas usinas com cana vinda de plantações próximas às suas usinas, e poderiam impor alguma dificuldade ao controle de terras pela Cosan/Raízen. A Cosan/Raízen, porém, devido às suas grandes capacidade de investimentos e escala de produção, tinha – a exceção da usina da ETH (em Perolândia) – muito mais poder para conquistar novas terras de canaviais.

Entre a usina de Jataí e os canaviais que a abasteciam havia as estradas através das quais se transportaria cana até a usina. E essas “linhas” também deveriam, em certo sentido, ser conquistadas para que o território em rede funcionasse bem. Isso ficou bem claro na tentativa da Cosan de negociar com moradores de assentamentos do INCRA em Jataí a passagem de seus caminhões através desses assentamentos.

O territorialismo da Cosan/Raízen sobre essas estradas também manifestava-se na frequente manutenção dessas pela empresa, e em uma parceria público-privada da empresa com a prefeitura para o asfaltamento de duas importantes vias de acesso à usina. Garantir as melhores condições das estradas era imprescindível para a Cosan/Raízen, pois essas estradas determinavam a *real* distância do transporte de cana até a usina – a distância que os caminhões de cana de fato percorriam entre canaviais e usina.

Ao longo de todo esse processo de implantação e de entrada em funcionamento da usina foi importante a criação de uma boa imagem da Cosan/Raízen diante dos *stakeholders* daquele empreendimento (a usina em Jataí). As falas de representantes do governo e de porta-vozes da Cosan contribuíam para criar essa imagem. A Fundação Raízen, instalada em um bairro pobre de Jataí, também era um meio de promoção da boa imagem da empresa. Essa boa imagem favorecia uma boa aceitação por parte daqueles *stakeholders*. E, quanto maior essa aceitação, menos resistência à conquista do território.

Por fim, não é demais repetir, o circuito canaviais-usina era administrado centralmente em duas escalas: na escala de Jataí e vizinhança, gestores em uma central situada na usina de Jataí administravam a produção (de cana) nos canaviais e na usina (de etanol e energia elétrica), e a ligação entre essas duas produções; por sua vez,

estrategistas em longínquos escritórios de administração ainda mais central – em São Paulo (SP) e em Piracicaba (SP) – definiam as metas, diretrizes e ordens superiores a serem transmitidas pela central de Jataí aos funcionários que trabalhavam naquela região de vizinhança.

A Cosan/Raízen – isto é, seus funcionários, em especial seus gestores – foi o *protagonista* do processo de conquista do território em torno de sua usina – o agente que concentrava o poder que se exercia naquele território. Havia também os “sinergistas”, que colaboravam para que a conquista se consolidasse – p. ex. o governo e as empresas terceirizadas. Havia, ainda, os “antagonistas”, que dificultavam essa conquista – p. ex. assentados, produtores de grãos e usineiros concorrentes. Havia, por fim, aqueles que, apesar de não visivelmente facilitarem ou atrapalharem a conquista daquele território pela Cosan/Raízen, aceitavam essa conquista – p.ex. parte da comunidade de Jataí e vizinhança.

Toda essa teia de relações de poder era estrategicamente costurada pela Cosan/Raízen e por seus “sinergistas”. A projeção dessas relações sobre aquelas superfícies materiais permitia o controle, pela empresa, dos canais, com centro na usina – e assim se constituía a territorialidade particular daquele território em rede.

Esse território assumia as feições dos circuitos de cana que convergiam para a usina em Jataí – onde essa cana era transformada em etanol e energia elétrica, produtos que, em seguida, partiam para os mercados de consumo. Assim, a usina em Jataí era o elo central desses circuitos, e correspondia à etapa industrial – à qual se subordinava a etapa agrícola.

Portanto, esse território se configurava em uma rede de fluxos sobre estruturas materiais (terras de canais, estradas e a usina) – e, de tempos em tempos, a Cosan/Raízen poderia rearrumar seu território de acordo com seus interesses, isto é, em busca de maior eficiência e de menores custos de produção. Essa rearrumação seria relativamente fácil para a Cosan, uma vez que a produção agrícola de matéria-prima para a sua usina (cana ou sorgo), baseava-se no controle de áreas de plantio através de contratos de curto prazo – de 6 a 12 anos. A Cosan assumiu certo controle sobre as terras mediante assinatura de dois tipos de contratos com aqueles que detinham a propriedade ou a posse dessas terras: contrato de arrendamento ou contrato de fornecimento. Esse tipo de controle *provisório* sobre a terra conferia essa “plasticidade” às formas que aquele território poderia assumir.

Por outro lado, essa “plasticidade” dar-se-ia dentro de certos limites na superfície material em torno da usina, pois havia necessidade de que os canaviais não ultrapassassem um raio máximo de distância da usina – não muito maior do que 50 km. Portanto, apesar do território em torno da usina de Jataí configurar-se em uma *rede* – apesar de ser um território *em rede* – o alcance dessa rede deveria se limitar a uma *zona* ao redor da usina – que podemos chamar de “zona de pressão por terras pelo usineiro”, ou de “círculo de abastecimento da usina”. Para além desse raio máximo de distância da usina, o território em rede já não seria eficiente o bastante para a produção de etanol, e, do ponto de vista do usineiro (Cosan/Raízen), perderia sua razão de ser.

Um estudo “particularista” concentrado em certa(s) usina(s) controlada(s) por certas empresas é capaz de revelar detalhes que o estudo “generalista” do setor sucroenergético como um todo não o poderia. As estratégias particulares e as relações de poder específicas de cada empresa para conquistar territórios em torno de novas e antigas usinas só podem ser analisadas em um estudo do tipo “particularista” – como esta dissertação. No âmbito da geografia, e ao menos no Brasil, não encontrei outros estudos desse tipo, que seriam valiosos, pois permitiriam comparações e induções.

Vimos como a Cosan se tornou uma grande corporação no setor sucroenergético e, por conseguinte, tinha grande poder de investimento e grande escala de produção. Assim, a territorialidade relativa ao circuito canaviais-usina de Jataí e vizinhança acabava sendo muito concentradora de poder no usineiro – a própria Cosan/Raízen – isto é, o usineiro acabava controlando todo o circuito. Isso vale para qualquer grande corporação controladora de usinas nesse setor e, em menor escala, para menores empresas do setor.

Por outro lado, seriam interessantes, também, estudos de Geografia sobre territorialidades menos concentradoras de poder no usineiro, ou seja, sobre formas menos centralizadoras, e alternativas, de organização de circuitos para a produção de etanol. Essa não é uma situação impossível, como bem nos mostra Safatle (2011, p.175-95).

Esse autor apresentou uma proposta de produção nas chamadas “micro destilarias”, que poderiam produzir etanol em pequena escala – algo em torno de 21 mil litros de etanol por safra, derivados de cana plantada em apenas 5 hectares, contra os cerca de 350 milhões de litros de etanol a serem produzidos na usina de Jataí a cada safra, derivados de 56 mil hectares de canaviais. Safatle citou dois exemplos de micro destilarias implantadas, e há relatos de outras oito que, em fins de 2010, estavam

instaladas no noroeste do estado do Rio Grande do Sul pela COOPERBIO (Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e Comercialização de Biocombustíveis do Brasil Ltda). (SOUZA, 2011, p.40)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Modernização e Pobreza: a expansão da indústria canavieira e seu impacto ecológico e social**. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

ANFAVEA. **Anuário da Indústria Automobilística Brasileira: 2012**. São Paulo: ANFAVEA, 2012.

BNDES e CGEE (org.). **Bioetanol de cana-de-açúcar: energia para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: BNDES, 2008.

BORBA, M. M. Z. e BAZZO, A. M. Estudo econômico de ciclo produtivo da cana-de-açúcar para reforma de canavial, em área de fornecedor no Estado de São Paulo. **Anais do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)**. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1169.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

BRASIL. **Decreto nº 6.961, de 17 de setembro de 2009**. Aprova o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar e determina ao Conselho Monetário Nacional o estabelecimento de normas para as operações de financiamento ao setor sucroalcooleiro, nos termos do zoneamento. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6961.htm>. Acesso em: 13 out. 2011.

CALDEIRA FILHO. **Aspectos cognitivos da formulação de estratégias políticas: um estudo de caso no setor de etanol brasileiro**. Dissertação de mestrado. São Paulo: FGV, 2012.

CAMELINI, J. H. **Regiões competitivas do etanol e vulnerabilidade territorial no Brasil: o caso emblemático de Quirinópolis, GO**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2011.

CAMELINI, J. H. Produção sucroenergética, racionalidade técnica e implicações na ocupação do território brasileiro. **Anais do I Seminário Nacional - Reestruturação no Setor Sucroenergético Brasileiro: Novas e Velhas Espacialidades**. 28 a 30 de agosto de 2012, Rio de Janeiro, UFRJ. Disponível em: <<http://www.nuclamb.geografia.ufrj.br/eventos/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

CAMELINI, J. H., e CASTILHO, R. Etanol e o uso corporativo do Território. **Mercator**, Fortaleza, v. 11, n. 25, p.7-18, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/722/414>> Acesso em: 20 nov. 2012.

CANASAT. **Monitoramento da cana-de-açúcar via imagens de satélite**. Disponível em: <<http://www.dsr.inpe.br/laf/canasat/>>.

CARVALHO, C. J. **A influência dos serviços prestados pelas empresas de transporte aéreo no momento da escolha da companhia aérea pelos passageiros**. Trabalho de Conclusão de Curso. Dourados: UEMS, 2010.

CARVALHO *et.al.* Análise da normatização do território no contexto sucroenergético do município de Jataí - GO. **Anais do I Seminário Nacional - Reestruturação no**

Setor Sucroenergético Brasileiro: Novas e Velhas Espacialidades. 28 a 30 de agosto de 2012, Rio de Janeiro, UFRJ. Disponível em: <<http://www.nuclamb.geografia.ufrj.br/eventos/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** (Trad.) Roneide Venâncio Majer. (A era da informação: economia, sociedade e cultura). Vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO, Ricardo. Sustentabilidade, desenvolvimento e globalização. In: OLIVEIRA, M.P.de; COELHO, M.C.N.; CORRÊA, A. de M. (orgs). **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas.** Rio de Janeiro: Lamparina, Anpege, Faperj, 2008.

_____. **Região competitiva e circuito espacial produtivo: a expansão do setor sucro-alcooleiro (complexo cana-de-açúcar) no território brasileiro.** Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL) – Montevideu, 3-7 abr. 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area06/6055_CASTILLO_Ricardo.doc>. Acesso em: 20 abr. 2010.

CASTILLO, Ricardo e FREDERICO, Samuel: Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade e Natureza**, 22 (3), 461-474. Uberlândia, 2010.

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). **Bioetanol combustível: uma oportunidade para o Brasil.** Brasília, DF: CGEE, 2009.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

CONAB. **Acompanhamento de safra brasileira: cana-de-açúcar, terceiro levantamento, dezembro/2011.** Conab: Brasília, 2011.

CONAB. **Levantamentos de safra.** Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1253&t=>>>. Último acesso em: 22 set. 2012. (2012)

CONAB. **Perfil do setor do açúcar e do álcool no Brasil - Edição para a safra 2009 - 2010.** Diretoria de Política Agrícola e Informações - Superintendência de Informações do Agronegócio, maio de 2012. (2012b)

CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira cana-de-açúcar: safra 2007/2008 - terceiro levantamento, novembro/2007.** Brasília: Conab, 2007. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/cc0da02066d610dd72a08eda48624d1c..pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

CORREA, R. L. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia.** v.54, n.3. jul./set. 1992. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

COSAN. **Press Release** – 10 de abril de 2008. (2008a). Disponível em: <http://www.acionista.com.br/home/cosan/100408_criacao_empresa.pdf> Acesso em : 15 nov.2011

COSAN. **Relatório Anual, 2007.** (2008b) Disponível em: <http://www.cosan.com.br/cosan2011/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=38362> Acesso: 12 nov. 2012

COSAN. **Relatório Anual, 2008.** (2009) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/show.aspx?idCanal=t7vIGprCyPP4t5V/+XSfXA==>> Acesso: 13 jun. 2012

COSAN. **Relatório Anual, 2009.** (2010) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/show.aspx?idCanal=t7vIGprCyPP4t5V/+XSfXA==>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

COSAN. **Relatório Anual, 2010.** (2011a) Disponível em: < <http://ri.cosan.com.br/show.aspx?idCanal=t7vIGprCyPP4t5V/+XSfXA==>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

COSAN. **Cosan Day, 2011 - Radar.** (2011b)

COSAN. **Relatório Anual de Desempenho, 2011.** (2012a) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/show.aspx?idCanal=t7vIGprCyPP4t5V/+XSfXA==>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

COSAN. **Cosan Day, 2012 - Radar.** (2012b) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=IbEWjPwKDxtYLNr7a08uLA==>> Acesso em : 31 nov.2012

COSAN. **Cosan Day, 2012 - Rumo.** (2012c) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=IbEWjPwKDxtYLNr7a08uLA==>> Acesso em : 31 nov.2012

COSAN. **Cosan Day, 2012 - Raízen.** (2012d) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/Show.aspx?IdMateria=IbEWjPwKDxtYLNr7a08uLA==>> Acesso em : 31 nov.2012

COSAN. **Institutional presentation 2012** (2012e) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/listgroup.aspx?idCanal=aAtJzZfoqPX0fw18uGUsQA==>>. Acesso em: 13 out. 2012

COSAN SA. **Formulário de Referência - 2012/2013.** (2012a). Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/list.aspx?idCanal=2VEJq9zd9vPQVXKZSlp+1A==>> Acesso em: 10 nov. 2012.

COSAN SA. **Informações Trimestrais: 30 de junho de 2012.** Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/listresultados.aspx?idCanal=bOo0uQ6IV2Jp3ShW5f+YUg==>> Acesso em: 27 out. 2012. (2012b)

COSAN SA. **Relatório da administração - 31 de março de 2012.** (2012c)

COSAN LIMITED. **Prospecto Preliminar de Distribuição Pública Primária de Certificados de Depósito de Ações Ordinárias Classe A de Emissão da Cosan Ltde.** De 14 ago. 2007. (2007)

COSAN LIMITED. **Formulário 20-F: 31 de março de 2009.** (2009) Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/list.aspx?idCanal=2VEJq9zd9vPQVXKZSlp+IA==>> Acesso em: 24 mar. 2011.

COSAN LIMITED. **Formulário 20-F: 31 de março de 2010.** (2010). Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/list.aspx?idCanal=2VEJq9zd9vPQVXKZSlp+IA==>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

COSAN LIMITED. **Formulário 20-F: 31 de março de 2012.** (2012). Disponível em: <<http://ri.cosan.com.br/list.aspx?idCanal=2VEJq9zd9vPQVXKZSlp+IA==>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). Informações Anuais (IAN). 30 abr. 2005. (2005)

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). Informações Anuais (IAN). 30 abr. 2008. (2008)

COUTINHO, C. A. **Dinâmicas Territoriais e Sustentabilidade: impactos dos setores avícola e sucroalcooleiro no município de Rio Verde – Goiás, a partir de 1990.** Brasília: UNB, 2010. Dissertação de Mestrado.

CORRÊA, Roberto Lobato Azevedo. Corporação e organização espacial: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Geografia**, vol.53, n.3, pp. 33-66. Rio de Janeiro: IBGE, 1991a.

DBO Engenharia Ltda. **Cosan Centroeste: Implantação de unidade produtora de açúcar e álcool na Fazenda Santo Antônio do Rio Doce, em Jataí – GO.** Estudo de Impacto Ambiental – EIA. Goiânia, 2007.

FELTRAN-BARBIERI, R.. **Biocombustíveis, controvérsia agrícola na economia do petróleo: o caso do etanol no cerrado.** Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2009.

FIGLIOLINO. **Panorama do setor de açúcar e álcool.** ITAÚ BBA, 2012.

FRANCO, I. O. **Modelagem espacial da expansão canavieira no sudoeste de Goiás.** Dissertação de mestrado. Jataí: UFG, 2012. Disponível em: <<http://posgeo.jatai.ufg.br/pages/27946>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

FREEMAN, R.E. Stakeholder Theory of the Modern Corporation. In: **General Issues in Business Ethics.** 1994.

GORDINHO, M. C.. **Os Ometto.** São Paulo, 1986.

GORDINHO. M.C. **Do álcool ao etanol: trajetória única.** Editora Terceiro Nome, 2012.

IBGE, SIDRA. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Último acesso: 20 nov. 2012.

JATAÍ. Projeto de Lei nº 070/2010, de 18 de outubro de 2010. Institui o Plano Diretor Rural do Município de Jataí e dá outras providências. Câmara Municipal de Jataí. **Sislegis.** Jataí, 2010a. Disponível em: <<http://www.camarajatai.go.gov.br/portal>>. Acessado em 18 de dez. de 2010.

JATAÍ. Projeto de Lei nº 082/2010, de 03 de dezembro de 2010. Institui o Plano Diretor Rural do Município de Jataí e dá outras providências. Câmara Municipal de Jataí. **Sislegis**. Jataí, 2010b. Disponível em: <<http://www.camarajatai.go.gov.br/portal>>. Acessado em 27 de dez. de 2010.

JATAÍ (Goiás). Projeto de decreto legislativo nº 009, Câmara Municipal de Jataí, Estado de Goiás. Aos 3 de junho de 2011. Disponível em: <http://sapl.camarajatai.go.gov.br/sapl/sapl_documentos/materia/154_texto_integral>. Acesso em 15 jul. 2012.

JÚNIOR, Antônio Thomaz. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canaveira paulista**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

JUNIOR, A.W.T. e SILVA, C. **Expansão da Fronteira Agropecuária do Oeste Paulista para a Amazônia: a trajetória dos negócios da família Ometto e seus desdobramentos no Mato Grosso**. IV Conferência Internacional de História Econômica e VI Encontro de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, USP, out. 2012. Disponível em: <<http://www.cihe.fflch.usp.br/node/15>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

LOPES, SILVA e CONEJERO. Fluxos e poder nos canais de distribuição de etanol carburante: um estudo qualitativo no estado de São Paulo. **Revista de Administração da USP**. São Paulo, v.45, n.4, p.356-372, out./nov./dez. 2010. Disponível em: <http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=1406>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MACÊDO, F. dos S. **A reestruturação do setor sucroenergético no Brasil: uma análise do período entre 2005 e 2011**. Dissertação de mestrado. São Paulo: EESP/FGV, 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/8840>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

MAGALHÃES, P. G. Qualidade da matéria-prima entregue nas usinas. **Workshop Produção de etanol: qualidade de matéria-prima**. Lorena, 30 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.apta.sp.gov.br/cana/anexos/position_paper_painel1_paulo.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2012.

MAPA/AGE. **Projeções do Agronegócio, Brasil: 2011/12 a 2021/22 – Tabelas de resultados**. Brasília: MAPA/ACS, 2012. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/Tabelas%20gerais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

MARKUSEN, Ann. Mudança econômica regional segundo o enfoque centrado no ator. In: DINIZ, C.C e LEMOS, M.B.(orgs.) **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MARX, Karl. **O Capital (Crítica da Economia Política). Livro primeiro: O Processo de Produção do Capital**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 [1859].

_____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011[1857-58].

Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Projetos de reforma agrária conforme fases de implementação.** Em dezembro de 2011. (2011). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/numeros-da-reforma-agraria/file/31-relacao-de-projetos-de-reforma-agraria>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Classificação Brasileira de Ocupações. CBO – 2010 – 3ª ed.** Brasília: MTE, SPPE, 2010.

Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Manual de Orientação da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS): ano-base 2012.** Brasília: MTE, SPPE, DES, CGET, 2013.

MME/EPE. **Plano decenal de expansão de energia – 2021.** MME/EPE, 2012. Disponível em: <http://www.epe.gov.br/PDEE/20120924_1.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2012.

MOREIRA, E. F. P. **Expansão, concentração e concorrência na agroindústria canavieira em São Paulo: 1975 a 1987.** Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 1989. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000048603&fd=y>> Acesso em: 10 fev. 2012

MUNDIM, J. U. C. **Uso de simulação de eventos discretos para o dimensionamento de frota para colheita e transporte de cana-de-açúcar.** Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

NARDY, V. **Panorama do setor sucroenergético para a safra atual e perspectivas para 2012/13.** Apresentado no I Encontro Anual de Resultados e Perspectivas do CEISE Br, de 8 dez. 2012. Agribusiness Research & Knowledge Center/PwC, 2011. Disponível em: <<http://www.ceisebr.com>>. Acesso em: 09 out. 2012.

PASIN, R. M. e NEVES, M. F. **Fusões, aquisições e internacionalização da agroindústria sucro-alcooleira.** Ribeirão Preto: FEARP/USP, 2002. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/egna/resumos/Pasin.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

PIACENTE, F. J. **Inovações e trajetórias tecnológicas: o caso dos dois sistemas para extração de sacarose no Brasil.** Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2010.

PINTO, Sandro da Silva. **Qualificação do trabalho dos operadores de equipamentos automatizados em uma empresa sucroalcooleira paulista.** Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2000.

RAÍZEN. **Relatório de Sustentabilidade 2011-2012.** (2012). Disponível em: <<http://pt.raizen.com.br/pt-br/a-raizen/relatorio-de-sustentabilidade>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

RAMOS, Pedro. **Os impactos da expansão da lavoura canavieira na estrutura fundiária e as manifestações de sua concentração no Brasil.** Palestra proferida no Workshop Impactos da evolução do setor sucroalcooleiro, em 16 mai. 2008. Campinas: Unicamp, 2008. Disponível em:

<http://www.apta.sp.gov.br/cana/anexos/position_paper_sessao2_pedro.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2011.

RAMOS, Pedro e PIACENTE, José Fabrício. **A evolução da agroindústria canaveira do Brasil entre 1930 e 1990 e o predomínio do sistema de moendas**. Apresentado no 48º Congresso da Sociedade Brasileira De Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). CAMPO GRANDE (MS), 25 a 28 de julho de 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/148.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

REPÓRTER BRASIL. **O zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar: análise dos avanços e das lacunas do projeto oficial**. Outubro de 2009. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/documentos/zoneamento_cana_reporterbrasil_out09.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2011.

REVISTA RAÍZEN. Ano 2, nº3, out.-dez. 2012. (2012)

REVISTA RAÍZEN. Ano 1, nº3, jan.-mar. 2012. (2012b)

REYDON, B. P. *et.al.* Especulação com a conversão de terras agrícolas em urbanas: estratégia de um grupo sucro-alcooleiro. In: MDA e NEAD. **Mercado de terras no Brasil: estrutura e dinâmica**. Brasília: NEAD, 2006.

RICHERS, Raimar. **O que é empresa**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro (RIDESA). **Liberação nacional de novas variedades “RB” de cana-de-açúcar**. Curitiba, 2010.

SAFATLE, F. N. S. **A economia política do etanol: a democratização da agroenergia e o impacto na mudança do modelo econômico**. São Paulo: Alameda, 2011.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. Os atuais círculos de cooperação, consequência dos circuitos espaciais da produção. In: SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. cap. IV, p.143-165. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Secretaria da Fazenda do Município de Jataí (SEFAZ – Jataí). **Cadastro de propriedade** (2011).

SEGPLAN – Goiás. **Pesquisa de Intenção de Investimentos**. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewrele.asp?cd_assunto=18&cd_anomes=201211>. Acesso em: 6 nov. 2012. (2012)

SEGPLAN – Goiás (compilador). **State of Goiás: Destilleries - Position: June/2012**. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/serieEB/ingl/rev19/07-tab09.htm>>. Acesso: 18 set. 2012. (2012b)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM. **Informações anuais: Usina Costa Pinto SA Açúcar e Alcool.** Data-base: 30/04/2008. (2008)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - CVM. **Informações anuais: Cosan S/A Indústria e Comércio.** Data-base: 30/04/2005. (2005)

SILVA, F. B. **Seguindo o boi e descobrindo o território - reflexão socioterritorial da pecuária bovina no município de Jataí (GO).** Dissertação de mestrado. Jataí: UFG, 2011. Disponível em: <<http://posgeo.jatai.ufg.br/pages/27946>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

SILVA, W. F. **O avanço do setor sucroenergético no cerrado: os impactos da expansão canavieira na dinâmica socioespacial de Jataí (GO).** Dissertação de mestrado. Jataí: UFG, 2011. Disponível em: <<http://posgeo.jatai.ufg.br/pages/27946>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

SILVA, W. F. e PEIXINHO, D. M. A expansão do setor sucroenergético em Goiás: a contribuição das políticas públicas. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 7, n. 13, p. 97-114, fev., 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/13766>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

SILVA, W. F. e PEIXINHO, D. M. O território a qualquer preço: as estratégias de territorialização do setor sucroenergético. **Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Uberlândia, 15 a 19 de outubro de 2012. (2012b). Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1328_1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SILVA, W. F., PEIXINHO, D. M. e CALAÇA, M. O poder público municipal e o embate entre a cana-de-açúcar e os grãos nas áreas de expansão sucroenergética. **Anais XVII Encontro Nacional de Geógrafos – XVII ENG** Belo Horizonte – 22 a 28 de julho de 2012. UFMG – Campus Pampulha.

SINDICOM, **Balanco Anual**. 2011. Disponível em: <http://www.sindicom.com.br/pub_sind/media/balanco_2011_miolo.pdf> Acesso em: 15 jun. de 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I.E. de *et.al.* (orgs.): **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **A prisão e a ágora**. Reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, A. M. de. **Estudo da sustentabilidade de um projeto de microdestilaria de álcool combustível junto a um grupo de agricultores assentados do Pontal do Paranapanema**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4^a Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009 [1972].

Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro. **Liberação nacional de novas variedades “RB” de cana-de-açúcar**. Curitiba, 2010 64 p.

SINDICOM, **Balanco Anual**. 2011. Disponível em:

<http://www.sindicom.com.br/pub_sind/media/balanco_2011_miolo.pdf> Acesso em 15 de junho de 2012.

UNICA. **Dados e Cotações – Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.unica.com.br/dadosCotacao/estatistica/>>. Acesso em: 27 nov. 2012. (2012a)

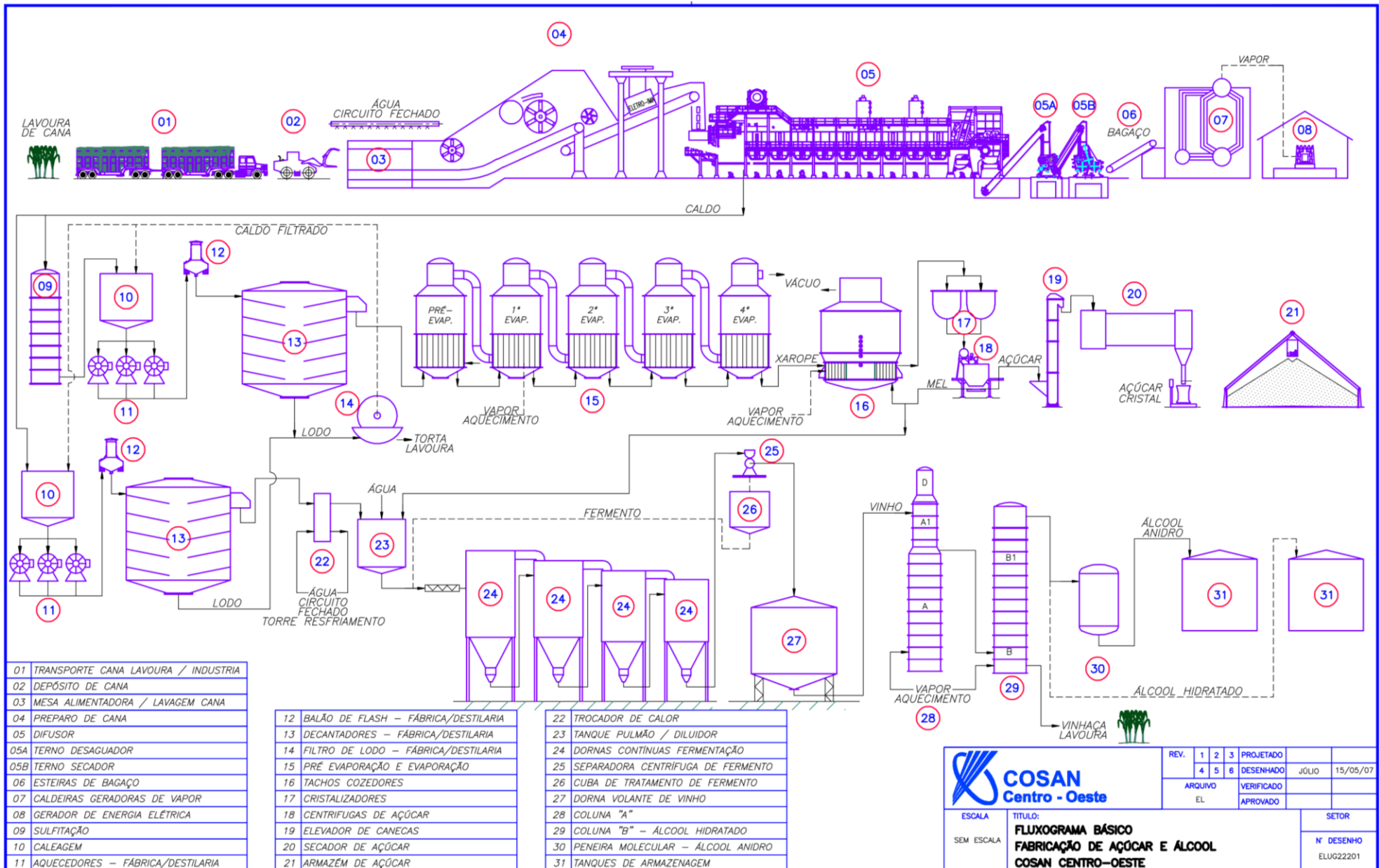
UNICA. **UNICADATA**. Disponível em:<<http://www.unicadata.com.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2012. (2012b)

SILVA, W. F. da. **O avanço do setor sucroenergético no cerrado: os impactos da expansão canavieira na dinâmica socioespacial de Jataí (GO)**. Dissertação de Mestrado. Jataí: UFG, 2011. Disponível em:<<http://posgeo.jatai.ufg.br/pages/27946>> Acesso em: 15 jan. 2012.

SZMRECSÁNYI e MOREIRA. O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial. **Estudos Avançados**, vol.5, n.11, p. 57-79. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a06.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2012.

WATANABE, M. **A desregulamentação do setor sucroalcooleiro e seu impacto na estratégia de produção das usinas do estado do Paraná**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRS, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3364/000336880.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 mar. 2012.

ANEXO 1: Projeto do fluxograma básico de produção na usina Cosan/Jataí, de 2007



01	TRANSPORTE CANA LAVOURA / INDUSTRIA
02	DEPÓSITO DE CANA
03	MESA ALIMENTADORA / LAVAGEM CANA
04	PREPARO DE CANA
05	DIFUSOR
05A	TERNO DESAGUADOR
05B	TERNO SECADOR
06	ESTEIRAS DE BAGAÇO
07	CALDEIRAS GERADORAS DE VAPOR
08	GERADOR DE ENERGIA ELÉTRICA
09	SULFITAÇÃO
10	CALEAGEM
11	AQUECEDORES - FÁBRICA/DESTILARIA

12	BALÃO DE FLASH - FÁBRICA/DESTILARIA
13	DECANTADORES - FÁBRICA/DESTILARIA
14	FILTRO DE LODO - FÁBRICA/DESTILARIA
15	PRÉ EVAPORAÇÃO E EVAPORAÇÃO
16	TACHOS COZEDORES
17	CRISTALIZADORES
18	CENTRIFUGAS DE AÇÚCAR
19	ELEVADOR DE CANECAS
20	SECADOR DE AÇÚCAR
21	ARMAZÉM DE AÇÚCAR

22	TROCADOR DE CALOR
23	TANQUE PULMÃO / DILUIDOR
24	DORNAS CONTÍNUAS FERMENTAÇÃO
25	SEPARADORA CENTRÍFUGA DE FERMENTO
26	CUBA DE TRATAMENTO DE FERMENTO
27	DORNA VOLANTE DE VINHO
28	COLUNA "A"
29	COLUNA "B" - ALCOOL HIDRATADO
30	PENEIRA MOLECULAR - ALCOOL ANIDRO
31	TANQUES DE ARMAZENAGEM

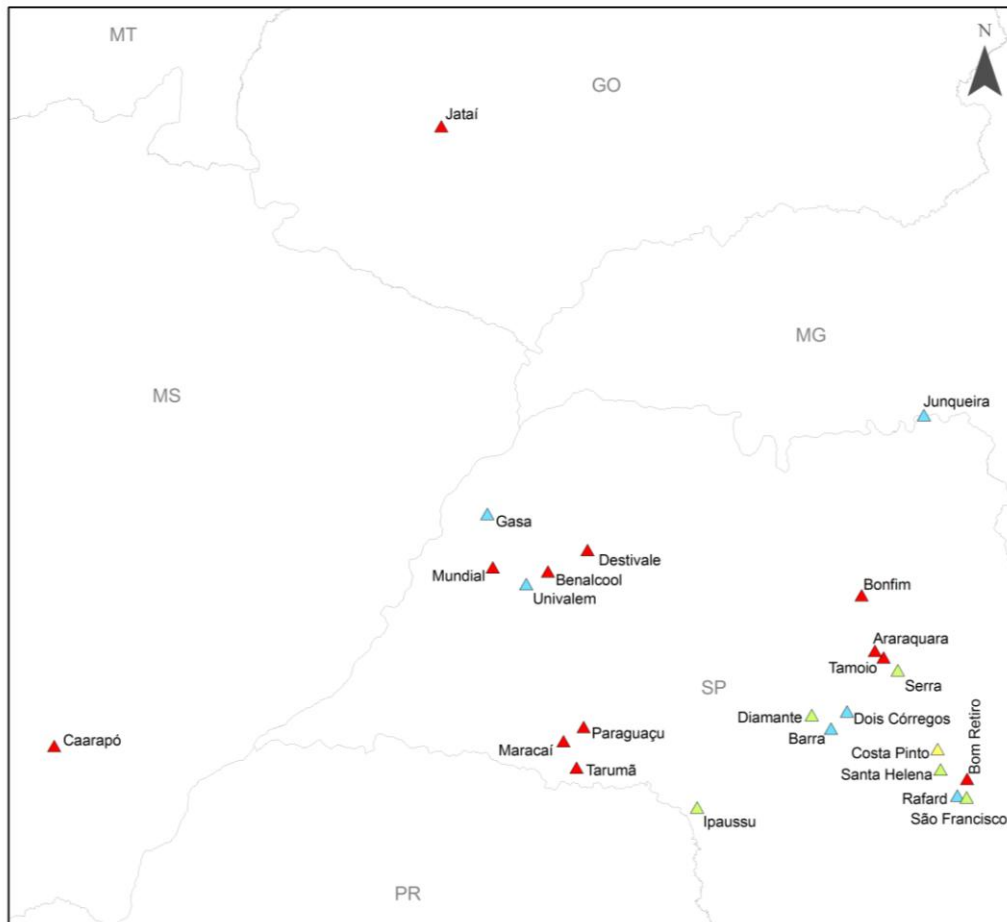
REV.	1	2	3	PROJETADO		
	4	5	6	DESENHADO	JULIO	15/05/07
ARQUIVO				VERIFICADO		
EL				APROVADO		

ESCALA: SEM ESCALA

TÍTULO: **FLUXOGRAMA BÁSICO**
FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR E ALCOOL
COSAN CENTRO-OESTE

SETOR: N° DESENHO ELUG22201

ANEXO 2: Parque de usinas da Cosan em 2012, por período de incorporação.



período de incorporação

▲ 1936-1985

▲ 1986-1999

▲ 2000-2004

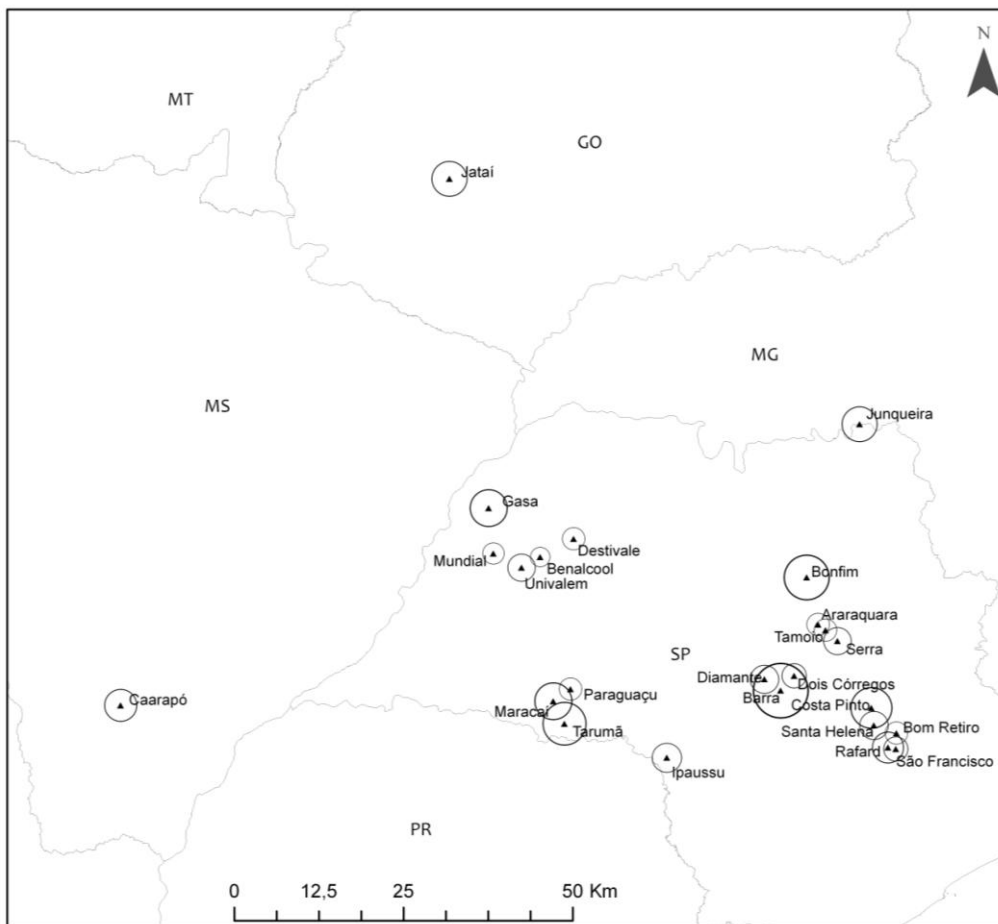
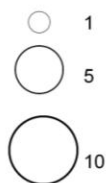
▲ 2005-2011

0 50 100 200 Kilometers



Fonte: Google Maps, sítio eletrônico Raízen, IBGE

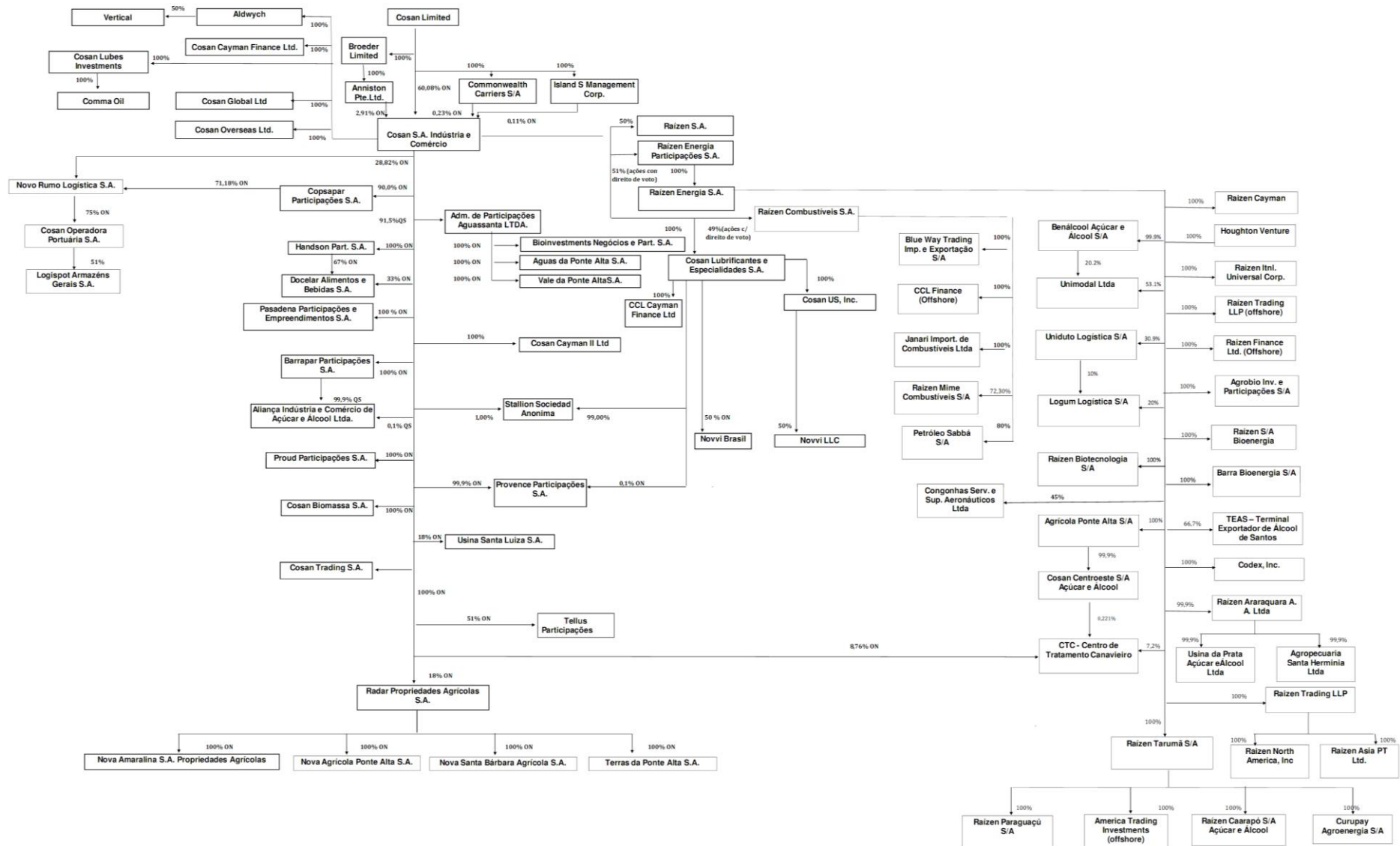
ANEXO 3: Parque de usinas da Cosan, produção por usina na safra 2011/12

**Cana Moída (milhões ton.)**

Fonte: Google Maps, sítio eletrônico Raízen, IBGE, COSAN LIMITED (2012)

ANEXO 4: Organograma geral da COSAN S/A, em 1º jan. 2012

ORGANOGRAMA COSAN S/A INDUSTRIA E COMÉRCIO



Fonte: COSAN SA, 2012a, p.221